

MÁRCIA REGINA DENADAI | MARIA ANGÉLICA OLIVEIRA GONÇALVES

DÉBORA OLIVATO | ALEXANDER TURRA

Com quantas memórias se faz uma canoa

*A cultura do uso e feitiço das canoas de
“um só pau” no município de Ubatuba, SP*



**Com quantas memórias
se faz uma canoa**

Equipe

COORDENAÇÃO:

Márcia Regina Denadai (Instituto Costa Brasilis)

Alexander Turra (Instituto Oceanográfico - Universidade de São Paulo)

PESQUISADORAS:

Maria Angélica Oliveira Gonçalves (Instituto Costa Brasilis)

Débora Olivato (Instituto Costa Brasilis)

AUXILIARES DE CAMPO:

André de Abreu Damásio

Gabriel Alexandre Moraes

Nélio Higino de Oliveira

Osnildo da Costa Moraes Junior

Renan Richard Feitosa Oliveira

Renato Virgino da Cunha Bueno

Com quantas memórias se faz uma canoa

*A cultura do uso e feitiço das canoas de “um só
pau” no município de Ubatuba, SP*

Márcia Regina Denadai
Maria Angélica Oliveira Gonçalves
Débora Olivato
Alexander Turra

1º edição

Edição do Autor

São Paulo
2008



Paulo Zumbi

Àquele que dedicou sua vida à valorização da cultura caiçara, sendo o idealizador do projeto que deu origem a esta obra, o saudoso **NEY MARTINS** (1946 - 2007).

Por falar em canoa...

Sidney Martins Lemes, Ney Martins, o Ney, chegou a Ubatuba de São José dos Campos, sua cidade natal, pelo ano de 1964. “O Ciccillo Matarazzo era o prefeito e construía o prédio onde instalaria a sede do Poder Executivo, na Praça 13 de Maio”, disse-me ele, orgulhoso. Logo sua liderança foi naturalmente ocupando espaços, e no futebol dirigiu com ótimos resultados a LUF – Liga Ubatubense de Futebol. Criou, com outros pioneiros, o Grêmio Recreativo e Escola de Samba Mocidade Alegre do Itaguá, acumulando as funções de carnavalesco e mestre da bateria. Eleito vereador em 1976, foi também Secretário de Turismo e Esportes.

Em seguida, abraçou suas sólidas idéias de resgate voltadas à cultura caiçara, que, ao meu ver, foi sua grande paixão. Conviveu intimamente com a nossa gente e reuniu as pessoas portadoras das manifestações culturais tradicionais de raiz: cantadores, violeiros, dançadores, foliões do Divino Espírito Santo e tudo o que havia nesse sentido; as danças como Xiba, São Gonçalo, Serra Baile, Tonta, Dança da Fita, do Boi, Congada, etc.

Da forma como pôde, incansavelmente reanimou, recolheu e registrou o que deu, com carência de recursos técnicos, e mostrou à população

já bastante afetada pela televisão, rádio, cinema, religiões, migração, turismo, ou seja, pelos valores da sociedade de consumo.

Seu trabalho foi pioneiro e, por que não dizer, corajoso, num momento em que o preconceito em relação à cultura popular se fazia bem maior que hoje, alimentado mais fortemente pela mídia e por grande parte da chamada elite cultural.

Ney Martins, da Seção de Cultura da Prefeitura, em 1983, foi parar na Fundart, Fundação de Arte e Cultura de Ubatuba, quando de sua criação, em 1987, onde permaneceu até a sua morte, em setembro de 2007. A instituição completou 20 anos de existência no dia 30 de novembro do mesmo ano.

Gratificou-nos com um trabalho inestimável que insere definitivamente seu nome em nossa história com o registro de importância fundamental de nosso patrimônio imaterial. Sua obra é exemplo e também herança edificante. Por isso dedicamos a Ney Martins nossa sempre e especial gratidão e homenagem.

Pedro Paulo Teixeira Pinto
Presidente da Fundart

	Prefácio	8
	Agradecimentos	10
	Apresentação	11
	O projeto	13
	As canoas de Ubatuba Capítulo 1	25
	Os canoeiros de Ubatuba Capítulo 2	37
	Devagar se vai ao longe... Capítulo 3	47
	Canoas: as pernas do pescador sobre as águas do mar Capítulo 4	61
	Com quantos paus se faz uma canoa? A arte de transformar o tronco em canoa Capítulo 5	73
	Corridas de canoas: mais que um esporte, um resgate da tradição caiçara Capítulo 6	99
	Da fartura à escassez: memórias dos canoeiros sobre mudanças nas capturas e no ecossistema costeiro de Ubatuba Capítulo 7	111
	O futuro das canoas sob a perspectiva dos canoeiros Capítulo 8	121
	“Com quantas memórias se faz uma canoa” Capítulo 9	139
	Nada seria possível sem vocês Capítulo 10	201
	Referências bibliográficas	206
	Lista de depoentes	208

Prefácio

Tinha eu lá meus seis ou sete anos de pura inocência quando comecei a me envolver, com cuidado e muito carinho, com a “Marília”. Muito bonita, belo corte, boa envergadura e bem cuidada por papai Maneco do Olívio, como ele era conhecido. Pintada de azul celeste nas bordas e de preto dentro e fora (naquela época usava-se piche puro mesmo), tinha mais ou menos 5 m de comprimento por 60 cm de boca. Era o ganha-pão da família.

Papai acordava cedo. Antes do primeiro cantar do galo, o café já estava no bule de ágata sobre a chapa do fogão a lenha. Ficava quentinho até a hora que mamãe começava a cozinhar o feijão com alguns pedaços de carne-seca meio gorda. Pegava o chapéu de palha, um cigarrinho de papel já feito à noite, o samburá de timbopeva pendurado no beiral da casa e saía para a lida da pesca. Pescava aqui mesmo na enseada do Itaguá, quando muito, lá pelos lados da Ponta Grossa. Quando ia chegando o meio-dia, eu já estava na ponta do rancho de olho pro lado do cais, espiando se já vinha alguma canoa, pois todos tinham saído. Não demorava muito, era uma, duas, três e às vezes quatro, quando o tempo estava bom e a pescaria farta. O tio Antonio Pedro, sempre com seu velho “pito” no canto da boca, era o primeiro a che-

gar. Logo atrás, o Seu Tiburcio, o papai e o Seu Maximiano imbicaram quase juntos na praia. Depois de olhar canoa por canoa pra ver o que tinham pescado naquele dia ensolarado, mas com uma brisa gostosa caindo de leste, ia ajudar papai a cuidar da nossa “Marília”. Tirava o remo, o espinhel de 70 anzóis ainda com algumas iscas, os bagres e corvinas, as embe-taras e o roncador. Jogava água na popa e tirava pela proa, com uma cuia de cabaceira, pra lavar. Depois, com pedaço de cobertor já surrado pelo uso, secava e guardava no rancho até a madrugada do dia seguinte, quando meu pai e os companheiros voltavam ao mar para tirar o sustento dos filhos.

Fui crescendo acompanhando tudo isso. Depois papai passou a trabalhar no cerco do Altino Maciel na praia do Saco do Cedro e sempre que podia ele me levava. Muitos anos depois, com a pesca de canoa fracassando, o arrasto do camarão se modernizando (antigamente era capturado com puçá e remo), papai foi trabalhar com carteira assinada na “salga” de sardinha do próprio Altino Maciel. E pra lá fui também, já com 14 anos. O Seu Maneco do Olívio conseguiu se aposentar por idade, depois de muita luta para conseguir o benefício. Faz 12 anos que deixou esse mar, foi pescar em águas mais serenas. Eu ainda estou

aqui no ramo, não pescando igual a ele, mas procurando, com meu conhecimento, fazer um pouquinho em prol desta categoria sofrida, mas honrada, trabalhadora e honesta, pois graças à lida na pesca meu pai conseguiu com que eu me formasse em colégio técnico no Vale do Paraíba.

Hoje, 50 anos depois, lendo essa maravilha de Com quantas memórias se faz uma canoa, tenho a nítida certeza do valor inestimável que cada pescador artesanal nutre pela sua maior ferramenta de trabalho. Depoimentos lúcidos e sentimentos nobres desses heróis do mar que partem para as pescarias com suas pequenas embarcações, e para as viagens de comércio com as grandes canoas de voga, ou que realizam o secular ofício cada vez mais impossível de construir a canoa de “um só pau”. Até mesmo desses atletas do remo singrando o mar, para mostrar o valor do homem pescador e a sua liberdade para navegar qual uma bela fragata que passeia suavemente pelo oceano a procura do seu alimento mais saboroso.

Parabenizo os autores pelo valor dessa obra e pela iniciativa de homenagear esses verdadeiros heróis do mar. Leiam este maravilhoso trabalho que guia o nosso pensamento para os tempos de nossos antepassados. Sua harmonia com o mar, a sintonia com

os camaradas de pescarias, os conhecimentos sábios das intempéries e a grande preocupação com a perpetuação da cultura caiçara. E isso nos traz à memória, com muito orgulho, alegria e respeito, o grande idealizador deste projeto, o “Dinho”, que assim como eu foi apelidado pelo pai. Ney Martins, companheiro, idealista defensor dos costumes desta terra, o caipira que aos 16 anos veio para cá e se tornou um verdadeiro caiçara. Abraçou esta cidade com toda força de seu coração, respeitou a cultura deste povo, ajudou a mantê-la e divulgá-la para todo este rincão brasileiro.

Porém, Seu Dito Fernandes, Seu Orlando, Seu Pedro Brandão, Dona Bahia, Lucia, Vitória, Pixoxó, Marinho, meu filho André e querida Tereza, quis o destino que o Criador dele precisasse, deixando aqui a saudade, os amigos e a certeza da tarefa a ele confiada, cumprida com honestidade, competência e amor. Que Nossa Senhora lhe cubra com seu manto sagrado. Meu amigo, meu irmão.

Élvio Damásio
Gerente de Pesca e Maricultura de Ubatuba



Agradecimentos

Agradecemos a inestimável contribuição das instituições e pessoas abaixo listadas, sem as quais o andamento desse projeto e a elaboração desse livro não seriam possíveis.

De forma muito especial, agradecemos a receptividade e a atenção prestada pelos canoeiros de Ubatuba.

Instituições

Petrobras
Instituto Oceanográfico da USP
Fundart
Ministério da Cultura (MinC)

Pessoas

André de Abreu Damásio
Anselmo Frediane
Aparecida Antunes da Silva
Edson Silva
Eloíza Elena Brito Ramos
Élvio Damásio
Emerson di Pietri
Euzébio Higino de Oliveira
Francisco Munhoz
Humberto Gallo Júnior
Isac Antonio Santos Coutinho
Ivan Quadros

Jairo Eduardo Araujo dos Santos
Juliane Kaori Matsubayashi
Julinho Mendes
Luis Alberto Serpa
Luis Fernando de Lima Brito
Maria de los Angeles Gasalla
Mário Luiz de Oliveira
Marta Collier Ferreira Leite
Martinha Mesquita Silva
Maurício da Silva de Souza
Meca Assumpção
Mirian Teresa Pascon
Monika Frigo Turra
Monique de Goes Sena
Nélio Higino de Oliveira
Ney Martins (in memorian)
Paulo Zumbi
Pedro Paulo Teixeira Pinto
Peter Santos Németh
René Nakaya
Roberto William von Seckendorff
Rogério Barbosa
Tatiana Achcar
Teresa Aparecida Góes
Tiago Egger Moellwald Duque Estrada
Wagner Pinheiro
Wilhan Eduardo Amorim França



Apresentação

Essa obra é resultado de um projeto de levantamento e catalogação das canoas de “um só pau” existentes no município de Ubatuba, litoral norte do Estado de São Paulo. Durante sete meses, as praias de Ubatuba foram visitadas com a intenção de localizar as canoas caiçaras e seus proprietários, que foram convidados a responder algumas perguntas sobre suas embarcações e sobre si próprios. Assim, procurou-se abordar as peculiaridades e curiosidades de cada canoa conhecida. Também procurou-se, através da conversa com os pescadores, resgatar aspectos relacionados ao uso das canoas, a importância dada a elas por seus proprietários, as rotas realizadas, os “causos” acontecidos junto a essas embarcações, sempre procurando traçar uma linha entre o passado e o presente e, inclusive, com perspectivas para o futuro. Os construtores de canoas, esses verdadeiros artistas, não foram esquecidos. Seus depoimentos nos dão a nítida noção da rotina de trabalho em meio a mata. A escolha da árvore ideal, a preocupação com o meio ambiente e o respeito pela mata, as divertidas “puxadas” e os “causos” que ocorriam durante o feito. Os construtores também mostram suas preocupações com o futuro das canoas e o interesse em ensinar esse ofício aos jovens.

Mais detalhadamente, essa obra busca descrever

estatísticas sobre as canoas existentes em Ubatuba, além de contextualizar os tipos mais utilizados através dos tempos e tecer comentários sobre as mais famosas de Ubatuba (capítulo 1); realizar um diagnóstico sócio-cultural sobre os caiçaras do município, visto que esses são os principais proprietários de canoas, discutir aspectos de seus modos de vida e fazer uma descrição sócio-econômica-cultural destes proprietários (capítulo 2); traçar um histórico sobre o transporte realizado com canoas no município ao longo dos séculos e as principais rotas utilizadas hoje em dia na pesca e no turismo (capítulo 3); abordar o principal uso atual dado às canoas pelos seus proprietários, a pesca, e qual a importância das embarcações em suas vidas (capítulo 4); relacionar os principais construtores de canoas vivos e falecidos de Ubatuba e fazer uma descrição, baseada nos depoimentos, das técnicas construtivas, explorando as relações sociais envolvidas nessa arte (capítulo 5); lembrar a origem das tradicionais corridas de canoas no município, com histórias dos competidores do passado e do presente (capítulo 6); mostrar com os depoimentos dos canoeiros quais foram as mudanças ocorridas na pesca com canoas através do tempo (capítulo 7); identificar qual será o futuro das embarcações sob

a perspectiva do caiçara e quais as sugestões propostas para que essa tradição não se acabe (capítulo 8); compilar as histórias vividas pelos canoieiros através de transcrições literais de seus relatos (capítulo 9) e, por fim, como nem todos os depoimentos puderam ser incluídos nesse livro, prestar uma homenagem, como agradecimento, a todos aqueles que colaboraram com esse projeto (capítulo 10).

Esperamos que os depoimentos¹ aqui contidos sensibilizem o leitor ao ponto de não mais deixar de notar uma canoa, ao passar por uma, em seu passeio pela praia e, até mesmo, de sentir carinho por ela.

1 Nestetrabalho, optou-se por transcrever as entrevistas respeitando-se a pronúncia própria dos entrevistados, mantendo, inclusive, em consonância com a variedade linguística dos informantes, a estrutura das palavras e as construções sintáticas. Desse modo, é pretendido preservar a identidade dos sujeitos da pesquisa com base no respeito à cultura do grupo a que pertencem, cultura também representada nas formas de falar características de suas comunidades. Parte-se do princípio de que, ao invés de configurarem erro, os modos de falar que se diferenciam da norma urbana culta compõem a língua portuguesa em sua multiplicidade. Compreende-se, portanto, que o respeito à diversidade cultural pressupõe o respeito às variedades linguísticas.



O projeto

Em meados de 2005, o conhecido folclorista da Fundart de Ubatuba Sidney Martins Lemes, o Ney Martins, foi procurado pelo Instituto Costa Brasilis, devido ao seu grande interesse pela valorização da cultura caiçara.

Ney comentou sobre o seu sonho de realizar um projeto envolvendo as canoas de Ubatuba, com entrevistas com os proprietários e construtores dessas embarcações. Ele já havia, inclusive, visitado algumas praias da região conversando com canoeiros. No entanto, não tinha a disponibilidade necessária de tempo e gostaria de ter a ajuda de uma instituição como o Instituto Costa Brasilis.

Nesse momento surgiu a parceria. O Instituto Costa Brasilis, através da pessoa de seu então presidente Alexander Turra, escreveria o projeto para solicitar o patrocínio do “Programa Petrobras Cultural” e o Ney se ocuparia em percorrer as praias, juntamente com a pesquisadora do Instituto Costa Brasilis, Maria Angélica Oliveira Gonçalves, realizando as entrevistas. A pesquisadora Márcia Regina Denadai foi então indicada para coordenar o projeto.

O projeto intitulado “Com quantas memórias se faz uma canoa” foi submetido e aprovado pelo Programa Petrobras Cultural e, posteriormente, pela Lei

Federal de Incentivo a Cultura (Lei Rouanet) do Ministério da Cultura.

Com a contratação de Alexander Turra pelo Instituto Oceanográfico da Universidade de São Paulo (IO-USP), essa instituição de ensino e pesquisa passou a ser co-responsável pelo projeto.

No projeto ainda estava prevista a participação de quatro auxiliares de campo, os quais ajudariam os pesquisadores no primeiro contato com os canoeiros e também na realização das fotos e medidas das canoas. Ney, então, sugeriu os nomes de Nélio Higino de Oliveira, da Barra Seca, André de Abreu Damásio, do Itaguá, e Renato Virgínio da Cunha Bueno, do Perequê-Mirim. O nome de Gabriel Alexandre Moraes surgiu por intermédio da querida amiga Mirian Pascon, que, devido ao seu grande interesse em preservar a cultura das canoas caiçaras, colaborou em muito com o andamento desse projeto.

Em setembro de 2007, reuniões realizadas, equipe pronta, enfim, tudo certo para o início do trabalho, veio a terrível notícia. No dia cinco desse mês, Ney Martins, idealizador e pessoa chave do projeto, falecera de forma inesperada. Naquele momento, o chão faltou à toda a equipe. E agora? O que fazer? Quem poderia substituir o Ney Martins?

Nessas circunstâncias, o nome lembrado, dentre algumas boas possibilidades, foi o da amiga, geógrafa e jornalista Débora Olivato, que já vinha colaborando com o Instituto Costa Brasilis. A Débora identificou-se imediatamente com a proposta do projeto e ficou muito feliz em poder participar. O carisma que Ney tinha entre os caiçaras e canoieiros de Ubatuba jamais poderia ser substituído, nem mesmo seu conhecimento sobre as tradições e costumes desse povo que era a sua vida, mas Débora não fraquejou nem um pouco e mostrou muito bem a que veio, fazendo seu trabalho com profissionalismo e, sobretudo, paixão.

Durante o caminhar do projeto, alguns outros “meninos”, como são chamados carinhosamente os auxiliares de campo, foram incorporados: Osnildo da Costa Moraes Junior (Juninho) e Renan Richard Feitosa Oliveira.

Essa equipe trabalhou duro durante um ano para cumprir os objetivos pretendidos por Ney Martins. Assim, espera-se que essa obra represente, da melhor forma possível, o carinho que esse grande homem nutria pelo povo de Ubatuba, cidade que escolheu para viver e cuja cultura quis tanto preservar.

Para toda a equipe envolvida, foi um grande prazer ter convivido com essas pessoas maravilhosas que são

os pescadores, proprietários e construtores de canoas da cidade. Os seus depoimentos remetem a uma vida tranquila, de íntimo contato com a natureza, num paraíso chamado Ubatuba. São pessoas batalhadoras, que amam o que fazem e se preocupam com o futuro e com a chegada das inovações que ameaçam a tranquilidade que um dia já conheceram.

- 2 Compositor, possui diversas músicas nas quais retrata seu carinho por Ubatuba.
- 3 Chumbereiro: pescador que puxa o chumbo da rede.
- 4 Panagem: malha da rede onde o peixe fica preso.

Ciranda do Canoeiro, Wilhan Eduardo²

É da proa da minha canoa
Que avisto a luz do luar
É da proa da minha canoa
Que avisto a luz do luar
E o brilho das estrelas
Tingindo de ouro
As águas do mar

Se a pescaria for fraca
Agradeço ao Criador
Lá fora ninguém plantou
O peixe que Deus criou

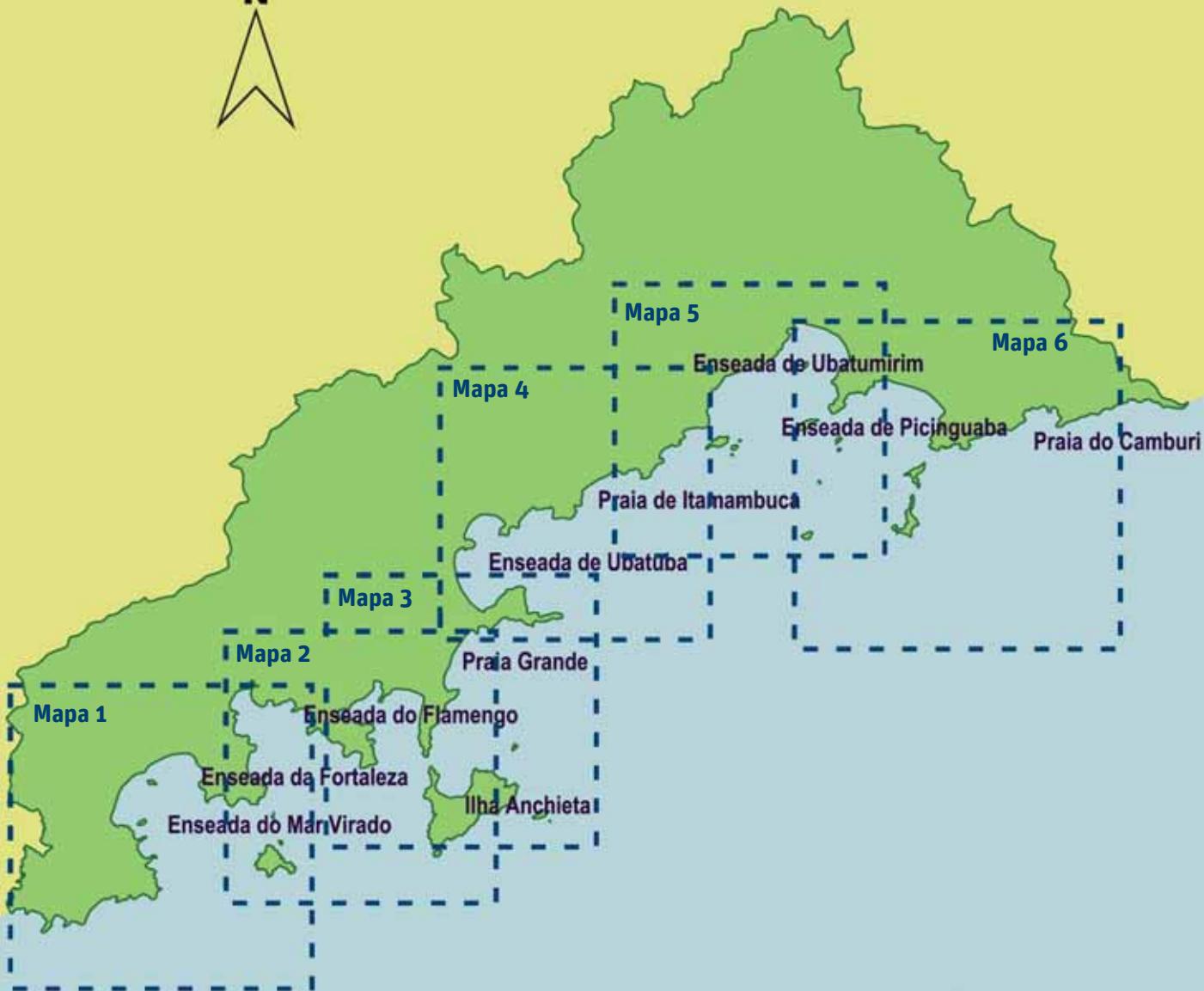
É da proa...

Peço a Deus por calmaria
Peço a Deus pra eu voltar
Lá em casa está Maria
Com três filhos a me esperar

É da proa...

Canto agora a despedida
É hora de trabalhar
Chumbereiro³ puxe a rede
Na panagem⁴ o peixe está

A costa de Ubatuba



Mapa 1



Mapa 2



Quilômetros



Mapa 3



Mapa 4



Mapa 5



Sertão do Cambucá

Sertão do Puruba

Rio Puruba

Praia da Puruba

Praia do Meio

Prainha

Praia do Léo

Praia do Prumirim

Praia das Conchas (Lúcio)

Praia do Félix

Ponta da Jamanta

Laje Grande

Praia Ubatumirim

Praia Justa

Ilha Redonda

Praia da Almada

Praia do Engenho

Ilha dos Porcos

Ilha do Prumirim

Ilhote Prumirim

Quilômetros

1 0 1 2 3

Mapa 6





As canoas de Ubatuba

Ubatuba, considerada por muitos como “Terra de Muitas Canoas”, possui uma grande frota desse tipo de embarcação, sendo que mais de 400 foram registradas em 36 praias do município. Algumas delas são, inclusive, famosas na região. São algumas históricas canoas de voga, que se aventuraram sobre o mar no passado e tiveram, em alguns casos, destinos trágicos. Também as duas vencedoras Marias Compridas: a mais antiga conquistou a vitória na primeira corrida de canoas realizada em Ubatuba e a segunda, sua substituta, foi construída para ser a vitoriosa por anos consecutivos nessas competições. Há ainda a Cunhambebe, a maior de Ubatuba, na qual diz-se caber um fusca dentro, e a Itapuã, a mais antiga, com 95 anos de idade. O fato é que, famosas ou não, seus proprietários devotam grande carinho a elas. E esse carinho, juntamente das histórias de luta de seus proprietários no mar tornam algumas dessas canoas, a partir deste relato, um pouco mais famosas.

O município de Ubatuba

Existe uma grande controvérsia na origem da palavra “ubatuba”. Segundo estudiosos, pode ser a derivação da palavra tupi *ybatiba*, que significa “o frutal, o horto”, ou então pode ser originária de *uybatiba*, “o flechal, o canavial bravo”. Ubatuba, pode ainda ter sido composta por *uba-tyba*, significando “abundância de canoas” ou ser originária de *ibatyba*, “sítio abundante de Ubá, cana silvestre”⁵. Outra possibilidade é que tenha tido origem a partir de *ibiy-atu-bae*, “pequeno, raso, de pouca profundidade”, certamente definindo a topografia da baía, ou ainda de *oba-tyba*, “feitora de vestidos”⁶. Assim, como um consenso entre os estudiosos, prevalece que a origem de Ubatuba deva ser “flechal, sítio onde abundam flechas e ubás”⁷. No entanto, a etimologia *uba-tyba* (terra de muitas canoas) parece ser bastante sugestiva para o nome desse município.

Brasão de Ubatuba — a imagem de uma canoa rememora a Confederação dos Tamoios



- 5 Lita Chastan. *Natrilhados Tamoios*. São Paulo: MEArtes Gráficas, 1983.
- 6 Washington de Oliveira. *Ubatuba: Documentário*. São Paulo: Editora do Escritor, 1977.
- 7 Washington de Oliveira. *Ubatuba: Documentário*. São Paulo: Editora do Escritor, 1977.

Nave central da Paróquia Exaltação da Santa Cruz — uma canoa forma o altar principal

Quando o folclorista Ney Martins decidiu buscar conhecimento sobre as canoas de “um só pau” de Ubatuba, não foi por acaso. A cultura do uso e do feito das canoas no município vem se mostrando bastante rica. Até mesmo no brasão de Ubatuba é possível notar a presença de uma canoa ocupada por cinco remadores, relembrando a atividade dos indígenas estabelecidos na região e que, segundo historiadores, seriam Cunhambebe, Aimberê, Pindabuçu, Coaquira e Araí. Eles eram chefes da cinco tribos tupinambás que formaram a Confederação dos Tamoios⁸. A importância das embarcações para o município pode ser notada também na igreja matriz de Ubatuba, a Paróquia Exaltação da Santa Cruz, onde o altar central é uma canoa.

Os moradores de Ubatuba, em grande parte caiçaras, possuem canoas e dão grande valor a elas que, no passado, foram responsáveis pela não estagnação da economia no município e que, até os nossos dias, representam o instrumento que garante a subsistência para muitos pescadores artesanais.

É uma embarcação simples de usá. Não é uma embarcação que você tem despesa pra fazê. É a remo... E se você pode comprá um motorzinho, coloca um motorzinho. Pra quem trabalha com pesca pequena é bom. Tem pesca de rede, pesca de linha, espinhel... Então, pra isso aí é bom. (João da Mata)⁹



Debora Olivato

As canoas

Canoa é o nome genérico da embarcação construída com um só tronco de árvore. No entanto, a embarcação indígena feita com a casca de algumas árvores como o jatobá também recebe o nome de canoa. Tal fato se deve, provavelmente, à semelhança na forma das duas embarcações. Há uma forma básica e a distinção entre os diversos tipos de canoas se deve às diferenças regionais. Na costa brasileira, existem 10 tipos de canoas utilizadas por diferentes grupos culturais, com nomes e características distintas¹⁰.

Antigamente, o feito das canoas era mais rústico, porque começou pelos índio, né. Aí depois foram entrando outras pessoas, com a idéia melhor... Aí foi feita a canoa de voga, canoas já grandes, mas já eram canoas melhores, mais bem feitas. As pessoas começaram, com a inteligência, começaram a ampliá, né. (Seu Gino)

⁸ <http://www.ubatubatur.com/brasoes.asp>

⁹ Ver lista com informações sobre os depoentes na página XXX

¹⁰ Wanda Maldonado. *Da mata para o mar: A construção da canoa caicara em Ilhabela, SP*. Dissertação (Mestrado). PROCAM - USP, 2001.

Os tipos de canoas mais conhecidos são¹¹:

- ▷ Pesqueira (ou apenas canoa): pesca costeira, três a quatro metros, remo, leves e de fácil manejo
- ▷ Batelão: pesca (cerco fixo, cerco flutuante e rede), 4 a 7 m, remo, a vela ou, mais raramente, com motor
- ▷ Voga (bordada ou caiçara): navegação marítima (pesca e transporte), grandes (maiores que 7 m), remo ou vela, grande capacidade de carga, maior deslocamento, construção mais resistente
- ▷ Regata: competição e pesca da manjuba, mas em geral não é ideal para a pesca, longa e de boca estreita, muito veloz

*Canoas de voga, que não existem mais, eram primitivas embarcações provindas do aperfeiçoamento das igaras ou pírogas indígenas, mas que atingiam grandes dimensões. Utilizadas antigamente aqui no litoral norte em longas viagens, no precário transporte dos produtos regionais aos portos de Santos e Angra dos Reis. Lamentavelmente, não se conservou nenhuma dessas embarcações — construídas de um pau só, escavado a ferro e a fogo, num desmedido desperdício de madeira — não só para ilustrar o pretense museu do caiçara, como para testemunhar as grandes dimensões que atingiam, com capacidade para acolher e transportar volumoso carregamento.*¹²

As canoas de voga tinham dimensões avantajadas, com mais de vinte metros de comprimento e até 2,20 m de largura. Suportavam mais de seis mil litros de carga e cerca de 15 pessoas, entre passageiros e tripu-

11 Wanda Maldonado. *Da mata para o mar: A construção da canoa caiçara em Ilhabela, SP*. Dissertação (Mestrado). PROCAM - USP, 2001.

12 Washington de Oliveira. *Ubatuba: Lendas e outras histórias*. Ubatuba: Washington de Oliveira, 1983.

lação. Os nomes das mais famosas canoas de voga de Ubatuba refletem o sentimento de seus proprietários: Caprichosa, Sempre-Viva, Cuiabana, Espírito Santo, Dois Irmãos, Cedro, Paulista, São Pedro, Caval Grande, Princesa Lira, Santa Tereza e Lícia¹³.

Aqui tinha uma canoa de voga, chamava Princesa Lira, ela pegava 1.500 quilos. Eu nunca fui, mas naquele tempo tinham várias canoas. Meu pai ainda viajou e mostrava pra mim. Tinha uma com o nome Santa Tereza... Era uma canoa muito grande e outra com o nome de Caval Grande. A Santa Tereza naufragou da Sete Fontes pra trás, morreu vários homens, afundou ali carregada. (Seu Oliveira)

No Lamberto, ali perto da Ribeira, onde é o Instituto Oceanográfico hoje, ali tinha uma canoa muito grande, chamava Cedro de Lisboa, dizem que era a maior da região. Cedro era o nome da canoa e Lisboa era o nome do dono, do Lamberto. Eu alcancei, vendo ela no galpão, no rancho dela, mas não cheguei a viajar com ela, não. Ela tinha uns 10 metros. Eles botavam um barril de quinhentos litros e botavam outro ao lado para calçar. (Seu Péres)¹⁴

Depois, vieram os batelões, canoas também grandes, mas não tão altas, que atendiam aos mesmos propósitos que as canoas de voga, porém em viagens mais curtas entre os bairros e o centro da cidade de Ubatuba para o transporte de pessoas e mercadorias¹⁵. Os batelões também eram utilizados na pesca costeira.

13 Carlos Borges Schmidt. "Alguns aspectos da pesca no litoral paulista". In: *Revista do Museu Paulista*, nova série, vol. I, 1947.

14 Entrevista dada a Ney Martins em 1996. Documento cedido pela Fundart - Ubatuba

15 Wanda Maldonado. *Da mata para o mar: A construção da canoa caiçara em Ilhabela, SP*. Dissertação (Mestrado). PROCAM - USP, 2001.

Por fim, surgiram as canoas contemporâneas, pesqueiras, com menores proporções que as vogas e os batelões, mas com traçado que evoluiu com o passar do tempo. As canoas de hoje em dia são, segundo seus proprietários, embarcações de fácil manejo e consideradas ideais para o trabalho que desempenham. As regatas, canoas desenvolvidas para competições têm a qualidade de serem pequenas e, portanto, leves. Possuem formato que lhes permite cortar as águas do mar com maior velocidade.

Esteticamente, a canoa é muito bonita, né! Como formato de embarcação, eu acho muito legal. Porque eu estudo projetos de embarcação. Eu sou arquiteto, só que o meu hobby é projeto de embarcação. E eu vejo que isso aí é muito legal. É muito bem desenvolvido. Os caíçaros desenvolveram em cima da técnica dos índios e aprimoraram. (José Ricardo)

As canoas de Ubatuba

Foi levantada, no período de novembro de 2007 a junho de 2008, no município de Ubatuba, a existência de pelo menos 422 canoas. Esse número foi registrado em 36 praias e em uma ilha do município, conforme apresentado no Quadro 1. Apesar do grande esforço para catalogar todas as canoas existentes no município, muitas não puderam ser levantadas nesse estudo por diversos motivos, como a ausência do proprietário no momento das visitas, a dificuldade de acesso a locais mais distantes, como algumas ilhas, e a recusa de alguns proprietários em participar do projeto. Estima-se que cerca de 10% das canoas hoje existentes em Ubatuba não foram registradas por esse estudo, o que elevaria o número de canoas para cerca de 460.

É importante salientar que as mudanças envolvendo as canoas são bastante dinâmicas. Portanto,

os resultados apresentados aqui podem mudar em um curto espaço de tempo, pois as canoas estão em constante movimentação entre proprietários, praias, municípios e, inclusive, passam por mudanças de cor e nome e, até mesmo, por restaurações que alteram suas dimensões, pela aplicação de partes (sobreprouas, sobrepopas e bordaduras¹⁶) que não existiam antes.

No Quadro 1, é possível verificar a grande diferença no número de canoas existentes no início do século XX¹⁷ e nos dias atuais. No primeiro período, a população de Ubatuba era bem menor devido ao longo período de recessão pelo qual o município passou (ver capítulo 3), e seus habitantes viviam em grande parte da agricultura e também da pesca. Assim, as canoas de voga faziam vez, cruzando os mares para realizar o transporte da produção do litoral norte paulista para o porto de Santos.

A seguir são apresentadas algumas informações, estatísticas ou não, sobre as canoas registradas pelo projeto. Desta forma, algumas tendências em relação às canoas de Ubatuba puderam ser notadas.

¹⁶ Sobrepopa, sobreproa e bordadura (ou borda falsa) são pranchas de madeira colocadas, respectivamente, sobre a popa, proa ou borda da canoa para aumentar sua altura e, assim, garantir maior estabilidade, segurança e navegabilidade à canoa.

¹⁷ Carlos Borges Schmidt. "Alguns aspectos da pesca no litoral paulista". In: *Revista do Museu Paulista*, nova série, vol. I, 1947.

Quadro 1

Número de canoas em Ubatuba em 1915-1920 e em 2008

<i>Praia</i>	<i>1915 a 1920*</i>	<i>2008</i>
Camburi	3	24
Pinciguaba	8	38
Fazenda		2
Estaleiro		19
Ubatubamirim	5	25
Justa		8
Almada	2	33
Puruba	1	6
Léo		9
Prumirim	2	7
Félix		4
Praia do Alto	3	
Itamambuca		4
Barra Seca		21
Perequê-Açú	5	17
Mattarazzo		5
Centro		2
Itaguá	8	24
Vermelha do Centro		1
Cedro		6
Tenório	2	1
Toninhas	4	2
Enseada	6	25
Perequê-Mirim		5
Ilha Anchieta	4	2
Saco da Ribeira		2
Flamengo		15
Lamberto	4	

Sete Fontes		7
Lázaro		18
Rio Escuro		1
Dura	2	2
Fortaleza		27
Grande do Bonete	2	20
Prainha do Peres		12
Lagoinha		1
Maranduba	3	15
Pulso		10
Caçandoca		2
Tabatinga**	2	

* Dados apresentados por Schmidt (1947). O autor menciona ainda que na época do estudo realizado por ele, em 1947, o número de canoas em Ubatuba havia se reduzido para 15 ou 20.

** Praia na divisa Ubatuba-Caraguatatuba, mas tida como Caraguá, não sendo, em função disso, considerada no presente estudo.

Feitio das canoas

As madeiras utilizadas no feitio são, em ordem de maior uso, o guapuruvu, o ingá, o cedro e a timbuíba¹⁸. Aquelas construídas com essas quatro madeiras correspondem a 86% de todas as canoas de Ubatuba. Dentre as outras madeiras utilizadas estão o angelim, a figueira, o louro, o caobi, a canela e a cubirana.

A maioria das canoas de Ubatuba possui sobreproa (75%), mas poucas possuem sobrepopa (25%) e borda-

¹⁸ Guapuruvu: 31,7%; ingá: 21,7%; cedro: 19,1%, timbuíba: 13,5% e outras (12 tipos): 13,9%.

dura (30%). Essa proporção parece estar ligada às condições de navegabilidade da região de Ubatuba, com fortes ondas. Por isso, a proa das canoas necessita ser mais alta, evitando a entrada de água no momento da saída, quando o encontro com as ondas é inevitável.

Muitos foram os responsáveis pela construção das canoas hoje existentes no município. No total, 45 nomes foram mencionados¹⁹ pelos canoeiros entrevistados como sendo os construtores de suas canoas (ver capítulo 5). Destes, o que mais construiu canoas foi o Baéco, seguido pelo seu pai, Agrício.

No Ubatumirim é a turma do Agrício, que são os verdadeiros professores. Nós temos muito que aprender com eles. (Mané Geraldo)

Com relação ao ano de construção, a maioria (77%) foi construída após 1980. Dez das canoas são anteriores a 1950 e estão com 60 anos ou mais. A canoa mais antiga que se tem conhecimento em Ubatuba é a canoa ITAPUÃ, que foi construída por volta de 1913 e, portanto, tem aproximadamente 95 anos. Essa canoa encontra-se na Praia do Félix e é de propriedade de Nilton Barbosa. Não se sabe ao certo de qual madei-

ra foi feita (angelim, jequitibá ou canela) e nem quem a construiu. No seu restauro foram utilizados 105 pedaços de madeira até agora. A canoa Itapuã pertenceu a muitos pescadores já falecidos do município de Ubatuba.

Outra canoa bastante antiga no município encontra-se na Praia da Fortaleza. A canoa CEDRINHO, que foi feita a partir de um cedro, tem 85 anos de existência. Seu proprietário conta com emoção sobre o carinho que sentiu desde a primeira vez que viu a canoa. Entre idas e vindas, mais de 25 anos se passaram até que ela viesse parar nas suas mãos.

Vi ela a primeira vez na Praia da Ponta Aguda. Eu tinha uns 11 anos e esta canoa me chamou a atenção. Aí aconteceu que eu saí de lá, trabalhei lá pra Caraguatatuba, de Caraguatatuba fui embora pra Santos, fiquei muito tempo lá, depois vim pra cá, cheguei. Aí, me casei. Depois fui comprar uma canoa lá e encontrei esta canoa no verso da outra que eu fui comprar. Vi ela lá... Comprei a outra. Depois fui buscá ela de novo e comprei ela pra mim. Ela tava lá me esperando. Vendi ela uma vez, mas eu chorei e dei um beijo nela. Eu tava sem nada e fiz uma troca, mas eu disse pro dono: “Eu vou lhe fazer um pedido de homem pra homem. Quando você quiser vender, me avise.” Ele ficou com a canoa lá uns três anos e voltou e me falou: “Olha, dei uma ajeitada na canoa, mas não vou querer ela.” Fui lá e peguei ela e agora não vendo por dinheiro nenhum!

Muitas das canoas de Ubatuba já tiveram que ser restauradas ao menos uma vez (62%) e poucas encontram-se sem condições de uso.

Tamanhos, cores e propulsão

As canoas de Ubatuba são de proporções relativamente grandes, sendo que 88% delas possuem comprimentos

19 Construtores das canoas existentes em Ubatuba (% de canoas construídas): Baéco (36%), Agrício (15%), Bernadino Barreto (5%), Dito Candé (3%), Maximiliano (2%), Jorge (2%), Balbino (2%), Domingos (2%), Seu Filhinho (2%), Sr. Antonio Julião (2%), Dionísio (2%), Vanil (2%), Renato (1%), Dito Puruba (1%), Dico (1%), Oliveira Quintino (1%), Altino (1%), Norinho (1%), Estrelino (1%), Nico (1%), José Florindo (1%), André (1%), Construtor de Ilhabela (1%), Manoel Bento (1%), Reinaldo (1%), Acácio (1%), João Araújo (1%), Benedito (1%), Dominginhos (1%), José Isaias (1%), Fabiano (1%), Daniel (1%), Ari (1%), Curtis (1%), Sr. Noel (1%), Pedro (1%), Jeovino (1%), Januário (1%), Tião Damazo (1%), João Leléu (1%), João Roque (1%), Capitulino (1%), Toninho (1%), Francisco Assunção (1%), Zé Cobra (1%) e Zé Firmino (1%).



Canoa “Cedrinho”, verdadeiro amor do Seu Oliveira, da Fortaleza

mento maior que 4 m e 98% largura maior que 50 cm.

Com relação à obrigatoriedade de inscrição e/ou registro de canoas, a NORMAM (Normas da Autoridade Marítima) nº 03²⁰, em seu capítulo 2, estabelece que embarcações miúdas, ou seja, aquelas que possuem comprimento total inferior a 5 m, que não utilizem propulsão a motor ou que sejam usadas como auxiliares de outra maior e cujo motor não exceda 30 hp, não necessitam qualquer tipo de registro. As canoas miúdas com propulsão a motor necessitam fazer a inscrição simplificada, e aquelas maiores que 5 m, a inscrição completa.

A maior canoa existente hoje em Ubatuba está na Praia da Almada. É a CUNHAMBEBE na qual, segundo dizem, “cabe um fusca dentro”. Essa canoa tem 8,30 m de

²⁰ Fonte: https://www.dpc.mar.mil.br/normam/N_03/N03_CAP02_Mod_7.pdf



Débora Olivato

Canoa “Itapuã”, a canoa mais antiga de Ubatuba

comprimento por 1,17 m de boca (largura).

Ela não é a mais comprida, não. Ela é muito grandona... Um fusca eu não sei se cabe, mas talvez um Fiat [risos]. Aguenta o peso, aguenta três toneladas, e foi o Agrício que fez. (Roberto – proprietário)

É a maior canoa que eu já fiz e a maior canoa que eu já vi também. E olha que eu tenho andado por aí. A maior foi essa. Não de comprimento. Mas ela é muito larga. É de urucurana, árvore boa, durável. (Baéco, que fabricou a canoa junto com seu pai Agrício)

Outra que impressiona pelo seu tamanho é a famosa MARIA COMPRIDA, a “vedet das canoas” de Ubatuba. Seu nome presta homenagem à primeira Maria Comprida de Ubatuba, que ficou famosa por ter vencido a primeira corrida de canoas realizada no município, em 1957. A atual foi construída no final da década de 1960, também pelo Seu Agrício, a partir de um tronco de louro encontrado caído na Curva da Batata, na Ro-



Canoa “Maria Comprida”, a vedete das canoas de Ubatuba, patrimônio da Fundart

dovia Oswaldo Cruz, pelo caçador Virgílio Alexandre. Foram 20 dias de trabalho dentro da mata.

A Maria Comprida foi tirada na serra de Taubaté. Essa o Bidico [seu filho] ajudou. Precisou de um monte de gente pra tirar a madeira do buraco, botô na estrada, botô num caminhão, levaram pra Estufa. Quem limpou foi Dito Vieira, esposo da Maria Barbina. A canoa era do Prof. Joaquim Lauro, do Itaguá. (Seu Agrício)

O nome dado a esta canoa não poderia ser mais apropriado, pois sua forma foge dos padrões normalmente observados em canoas, ou seja, a proporção de sete bocas para o comprimento. Na Maria Comprida, seus 9,20 m de comprimento e os 82 cm de boca dão uma proporção de mais de 11 bocas, característica que a torna ideal para as corridas de canoas, das quais foi vitoriosa por muitos anos.



Canoa “Cunhambebe”, a maior de Ubatuba, do Roberto, da Almada

brantes e alegres. Em geral, há uma cor predominante, que é utilizada no fundo da canoa, incluindo a popa, a proa e o bordo, e uma cor secundária, que recobre a bordadura da canoa e, quando presentes, a sobrepopa e a sobreproa, sendo também utilizada internamente. A cor secundária normalmente é vista, externamente, como uma faixa de cor distinta na parte superior do bordo da canoa. No entanto, muitas canoas possuem três ou quatro cores diferentes, sendo difícil classificá-las como predominantes ou secundárias. As cores predominantes mais utilizadas nas canoas de Ubatuba são amarelo, vermelho, verde e branco e, dentre as cores secundárias, destacam-se o branco, amarelo, azul, verde e vermelho.

A grande maioria não utiliza qualquer tipo de motorização (94%) e muito poucas usam motor de popa ou de centro. A propulsão mais comum nas canoas dos

dias atuais é o remo. As canoas de Ubatuba não utilizam mais o traquete²¹ e a vela, como no passado, mas algumas ainda mantêm a preparação para o uso desse tipo de propulsão.

Os nomes e seus motivos

Das canoas catalogadas neste estudo, 73% delas possuem nome. Essa informação indica que os proprietários de canoas sentem certo carinho por suas canoas, fato que pode ser percebido pelos nomes escolhidos.

Muitos proprietários prestam uma homenagem a alguém muito próximo e da família, como filhos, esposa, pai ou mãe, colocando o nome em sua canoa.

ROSANA

“Rosana” porque seria o nome da primeira filhazinha. Ela nasceu morta. Aí colocamos o nome da canoa, “Rosana”.

Proprietário: Seu Domingos – Sete Fontes

XODÓ DO VELHO

Porque era do papai.

Proprietário: Seu Alcides

MAMUSCA

É em homenagem à minha mãe. “Mamusca” era como o pai chamava ela [comprou a canoa logo depois que a mãe faleceu].

Proprietário: Nélio

²¹ Traquete: tipo de mastro utilizado nas canoas que realizavam grandes viagens no passado.



Maria Angélica Oliveira Gonçalves

*Canoa “Rosana”,
motivo de
ciúmes do Seu
Domingos, da
Sete Fontes*



Débora Olivato

*Canoa “Mamusca”,
uma bela
homenagem a
mãe do Nélio,
da Barra Seca*

BRUNA

O guapuruvú teria vida de novo, se transformando numa bela canoa. Irei homenagear minha filha que estava pra nascer, terá a canoa o nome de “Bruna” também.

Proprietário: Julinho Mendes

FRANDAI

Por causa do nome dos meus filhos Francisco e Daiane

Proprietário: Antônio

PEDRO FELIPE

Foi uma homenagem ao meu marido [falecido]

Proprietária: Hosana

GABRIEL ZHOÉ

É o nome do meu filho que vai herdar a canoa

Proprietária: Mizael - Camburi

Canoa “Dengosa”, o verdadeiro dengo do Camarão, da Maranduba



Fotos: Maria Angélica Oliveira Gonçalves

Canoa “Mamute”, o nome surgiu de uma brincadeira entre os amigos do Lucas, da Barra Seca



Débora Olivato

Outros proprietários se referem a alguma característica marcante da canoa.

AMÉLIA

É uma sofredora, trabalha com rede, com âncora, às vezes fica na bóia dois, três dias até o barco chegar, fica na praia, no sol e na chuva...

Proprietário: Isaías - Fortaleza

DENGOSA

É cheia de dengo!

Proprietário: Camarão

HILDA FURACÃO

Porque ganha todas as corridas.

Proprietário: Renato

ESMERALDA DO ATLÂNTICO

Porque é a mais bonita de todas.

Proprietário: Quinzinho



Canoa “Amélia”, que “é pau pra toda obra” para o Seu Isaías

Em outros casos, os proprietários esperam que a canoa lhes traga boa sorte ou até mesmo uma boa pescaria.

ESPERANÇA

Porque há esperança... Um passo a frente, né. A esperança de você lutar.

Proprietária: Rosa

LUA DE OURO

É que a gente, na época de lua, é época que a gente pesca mais, né. Então já pus logo “Lua de Ouro” pra atrair bastante peixe.

Proprietário: Zé Abóbora

O nome pode também surgir de uma brincadeira entre amigos.

MAMUTE

Isso aí foi uma brincadeira, de falá “Mamute!” [risos]. Daquele animal pré-histórico, lá. Aí ficô! É que um chamava o outro de mamute, por causa do desenho. Aí passava brincando: “E aí, mamute?” Aí pegô legal. Pegô!

Proprietário: Lucas

De uma qualidade do local onde a canoa é usada.

BACHUBINHA

Por causa da Ubachuvinha!

Proprietário: José Ricardo

Ou de uma antiga história.

ROUBA-MOÇA

É Rouba-Moça o nome da canoa, porque a irmã²² dela roubou uma moça daqui, meia-noite, e levou lá pra Laranjeiras, a remo.

Proprietário: Seu Elias

Em outros casos, as canoas são objetos de ciúmes de seus proprietários.

TIRA O OLHO DELA

Tenho ciúmes dela!

Proprietário: Seu Lula

Em outros o nome é escolhido, simplesmente, pelo fato de ser bonito.

SEREIA DO MAR

Achei legal. Todas as outras embarcações são “algo” do mar.

Proprietário: Samuel

Há também os casos que relembram importantes fatos históricos.

O Tio Salomão, no ano de 70, ele fez uma canoa. Como o Brasil ganhou a copa de 70, ele colocou o nome da canoa de “Copa de 70”. (Vanil)

²² O proprietário se refere a “irmã” porque a canoa que lhe pertence (“Rouba Moça”) foi feita da mesma tora que deu origem a outra canoa, protagonista da história.

Maria Angélica Oliveira Gonçalves



Canoa “Sereia do Mar”, um belo nome para a bela canoa do Samuel, da Lagoinha

Débora Olivato



Canoa “Tira o olho dela”, motivo de ciúmes para o Seu Lula, da Barra Seca

Enfim, os nomes podem ter variados motivos, mas não deixam de representar a importância e o carinho que seus proprietários devotam às suas canoas. Muitas vezes esse carinho é tão grande que faz pensar que seus proprietários estão se referindo a alguém de suas famílias.

A Rosana e a Rainha do mar... Nossa, eu tenho um ciúme das duas, imagina ele? Ele fala que não tem ciúmes da mulher, mas da canoa ele tem [risos]. (D. Angela, se referindo ao marido, Seu Domingos)

Já venho conservando ela [canoa Lua de Ouro] muito tempo... Vinte e um anos já com ela, já não tem nem como vendê mais ela, porque já ficou como da família, sabe? (Zé Abóbora)

A Diana é a canoa que a gente mais sai pra pescá. É esta aí, né, cargueira... Sempre que ela sai, alguma coisa ela traz. Ela é uma canoa muito importante, tem muita história. Se um dia ela sair de perto da gente, fica até meio difícil. (Climária)



Os canoieiros de Ubatuba

Os caiçaras, ao falarem de si próprios, costumam relatar fatos incomuns, curiosos. Com um ar, ao mesmo tempo, tímido e orgulhoso do belo trabalho que desempenham, gostam de falar do amor que sentem pelo lugar de origem, do seu “cantinho”, onde foram “nascidos e criados”. Acham que a vida de pescador é uma vida sofrida e ao mesmo tempo a única que lhes dá prazer, a ponto de não se imaginarem fazendo outro trabalho. As canoas são vistas por muitos como o instrumento que possibilitou, por muito tempo, o sustento de sua família. Mas o que faz um pescador caiçara feliz mesmo é relatar suas bem-sucedidas pescarias e as vitórias obtidas em competições, como as corridas de canoas. No pequeno universo dos proprietários de canoas de Ubatuba, os caiçaras, trabalhadores na arte da pesca artesanal, se destacam. No entanto, não podemos esquecer os amantes dessas belas embarcações que, apesar de não as utilizarem no seu dia a dia para sua subsistência, se preocupam com a preservação de uma cultura muito rica, a da pesca artesanal com canoas de “um só pau”.

A cultura caiçara

Trataremos aqui os habitantes de Ubatuba, pescadores artesanais das comunidades tradicionais e que representam a maioria dos proprietários de canoas do município, por *caiçaras*.

A palavra tupi *caa-içara* é, na verdade, formada pelas palavras *caa*, que significa galhos ou paus, e *içara*, que significa cerco. Portanto, o uso desse termo para designar um povo pode tanto ser atribuído à forma de demarcação das propriedades como aos cercos de pesca²³. Os caiçaras constituem um povo novo, fruto da miscigenação de outros, o índio, o negro e o europeu. O termo caiçara ficou conhecido desde o litoral sul fluminense até o norte paranaense.

*Muito mais do que uma etnia definida, esse povo compartilha um saber comum, a pesca de canoa, o cerco, a alimentação à base de peixe e farinha de mandioca, as casas de pau-a-pique e o extremo conhecimento das potencialidades e limites da Mata Atlântica. Essa é uma cultura genuína, fruto de um processo de adaptação às difíceis condições de vida na mata e do desenvolvimento das técnicas simples para a conquista do ambiente em que vivem.*²⁴

Em Ubatuba, outros termos também são utilizados, pelos próprios moradores, para designar seus habitantes tradicionais.

²³ Vito D'Alessio & Daniel Pascalicchio. *Dias de Caiçara*, vol. I - Paraty, Ubatuba, São Sebastião. São Paulo: Dialetto, 2006

²⁴ Vito D'Alessio & Daniel Pascalicchio. *Dias de Caiçara*, vol. I - Paraty, Ubatuba, São Sebastião. São Paulo: Dialetto, 2006.

*O homem de Ubatuba se percebe como caiçara, na medida em que sabe ser essa a expressão para designá-lo. Entretanto não se auto-define como tal, utilizando ele mesmo a palavra para indicar o habitante da faixa litorânea de São Sebastião a Ilhabela. O ubatubano se auto-denomina praiano ou barriga-verde, e explica que isso resulta do hábito alimentar tradicional, que inclui, na sua dieta o abundante consumo de banana com peixe e farinha de mandioca: o famoso “azul-marinho” tão usado no litoral norte do estado. Daí a origem do apelido. Utiliza assim, as expressões ubatubano, praiano e barriga-verde, mas está ciente que os de fora os tem como caiçara.*²⁵

Com pouco contato com o “mundo de fora”, os caiçaras evoluíram aproveitando os recursos naturais a sua volta, que resultou numa grande intimidade com o ambiente²⁶. Assim, as comunidades caiçaras mantiveram sua forma tradicional de vida até a década de 50, quando as primeiras estradas de rodagem interligaram as áreas litorâneas com o planalto, ocasionando o fluxo migratório²⁷. Até esse período, o litoral paulista permaneceu segregado das demais regiões do estado, vivendo das suas tradições e do seu passado, alheio ao progresso e conservando usos e costumes que vieram

25 Kilza Setti Lima. Ubatuba nos cantos das praias: estudo do caiçara paulista e de sua produção musical. Tese (Doutorado). São Paulo: Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas – Universidade de São Paulo, 1982.

26 Fonte: <http://www.musc.ai.tk> (site do Museu Caiçara de Ubatuba na internet)

27 Fábio Roberto Ribeiro. A cultura caiçara e sua organização social: um estudo de caso observacional da comunidade pesqueira de Vila de Picinguaba – Ubatuba. Dissertação (Mestrado). São Paulo: PROCAM – USP, 2005.

dos tempos coloniais pela falta de escolas e aprendizados agrícolas²⁸. Pode-se dizer que, até o início da década de 60, essa região era um “vazio econômico”, não integrado ao sistema capitalista vigente no restante do país²⁹. Assim, com o declínio da agricultura e a crescente expulsão de suas terras, um contingente cada vez maior de caiçaras passou a migrar para áreas suburbanas, onde, juntamente com migrantes de outras regiões do país, passaram a viver em bairros pobres, nos quais o modo de vida tradicional é cada vez mais ameaçado³⁰.

O caiçara nasceu com esse direito de plantar, de fazer sua casa com as árvores da floresta, de ter sua criação de animais, mas agora esses direitos lhe foram tomados. Agora, eu pergunto aos moços e moças que estão aqui me ouvindo: “Que Brasil é esse que estamos vivendo?” (Seu Genésio)³¹

Os caiçaras, em geral, não acumulam bens e, até o período no qual teve início em Ubatuba a corrida de terras, as quais antes dessa época não apresentavam valor especial, viviam tranquilos em seus terrenos ou posses. Não disputavam terra e não se davam conta do valor que esta poderia vir a ter. Apenas plantavam e

28 Paulino de Almeida. “Usos e costumes praianos”. In: Revista do Arquivo Municipal, ano XII, vol. CLV, 1945.

29 Priscila Siqueira. “Pesca artesanal: tradição e modernidade”. In: Diegues, Antônio Carlos Sant’Ana (org.). 3º Encontro de Ciências Sociais e o Mar. Coletânea de trabalhos apresentados. São Paulo: Programa de Pesquisa e Conservação em Áreas Úmidas no Brasil/IOUSP/F. FORD/UICN, 1989.

30 Antonio Carlos Diegues^a. “Amudança como modelo cultural: o caso da cultura caiçara e a urbanização”. In: Diegues, Antonio Carlos (org.). Enciclopédia Caiçara, vol. I, 2004. São Paulo: Editora Hucitec – Nupaub – CEC/USP.

31 Depoimento contido no livro: Os Caiçaras Contam (Rovai & Frenette, 2000)

pescavam o suficiente para comer³². O turismo foi um elemento profundamente transformador da paisagem litorânea caiçara, que se intensificou a partir da década de 1970, no litoral norte, com a abertura da estrada BR-101³³. Nesse período, os caiçaras foram forçados a desistir de suas terras e a se deslocar para os sertões, regiões compreendidas entre a rodovia e a encosta da Serra do Mar, visto a grande especulação imobiliária. Historicamente, o sertão era local de trabalho e ninguém morava lá; era para a lavoura, caça, coleta, transporte de banana pelos rios e confecção de barcos. A praia era o lugar das moradias, das festas e do convívio social³⁴.

Sô nascido nesse lugarzinho que cê tá vendo aqui [Perequê-Açú]... Aqui é um sossego. Mas hoje já não pertence mais a nós, não... A minha mãe foi feita de tonta por um pessoal aí... Cinquenta e dois anos tomando conta dessa posse, aí, assinaram o papel, perdeu... Vai ser tudo chalé isso aqui. (Seu Neco)

A manutenção das tradições caiçaras

A visão de futuro para os caiçaras é, de forma geral, pessimista. Muitos acreditam que com a queda na quantidade de pescado disponível e devido às restri-

ções ambientais à pesca, a tendência é que muitos caiçaras passem, cada vez mais, a exercer funções desvinculadas de suas tradições.

O caiçara vai desaparecer, viu. E esse pessoal que a vida inteira pescou, como é que vai sobreviver? Porque a única coisa que eles sabem fazer o que que é? Pescá eles não podem, a canoa dele só vai até ali e ele não pode pescá. Precisa deixar que o pescador de linha tenha condição de pescar. O pescador nativo, hoje, ou é caseiro ou é bebedor de cachaça, de tristeza. Tivemos duas mortes aqui que foi de tristeza. (Ivete Maciel)

E muitos pais se ressentem por seus filhos não terem os mesmos interesses que eles, que um dia já seguiram os passos de seus pais.

Queria que meus filhos também me ajudasse na pesca, porque eu sempre fui companheiro do meu pai. Hoje não tem um para sair comigo, nem filho, nem neto, não tem ninguém. Eu fui companheiro de meu pai na pesca, na roça! Hoje, não tem um para sair, para remar (Seu Barreto)

Há aqueles que acreditam que o que falta é mais união entre os pescadores e que uma maior organização entre eles poderia garantir a continuidade da atividade de pesca.

No tempo em que eu comecei a pescá, se o povo se unisse, tinha mais pescador que hoje em dia. Aqui no Félix, tinha 17 rancho, cada rancho tinha duas, três canoas. Quem morreu, morreu, quem não morreu saiu, se apartou do mapa. E hoje em dia, daqui de dentro, sou eu, o Seu Virgílio e o cumpadre Zé. Temos três aqui. Eu tô com 68, o cumpadre Zé deve tá com uns 66, o Virgílio com 80 pra 81. (Seu Júlio)

Dentre aqueles que não possuem outra alternativa a não ser buscar outras formas de sustento, existem os que sentem falta da vida junto às suas canoas no mar.

32 Kilza Setti Lima. Ubatuba nos cantos das praias: estudo do caiçara paulista e de sua produção musical. Tese (Doutorado). São Paulo: Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas - Universidade de São Paulo, 1982

33 Antonio Carlos Diegues. "Amudança como modelo cultural: o caso da cultura caiçara e a urbanização". In: Diegues, Antonio Carlos (org.). Enciclopédia Caiçara, vol. I, 2004. São Paulo: Editora Hucitec - Nupaub - CEC/USP.

34 Mariana Clauzet & Walter Barella, 2004. "Pesca artesanal na Praia grande do Bonete". In: Diegues, Antonio Carlos (org.). Enciclopédia Caiçara, vol. I. São Paulo: Editora Hucitec - Nupaub - CEC/USP.



Ivete Maciel: é preciso dar condições para o pescador pescar

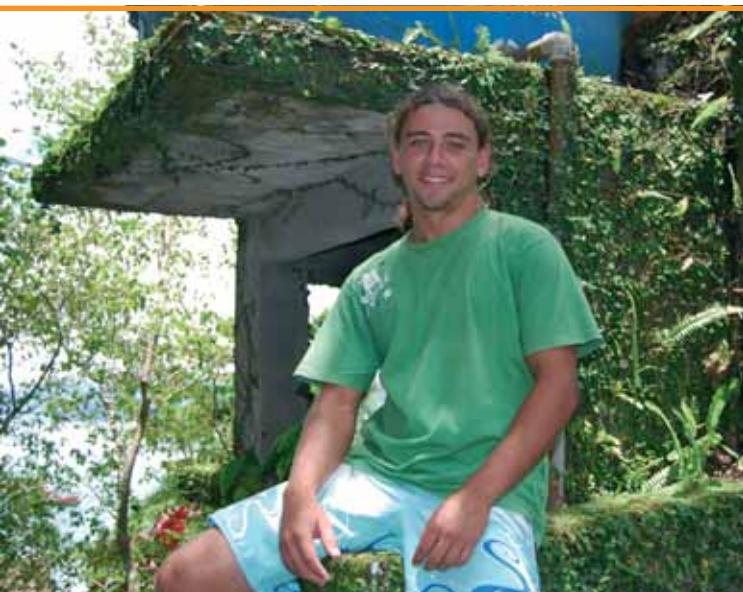
Com uns 11 anos, minha mãe comprô a canoa, né, é essa que eu tenho até hoje. E agora, sem tempo, trabalhando aqui [comércio local], eu não tenho tempo de utilizá. Ah, mas você sente falta, cê tem vontade, porque já vem desde pequeno, né. Então você se lembra do passado, do que você fazia quando era moleque, então, você acaba tendo vontade. Hoje eu uso mais como passeio, mas antes usava como pesca, pra tê um sustento. Ia pescá lula, porquinho, como todo mundo usa aqui. Ela não é utilizada todo dia, mas a gente cuida, como se fosse da família. A gente guarda como se fosse uma relíquia, pra durá anos e anos. (Alexandre)

Mas como sempre há esperanças, um grupo de jovens vem mostrando dar importância às tradições de seus antepassados, valorizando essa atividade tão importante exercida com o devido respeito à natureza.

A canoa aqui pra nós é tudo, né. Sem ela não se faz nada. Vai acostumando... Acho que já vai da pessoa nascida e criada em frente um mar desse. Você acostuma a pescar. Você vai indo todo dia, depois vira um vício né. Quando você não tá no mar não se sente bem. Eu não fico muito tempo sem ir lá. Acho que o prazer de ir em uma canoa, remando, não tem explicação. (Felipe)

Os canoeiros de Ubatuba

Verificou-se, nas entrevistas realizadas nesse projeto, que poucos dos proprietários de canoas de Ubatuba possuem idade inferior a 30 anos³⁵. Isso mostra que o interesse pelas canoas não é muito grande entre os caiçaras jovens. A grande massa de proprietários em Ubatuba possui idades entre 31 e 70 anos. Baixo tam-



Débora Oliveira

Alexandre: lembranças da infância e saudades do uso de sua canoa

bém foi o número daqueles com idade superior a 70 anos. Essa última informação, no entanto, demonstra que os canoeiros mais velhos deixaram de ter canoas porque já não pescam mais com elas, mas aparentam ter grande interesse pela manutenção da cultura do uso e do feitiço das canoas.

A canoa foi importantíssima na minha vida, em tudo. Ganhei meu pão de cada dia. Para me conduzir para outros lugares que eu queria, a canoa me ajudou muito. Quando queria viajar, tinha que ir na minha ca-

35 Até 20 anos - 3 proprietários; de 20 a 30 anos - 13 proprietários; de 31 a 40 anos - 26 proprietários; de 41 a 50 anos - 40 proprietários; de 51 a 60 anos - 33 proprietários; de 61 a 70 anos - 26 proprietários; de 71 a 80 anos - 12 proprietários; acima de 80 anos - 4 proprietários.



Paulo Zumbi

Felipe: jovem e amante da boa pescaria

noa, quando queria pegar um marisco eu tinha que ir na minha canoa. É a minha condução, e não é só condução, com a ajuda dela fiz minha vida. (Seu Oliveira)

O baixo nível de instrução se configura como uma característica dos proprietários de canoas³⁶. A maioria estudou apenas até a quarta série e outros concluíram o ensino fundamental (até a oitava série). Aqueles que nunca estudaram e se dizem analfabetos, em geral, nasceram e cresceram em comunidades isoladas e não tiveram acesso às escolas quando crianças ou jovens.

36 Analfabetos - 12 pessoas; até 4ª série do ensino fundamental (1º grau) - 68 pessoas; 5ª a 8ª série do ensino fundamental (1º grau) - 42 pessoas; ensino médio (2º grau) - 28 pessoas; ensino superior (3º grau) - 9 pessoas.

Poucos entrevistados concluíram o ensino médio (2º grau) e o ensino superior. Em muitos casos, os canoeiros relatam o fato de terem que largar os estudos para trabalhar na pesca, junto de seus pais e, desta forma, os ensinamentos necessários às suas vidas foram passados de pai para filho.

A professora ia lá na Itamambuca e ficava um mês e depois ficava seis mês sem ir. Aí eu entrei na escola com nove anos e com 10 anos meu pai já me tirô, porque ele dizia: “Não adianta!” Aí quando eu tava querendo aprendê a fazê o meu nome, meu pai me tirô da escola. E eu era um dos filhos, dos homens, o mais velho. Então, eu saía pra pescá com ele. (Seu Gino)

Eu não fui pra escola pra ajudar meu pai, né. Nois éramos em seis irmãos. E então eu pensava: “Papai sozinho trabalhando. Eu sou homem!” Trabalhava de tarde, quando vinha da escola. O mais pesado ele fez sozinho né. Ia pescá e ainda ia pra roça. Então eu falei: “Não vou mais estudar, vou ajudar o papai”. Enfim, aí o papai ia pescá, eu ia junto; papai ia trabalhá na roça, eu ia junto; papai ia pra cidade, eu ia junto. O companheiro do meu pai era eu. O guia do velho era eu. (Seu Júlio)

A grande maioria³⁷ dos entrevistados é “nascida e criada” em Ubatuba, lugar que, em geral, amam e de onde não pretendem sair. Dentre os proprietários de canoas que não são nascidos em Ubatuba, muitos já residem no local há pelo menos três décadas, com raras exceções. A origem é variada, principalmente Vale do Paraíba, São Paulo (capital) e outras partes do interior paulista. Também há migrantes de outros pontos do litoral, como Caraguatatuba, Santos e divisa com o Estado do Rio de Janeiro (Parati). Aqueles que vieram

de outros estados são provenientes de Minas Gerais e Ceará e há, inclusive, um proprietário de canoa que veio de Portugal há 18 anos.

Como uma tendência, a maioria dos proprietários de canoas que não são nascidos em Ubatuba moram nas praias localizadas na parte sul do município (do centro até a praia de Maranduba). Nessa região, há também dois proprietários que residem na cidade de São Paulo, mas que freqüentam Ubatuba “a vida toda”, como relatam. Isso se deve ao fato dessa região do município ser mais urbanizada, com uma melhor estrutura para atender às atividades turísticas. Por isso, atrai antigos visitantes que decidem morar na cidade ou mesmo ter uma casa de veraneio para frequentar sempre.

Como eu venho aqui desde pequeno, a gente pega uma afinidade. Vai sair pra pescar com o pai, com um amigo que é caicara, cê vai pescar de canoa. Vai sair de canoa, quando é pequeno, cê vai pondo aquela idéia na cabeça. E eu sempre quis ter uma. (José Ricardo)

Por outro lado, a região norte (do centro à praia do Camburi) possui características diferenciadas, com a predominância de comunidades tradicionais. Devido à presença do Parque Estadual da Serra do Mar (PESM - Núcleo Picinguaba), que ocupa uma área de 47.500 m² e atinge sua cota zero na praia Brava da Almada indo até a do Camburi, essa região não sofreu especulação imobiliária como a da costa sul, e portanto, não foi observada migração semelhante.

Com relação à profissão, a grande maioria é, obviamente, de pescadores, sendo que muitos vivem da pesca artesanal. Em geral, amam o seu trabalho e a canoa é para eles de suma importância para o exercício dessa atividade.

Eu tô numa profissão muito boa! Eu amo meu trabalho, e eu não tenho nada pra criticá. Pra mim, a pesca é

37 Nascidos em Ubatuba - 124 pessoas; nascidos fora de Ubatuba - 30 pessoas.

uma verdade, é um lazer. Então, é uma diversão muito espetacular, porque você vai em tudo quanto é tipo de praia, vê qualidade de aves, você vê tudo quanto é tipo de peixe que você nunca viu antes. É uma maravilha que Deus fez... Trabalhá na pesca. E a pesca artesanal significa canoa. (Seu Neco)

Admiradores de canoas

Alguns dos proprietários de canoas entrevistados não as utilizam para delas tirar o próprio sustento, mas as possuem, sim, como um gosto, uma paixão, e visam a preservação dessas embarcações tradicionais. Dentre as profissões exercidas por essas pessoas, estão comerciantes, trabalhadores da construção civil, marinheiros (tomam conta de lanchas ou iates particulares), marceneiros/artesãos, funcionários públicos, advogados, arquitetos, paisagistas, jardineiros, professores, zeladores (em condomínios), caseiros (das casas de veraneio da região), policiais ambientais, guarda-vi-

das, mergulhadores, aposentados e donas de casa.

Eu acho que a canoa é o elo de uma cultura que me atrai mais. Ela é... Emblemática, né! A canoa é o emblema. É o elo dessa cultura, que é uma cultura que eu penso que sabe ler a natureza. É uma cultura que a natureza conversa. Eu acho que a canoa é o elemento mais emblemático dessa ligação do homem com a natureza, e dessa conversa entre os dois. Acho que foi isso que me chamou a atenção para eu ver, olhar pra canoa pela primeira vez. (Mirian)

A canoa para nós caiçaras, não vou dizer pra mim, porque eu não sou profissional de pesca, não dependo da canoa. Tenho canoa por hobby, pela pesca artesanal, porque eu sempre gostei de canoa. Mas a canoa, falando como caiçara, é um grande meio de sobrevivência, de locomoção. Então, a canoa tem tudo a ver com nós, caiçaras. Eu aprendi com o meu pai e porque a gente gosta de tá sempre junto ao mar, sempre foi um elemento de muita importância na minha vida. (Julinho Mendes)

Mulheres e canoas

As mulheres entrevistadas que possuem canoas foram apenas sete. Duas dessas mulheres possuem canoas que foram deixadas como herança pelos maridos falecidos, mas apenas uma delas tira da embarcação seu sustento, pescando com seus filhos. Outras duas pescam, além de outras atividades que desempenham, e seus maridos também são pescadores. A quinta mulher entrevistada é uma veranista que vem buscando valorizar a cultura envolvida com a construção de canoas e teve a sua restaurada recentemente para competir em corridas. Uma outra possui canoa principalmente para competir em corridas, mas também pesca com ela. A última entrevistada



Arquivo pessoal Mirian Pascon

Mirian: canoas representam o emblema da relação homem-natureza



Débora Olivato

Hosana: a luta da mulher na pesca com canoas

valoriza as canoas e as mantém em sua casa, como objetos decorativos.

Uma das características de vida do caiçara é a divisão bastante rígida dos papéis entre homens e mulheres. Dificilmente a mulher vai para o mar e chega mesmo a temê-lo. Quando pesca, ela normalmente o faz nas pedras, com a linha, ou então participa da pesca da lula, tradicionalmente feita em família. Na hora de puxar a canoa para a praia, toda a comunidade participa, inclusive mulheres e crianças³⁸. Em algumas comunidades, há mulheres mais jovens que saem para pescar com seus maridos, amigos ou namorados.

Eu saía com ele [marido falecido, Pedro Felipe

dos Santos] de canoa. Gostava, mas enjoava. Saía na época de lula. Ele gostava de pescar peixe grande, garoupa. Ele era conhecido como pescador de garoupa. Matava bastante peixe e vendia na cidade. (Hosana, Picinguaba)

Meu marido já pescô muito de canoa e eu ia junto com ele. A gente ia pra muitas praias: praia Vermelha, Itamambuca, Ponta Grossa... Pescava betara, corvina. (Rosa)

³⁸ Priscila Siqueira. "Pesca artesanal: tradição e modernidade". In: Diegues, Antônio Carlos Sant'Ana (org.). *3º Encontro de Ciências Sociais e o Mar. Coletânea de trabalhos apresentados*. São Paulo: Programa de Pesquisa e Conservação em Áreas Úmidas no Brasil/IOUSP/F. FORD/UICN, 1989.



Márcia Denadai

Rosa: boa remadora, já ajudou seu marido na pesca

Mas, no geral, elas ficam mais nos bastidores, pois esse é um universo ainda muito masculino.

Porque antigamente não eram todos os pescadores que levavam mulher. Falavam: “Quê? Tá loca! Vai ficá em casa fazendo comida. Vai ficá em casa que o mar é serviço pra homem”. Pescador tem muito disso, né. (Nélio)



Devagar se vai ao longe...

Pode-se dizer que as canoas são embarcações que suportam os mais diferentes usos, considerando a evolução que sofreram ao longo do tempo desde sua origem, a partir dos povos indígenas. Apesar das diferentes técnicas de fabricação e usos dados a ela, sua forma, magistralmente esculpida a partir de um único tronco de árvore, permanece a mesma por muitos séculos. Verificando o uso das canoas, historicamente, os índios já as construíam e as utilizavam para sua subsistência e transporte. Com a chegada dos portugueses e a difusão de uma nova cultura, as canoas passaram a ser utilizadas nas atividades econômicas dos povoados que se formavam no Brasil colonial. As grandes viagens com as chamadas “canoas de voga” foram, por muito tempo, a principal forma de troca de mercadorias entre as cidades do litoral norte paulista com o restante do país, através da cidade de Santos. Essas longas viagens a remo e a vela foram realizadas até o início do século XX, quando bravos remadores cruzavam o mar por vários dias. Mais recentemente, com a chegada das rodovias que servem o litoral norte, a canoa passou a ser utilizada em distâncias menores, entre os bairros mais afastados e a cidade de Ubatuba, para transporte de pessoas e de mercadorias. No entanto, a Rodovia BR-101, construída na década de 70, reduziu o uso das canoas no município de Ubatuba a, basicamente, a pesca.

O início da história: os índios Tamoios

Os tupinambás³⁹ foram os primeiros habitantes do litoral norte paulista e seus domínios estendiam-se desde o rio Juqueriquerê, nas proximidades de São Sebastião, até o Cabo de São Tomé, nas proximidades da Capitania do Espírito Santo⁴⁰. A antiga Aldeia Iperoig, hoje conhecida como Ubatuba, fazia parte desse território ocupado pelos tamoios (como eram chamados os tupinambás que ocupavam a região), local onde ocorreu uma das mais edificantes páginas da história do Brasil.

*De enormes embiruçus, cedros ou guapuruvus — árvores que, muitas delas, quatro ou cinco homens não conseguiam circundar o tronco — construíam igaras, canoas de lotação para até vinte ou mais pessoas, com os quais singravam os mares na labuta pesqueira ou nas constantes viagens que faziam de praia em praia, em intercâmbio amistoso com as tribos vizinhas.*⁴¹

³⁹ O termo “tupinambá” provavelmente significa “o mais antigo”, os primeiros e verdadeiros donos da terra (Oliveira, 1977). Tupinambá: Grupo indígena, hoje considerado extinto, que ocupava a costa brasileira, desde o norte de São Paulo até Cabo Frio e Vale do Paraíba (onde eram chamados de Tamoios), do recôncavo baiano até a foz do Rio São Francisco, o Maranhão, o Pará e a Ilha Tupinambarana (Houaiss e Vilar, 2007).

⁴⁰ Washington de Oliveira. Ubatuba: Documentário. São Paulo: Editora do Escritor, 1977.

⁴¹ Washington de Oliveira. Ubatuba: Documentário. São Paulo: Editora do Escritor, 1977.

Em seu livro *Ubatuba: Documentário*, Washington de Oliveira narra os fatos históricos protagonizados por José de Anchieta, Manoel da Nóbrega e o chefe-tamoio Cunhambebe na conhecida “Confederação dos Tamoios”, que culminou na “Paz de Iperoig”, ocorrida justamente em Ubatuba. As canoas são mencionadas frequentemente nessas passagens, participando das viagens Ubatuba-São Vicente e vice-versa, bem como nos ataques organizados pelos tamoios aos perós (portugueses).

Quando os viandantes [Anchieta e Nóbrega] terminavam a última etapa, ao se aproximarem da praia onde os índios, agrupados, os aguardavam em visível inquietação, viram-se de súbito cercados por um grande número de canoas transportando índios em atitudes hostis, como a impedir-lhes a aproximação e desembarque nas areias da praia de Iperoig. Mas uma grande surpresa lhes estava reservada: os silvícolas ferozes, os tamoios inimigos que ali habitavam, receberam-nos pasmados, atônitos com tamanha audácia, sub-jugados pela venerável presença de Anchieta que, de pé na proa da embarcação, lhes dirigia palavras ternas e pacificadoras, proferidas no idioma tupi, aureolando-se de confiança e simpatia aquele que mais tarde seria considerado o “Taumaturgo do Brasil”.⁴²

Canoas de voga: o rompimento do isolamento econômico

Com a paz instalada, os portugueses asseguraram a posse da região e fundaram a Vila Nova da Exaltação à Santa Cruz do Salvador de Ubatuba. Os povoadores se

instalaram ao longo da costa, utilizando o mar como meio de transporte (canoas de voga, as longas canoas de um só tronco) e praticaram uma agricultura de subsistência com o auxílio de poucos escravos indígenas. Mais tarde instalaram engenhos de cana, serrarias, fornos de olaria, fazendas e pequenas indústrias. Com o porto para escoamento da produção, a cidade prosperou até 1787, quando as embarcações passam a se dirigir ao porto de Santos, por ordem do presidente da Província de São Paulo. Com isso, Ubatuba entrou em decadência e a agricultura voltou a ser de subsistência. Tal situação mudou a partir de 1808, com a reabertura dos portos ao comércio estrangeiro. O café passou a ser cultivado na região e o porto local passou a ser o mais movimentado de todo o Estado, escoando a produção do Vale do Paraíba e Minas Gerais⁴³.

A canoa foi, nesse período, de grande importância como apoio às atividades do porto, uma vez que este não contava com cais de atracação.

Por não dispormos de cais, nem mesmo de simples molhe de atracação, aqueles navios ao aqui aportarem, fundeavam ao largo, no fundo da baía e logo a seguir, com prolongado apito, reclamavam a movimentação da carga e dos passageiros, que era feita em transbordo, por meio de grandes canoas, sem motor, acionadas ao ritmado impulso de vigorosos e experimentados remadores. Assim, as conoas iam e vinham, de terra para bordo, tantas vezes quantas se fizessem necessárias ao “desembarço” do navio, para que este, logo a seguir, levantasse ferros seguindo viagem.⁴⁴

⁴³ Fontes: <http://www.ubatubasp.com.br/historia.htm> <http://www.ubatuba.sp.gov.br>

⁴⁴ Washington de Oliveira. Ubatuba: Documentário. São Paulo: Editora do Escritor, 1977.

⁴² Washington de Oliveira. Ubatuba: Documentário. São Paulo: Editora do Escritor, 1977.

*Canoa de voga: eram necessários
muitos homens para remá-la*

Nesse período Ubatuba ocupou o primeiro lugar na renda municipal do Estado e ganhou “status” de capital, sendo elevada a categoria de município, em 1855, e de comarca, em 1872. A cidade entrou em nova crise no final do império e início do período republicano, devido a uma série de mudanças na política brasileira. Além disso, a construção da ferrovia Santos-Jundiá e, posteriormente, de outras, desviou o fluxo de exportações do porto de Ubatuba para o de Santos. O porto foi fechado, extinguíram-se fazendas e ubatubenses deixaram suas terras. As estradas, até o planalto, e as plantações foram engolidas pela Mata Atlântica. Prédios abandonados acabaram em ruínas e desmoronaram. De 1870 a 1932 Ubatuba ficou isolada e suas terras desvalorizadas. Em 1940 Ubatuba se resumia a 3.227 habitantes. A cidade só se recuperou em 1952 com a construção da rodovia ligando Ubatuba a Taubaté, a SP-125, e mais tarde a rodovia BR-101, ou Rio-Santos.⁴⁵

Foi justamente nesse período, de cerca de seis décadas, em que o litoral norte paulista sofreu o isolamento imposto pela falta de acesso rodoviário aos grandes centros econômicos, que as canoas de voga tiveram seu grande momento. Essas embarcações representaram a possibilidade de romper o isolamento por via marítima⁴⁶.

⁴⁵ Fontes: <http://www.ubatubasp.com.br/historia.htm> <http://www.ubatuba.sp.gov.br>

⁴⁶ Wanda Maldonado. Da mata para o mar: A construção da canoa caicara em Ilhabela, SP. Dissertação (Mestrado). PROCAM - USP, 2001.

EXPOSIÇÃO FOTOGRÁFICA “CONTA UBATUBA”



Voga, na verdade, é o nome dos grandes remos que só eram usados nas maiores embarcações. Daí o nome “canoa de voga”⁴⁷. Essas embarcações tinham proporções avantajadas, ou seja, atingiam os 60 a 100 palmos de comprimento (mais de 20 m), por oito a dez de boca (cerca de 2,20 m de largura). Transportavam até 6.700 litros de mercadorias e ainda levavam seis ou oito passageiros, além da tripulação, que era formada por quatro ou cinco remadores e o patrão⁴⁸.

Testemunhos históricos de remadores que fizeram aquelas viagens ilustram as dificuldades enfrentadas e a grandiosidade dessas aventuras, com o carregamento de muitas mercadorias.

⁴⁷ Viviane Fushimi Velloso. Ubatuba: o resgate da memória pela fotografia. Dissertação (Mestrado). São Paulo: Escola de Comunicações e Artes - Universidade de São Paulo, 2001.

⁴⁸ Carlos Borges Schmidt. “Alguns aspectos da pesca no litoral paulista”. In: Revista do Museu Paulista, nova série, vol. I, 1947.

As canoas de voga carregavam 10, 12 pipas de caçaça. Cada pipa continha cinco barris de 80 litros. Essa aguardente a gente levava para Santos. Então, a gente remava em remo de voga daqui pra Santos nessas canoas, que não existia motor. Fiz cinco viagens. Quando o tempo tava bom, a gente saía daqui, pousava em Ilhabela, de lá saía, pousava nas Couves ou Iuna, no outro dia saía meia-noite, chegava na Barra da Bertioiga ali pelas três horas da tarde, quatro horas, conforme o vento. E ali então fazia o armoço e quando era uma hora da noite subia barra acima e ia pra Santos. Teve uma que levemos 28 dias de viagem, vivendo em vorta de um porco de canoa, com um argodãozinho [cobertura], apanhando sol e chuva. O nosso ordenado, que nós ganhava, era 10 merréis aqui quando puxava a canoa e 10 merréis em Santos, quando descarregava a canoa. Ganhava 20 merréis. O mestre ganhava 50. O camarada tinha direito de levá uma quitandinha, muito pouca, pra não pegá muito a canoa. Fazia lá 20, 30 merréis e com isso tinha que se mantê. Aonde cê comprava 60 quilo de sar por 13.500. Comprava uma caixa de querosene Jacaré por 7 merréis, duas lata de 20 quilo cada. Aí terminando essas viagens, não quis mais viajar, porque a vida era muito penosa. (João Glorioso)⁴⁹

Essas viagens eram verdadeiras aventuras e seus mestres sabiam como conduzir as embarcações de forma a aproveitarem as condições do tempo e do mar a seu favor.

Eles falavam que sempre iam em três dias, agora quando o tempo arruinava, eles ficavam invernado. Levavam até uma semana para chegar em Santos. Ali levavam tudo, era cabrito, era galinha, era porco, tudo, aquela bicharada, canoa muito grande. Iam a vela e a remo, tinha a vela aqui na frente, neste banco da proa, tinha um mastro que chamava traquete e aqui na ré, que é a parte de trás da canoa, vinha outro mastro mais comprido que era uma vela triangular, uma vela de ponta, chamada mezena, e quando tava assim um vento normal, mais maneirado, corria-se de traquete e de vela e quando era muito vento era só traquete. A vela, ainda tinha que rizá o traquete; rizá era diminuir a vela, porque era muita vela. E, às vezes, ainda tinha o correr em árvore seca. Sabe o que que é? É correr com popa, só com o vento, não precisava nem de vela, quando era aquelas tormentas bravas mesmo, aí ia só em árvore seca. (David Alexandrino)

O litoral paulista começou a contar, a partir de 1840, com a presença de barcas a vapor para o transporte de passageiros e carga⁵⁰. Esse tipo de transporte foi evoluindo dessa época até o final da segunda guerra mundial. A melhor forma de chegar à Ubatuba, vindo da capital, no início do século XX, era descer a Serra de Santos e lá pegar um vapor ou uma canoa de voga⁵¹. No entanto, as viagens com vapor eram quinzenais e, muitas vezes, devido às condições do mar, não chegavam até Ubatuba. Assim, as canoas de voga eram preferidas para o transporte de produtos locais,

49 Gravação gentilmente cedida pela Sra. Elisabeth Silvério Guedes (neta do Sr. João Glorioso). Entrevista dada a Fernando Rosa e Tibúrcio Silvério Guedes (Zeca) em 11/06/1981.

50 Washington de Oliveira. Ubatuba: Documentário. São Paulo: Editora do Escritor, 1977.

51 Viviane Fushimi Velloso. Ubatuba: o resgate da memória pela fotografia. Dissertação (Mestrado). São Paulo: Escola de Comunicações e Artes - Universidade de São Paulo, 2001.

como banana, aguardente, laranja, farinha de mandioca e peixe escalado⁵².

Era viagem que iam, mas não sabiam se chegavam ou se voltavam. Teve ocasião que eles faziam em dois dias, outras vezes faziam em 15 ou 20 dias para chegar em Santos. Quando o mar estava ruim, com muito vento, perdiam até a mercadoria. Às vezes chegavam em Santos só com a pinga. (Seu Peres)⁵³

Os filhos e netos dos antigos pescadores da região lembram, com orgulho, as façanhas realizadas por seus antepassados, que enfrentavam vários dias de mar sobre suas canoas. Nas histórias que ouviram quando crianças, a luta desses homens para garantir o sustento de suas famílias é marcante.

Meu avô morreu com 115 anos. Ele trabalhô em canoa de voga. Ele remava de Santos a Angra dos Reis. O remo dele tinha 25 parmo de comprimento. Cada homem remava um remo. Por exemplo, eu sentava aqui desse lado, tinha o meu, o outro sentava lá... Quatro pessoas. Canoa de voga. Quando tinha vento, largava o pano... Ia embora, ajudava. Quando não tinha... Cê já pensô onde tava Santos? Até Bertioga, era quase duas horas de barco, fazendo vorta. Eles ia. Chegava lá em Bertioga, o tempo tava ruim, ficava. O mar amansava, chegava na Barra do Saí, um lugar com um rancho. Fazia a comida lá, não podia dormi, vinha embora. Trazia panela. Vendia a cachaça, panela, e levava daqui pra lá o sal, pra Angra dos Reis. Chegava em Ubatuba, em São Sebastião, ia vendendo de vorta outra vez. (Seu Pu)

52 Técnica de conservação do pescado, na qual o peixe era salgado e seco.

53 Entrevista dada a Ney Martins em 1996. Documento cedido pela Fundart - Ubatuba



Maria Angélica Oliveira Gonçalves

Seu Peres: memória viva da história de Ubatuba

Os pontos de parada eram pré-estabelecidos. Locais onde os remadores descansavam e faziam suas refeições. Na verdade, eram portos seguros, de onde partiam para dar continuidade às suas aventuras.

E o meu pai chegô também a viajá pra Santos. Era três dias na canoa de voga. Descansava lá no... Eu lembro que ele me falô que paravam lá no Toque-Toque [costa sul de São Sebastião] e depois já entravam pela Bertioga. (Seu Gino)

Washington de Oliveira⁵⁴ relata algumas curiosidades ocorridas nessas longas viagens, quando se transportavam animais vivos como porcos, carneiros, galinhas e perus.

Interessante é que essas aves [perus] não mereciam maiores cuidados, nem ocupavam espaços. Eram colocadas na proa, acoradas na borda da canoa, da maneira como se acomodavam à noite nos poleiros dos galinheiros, mas, por motivos óbvios, sempre de costas para o mar. Ali, colocadas no início da viagem, permaneciam agarradas, como que fixadas por força estranha, sem se arredarem, sem se moverem, quer

54 Washington de Oliveira. Ubatuba: Documentário. São Paulo: Editora do Escritor, 1977.



Zé Abóbora: refeição traiçoeira para afastar os terríveis tubarões-tintureira

navegassem em águas plácidas, quer em mar revolto, que fizesse balançar violentamente a embarcação.

A bordo havia sempre provisão suficiente para muitos dias no mar. O feijão, a carne seca e farinha de mandioca eram preparados no fogão de “tacuruba” (tripé formado por três pedras soltas, sobre o qual se assenta a panela). A refeição era feita sem conforto pelos tripulantes e sempre acompanhada de uma boa cachaça.

Para se alimentar na canoa eles levavam um caixão grande, enchiam de areia, botavam na altura da canoa e faziam fogão dentro daquela areia e levavam lenha debaixo de um porão que tinha na canoa. Levava lenha, tudo cortadinho em um pedacinho assim e aí faziam café, faziam arroz, peixe... E iam remando. (Seu Oliveira)

Nessas longas viagens, os ataques dos tubarões-tintureira eram relativamente comuns. Para se livrar desses impiedosos animais do mar, os remadores desenvolveram uma técnica para afastá-los.

Contavam que vinham em seis numa canoa, né. Era uma canoa enorme! Então, esses senhores que viajavam pra lá eram atacados por tintureira na viagem, mas eles tinham como se defender. Eles tinham



Seu Barrosinho: lembranças da “Jornada Marítima Ubatuba-Santos” e dos amigos de aventura

um tacho. Quando a tintureira estava seguindo eles, eles cozinhavam abóbora, abóbora velha, cozinhava. Hora que ela tava bem fervendo mesmo, jogava. A tintureira vinha e pegava aquilo, engolia, né. É lógico, aquela abóbora ia queimar tudo lá por dentro. Aí ela ficava pra trás. (Zé Abóbora)

Aventuras da Maria Comprida

Buscando reviver as longas jornadas vividas entre Ubatuba e Santos, a famosa canoa Maria Comprida fez, há 35 anos, a mesma travessia com cinco tripulantes a bordo. A grande aventura vivida foi a Jornada Marítima Ubatuba-Santos, realizada em 1º de junho de 1973 e que não teve caráter competitivo. Foi idealizada pelo Prof. Joaquim Lauro para comemorar os 410 anos da Paz do Iperoig. Segundo conta a história, na Confederação dos Tamoios, os índios tamoios do litoral norte, comandados por Cunhambebe, se deslocavam de canoas até São Vicente para lutarem contra os portugueses. Assim, o percurso de 215 quilômetros (Ubatuba a Santos) foi realizado para comemorar a paz entre índios e portugueses, assinada em 14 de setembro de 1563⁵⁵.



Arquivo de Edson Silva

Maria Comprida na “Jornada Marítima Ubatuba-Santos”, realizada em 1º de junho de 1973.

Tripulação: Mestre Artur Alexandrino dos Santos e remadores Carlos Alves de Moraes (Carrinho), João Correa Leite (Jango), Antonio Barroso Filho (Barrosinho)

A jornada foi comandada pelo Mestre Artur Alexandrino dos Santos, tendo como remadores Carlos Alves de Moraes (Carrinho), João Correa Leite (Jango), Antonio Barroso Filho (Barrosinho) e Nilo Vieira, todos do Esporte Clube Itaguá. Os cinco remadores partiram no dia 1º de junho, em frente à Capela Nossa Senhora das Dores, no Itaguá, às 4:45h e chegaram às 13:05h a São Sebastião. No dia seguinte, 2 de junho, partiram de São Sebastião às 4:15h e chegaram a Bertioiga às 14:45h. Em 3 de junho, partiram de Bertioiga às 6:30h e chegaram à Ponta da Praia, em frente ao Clube de Regatas Saldanha da Gama, em Santos, às 10:15h. Um dos seus remadores, o Barrosinho, relembra alguns fatos marcantes.

Fui daqui até Santos de canoa a remo, com aquela canoa grande, a Maria Comprida. Nós fizemos 22 horas contadas de remo, fora as paradas. Nós saímos daqui bem cedo e lá pela uma hora a gente tava chegando em São Sebastião, remando, fomos direto da-

qui até São Sebastião. Almoçamos lá com o Capitão do Porto, com o prefeito de São Sebastião. Aí, era cedo ainda, fomos até Barequeçaba. Aí, lá em Barequeçaba, puxamos a canoa na praia. Meus parentes, parentes de meu pai, é de lá de Barequeçaba. Eu sou neto de português, meu avô mesmo era português, meu pai é filho de português, casado com uma caieira lá de Barequeçaba. E eles arrumaram um lugar lá, um rancho pra nós ficarmos. No dia seguinte, bem de manhã saímos, passamos na ilha e das ilhas fomos direto para Bertioiga. Duas e pouco chegamos em Bertioiga. Nós chegamos no mesmo dia em Santos, mas como podia encontrar tempo ruim por aí, nós paramos lá em Bertioiga, dormimos. No dia seguinte, que era domingo, nós seguimos até Santos. A reportagem estava esperando nós. Foi três dias. Olha, [dos outros que foram] só tem dois vivos, eu e o João [João Correa Leite, Jango]. Foi muito gostoso! E para voltar, nós viemos de caminhão. (Seu Barrosinho)

55 Fonte: http://www.ubaweb.com/ubatuba/esportes/index_esp_masc.php?espo=canoamc

Ponto de descarga das mercadorias no centro de Ubatuba (ao fundo, o Casarão do Porto, que hoje sedia a Fundart)



Arquivo de Edson Silva

Viagens bairro-Ubatuba

Com o advento das rodovias, na década de 1950, que enfim ligavam o litoral norte a São Paulo e ao Rio de Janeiro, o transporte terrestre tornou-se mais prático e mais favorável às necessidades, tornando insustentável o precário transporte marítimo na região. No entanto, os bairros mais distantes da cidade permaneceram isolados ainda por cerca de duas décadas, até 1975, quando a BR-101 (rodovia Rio-Santos) passou a interligar os bairros de Ubatuba.

Nesse período, a canoa de voga perde sua importância e o batelão desponta na história do litoral norte paulista⁵⁶. De menor proporção e com construção e manejo mais simples, o batelão é apropriado ao transporte de uma praia para outra e atende também à pesca costeira. Essas canoas foram muito utilizadas para

o transporte de bananas, farinha, peixe, aguardente, enfermos, pessoa mortas e até noivos dos bairros mais distantes até o centro da cidade.

Dessa época os canoeiros de Ubatuba se recordam, pois muitos dos entrevistados viveram esses dias na infância ou na mocidade. O transporte de mercadorias entre os bairros que ficam mais longe de Ubatuba e o centro da cidade era uma rotina. Os moradores, principalmente das praias localizadas na costa norte de Ubatuba, costumavam levar suas produções para serem vendidas ou trocadas por mantimentos.

⁵⁶ Wanda Maldonado. Da mata para o mar: A construção da canoa caiçara em Ilhabela, SP. Dissertação (Mestrado). PROCAM - USP, 2001.



Toninho - Prumirim: com o pano, muitas vezes não havia necessidade de uso dos remos

Já fui [da Almada] até Ubatuba remando. Fui várias vezes. Não eu só. Era canoa grande com cinco, seis homens. Nós ia até a cidade e voltava, remando. Não tinha estrada, não tinha ônibus... Era por mar ou por terra. Por terra você levava um dia; por mar, no máximo, você levava quatro horas e meia. Isso dependia do tempo. Só com tempo bom. Remei várias vezes. Não só eu, mas um punhado de amigos meu. Com o Élio, o Luis Careca, o Otávio, o Jonas. Levava mercadoria. Farinha, peixe seco, banana, ovos de galinha... Aquela coisinha que o caiçara produzia. Não tinha nada, era muito isolado, muita pobreza. O que você produzia, você levava lá na cidade e trazia uma mercadoriazinha, um quilo de cada coisa. Não dava para comprar mais. (Seu Dico - Almada)



Seu Osvaldo: quando não havia troca de mercadorias, o pescado era perdido

Como o produto da pesca era quase sempre trocado por mantimentos, se esses faltassem, não havia quem comprasse o produto em dinheiro. Em outros casos, quando havia um grande estoque de peixes no mercado, muitos pescadores não conseguiam vender seus produtos. Isso levava os pescadores, muitas vezes, a abrirem mão dos peixes obtidos com tanto esforço.

Algumas vezes não tinha farinha. Não tinha dinheiro para pagar. Era obrigado a chegar lá e enterrar o peixe no Cruzeiro, pois tinha vezes que não tinha para quem vender. Era uma luta! (Seu Osvaldo)

Essas viagens até o centro de Ubatuba eram realizadas em família e os jovens pescadores seguiam as remadas de seus pais, iniciando-se no uso das canoas desde a infância.

Eu, quando saía, pra fazer viagem com o meu pai, quando nós tinha o bananal lá embaixo, toda semana fazia dois cortes de banana pra levar pra cidade, duas dúzias, três dúzias de cacho. Fazia em duas vezes, pois a canoa não levava de uma vez só. Quando não ia muita carga eu levava três dúzias, um ou dois sacos de farinha, 50 quilos de peixe seco, cará... Tudo que tinha aqui na roça, levava pra vender. (Seu Júlio)

Apesar de todo o sofrimento envolvido nessas difíceis jornadas pelo mar, havia o companheirismo, a amizade. Os bons momentos vividos com os outros canoeiros no mar são relembrados com um toque de nostalgia.

De canoa já fui muitas vezes... Tinha dia que a gente perdia à hora e saía às quatro horas [da manhã]. Tinha dia que a gente saía à uma hora da manhã. Compadre Inácio, morava aqui [Camburi] e morreu na estufa. Tinha também, o Japão, da Trindade. Ia a remo, trazia as coisas, botava aqui, levava no burro pra Trindade, pra vender lá. E daqui para Ubatuba nós ia a remo. Era pouco, mas rendia! Era uma batida, ia conversando, ia embora, sem correria. O horário que chegava lá, embaixo da ponte, era nove, nove e meia. Se desse um vento encostava na praia, fazia compra, carregava tudo, saía de lá uma, duas horas da tarde. Tomava pinga Ubatubana, a melhor que tinha. Bebia, cada um um pouquinho pra não ficar tonto. Não era todo dia que a gente fazia viagem. Hoje nós ia, depois levava mais 20 dias. Parei há uns 40 anos atrás, em 65. Na época tinha uns 20, 22 anos. Era gostoso. Fazia movimento no corpo, exercício, remava, conversava. (Seu Salustiano)

O horário de saída era combinado, para que todos fossem juntos, se ajudando. A ida em grupo tornava a trajetória menos difícil e mais animada.

Aí dizia assim: “Cê vai pra Ubatuba amanhã?”; dizia: “Vô”; [outro:] “Ah, então queria uma carona pra Ubatu-

ba, pra fazê umas compras”. Aí combinava: “Nós vamos sair assim, na primeira hora, quando o galo cantá”. Porque não tinha relógio. Era a tradição. Então, o galo cantava a primeira vez, o pessoal já tava aqui na praia. Embarcava a canoa. Como se diz, não esperava nem o dia clariá. Não tinha luz nem nada, era um lampiãozinho a querosene. Aí, esperava, ficava esperto, dizia: “Ó, nós vamos sair às duas horas”. Aí, na volta, embarcava as coisas, tudo, as compras e saía. Ou então não vinha e dormia lá em Ubatuba. Já ouviram falar da Pensão do Bravo? Era no centro. Lembra da Farmácia do Filhinho? Era do lado da Farmácia do Filhinho. E aí o guarda levantava, fazia café pra nós e nós saía de volta. (Seu Dedeco)

Uma boa lembrança é a do uso do traquete e do pano (vela), que era sempre garantia de descanso aos remadores e de uma chegada mais rápida e tranquila ao destino.

O pano era feito de saco. Pano era dos alimentos que eles transportavam, de linho ou algodão. O vento era um auxílio, eles vinham no remo. Saindo daqui [Almada] e pegando o vento certo, iam até o centro sem precisar remar. (Roberto)

Tinha o mastro. Já tinha a vela, o pano pra largá. Quando dava um ventinho daqui pra lá, largava o pano. Ia embora do Ubatumirim, só no pano. (Toninho – Prumirim)

Mas muitas vezes, os canoeiros tinham que enfrentar as tormentas do mar, que dificultavam a travessia e acarretavam perdas de mantimentos, produtos para venda e até de vidas. Nesses momentos, o conhecimento de um bom abrigo era crucial.

Naquela época não tinha mar manso, era só mar ruim. Eu lembro desta época de canoa a motor, quando a gente ia pra cidade e o pessoal falava as-



Paulo Zumbi

sim: “Como está o mar?” Respondiam: “Da Ponta da Jamanta para lá, tá uma maresia só. Não dá para ir”. E quando era de lá para cá, perguntavam: “Como é que tá o mar?” Diziam assim: “Da Ponta da Jamanta pro Ubatumirim, tá uma maresia só. Ninguém passa”. E não passava mesmo! Tinha que deixar dar uma acalmada, e fazer um acordo lá na Jamanta, pra deixar o pessoal passar. (Vanil)

Não só as mercadorias eram transportadas nas canoas. As canoas foram, por muito tempo, a única forma de transporte para pessoas doentes ou mortas nas comunidades mais isoladas de Ubatuba.

A canoa servia pra tudo isso. Morria uma pessoa, não queria í pela praia; pegava a canoa, ia daqui, cinco ou sete remos. Ia lá no Ubatumirim, lá dentro, entrava no rio. Lá que era o cemitério. Então, entrava lá, fazia o enterro e vortava. A canoa servia pra tudo! (Seu Pu)

Vanil: da Ponta da Jamanta ninguém passava

O mar nem sempre favorecia essas viagens e, por isso, quando amansava, a chegada de uma canoa nas praias mais isoladas era motivo de festa pelos moradores, que tinham muitos assuntos a resolver na cidade, além de precisarem vender ou trocar suas produções.

Quando aparecia a canoa no horizonte, era alegria né... O pessoal todo esperando na praia a canoa de Ubatuba. Aí, chegou a canoa, foi aquela festa. Era nequinho marcando pra ir pra cidade. O mar não amansava. Eles querendo ir, querendo registrar a criança. Tem gente que tem seis, sete meses depois de nascido, porque foi registrar e não tinha jeito. O mar bravo e muita gente pra ir quando amansava. Ia uma turma. Aí quando chegava aquela na cidade tinha que trazer outra. Quando ia com farinha não levava muita gente. Ia só o pessoal que ia remando. Aí veio uma, aí



Arquivo pessoal José Ricardo Lighbue

Jósé Ricardo: a canoa como hobby e passeios no mar

depois foi chegando outras, foi chegando as canoas motorizadas. Aí foi ficando mais fácil. (Felipe)

Hoje, os canoeiros se sentem confortáveis diante das facilidades da vida moderna, muito diferente das dificuldades vividas por eles no passado.

Hoje não acontece isso mais. Hoje cê diz: “eu quero í em Ubatuba”, cê pergunta: “Que horas chega o ônibus?”. Passa às sete horas e chega às oito horas. Aí nós vamo de ônibus. Acho que já faz mais de 30 anos que ninguém vai de canoa. Depois que chegô o ônibus e a estrada aqui, ninguém mais vai. (Seu Dedeco)

Rotas atuais

Atualmente, as canoas não são mais tão usadas como

transporte, com exceções para as travessias praia-bar-
co-praia, travessias de alguns rios e entre praias próximas. Hoje, elas são utilizadas, principalmente, na pesca artesanal, pelas famílias caiçaras mais tradicionais de Ubatuba. Os canoeiros já não se arriscam mais em mar aberto. Usam suas canoas para pescarem em pontos próximos às suas praias, dentro das baías, nas ilhas mais próximas, em lajes e parcéis e junto às costeiras.

A canoa é uma embarcação que não é pra mar aberto. É uma embarcação costeira. Você trabalha principalmente em baías, lugar calmo. Cê não trabalha em alto mar. Alguns doidos que ainda vão... Mas não é uma embarcação pra você ir pra alto-mar. (Lelinho)

É na época da lula, da tainha e do camarão-branco que o número de canoas aumenta no mar. São caiçaras, pescadores tradicionais ou não, e pessoas interes-

sadas na pesca que tiram as canoas dos ranchos, dos quintais, de dentro de casa, para matar essas especiarias tão apreciadas.

Na época da lula, do peixe porco, todo mundo usa a canoa. (Mizael - Pinguaba)

As rotas utilizadas podem mudar de acordo com o peixe da estação ou onde está dando “boa pescaria”. As estratégias e petrechos de pesca também variam de acordo com a pesca pretendida.

Já fui na Almada, mas pra pescá a rota principal é aqui no meio da baía. Eu venho até aqui perto da Ponta Grossa, aqui no meio, que tem a Laje da Cotia. Aqui a gente larga espinhel, larga a rede pra pescadinha. Tem época do ano que você muda o pesqueiro, né, porque o peixe dá em outro lugar. Na época

que tá tendo mais tainha, aí eu rodo mais pra cá, Itamambuca. (Nélio)

Apesar do transporte com canoas já não ser mais necessário nos dias atuais, há aqueles que ainda gostam de utilizar sua embarcação para curtir o dia, passeando com ela pelo mar.

Ou eu vou daqui [Tenório] pra Toninha, ou eu vou daqui pro Baguari da Vermelha. Já dei a volta pela Ponta Grossa. Ou eu levo ela até o Itaguá e saio. Eu vou até o Cedro também. Geralmente, o que eu faço é isso. Já fui até a Barra Seca com ela, já fui até a praia do Alto. Mais do que isso, não. Eu já pensei em pôr ela em cima do carro pra passear nas praias do norte. (José Ricardo)



Canoas: as pernas do pescador sobre as águas do mar

O uso das canoas pelos caiçaras, ontem e hoje, reflete o estilo de vida dessas comunidades que sempre lutaram para garantir sua sobrevivência. O uso como transporte já foi de grande importância para a economia do litoral norte paulista. No entanto, a partir de meados da década de 1970, essas embarcações passaram a ter maior importância na pesca e no transporte local. A pesca feita com canoas, seja com espinhel, rede de espera, cerco flutuante ou a animada e farta pesca de cerco da tainha, constitui a base da economia tradicional caiçara contemporânea. Muitas são as famílias que vivem da pesca artesanal, trabalho gratificante e prazeroso, que garante renda aos profissionais da atividade e é um hobby a tantos outros que a praticam apenas pelo esporte. Por isso, os canoeiros, profissionais ou não, prestam homenagens às suas companheiras canoas dando a devida importância àquela que sempre esteve pronta para uma boa pescaria ou para enfrentar uma “tribuzana”⁵⁷ no mar.

O uso das canoas em Ubatuba

Sem dúvida, o período em que as canoas tiveram maior importância para o município de Ubatuba remete àquela época em que essas embarcações eram as principais responsáveis pelo transporte de pessoas e produtos entre os bairros de Ubatuba, bem como para a venda ou troca do que era produzido no município em Santos, de onde era transportado, por via rodoviária, para os grandes centros comerciais do país (ver capítulo 3).

Com a chegada das rodovias ao litoral norte paulista na década de 1950 e a construção da BR-101, que interligou os bairros mais distantes ao centro de Ubatuba, na década de 1970, os canoeiros deixaram de se arriscar em grandes jornadas no mar. As canoas passaram a ter grande importância local no sustento das famílias caiçaras através da pesca artesanal de subsistência.

Segundo Mariana Clauzet⁵⁸, os iniciantes na pesca em Ubatuba foram os pescadores-lavradores, que dividiam seu tempo entre a pesca e as atividades da roça. Eles foram se equipando e expandindo seu território, transformando-se nos chamados pescadores artesanais, ou seja, pequenos pescadores com aparelhos e embarcações de pequeno porte. A esses últimos, ao contrário dos pescadores-lavradores, surgiu a corporação do ofício, ou seja, passaram a ser possui-

57 Tribuzana: tempestade

58 Mariana Clauzet. Conhecimento local e atividade pesqueira na enseada do Mar Virado, Ubatuba, Litoral Norte. Dissertação (Mestrado). São Paulo: PROCAM - USP, 2003.

dores da profissão, com total controle da arte da pesca, o que lhes permitiu subsistir apenas desse ofício⁵⁹.

Dentre os canoeiros ouvidos por esse projeto, muitos praticam e vivem da pesca artesanal com suas canoas, utilizando-se de diversas artes, como a linha, o espinhel, a rede de espera, a pesca da lula (com zangarelho), o arrasto de praia, a tróia ou bate-bate, o cerco flutuante (entre outubro e abril) e o cerco da tainha (entre maio e agosto). Mariana Clauzet⁶⁰ descreveu algumas dessas artes de pesca tradicionalmente desempenhadas com as canoas.

A *pesca de linha* normalmente é feita em parcéis, para a pesca da garoupa. A isca utilizada é a sardinha e o bonito e, para outras espécies de fundo, o camarão sete-barbas. Esses parcéis submersos foram descobertos quando os pescadores estavam pescando de linha, “experimentando o peixe”, e fisgavam uma garoupa ou outra espécie que vive em pedras. Aquele local se tornava, então, um pesqueiro, caso fossem capturados peixes de tamanho comercial. Os pescadores voltam aos bons pesqueiros, os quais costumam marcar através de linhas imaginárias a partir das pontas dos morros mais próximos.

O *espinhel* é um fio de corda resistente, no qual são presos anzóis a distâncias fixas. Esse espaçamento entre um anzol e outro é para que os peixes fisgados não se choquem. O aparelho é feito de cordas fortes, em forma de H, sendo que da haste horizontal do centro pendem uma série de anzóis que variam em tamanho

e número, dependendo da espécie que se pretende capturar. O espinhel é mantido fundeado por meio de bóias na parte superior das duas hastas verticais e de poitas na inferior. Vai se lançando o espinhel na água, anzol por anzol, de dentro de uma canoa, e deixa-se o aparelho poitado até a despesca, isto é, a coleta dos peixes fisgados.

Largava o espinhel e não dava tempo pra pescar de mão [linha]. Cê carrega a linhada, né, porque na hora aparece lá um cação, cê mata um peixe diferente na linha. Mas, o espinhel, assim que você largou, já tem que puxar... Então, cê não pára. A pesca é movimentada. A pesca de espinhel é imediata, não tem esse negócio de você esperar dois dias. É uma braça e meia de um anzol pro outro, você vai iscando e vai largando. Quando você acabou de iscar tudo o que você tirou, cê já pode começá tudo de novo. Cê tá soltando espinhel, o peixe já tá pegando. (Seu Neco)

As *redes de espera* são muito comuns no litoral norte paulista. Essas redes que variam em malha, dependendo do peixe da estação, são lineares. Pescam principalmente peixes de fundo, mas também de superfície e, ocasionalmente, de meia-água. Em cada uma de suas extremidades são presas uma poita e uma bóia que garantem sua estabilidade na água. Nas bóias, os pescadores costumam prender uma bandeira para advertir a presença da rede aos barcos que trafegam pelo local. As visitas às redessão feitas, regularmente, várias vezes ao dia para a retirada dos peixes emalhados.

A canoa é usada pra sobrevivência, né. Por muitos anos, meu marido pegava a canoinha e ia pro mar armá uma rede, matá um peixinho prá comprá comida pra dentro de casa. (Rosa)

A *pesca da lula* envolve mulheres e crianças, pois é vista como uma atividade recreativa. Dura cerca de

⁵⁹ Antonio Carlos Diegues. Pescadores, camponeses e trabalhadores do mar. São Paulo: Editora Ática, 1983.

⁶⁰ Mariana Clauzet. Conhecimento local e atividade pesqueira na enseada do Mar Virado, Ubatuba, Litoral Norte. Dissertação (Mestrado). São Paulo: PROCAM - USP, 2003.



Debora Olivato

Zangarelho: petrecho utilizado na pesca da lula

quatro horas e os pescadores utilizam um aparelho chamado zangarelho. Esse aparelho funciona como isca artificial, atraindo as lulas pelo seu brilho. O zangarelho é, na verdade, um anzol com várias pontas e a pesca é realizada com linha. É preciso achar a profundidade certa em que o cardume se encontra, o que normalmente só acontece depois que a primeira lula é fígada. Depois disso, é recomendado manter a isca sempre na mesma profundidade.

Antigamente, os caras não sabiam o que era matar lula. Nunca ninguém matou essa tal de lula, nem conheciam o zangarelho. Nós ensinemos os caras a matar lula, eu e meu primo. Pegamos a canoa do Tio Genésio, uma canoa velha, e fomos pescar lula, chegamos pra dentro do cerco, foi só arriar a linhada, matamos um monte, em meia hora. Chegamos na praia, os caras perguntaram: “Como é pescar lula?” No outro dia começaram a pescar e se deram bem. Ninguém sabia, foi um ensinando o outro e todo mundo aprendeu pescar lula. (Joel)

O *arrasto de praia* é realizado por uma equipe de pesca com rede de emalhar fixa nas duas pontas com cordas grossas. Alguns pescadores ficam na praia e



Maria Angélica Oliveira Gonçalves

Cercos flutuante: trazido pelos japoneses é feito até hoje em Ubatuba

seguram uma ponta da corda fixada na rede, outros pescadores entram no mar com suas canoas a remo até uma distância de 500 m da praia e fazem um semicírculo com a rede trazendo a outra ponta da corda para a praia. Por fim, os pescadores puxam a corda em direção à praia e recolhem todo o pescado que foi capturado na rede. Atualmente, esta arte de pesca está proibida na região.

A canoa mais velhinha meu pai usava muito para puxar rede de praia, que hoje em dia não se pesca mais com isto. Inclusive, a rede ainda está lá em casa. (João Mesquita)

Na pesca de *tróia* ou *bate-bate*, procura-se um bom pesqueiro, onde se larga a ponta da rede com uma bóia. A rede vai sendo largada até que as duas pontas da rede se juntem, formando um círculo. A canoa é posicionada no centro do círculo, onde os pescadores começam a bater na superfície da água com o remo ou com uma pedra enleada com um pedaço de rede e presa por uma corda, para que possa ser puxada. Com o barulho, os peixes que estão dentro do círculo ou mesmo em sua volta se desesperam e acabam fugindo em direção à rede e se emalhando. En-

tão, a rede com os peixes é recolhida⁶¹. Esta arte de pesca também encontra-se suspensa por lei.

O *cerco flutuante* é uma arte que surgiu em Ubatuba, trazida pelos japoneses, na década de 1940. Essa arte foi difundida através do tempo e ainda hoje é utilizada nas praias ao norte de Ubatuba, como Picinguaba e Camburi, no período de mar mais calmo, compreendido entre outubro e abril. As canoas são utilizadas para as visitas ao cerco, que se dá de duas a três vezes ao dia. Segundo os pescadores, barcos a motor não são bons para esse tipo de pesca. O cerco possui duas partes: a casa (ou parede ou rodo) e a espia (ou caminho). A casa é o reservatório, que fica assentado ao fundo por meio de poitas, sendo visto na superfície por uma elipse de gomos de bambu. O caminho é por onde entram os peixes e uma de suas extremidades é fixa ao costão rochoso. Assim, os peixes que batem no costão batem na espia e contornam o caminho dirigindo-se ao rodo. As paredes do cerco não permitem a sua saída.

Eu cheguei a trabalhar no cerco e agora estamos montando um outro, eu com meu genro e um rapaz da outra praia. Já estamos fazendo a rede, na mão, é mais barato. O cerco parou aqui, porque a pescaria de cerco é complicada. Você tem que ter no mínimo quatro, cinco homens pra trabalhar direto com você. E o pessoal prefere uma pesca mais fácil, um trabalho mais maneiro. E agora estamos querendo retomar e pretendemos colocar na costa. É meio arriscado quando o mar vira, mas fazer o quê? O cerco é mais no verão; no inverno não se usa cerco, o mar é muito bravo, você perde muita rede. No verão

dá mais peixe, lá pro mês de outubro em diante. (Seu Dico – Almada)

Eu trabalhei por 25 anos dia e noite. Eu tinha cerco e trabalhava de dia com uma turma e de noite com outra, para arrumar dinheiro. Eu formei dois filhos em São Paulo, tudo com a pesca, paguei faculdade, arrumei apartamento em São Paulo, tudo muito caro, mas consegui, com a pesca de canoa no cerco. (Eduardo Graça)

O *cerco da tainha* merece uma maior descrição aqui, por ser tradicional, por envolver toda a comunidade e por ser frequentemente praticada em Ubatuba. Essa arte de pesca é relatada com detalhes por Muscolini (1945) e Schmidt (1947). Aqui são apresentados trechos desses manuscritos, que relatam como o cerco da tainha é realizado, ainda hoje, pelas comunidades de pescadores do litoral norte paulista. Nos relatos fica claro que esse tipo de pesca era um grande evento para os pescadores, pois contava com a participação



Arquivo de Edson Silva

O cerco da tainha (1946). Da esquerda para a direita, os três pescadores atentos ao sinal do espia são: Manuel Hilário, Liberato e Zé Capão

de várias castas deles, sendo o momento da puxada e da partilha uma grande festa da qual homens, mulheres e crianças participavam.

O que anima muito a gente é a pesca da tainha. É uma pesca muito animada, muito alegre, todo mundo se anima. A ova é uma coisa maravilhosa! Quando chega a época da tainha todo mundo fica atento. Tá um frio queimando, mas a turma está aí caindo na água, indo pra lá e pra cá. É muito animado. Na hora que cercava, que chegava na praia, o pessoal ficava contente pra caramba. Fazia assada, cozida, frita. (Seu Otávio)

O cerco da tainha é realizado entre maio e agosto, época em que essa espécie (*Mugil platanus*), que migra do Rio Grande do Sul para se reproduzir na costa sudeste, atinge altas densidades na região. No passado, a grande fartura de peixe nos lanços era comum. Para o recolhimento dos peixes eram necessárias muitas braças de rede e muita gente para puxar também.

O maior que eu participei foi na Praia da Ribeira, um lanço com doze mil tainhas. Foi na rede de um senhor chamado João Mesquita, uma rede do João Vitério, da Enseada, e uma rede do Zaia, do Perequê-Mirim, uma família de japoneses. Tivemos que juntar essa rede toda, porque senão não dava, tivemos que fazer 1200 braças de rede. Olha, nós cercamos era umas quatro horas da tarde, saiu essa redada só às quatro da manhã, de madrugada! Uma noite inteira puxando essa rede, mas tinha muita gente. (Seu Peres)⁶²

E esse momento era compartilhado inclusive com os moradores de outras praias, os quais vinham colaborar com suas redes. Para isso, havia um sinal pre-

viamente combinado.

Tainha! No tempo da tainha, o povo ficava que nem vagabundo na beira da praia esperando o cardume chegar. Quando chegava, todo mundo ia pra pegar a canoa. Sabe o que é preparo para pegar tainha? Todas as canoas tinha uma rede da popa a proa, com uns paus assim, um metro e meio, com rede e tudo, ficava na borda da rede. E sabe qual era o aviso? Quem tinha rede melhor de tudo aqui era o Custódio, que é pai do Jorge e do Peres do Lázaro. Rede boa pra cercá tainha. E quando a rede daqui tava boa, tava arrumada, eles faziam um fogo, com aquela fumaceira, aí a turma daqui já sabia que a tainha tava no cerco. Aí pegava a canoa e corria pra lá. E quando a rede aqui não prestava, fazia uma fumaceira aí o pessoal de lá vinha. A fumaça era o aviso que tinha tainha. (Seu Adão)

O cerco é um tipo de pesca bem organizada, na qual cada um dos pescadores envolvidos cumpre um papel específico:

O *espia* é uma espécie de superior. Sua responsabilidade é grande. É preciso ter instinto, acuidade e visão. Ele é o responsável por constatar a presença do cardume e dar o alarme, que pode ser o abanar do chapéu ou o soar de um búzio (chifre ou concha de um caramujo) para que a pescaria se inicie.

*Dia após dia, noite após noite, quase sem interromper a vigília, sobre uma das pedras altas da costeira, ou nas proximidades do jundu, onde, de uma posição mais elevada, alcança um horizonte mais distante ou melhor ângulo de visão sobre o lençol líquido da baía, o espia aguarda o aparecimento do cardume.*⁶³

62 Entrevista dada a Ney Martins em 1996. Documento cedido pela Fundart - Ubatuba

63 Carlos Borges Schimidt. "Alguns aspectos da pesca no litoral paulista". In: Revista do Museu Paulista, nova série, vol. I, 1947.

Eles se posicionavam no mar e os de terra aguardavam o sinal que ele dava com o chapéu, avisando que o cardume estava no ponto de cercar. Os espias que se destacavam eram: Candinho Manduca no Pequê-Açú, Constantino Duarte no Itaguá, Constantino Eugenio nas Toninhas, João Vitório na Enseada. (Edson Silva)⁶⁴

Os camaradas põem e tiram a rede, estendem a rede para secar e recolhem a mesma. Para cada 100 braças de rede são necessários quatro ou cinco camaradas.

Os grandes pescadores que possuíam redes para esse tipo de pesca eram: Antonio Athanásio da Silva, Alfredo Vieira, Didito e Neném da Luz na Praia da Cidade, Brazinho no Itaguá, João Glorioso no Saco da Ribeira e João Vitório na Enseada. (Edson Silva)⁶⁵

Os *aparadores* se apresentam sozinhos em suas canoas. Entre dois paus presos nas extremidades de uma das bordas da canoa, estendem um pedaço de rede. Os peixes, ao pularem em fuga das redes flutuantes, vão de encontro às malhas do tecido e são projetados ao seu bojo.

Os *ajudantes* são expectadores que prestam auxílio momentâneo, casual, da tirada da rede e dos pequenos trabalhos da ocasião.

Os camaradas e aparadores ficam aguardando na praia e, ao sinal do espia, as canoas ganham mar.

⁶⁴ Depoimento contido em Seckendorff & Azevedo (2007)

⁶⁵ Depoimento contido em Roberto W. V. Seckendorff & Venancio G. Azevedo. "Abordagem histórica da pesca da tainha *Mugil platanus* e do parati *Mugil curema* (Perciformes: Mugilidae) no litoral norte do Estado de São Paulo". In: Sér. Relat. Téc. nº 28. Secretaria de Agricultura e Abastecimento, Agência Paulista de Tecnologia dos Agronegócios, Instituto de Pesca, 2007.



Maria Angélica Oliveira Gonçalves

Edson Silva: recordações da história de Ubatuba

*Afinal, depois de prolongada e descorçoante espera, o cardume dá sinal de colocar-se em posição favorável. Alcança-se uma das fases importantes. É hora de tocar a reunir. Soa o búzio e, no seu soar macio e surdo, suave e oco, leva atrás a planura interna e as encostas circunvizinhas, o chamado alvissareiro é esperado aos camaradas de todos os dias e aos ajudantes das horas eventuais.*⁶⁶

As canoas então se reúnem e os homens emendam as redes. O espia aguarda e, quando em posição favorável em relação ao cardume, ordena o lance, dando-se início ao cerco dos peixes. As canoas se dividem em dois grupos de igual número e começam a se afastar, remando, um grupo para cada lado. Se afastam até que atinjam o comprimento das duas redes recolhidas em cada uma das duas canoas posicionadas mais internamente. Nas canoas, dois ou três homens remam aceleradamente, enquanto outros dois jogam a rede ao mar. As canoas de cada grupo vão se separando e, assim que acabam de jogar suas redes, dirigem-se para terra. O espia ainda revista toda a rede, desenroscando-a se necessário.

⁶⁶ Carlos Borges Schmidt. "Alguns aspectos da pesca no litoral paulista". In: Revista do Museu Paulista, nova série, vol. I, 1947.

Feito o cerco, a rede formará um semicírculo no mar. Chegadas as redes em terra, iniciam a puxada os camaradas, os ajudantes e todos quantos quiserem.

*Pouco a pouco, passo a passo, de fasto, os pés assinalando fundo na areia, cadenciada mas não ininterruptamente, vai o pessoal dando andamento ao enervante e demorado afã.*⁶⁷

Uma ou duas horas depois de dado o lance, sai o cerco em terra. Passa-se então à repartição. Do peixe todo amontoado, tira-se o terço, que cabe ao dono da rede (em caso de mais de um proprietário, a divisão, entre eles, é feita proporcionalmente às braças de rede de cada um). Os dois terços restantes, pertencem aos camaradas (um quinhão⁶⁸), ajudantes (meio quinhão) e espia (dois quinhões). A repartição é mecânica, sem cálculos matemáticos. O santo da devoção dos moradores do bairro tem sua parte garantida. De cada cem tainhas, a mais bonita (“tara”) pertence a ele.

Em cada cem tainhas era separada a mais bonita e maior, que era vendida por um preço melhor e com o dinheiro faziam uma festa, em cada praia, ao fim de cada temporada de pesca. (Edson Silva)⁶⁹

Por fim, as redes são colocadas para secar e as mulheres se colocam no trabalho de limpeza dos peixes.



Acervo de Edson Silva

“Tara” (1948),
a tainha do santo

Outros usos atuais

Além da pesca, as canoas são utilizadas hoje em dia no transporte praia-barco, transporte de pessoas, materiais e produtos entre praias, travessia de rios e visita às fazendas de mexilhão.

A importância da canoa, pra mim, é pra largar rede, pra ir pro barco... Deixo o barco lá, vou nela, deixo ancorada depois vou arrastá, depois pego novamente venho para a terra. A canoa tem muita serventia pra gente. (Seu Luis)

⁶⁷ Carlos Borges Schimidt. “Alguns aspectos da pesca no litoral paulista”. In: Revista do Museu Paulista, nova série, vol. I, 1947..

⁶⁸ Quinhão é uma quantidade variável de peixes, resultante da divisão do “monte” conseguido por seis (são seis componentes da tripulação) depois que se tirou o terço do tresmalho. Se, por exemplo, pescaram 39 tainhas, o terço será de 13 e as 26 restantes são divididas por seis. O quociente é o quinhão (nesse caso, 4). - (Mussolini, 1945).

⁶⁹ Depoimento contido em Roberto W. V. Seckendorff & Ve-

nancio G. Azevedo. “Abordagem histórica da pesca da tainha Mugil platanus e do parati Mugil curema (Perciformes: Mugilidae) no litoral norte do Estado de São Paulo”. In: Sér. Relat. Téc. nº 28. Secretaria de Agricultura e Abastecimento, Agência Paulista de Tecnologia dos Agronegócios, Instituto de Pesca, 2007.



*O concerto da rede (1950, na Praia da Enseada).
Depois do trabalho no mar, o trabalho
continua em terra*

A canoa é importante porque a gente precisa dela pra í até o outro lado [PRAINHA DO PERES até LAGOINHA]. Também usa para poder buscar algumas coisas, fazer compra, buscar comida, gás, material. Canoa, meu, é uma mão na roda, porque é uma coisa que você usa o remo e vai, não precisa de gasolina, motor, nada! (Daniel)

Eu chego na praia, eu quero sair, eu quero ir pescar, eu quero ir buscar marisco no cultivo, é a canoa. É tudo, é a canoa! Eu quero ir num barco, é a canoa. Tem bote lá que eu posso emprestar, mas não tem nem condição de usá um bote. É o costume, né? (Nélio)

A importância da canoa para o pescador

Quando perguntados sobre a importância das canoas em suas vidas, os canoeiros de Ubatuba sempre mencionam ser essas embarcações muito importantes, essenciais para o estilo de vida caiçara e uma tradição que deve ser mantida, considerando-se a história, os usos dados a elas e as lembranças que muitos carregam de suas infâncias junto aos seus pais, avós e outros familiares e amigos.

Um ponto comumente mencionado é a praticidade

de uso das canoas, que faz com que esses pescadores não pensem em utilizar outras embarcações.

A canoa, pra mim, é porque serve pra botá uma rede... Serve pra pescá um peixe de linha. E serve também pra um filho, um neto, levá como balsa, descarregar um peixe, né. Eu acho que pra mim, já nessa idade que eu tô, a canoa é mais vantagem, porque é mais leve. Ocê tira ela, puxa. (Seu Pu)

Também há os que consideram a canoa importante para o pescador, devido à maior segurança que oferecem em relação às outras embarcações.

Canoa para caiçara é tudo! Como uma canoa não tem igual. Se você capotá com a lancha você afunda e com a canoa não. Se ela virá, você fica em cima dela e você sobrevive. (Mizael – Picinguaba)

A questão da saúde e dos benefícios em se praticar um esporte associado a uma alimentação saudável são outros pontos positivos que apontam o merecimento dado pelos pescadores às suas canoas.

Eu tenho tudo pra ter uma saúde quase perfeita né! Comer frutos do mar, de primeira qualidade, fresquinho, que você mesmo pega, você sabe que não tem nada ali alterando a qualidade, nem gelo leva, já vai pra panela. E a natureza, né. Cê sair pra pescar, praticar um esporte. A canoa a remo é quase que a mesma coisa que a natação, né, cê tá mexendo com todos os membros do corpo. Faz bem pra saúde. (Nélio)



Paulo Zumbi

Muitos canoeiros mostram possuir um forte sentimento por suas canoas, pois nelas está contida toda uma história de luta em busca do alimento e do sustento para suas famílias.

Canoa, para o caiçara, representa o carro pra pessoa da cidade. Pra nós é uma atividade, é um meio de pesca, você adquire para o seu sustento, pra família, e às vezes vai vender quando sobra. Ela tem muita utilidade, é muito útil pra nós. O caiçara que não tem canoa não é caiçara legítimo. (Seu Dico - Almada)

As canoas também são vistas pelos caiçaras como o utensílio de pesca mais importante de sua cultura, tornando possível até hoje que a cultura antiga da pesca seja preservada, pois até um passado próximo, que ainda permanece na lembrança dos pescadores mais

Daniel: a canoa para ele é “uma mão na roda”

antigos, toda a pesca em Ubatuba era realizada de forma artesanal e com canoas.

A canoa faz parte da cultura caiçara. Porque eu acho que não existia, não sei se existia, mas era poucos dos caiçaras antigos que não tinha uma canoa, um rancho na beira da praia... Quando vinha da pesca, deixava sua canoinha lá, guardava as trainha lá também. Ninguém mexia em nada, graças a Deus. (Seu Alcides)

Para muitos, as canoas são verdadeiras preciosidades e seus proprietários pretendem guardá-las para a vida toda, como uma forma de manter viva essa tradição.

Além de resgatar a cultura que já vem dos meus pais, é o que eu gosto de fazer, adoro canoa e enquanto eu puder ter canoa eu vou ter. (Linguado)

Os bens meus são as canoas. Eu não vendo... E quando eu vendê é por causa de necessidade, que a gente tá precisando de alguma coisa pra se desfazê. Então, as canoas são a última coisa que a gente vai se desfazê. (Seu Dedeco)

Para outros, a canoa passou a ser uma grande companheira, amiga para os momentos tristes e felizes.

Ah, eu gosto de pegar ela e sair remando por aí, pra viajar... Cê tá meio chateado aí, cê sai, vai embora e esquece tudo, né. Daí cê olha assim, tá lá fora. Cê fala: “Puxa! Tem que voltá agora” [risos]. Ah, minha vida com a canoa é lado a lado, né. Que eu geralmente só saio pra pescá com ela. (Lucas)



Maria Angélica Oliveira Gonçalves

Meca Assumpção: se ressentia ao ver um caiçara vendendo sua canoa



Arquivo pessoal de Marcos Geraldo Costa

70

Linguado: quer preservar a cultura que já vem de seus antepassados

E mesmo para aqueles proprietários que não sobrevivem da pesca com as canoas, mas a realizam como um hobby, essas embarcações representam um marco da história e da cultura caiçara que, segundo eles, merece ser preservada.

Preservação, história, acho que as canoas tem um lado, assim, romântico e interessantíssimo... Eu adoro canoa! Desde criança eu vejo estas canoas andando pelo mar e quando eu vejo os caiçaras querendo vender canoa eu acho uma judiação, porque de repente acabam abandonando e elas se perdem. Então, é mais por um amor às canoas e com inten-



Maria Angélica Oliveira Gonçalves

Roberto: interesse por tudo que diga respeito a Ubatuba

ção de preservar. Na verdade, eu não uso as canoas, mas eu empresto as canoas. Quando tem competição, minhas canoas vão todas para as competições. Os caiçaras remam com elas. Esta canoinha pequena é campeã, ela ganha tudo quanto é campeonato. (Meca Assumpção)

Eu sou de Ubatuba. Nasci aqui. Gosto muito daqui. Me interessa por tudo que tem a ver com a história da região. Sem contar que, esteticamente, a canoa é muito bonita. (Roberto)



Com quantos paus se faz uma canoa? A arte de transformar um tronco em canoa

A arte da construção de canoas não vem de hoje. Os pré-históricos homens que habitaram nosso planeta há muitos milênios já as fabricavam de forma rústica. O feito foi se aperfeiçoando com o passar do tempo e sua cultura se fortalecendo. Hoje em dia a cultura do feito de canoas permanece forte no litoral norte paulista e os artesãos que dominam essa arte em Ubatuba não têm motivos para esconder segredos sobre a atividade. Pelo contrário, querem ver a cultura da construção de canoas difundida e levada adiante pelos jovens. Para isso, pretendem ensinar o ofício àqueles que se interessem, pois eles sabem que não estarão aqui para sempre. No entanto, essa arte não é algo que se aprenda em uma apostila de “como fazer”. A arte é saber calcular “no olho”, como eles mesmos dizem. Saber olhar para um tronco, uma árvore no meio da mata, e dizer exatamente, sem erro algum, qual será o tamanho da boca e o comprimento da canoa, ou qual lado da tora servirá à boca e qual servirá ao fundo. E isso somente a experiência, a vivência na mata e o uso do machado e da enxó podem ensinar.

A origem do feito de canoas

O feito de canoas teve início há muitos milênios. No início, eram feitas de forma muito rudimentar, porém as técnicas de feito foram se aprimorando com o passar do tempo.

Depois de cavalgar troncos flutuantes e de juntá-los formando jangadas para descer ou atravessar os rios, os primeiros homens resolveram escavá-lo, com o auxílio de fogo e de suas ferramentas de sílex⁷⁰. Surgiam, há 10.000 anos, as primeiras canoas. Elas eram ágeis, viajavam com facilidade, contra ou a favor da corrente, e tinham vantagem sobre a jangada, de acomodar bem a carga, sem molhá-la. Daí pra cá, poucas coisas se modificaram. Do sílex passou-se para o ferro e deste para o aço. Um ou outro melhoramento foi introduzido na linha da proa ou da popa. Da vara veio o remo e surgiu, para alguns casos, a vela.⁷¹

Os índios, primeiros habitantes do Brasil, já construíam canoas feitas de casca de árvores, como o jatobá.

As canoas que eles [índios tupinambás] usavam não eram canoas assim. Eram canoas feitas de casca de árvore, que não sei se existe mais, não sei que árvore que era, mas era uma casca muito grossa e muito comprida. Eles tiravam aquela casca, aquela parte dura da canoa. Eles faziam a canoa com a casca e inclusive conse-

⁷⁰ Tipo de rocha muito densa e resistente

⁷¹ Marcos Caetano Ribas & Rachel Joffily Ribas. O modo de fazer: estudo sobre alguns processos de confecção artesanal na cidade de Paraty. São Paulo: Nupaub - CEC/USP, 1984.

guiam moldar a frente. Eram muito compridas e bem fininhas, muito rápidas, deviam ser leves. E eles navegavam... Cabiam 17 índios naquela canoa. Imagina, uma canoa de casca de árvore com 17 índios? Eles iam aqui para Santos. Mas eles não iam em 10 canoas... Iam em 50 canoas para atacar lá. Levavam três dias pra chegar lá. Iam mais ou menos nesta época do ano, junho, julho. Tinha tainha. Eles juntavam muita tainha... Faziam farinha de tainha, secavam, socavam e faziam a farinha. Com aquele monte de farinha eles tinham alimento para viagem, pra dois ou três dias. (Roberto)

Em um estudo realizado pelo pesquisador Pedro Lima⁷², há quase 60 anos, o processo de feitiço desse tipo de canoa no Xingu, na região amazônica, é descrito. Inicialmente, os índios abrem um sulco na casca da árvore, ao redor do diâmetro do tronco, a cerca de 3 palmos do solo. Essa região dará origem à popa da canoa. A casca da árvore é cortada com machado, simultaneamente, por dois índios colocados em lados opostos do tronco e amparados por andaimes, construídos pelos próprios índios. Para o desprendimento da casca, introduzem cunhas de madeira (pequenas lascas de taquara) entre a casca e o tronco. Despregada a casca da árvore, procura-se a melhor direção para que ela caia. Um índio sustenta, do alto da árvore, a queda da casca com um cipó e outros impedem que ela caia bruscamente com o uso de forquilhas. Uma vez no chão, as bordas, a proa e a popa são corrigidas. A canoa é então colocada em um estaleiro, feito por varas que são fincadas de ambos os lados, rentes às bordas da canoa. Após isso procede-

se a queima, que tem por finalidade secar a casca e amolecer a popa e a proa, que serão levantadas. Para isso, o fogo é ateado dentro da canoa, iniciando-se na popa e sendo conduzido para a proa. É preciso que a canoa permaneça no estaleiro até que esfrie. As proporções dessas embarcações eram, em média, de cerca de 7 m de comprimento por 0,7 m de boca e 0,3 m de profundidade.

*Os índios têm muito zelo e cuidado com suas canoas. Nos Waurá, por exemplo, tôdas as vêzes que êles acabavam de utilizar uma canoa, colocavam-na num estaleiro ou fôrma construída em água rasa e na sombra, para que não se deformasse. Se a canoa vai passar muito tempo sem ser utilizada, é alagada e submersa, pois o jatobá dentro d'água conserva-se perfeitamente.*⁷³

A cultura caiçara e o feitiço de canoas

A cultura caiçara teve origem a partir dos índios que, juntamente aos negros e portugueses, constituíram a miscigenação desse povo (ver capítulo 2). A “cultura” pode ser entendida como a tradição herdada dos antepassados e que se mantém viva até os dias atuais, sendo considerada como o conjunto de comportamentos, saberes e saber-fazer característicos de um grupo humano ou de uma sociedade⁷⁴. Portanto, a principal característica da cultura é a existência de uma tradição viva, ou seja, o conjunto de escolhas que seleciona ou exclui formas de realizar tarefas e de classificar o mundo, e que é passado de geração

72 Pedro Lima. “A canoa de casca de jatobá entre os índios do Xingu”. In: Revista do Museu Paulista, nova série, vol. IV, 1950.

73 Pedro Lima. “A canoa de casca de jatobá entre os índios do Xingu”. In: Revista do Museu Paulista, nova série, vol. IV, 1950.

74 François Laplantine. Aprender antropologia. São Paulo: Brasiliense, 1994.

para geração⁷⁵. Essas escolhas tornam uma comunidade única em relação às outras, é o que lhe confere identidade. Então, pode-se entender que a construção de canoas está mais ligada à cultura caiçara que às reais necessidades de seu uso. Hoje em dia, os barcos de alumínio possuem preços acessíveis e são financiados pelas lojas que os comercializam. No entanto, a cultura de se encomendar uma canoa a um construtor ou de se adquirir canoas prontas, sempre com a preocupação de manter as já existentes, ainda é muito viva. Isso nos leva a concluir que o feitio de canoas carrega um significado simbólico, tornando-as emblemas de identidade dos povos caiçaras⁷⁶.

*A canoa é um elemento material da cultura que carrega em si a essência da identidade caiçara, povo que transita entre a mata — agricultor e coletor — e o mar — pescador. A identidade caiçara é marcada por duas naturezas distintas: a natureza da terra, da mata, e a natureza da água, do mar. É através da canoa que essas suas naturezas se relacionam, tocam, mesclam e permitem a expressão do ser caiçara.*⁷⁷

Os construtores de canoas de Ubatuba

Decidiu-se por utilizar aqui o termo “construtores de canoas” ao invés de “mestres-canoeiros”, como normalmente são tratados os artistas conhecedores do ofício do feitio de canoas de um só pau. Isto se deu pelo fato de que o segundo termo sugestiona a existência de um certo *status* que confere ao “mes-

tre-canoeiro” um maior respeito em relação àquele que sabe construir a embarcação com capricho, mas ainda não possui o *status* de mestre⁷⁸.

Percebeu-se que no município de Ubatuba não está totalmente claro quem são os construtores merecedores do título de “mestre”, apesar de muitos construírem canoas com total maestria, visto a qualidade e beleza das canoas existentes no local. Assim, não nos cabe intitular quem é ou não mestre e, portanto, trataremos todos aqui como “construtores de canoas”.

Além disso, há certa controvérsia em relação ao termo “mestre-canoeiro”, o qual muitos consideram se tratar daqueles mestres que conduziam as canoas de voga pelas longas jornadas até Santos, realizadas no passado, sendo portanto mestres de navegação de canoas.

O projeto identificou, através de conversas com os pescadores mais tradicionais do município, quem são os construtores de canoas ainda vivos, alguns ainda atuantes e outros já não mais. Na região do Camburi existem Maximiliano, Zico, André, Seu Euclides, Seu Inglês, Seu Donato, Zé Cobra, Isaque, Seu Salustiano e seu filho Luciano. Na Picinguaba, Seu Filhinho foi o único construtor identificado. No Estaleiro, há o Seu Bertulino; e no Sertão do Ubatumirim, o Seu Agrício e seu filho Baéco, além dos outros filhos (Nerinho, Vanildo, Agricinho e Bidico) e do ajudante Manequinho e também Seu Jorge e Ricardo Nunes Pereira. No Sertão do Cambucá, Francisco e Inacinho; na Puruba, Seu Dico e no Prumirim, Dito Puruba, Caju e José Moisés (Zeca); na Vermelha do Norte, Mané Geraldo, Manoel Moisés e Norinho; no Perequê-Açú, Dionísio,

75 Roberto da Matta. *Relativizando: Uma introdução à antropologia social*. Petrópolis: Vozes, 1981.

76 Conforme observado por Berta Ribeiro (1995)

77 Wanda Maldonado. *Da mata para o mar: A construção da canoa caiçara em Ilhabela, SP. Dissertação (Mestrado)*. PROCAM - USP, 2001.

78 Wanda Maldonado. *Da mata para o mar: A construção da canoa caiçara em Ilhabela, SP. Dissertação (Mestrado)*. PROCAM - USP, 2001.

Seu Leopoldo, Daniel e Toninho; no Bairro do Sumidouro (atual Vila Ubatuba), Seu Domingos. Seu Gil do do Centro, João Roque (Major) da Estufa II, David Alexandrino do Itaguá, Renato e Ditão do Perequê-Mirim, Tonico da Praia da Fortaleza, Reinaldo do Sertão do Araribá, José Isaías do Sertão da Quina, João de Araújo da Praia da Raposa e Benedito Antunes do Saco das Bananas completam essa lista.

Dentre os construtores já falecidos, destacamos aqui os nomes de: Albino Alexandrino dos Santos, Anastácio Crispim dos Santos, Antônio, Antônio Julião, Antônio Pedro, Benedito Cunha, Benedito Balbino, Benedito de Araújo, Benedito Santos, Bernardino Barreto, Candê, Capitulino, Conceição Nunes, Dito Francisco, Estrelino, Fabiano, Francelino Custódio dos Santos, Francisco, Francisco Cabral, Girinaldo Quintino dos Santos, Guilherme, Januário Antunes, Jeovino, João Balbino, João Leléu, João Teixeira Leite, José Florindo, Luis Antunes de Sá, Manoel Barbosa, Manoel Joaquim, Manoel Ricardo, Manoel Ramos (Careca), Mariano, Oliveira Quintino dos Santos, Roque Nunes, Tiago Inácio, Tião Damásio, Tibiê, Tomás Hilário, Velho Barroso e Zé Firmino.

Todos esses homens contribuíram ou ainda vêm contribuindo para que as praias do município de Ubatuba fiquem ainda mais belas com a presença das coloridas canoas feitas por suas mãos.

O feitio das canoas nos dias atuais

É notável, ainda nos dias atuais, que a maioria dos proprietários de canoas de Ubatuba deem muito valor a elas e pretendam conservá-las enquanto puderem. As encomendas por novas canoas ainda acontecem no município e os construtores continuam realizando seu ofício no mato, respeitando, é claro, a legislação ao

corte de árvores. Isso prova que a cultura do feitio e do uso das canoas em Ubatuba ainda é muito valorizada pelas comunidades tradicionais caiçaras, bem como pelos muitos admiradores dessas belas embarcações milenares.

Abaixo, são descritos os passos do feitio de canoas desde a escolha da árvore até o seu acabamento, segundo os depoimentos de seus construtores.

A escolha da madeira

As madeiras mais utilizadas para o feitio de canoas são o cedro (rosa), a timbuíba (jissara), o guapuruvu (vermelho, amarelo, branco), o ingá (de flexa, amarelo, ferro, cajarana), a urucurana, o angelim, a figueira (branca), o louro, o caobi ou canafistula, a canela (amarela, de prego, de cebo, preto), o jequitibá (rosa), o jatobá (vermelho), o anjico, o guacá, a cubirana, o goiti, o vinhático, o tarumã, o cedrinho, a carquera-da-crespa, a bicuíba, a jacataúba, o embiruçu (vermelho)⁷⁹.

O ideal da madeira para o feitio das canoas é que ofereça, ao mesmo tempo, leveza e durabilidade. No entanto, a madeira leve tem boa fluatuabilidade, mas pouca durabilidade e o contrário acontece com a madeira pesada. Portanto, a arte está em encontrar madeiras que tenham leveza e durabilidade em ponto de equilíbrio⁸⁰. Nesse quesito, as preferidas são o cedro, a timbuíba e o ingá amarelo.

A melhor é o cedro. É o primeiro, mas é difícil achá. É boa pra fazê e pra cortá, mas depende do lugar que

⁷⁹ Possíveis nomes específicos e das famílias (entre parênteses) das árvores mais utilizadas no feitio de canoas em Ubatuba: cedro: *Cedrella fissilis* (Meliaceae), timbuíba: *Enterolobium contortisiliquum* (Fabaceae), guapuruvu: *Schizolobium parahyba* (Caesalpinaceae), ingá: *Inga* sp.

crece. Se for lugar de pedra, aí é difícil. Ela dura pro resto da vida se a pessoa for cuidadosa. Segundo lugar é a timbuíba e depois ingá, mas têm muitas qualidades de Ingá, o melhor é o amarelo. (Seu Agrício)

O guapuruvu é a madeira mais utilizada para o feito de canoas, devido à sua leveza e facilidade de feito, mas a durabilidade pode ser curta, caso não se tome os devidos cuidados para sua manutenção.

O guapuruvu dá canoa boa, mas se não tiver um rancho pra pôr ela, se deixar no tempo, rapidinho estraga. Vai arrebentando, vai pegando água, pegando água e estraga. (Seu Domingos – Sumidouro)

Em um estudo realizado com os construtores de canoas de Ilhabela, Wanda Maldonado⁸¹ apurou algumas preferências por determinadas madeiras:

Bicuíba: boa para remos.

Canela: boa para bordaduras.

Cedro: é a mais durável, melhor para trabalhar.

Coabi ou caobi: pesada para canoa.

Figueira: fracas e duram pouco.

Guapuruvu: macia para trabalhar, leve, mas pouco durável.

Jequitibá: depois do cedro é a melhor pra canoa.

Ingá: depois do cedro e do jequitibá é a melhor.

Jacataúba: boa para bordadura.

O remo também exige uma madeira de qualidade especial, que não lasque facilmente.

(Mimosaceae), urucurana: *Hieronyma alchorneodes* (Alphorbiaceae), angelim: *Andira anthelmintica* (Leguminosae), figueira: *Ficus garanitica* (Moraceae), louro: *Laurus nobilis* (Lauraceae), caobi ou canafístula: *Peltophorum dubium* (Caesalpiniaceae), canela: *Nectandra* sp. (Lauraceae), jequitibá (rosa): *Cariniana legalis* (Lecythydaceae), jatobá (vermelho): *Hymenaea courbaril* (Fabaceae), anjico: *Anadenanthera* sp. (Fabaceae), guacá: *Pouteria venosa* (Sapotaceae), cubirana: ? (?), goiti: ? (?), vinhático: *Plathy-*

Debora Olivato



AGRÍCIO Neri Barbosa é morador do Sertão do Ubatumirim, local onde nasceu. É o mais antigo e carismático construtor de canoas ainda vivo de Ubatuba. Hoje, com 86 anos, já não faz mais canoas, mas já fez muitas, tantas que nem se lembra mais quantas foram. Foi seu cunhado, Zeferino, que lhe ensinou tudo sobre o feito das canoas. Segundo o Seu Agrício: “Tem que ter golpe de vista pra tirar a canoa”. Seus cinco filhos homens (Baéco, Vanildo, Agricinho, Bidico e Nerinho) aprenderam o ofício com o pai e trabalham na marcenaria da família. Quanto ao fato do Seu Agrício não ser pescador, ele explica: “Pescá? Não! Tenho medo de mar, que me pelo!”

menia reticulata (Lauraceae), tarumã: *Vitex megapotamica* (Lauraceae), cedrinho: *Erisma uncinatum* (Vochysiaceae), carquera-da-crespa: ? (?), bicuíba: *Virola bicuhyba* (Myristicaceae), jacataúba: *Cytharexylum myrianthum* (Verbena-ceae), embiruçu: *Eriotheca candolleana* (Bombacaceae).

⁸⁰ Marcos Caetano Ribas & Rachel Joffily Ribas. O modo de fazer: estudo sobre alguns processos de confecção artesanal na cidade de Paraty. São Paulo: Nupaub – CEC/USP, 1984.

⁸¹ Wanda Maldonado. Op. cit.



Debora Olivato

DOMINGOS Simão Peres, 51 anos, morador do bairro Sumidouro (atual Vila Ubatuba), é pescador e construtor de canoa. Sobre seu ofício, ele afirma: “Fiz umas oito canoas. Aprendi sozinho, olhando uma canoa que comprei”. Tem facilidade para mexer com madeira, já trabalhou na roça e com machado durante um bom tempo. Hoje trabalha na Superintendência de Controle de Endemias (SUCEN).

Para o remo, a melhor madeira é o guacá. Tem o cano de pito, mas lasca muito. Já perdi um cano de pito inteirinho, que dava quatro remos. (Maximiliano)

Dependendo do uso e do local onde a canoa será utilizada, muitas vezes se faz necessário que a canoa tenha sua altura aumentada. Nesses casos são colocadas as chamadas sobreproa (ou proa), sobrepopa (ou popa) e bordadura (ou borda falsa). Para isso, são utilizadas as “ganchadas” (forquilhas) de outra árvo-



Debora Olivato

MAXIMILIANO Firmino Soares tem 50 anos; nasceu e vive no bairro do Camburi, em Ubatuba. Maximiliano diz já ter fabricado cerca de 15 canoas de tamanhos variados, de dois a quatro palmos de boca. Sobre o ofício de construtor de canoas, diz preferir trabalhar devagar, mas com bastante capricho, para não correr o risco de furar a madeira. Ele também revela: “Eu gosto de trabalhar nisso aqui. Tivesse um meio de viver disso, eu vivia”.

re ou até mesmo de outra madeira⁸². Em alguns casos, pedaços de madeira do próprio tronco que deu origem à canoa são aproveitados, desde que a madeira seja suficientemente resistente.

Na maioria, eu já faço no próprio tronco. Às vezes, eu tiro da raiz, tiro da cêpa dela, tiro do arraso da boca. Agora, às vezes, vem canoa pra eu consertá aqui, aí eu

BAÉCO (Manoel Néri Barbosa), filho do Seu Agrício, é famoso em Ubatuba por ter feito grande parte das canoas que existem na cidade. Nasceu em Ubatuba, em 1960, no Sertão do Ubatumirim, onde vive até hoje. Baéco diz já ter feito pelo menos 400 canoas e é um profundo conhecedor dessa arte. Além das embarcações, faz também outros objetos de madeira, como móveis, mas demonstra uma certa preferência pelas canoas: “Não sei se é por causa da tradição, que já que vem de família, mas eu gosto mesmo é de fazê canoa!”. O aprendizado começou na infância, quando ia pra mata com o pai: “Quando eu era criança, meu pai já tirava corte de canoa no mato”. Mais tarde, começou a entalhar a madeira, arte que já dominava, pois fazia pequenas canoas usando as ferramentas de trabalho do pai e do irmão. E, por fim, o Baéco começou a fazer o acabamento também. Seu Antonio, um mestre já falecido da Ilhabela, também teve uma grande importância para Baéco aperfeiçoar sua técnica e capricho no feitiço das canoas: “Eu peguei um pouco do modelo dele também”. Baéco comanda uma equipe de profissionais em sua marcenaria. Lá trabalham junto com ele seus quatro irmãos: Nerinho, Vanildo, Agricinho e Bidico, além do amigo Manequinho. Essa equipe é responsável pelo feitiço de grande parte das canoas existentes em Ubatuba. Atualmente Baéco vive em Angola, na África, onde foi trabalhar com madeira.

sô obrigado a pegá do mato, só que tem que sê madeira de mata virgem. Só se for o cedro, ou timbuíba, pra fazê pedaço. Louro não dá proa. (Baéco)

Mas não só a qualidade da madeira é levada em consideração. Há também certos sinais, como coloração e aspecto da casca, que devem ser observados. Esses sinais podem indicar se a madeira está ideal para o corte e o feitiço da canoa

Ah, a árvore que a gente escolhe é o ingá, o cedro... Cê conhece a madeira boa pra canoa pela casca dela,



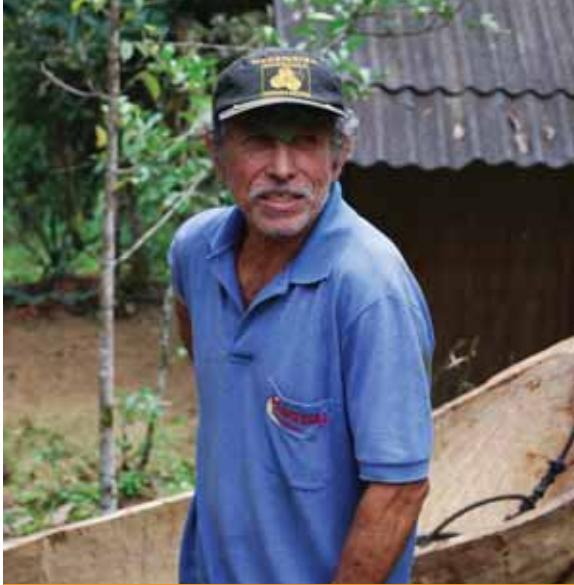
Débora Oliveira

porque tem muita madeira que cê não faz canoa. A timbuíba, se ocê olhá, a casca dela é meia vermelhinha, aquela é boa pra canoa. Ingá, a casca é meia preta, aí é bom pra canoa também. Já no cedro, a casca dele é uma casca meia rosa, toda cheia de risquinho, cê vai pelo risquinho que ele tem na casca. O caubi é cheio de carocinho. (Seu Filhinho)

Nos dias atuais, apesar da preferência por determinadas madeiras, consideradas ideais, o guapuruvu tem sido bastante utilizado pelo motivo de que muitas árvores vêm morrendo por causas ainda desconhecidas.

Escolhia madeira boa, tinha canela, cedro, ingá... Agora faz só de guapuruvu, porque tá morrendo tudo. (Seu Gildo)

Com relação à facilidade em encontrar os troncos ideais, que hoje em dia são os mortos ou caídos, esses são encontrados nos lugares onde menos se espera,



Seu FILHINHO (Benedito Evaristo de Gonçalves) é morador da Vila de Picinguaba. Nascido em 1940 na Praia de Laranjeiras (Parati, RJ), tem 68 anos de idade. Seu Filhinho mal consegue se lembrar quantas canoas já fabricou: “As conta eu não sei, mas eu carculo mais ou menos umas quarenta já”. Aprendeu a fazer canoas com um conhecido da Praia de Laranjeiras: “Aí tirô uma, e eu lá olhando. Aí tirô outra, e eu lá junto com ele, aí eu falei: ‘não, agora eu vô vê se eu tiro uma sozinho, né.’” Quanto à técnica de construção, Seu Filhinho explica: “As medidas eu já tinha tudo em mente já. Canoa, remo, eu faço tudo no ôio. Aprendi com esse amigo”.

pois nesses locais as árvores não conseguem sobreviver ao atingirem certo tamanho.

Esses pedrão que ceis vê aí na montanha, ceis pode procurá que lá tem cedro. Fiz várias canoas de cedro que rola da laje e cai embaixo. Porque eles vão crescendo e não tem onde enfiá a raiz, entendeu? Dá em cima da pedra, aí vão crescendo e cai. Fiz muita canoa de cerne de cedro, só do côco dele, só do cerne. (Baéco)

A escolha da árvore ideal pode ser feita após a encomenda pelo interessado na canoa, ou seja, de acor-



Seu GILDO (Leovegildo Felix dos Santos), 71 anos, é nascido na Praia da Caçandoca, mas hoje vive na região central de Ubatuba. Ele diz que construiu diversas canoas, além de reformar muitas também. Ao contrário de muitos construtores de canoas, Seu Gildo começou a fazê-las já na idade adulta: “Comecei fazer canoa já era homem casado”. E sobre seu professor, ele conta: “Aprendi com meu tio, Manoel Ricardo, da Praia do Pulso. Ele fazia e eu ficava olhando”.

do com o tamanho esperado, a canoa tem que “cabere” na árvore.

Dependendo da canoa que a pessoa quer, avalio a largura do tronco. Se eu quero saber quanto vai dar essa madeira, eu pego uma corda e vou medir a grossura da madeira, vou dobrar em quatro partes para dar a largura da boca dela. Pra saber o comprimento, você tem que multiplicar por sete vezes. (Maximiliano)

Sempre é preciso avaliar até que ponto aquela ma-



FRANCISCO Assunção, 66 anos, morador do Sertão do Cambucá, é construtor de canoa e pescador. Participou de diversas corridas de canoa na época do Prof. Joaquim Lauro. Já construiu cerca de 40 canoas, a partir dos ensinamentos do pai e do avô.

deira poderá servir a construção da canoa pretendida. É possível, mesmo que a tora esteja torta, bastá-la até que fique na forma ideal. Caso não seja possível, é preciso procurar outro tronco.

A madeira pode estar torta. Se tivermos condição de fazer, a gente bate uma linha, a gente tira a tortura, e acerta. Agora se não der para fazer, a gente nem deruba a árvore. (Francisco)

Em outros casos, a árvore é vista e, caso o construtor acredite que ela possa dar uma canoa, é memorizada pelo construtor para posterior retorno e corte.

Tinha uma árvore lá em cima, um ingá-de-flecha... Meu pai foi três vezes nela prá cortá, e não dava canoa, e não dava canoa. Aí, quando foi um dia, fomo lá e jogamo ela no chão. Deu duas canoas, e bonita! (Baéco)

Mas, normalmente, os construtores, logo que vêem

o tronco, conseguem calcular precisamente como será a canoa resultante.

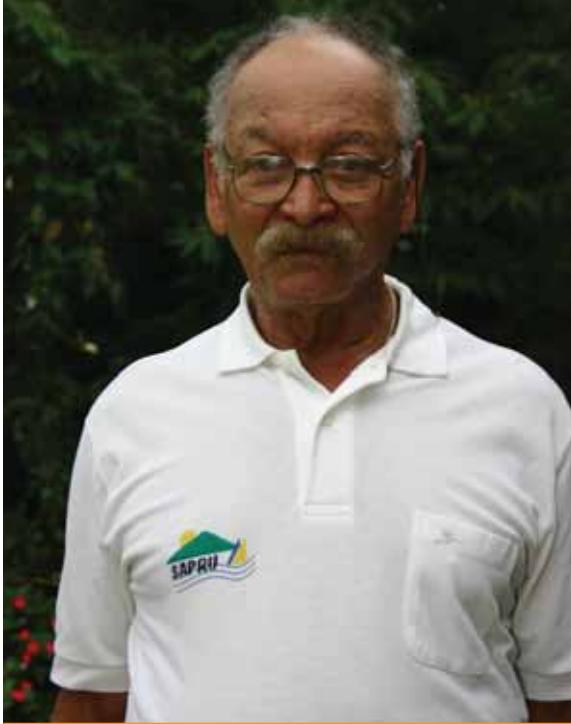
Tem árvore que é tudo cheia de buraco, né. Aí cê vai olhando, olhando, procurando jeito... É tudo calculado. Não tem como cê medí nada, entendeu, é tudo calculado, tudo no olho. É, não tem jeito. Negócio de altura da canoa, altura da madeira, ali tem um buraco, alí dá altura, coisa de uns 40 ou 50, sei lá, 60 centímetro. Mas ali não, ali tem que ir mais um pedaço. Então cê calcula, no tronco da árvore cê já diz, dá uma canoa de tanto de boca, vai um pedaço aqui, vai outro pedaço ali, vai uma proa, vai uma popa, vai só uma banda de proa, uma banda de popa. (Baéco)

Respeito dos outros construtores pela árvore escolhida

Uma importante prática, comum entre os construtores de canoas mais antigos, é a de que, quando a árvore para o feitio de uma canoa era escolhida, eles costumavam avisar, através de sinais deixados na mata, como a limpeza nas redondezas da árvore, que aquela árvore já tinha “dono” e que seria cortada. Esses sinais eram respeitados pelos outros construtores, que partiam à procura de outra árvore⁸³. Hoje em dia, no entanto, devido ao pequeno número de construtores de canoas e as restrições existentes na legislação com relação ao corte de árvores, não é mais preciso esse tipo de aviso. Normalmente, a comunicação é feita através de conversa direta com os conhecidos ou com o proprietário das terras.

Ah sim, isso [respeito] tem. Depende, se a área for de outro, se eu cheguei e se eu falei com o cara, tam-

⁸³ Wanda Maldonado. Da mata para o mar: A construção da canoa caiçara em Ilhabela, SP. Dissertação (Mestrado). PROCAM - USP, 2001.



Benedito Fernandes, o DITO PURUBA, é nascido no Puruba, mas vive na Praia do Prumirim. Tem 67 anos. Dito Puruba atualmente não pesca mais. Diz ter confeccionado, ao todo, 10 canoas. Sobre seu mestre no ofício do feito de canoas, ele diz: “Eu aprendi vendo meu pai fazê, né”.

bém ele vai me respeitá. Se ele chegô na frente, a gente também vai respeitá, sabe. Não tem esse negócio de “Ah, porque a árvore é minha e o outro derrubô”. Não tem nada disso, entendeu? E sempre tem dono a árvore, a terra. Aí, cê só vai trabalhá se o dono te autorizá, entendeu? Aí arruma, dá a árvore pra gente. Agora, se for dentro do Parque, cê tem que pedir pro Parque. (Baéco)

A amizade é um outro ponto importante mencionado, por gerar respeito entre os construtores de canoas.

Só avisava. Eu ia lá e avisava que eu achei uma madeira, que eu ia fazê uma canoa. Respeitava, quando

avisava, respeitava, porque era tudo amigo, né. (Seu Filhinho)

É possível, inclusive, que a árvore seja negociada mediante o trato de que uma das canoas resultantes daquela árvore fique com o proprietário das terras.

Jequitibá dá duas, às vezes até três canoas. É bem comprida a madeira. O guapuruvu também. Aí o dono do terreno onde está o tronco fala: “Ó, dô a madeira pra você fazê canoa, mas cê faz uma pra mim e uma pra você”. Aí a gente aproveita e vai lá e faz, aí dá uma pra ele e fica com a outra. (Dito Puruba)

A preocupação com o meio ambiente

Muitos dos construtores de canoas de Ubatuba vêm de uma época, um passado não muito distante, em que a preocupação com o meio ambiente era praticamente inexistente. As árvores eram cortadas para satisfazer as necessidades humanas.

Não, antigamente não respeitava. Antigamente, não tinha esse negócio de Parque. Nós ia lá no mato: “Ó, vim tirá um pau pra tirá uma canoa”. Mesmo eu, assim, antes de chegá esse Parque, quanta madeira eu cortei. Era só chegá lá e derrubá, não tinha nada que impedisse, né. (Seu Filhinho)

Mas hoje em dia, mesmo cientes de que a madeira na mata ainda é suficiente para atender às suas necessidades, mostram ter consciência dos problemas ambientais atuais e respeitam a legislação vigente, cortando apenas as árvores mortas.

Aquela canoa ali foi levada no lombo da gente, foi levada no burro pra trazê aqui. Em quantas árvore viva eu não passo? O lugá que eu rolei esse tronco, que eu tirei essa canoa, cê não sabe a distância que é. Cê passa por dezenas de árvore bonita, sabe, na chegada, na entrada do mato, no caminho... Por que então que eu

fui buscá lá na casa do chapéu? Uma distância lá longe, que levá duas, três hora de caminhada? Porque tava morta! Entendeu? (Baéco)

No entanto, acreditam que a liberação para o corte da madeira morta poderia ser obtido mais facilmente, beneficiando os construtores de canoas e também as famílias que precisam da canoa para viver.

É porque tem uma coisa. A árvore viva tudo bem que ninguém vai derrubá, né, mas a seca, só vai apodrecê, porque não vai aproveitá mais nada, dali cabô. Então, tem que fazê uma liberação pra nós aproveitá, né. (Seu Filhinho)

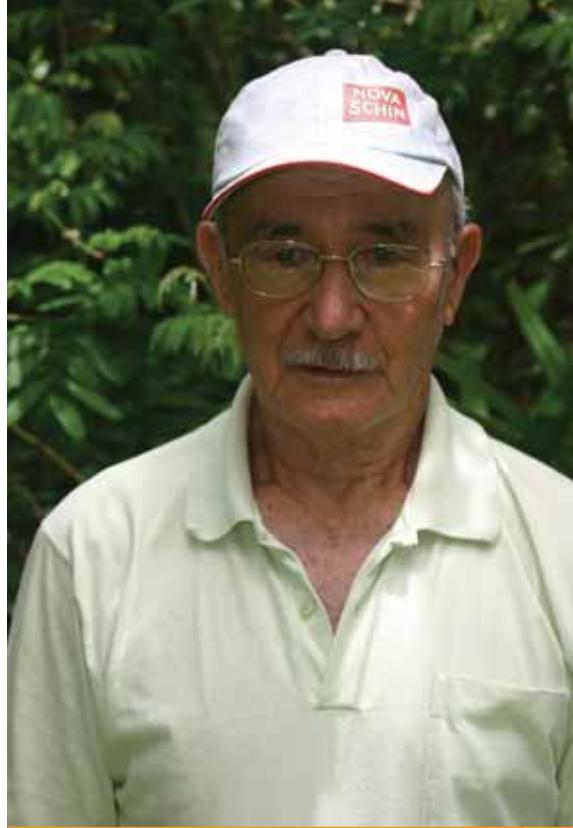
Tem uma burocracia, mas agora já tá mais aberto. Tinha uma coisa do DEPRN, dizia que tinha que deixá lá pra mode apodrecê, pro bixo comê, a broca. Num adianta nada, o lixo vai ficá lá, o podre vai ficá lá, o cavaqueiro da madeira. Tem que avaliá o quanto que aquela madeira morta vai beneficiá o meio ambiente e o quanto vai beneficiá o ser humano. Então, a canoa dura vinte, trinta, quarenta ano, dando comida, dando alimento praquela família. (Baéco)

Segundo alguns construtores de canoas, o corte das árvores mortas poderia, inclusive, beneficiar as árvores vivas ao redor, uma vez que a queda da árvore morta, sem os cuidados necessários, poderia derrubá-las.

A turma fala tudo do trabalho da madeira caí e matá as outras árvores, mas quando ela tá seca, ela cai e mata mais ainda. Então, o construtor da canoa, ele vai lá e vai vê a área que ela vai destruí menos. Agora, ela caindo da própria natureza, ela vai derrubá muito mais. (Seu Filhinho)

A derrubada

A melhor época para a realização da derrubada de uma árvore é unânime entre os construtores de canoas



Paulo Zumbi

Antonio José dos Santos, o SEU TONICO, tem 74 anos e vive na Praia da Fortaleza. Nunca fez canoas profissionalmente, apenas para o seu próprio uso. Ao todo fez cinco. Seu Tônico foi pescador por muitos anos e hoje está aposentado.

de Ubatuba. O corte na lua minguante, época na qual a madeira está mais seca, evita o ataque por bichos, como a broca. No entanto, essa regra serve para as árvores ainda vivas, as quais eles não derrubam mais.

Na lua minguante, porque na minguante a água da madeira seca, a madeira não fica aguada, porque ela tem a água natural dela, e na minguante a madeira fica firme. Também porque tem um bichinho, que chama broca, na minguante ela não ataca tanto quanto nas

Benedito Moisés dos Santos, conhecido como DITÃO, tem 80 anos. Nasceu no Prumirim, mas hoje vive no Perequê-Mirim. Sobre seu aprendizado na arte de construir canoas, ele conta: “Eu aprendi no mato mesmo, com meu pai; ele fazia e eu fazia junto”. Quando Seu Ditão fez 15 anos, foi para o mato e tirou uma canoa sozinho. Chamou o pai, que lhe disse: “Tá certo!” Depois, não parou mais.

RENATO Virgínio da Cunha Bueno é nascido em Santos, mas reside em Ubatuba desde os três anos de idade. Tem 32 anos e atualmente reside no Perequê-Mirim. Além de fabricar canoas, Renato se desdobra em outras atividades, como marinhairo, mergulhador, músico e pescador. Em marcenaria, fabrica, além das canoas, outros utensílios de madeira. Quando perguntado sobre se as canoas correm o risco de desaparecer, Renato é taxativo: “Enquanto eu estiver vivo não!” Ele diz já ter fabricado cerca de 50 canoas. Para isso, se utiliza do machado, da enxó e da motosserra, sendo capaz de tirar uma canoa em



outras luas. (Seu Tônico)

Existe, inclusive, uma época do ano em que a madeira (também viva) não é boa para o corte.

E a árvore, quando tá com folha nova, que é em agosto e setembro, não é bom cortá não, porque ela fica muito aguada. Uma vez nós fizemos uma canoa de cedro, espalhô todinha. (Baéco)

Algumas madeiras, segundo os construtores de canoas, exigem um tratamento especial antes do corte para que o feitiço fique bom.

A figueira, pra você podê fazê com ela, cê tem que fazê um fogo em volta dela e queimá. A casca tem muito leite, né. Aí cê marra um fogo em volta dela. A bruçuva também tem que fazê fogo. Aí cê queima aquele meio dela, aí cê derruba ela. (Dito Puruba)

A derrubada de uma árvore é sempre um momento difícil para o construtor, pois um erro de cálculos pode ser fatal, trazendo a árvore para cima de quem a cortou.

Chega no local, olha pra onde a árvore vai cair, abre uma boca no pé dela, na parte do tombo. Às vezes você quer que ela caia para um lado e ela pode cair para o outro e provocar um acidente. (Renato)

Assim, um bom conhecimento é essencial para saber exatamente para que lado a árvore vai cair.

Derrubada, você tem que olhar para que lado a madeira está pensa, olhar para que lado tem o galho grande, porque é o lado que a madeira vai cair, pois é mais pesado. (Ditão)

Além disso, um lenhador experiente normalmente sabe o momento exato em que o tronco vai cair. Isso é essencial para que possa sair do campo de risco a tempo.

Quando a gente já faz o corte pra derrubá a madeira seca, a gente tem que tê o cuidado de, de vez em quando, ficá oiando pra cima. Quando é dessa parte aqui, que cê já cortô tudo, que já tá poco pra caí, aí

cê vira o machado do outro lado, cê vai cortando e vai oiando. Ele dá um estalo e ele dá aquele rincho: rrrriiiiiiii! Aí, cê pode cortá mais um pouco até estalá outra vez. Aí, quando ele dá o estalo, cê pode saí que ele vai. É muito perigoso! (Seu Filhinho)

É importante também verificar o que há nos arredores da árvore, ou seja, tudo aquilo que a copa da árvore poderá arrastar ao cair, como outros galhos ou cipós, os quais poderão machucar o lenhador.

Às vezes a própria madeira não traz o problema. O problema é o galho que ela tem em cima e que vai laçar outro galho, ou até cipó, levando a madeira pra trás da gente. Por isso que tem que pesquisar antes. A madeira que derrubô não é o perigo, mas o que tá pra trás. (Maximiliano)

O cuidado com a queda da árvore também é necessário para evitar que ela parta ao cair, o que inviabilizaria o seu uso para o feitiço da canoa. Assim, o construtor possui certos conhecimentos que possibilitam suavizar a queda ou fazer com que o tronco caia para o lado em que o tombo seja menor.

Agora, quanto à árvore, quando é um cedro que tá pendurado nas pedra, a gente corta ele pelas raiz, que normalmente a pancada é muito grande e ele parte. Às vezes ele bate com a “cabeça” dele, dá um tranco muito grande, coisa muito alta, de vinte, vinte e poucos metros de altura, vem com tudo! Agora, quando é assim madeira comum, cê tenta jogá ele sempre pra cima, pra tirá tombo. (Baéco)

Também é preciso pensar, no momento da derrubada, nas facilidades durante o trabalho de feitiço, o arraso da madeira. Para isso, a madeira precisa cair do lado certo, evitando um grande esforço para rolar o tronco.

E dá um jeito da madeira caí já de boca pra cima, que quando cê olhá o tronco de pé, cê já sabe onde

é o fundo da canoa, onde é a boca, né. Então, se ocê conseguiu jogá ela já de boca pra cima, é um rendimento pra você trabalhá, senão cê não consegue virá a tora depois, é muito pesada. (Baéco)

E, se por acaso acontecer de cair em local onde não se possa girar o tronco, isso pode até causar uma perda no tamanho da canoa.

O lugar onde ela caiu, era um lugar ruim, ficava no vão de duas pedras. Não tive como virar. Essa parte de cima, a boca, tinha que ser embaixo. Mas como estava no vão da pedra não deu pra virar. Ela deu menos, podia ter dado mais, ia ficar maior ainda. Tive que tirar muita madeira, porque havia uma falha. Ia ficar muito maior. (André – Camburi)

O local onde o trabalho do arraso será realizado é outro ponto que deve ser considerado no momento da derrubada, uma vez que serão necessários muitos dias trabalhando na mata fechada. Assim, a presença de brejos, raízes ou inclinações acentuadas podem dificultar o trabalho ou mesmo torná-lo muito perigoso.

Tem que sempre procurá uma lateral baixa, né, onde não tem lugar de brejo, senão não dá pra trabalhá. Aí você derruba ela numa boa. (Dito Puruba)

O Arraso

O arraso consiste na retirada de grande parte do lenho da árvore e é realizado no próprio local do corte. Esse trabalho é feito na mata para deixar a canoa mais leve, para que a “puxada” possa ser realizada até o local onde receberá o acabamento.

Eu passo o machado em cima do tronco, depois passo uma linha e é ali que eu vô abrir, abrir na talha, vô entalhando. (Seu Leopoldo)

As linhas são marcações feitas na tora para o perfeito corte da madeira. Muitos construtores dizem que se



ANDRÉ Luis da Conceição, 44 anos, morador do Camburi, vem de uma família de pescadores e construtores de canoa. Está finalizando uma canoa tipo batelão para o cerco da família, à moda antiga, no machado e no enxó.

as linhas não forem bem calculadas e marcadas, não sai canoa.

Você pega a linha e bate a linha de um lado e de outro, faz o jeito da proa, o jeito da popa, bate linha para a proa e para a popa, aí mete o machado, repica até chegar na linha e tira aquilo lá. Tirou, não pode bulir mais, ali só para fazer o acabamento. Depois você vai fazer a garra de proa, é três linha, tem mais duas por cima para fazer o espelho de popa, tem do lado para fazer o boleadinho, o fundo, três linhas. (João de Araújo)

Para o traçado das linhas, que os construtores costumam chamar de “bater linha”, são comumente utilizados cipós, varas e carvão, obtidos na própria mata.

Eu faço a canoa no olho, tinha prumo, o nível, batia pra alinhar com o carvão. O melhor é o carvão, é mais fácil, carvão de madeira mole, tem alguns que sai, outros não sai, conforme o jeito de bater ela custa a sair. No fundo da canoa usa linha também. (Seu Dico)

A precisão no momento das medidas para o arraso da canoa é importantíssima. Qualquer erro nesse momento pode fazer com que a canoa não fique ideal para o uso ou, até mesmo, torne-se perigosa.

É trabalhoso, porque tem área da canoa que você tem que ter cuidado para não sair torto. É delicado. Porque se você errar qualquer medida que tirar nela, ela fica maluca. Aí, na hora que cai na água não tem controle. Tem que fazer tudo no padrão, mas se você tirar a madeira de um lado, e de outro não, ela vai ficar maluca. O segredo é os dois lados estarem iguais. (Zico)

Um bordo não pode ficar mais alto que o outro. Tem que ficar tudo de acordo. (Euclides)

Após os cálculos iniciais, dá-se início ao arraso da madeira na mata. Esse trabalho é normalmente feito com o machado, a enxó-chata e a enxó-goiva, sendo um trabalho lento e cansativo.

No machado dá muito trabalho. Cansa muito. É um serviço muito pesado, tem que trabalhar com cuidado, devagar, com paciência para não estragar, não furar. (Seu Domingos - Sumidouro)

No entanto, atualmente, alguns construtores já utilizam motosserra para o arraso, o que faz com que o trabalho seja muito mais rápido.

O trabalho que a canoa dá, pra vender com o preço que a gente vai vendê, não compensa. Já com motos-



Debora Olivato

LEOPOLDO de Jesus, 73 anos, é morador da Praia do Perequê-Açú. Fez cinco canoas ao todo, mas nunca cobrou por nenhuma, fez para seu próprio uso. Ele já ensinou o ofício uma vez. Sobre o trabalho de esculpir canoas, ele diz gostar: “É bom! Muita gente vem ver o que eu estou fazendo. Recebo mais visitas”.

serra você faz um corte de canoa de três palmos em dois dias. Agora, no machado, você vai levar um mês. (Mané Geraldo)

O trabalho do arraso normalmente é um trabalho solitário, feito por uma única pessoa. Quando realizado por duas pessoas ao mesmo tempo, pode agilizar o feito, pois o trabalho é muito pesado. Com isso, os ajudantes aprendem o ofício do feito de canoas.

É difícil fazer uma canoa sozinho. É pesada, tem que manejar ela. Você sempre acaba precisando de uma



Maria Angelica Oliveira Gonçalves

JOÃO DE ARAÚJO, 71 anos, é morador da Praia da Raposa. Seu pai já fazia canoas, mas ele aprendeu o feito olhando um carpinteiro chamado Anastácio. Esse professor lhe disse: “Pra que você está olhando? Não preciso ensinar?”. Ele diz: “Daquele dia, passei a mão no machado e noa enxó do meu pai e sumi pro mato”. Ninguém acreditou que ele pudesse fazer, mas fez, e a canoa ficou uma beleza. Depois daquela, João menciona que fez mais de 100. Para não errar, utiliza a técnica das 26 linhas: “Canoa tem 26 linhas, se você errou uma, fica torto, pode meter o machado e jogar fora”.

ou duas pessoas. Aí a pessoa acaba aprendendo com você. O pouco que a gente sabe, vai passando para outro. (Toninho – Perequê-Açú)

Mas há construtores que preferem ter a ajuda de um companheiro. Entretanto, o trabalho conjunto em determinadas atividades pode ser perigoso, pois uma pessoa pode interferir no trabalho da outra. O ideal, nesses casos, é trabalhar em revezamento.

Se duas pessoas trabalharem na mesma canoa, tem que cada um trabalhar por vez, porque senão um pode



Benedito Alexandre de Oliveira, SEU DICO, tem 74 anos e é nascido em Ubatuba. É pescador por profissão e possui várias canoas na Praia do Puruba. Confeccionou aproximadamente 30. Seu Dico começou a tirar canoa há mais de 50 anos, quando seu tio lhe ensinou: “Eu aprendi com meu tio. Tinha muito medo de furar a canoa”. Hoje em dia, Seu Dico não as fabrica mais: “Eu, para mim, não dá mais para fazer canoa. O ofício da canoa é muito pesado”.

cortar o outro, principalmente se estiver usando o machado. E o pedaço de madeira na cara? No trabalho com enxó pode cair pedacinho na vista. (Maximiliano)

A ajuda de outras pessoas também é necessária no momento de virar a canoa na mata para o entalhe do seu fundo, outro momento perigoso. O uso de equipamentos corretos, como a talha, além de facilitar o trabalho com a canoa, também pode torná-lo mais seguro. A talha funciona com um sistema de roldanas suspensas, podendo ser elétrica ou manual, e é capaz de suportar grande peso, aliviando o esforço do construtor.

Cê põe uma corda, amarra lá, faz duas forquilha, aí cê faz força e aquilo lá vira, que nem um engenho, cê vê que a canoa vem vindo. Precisa de duas pessoas,

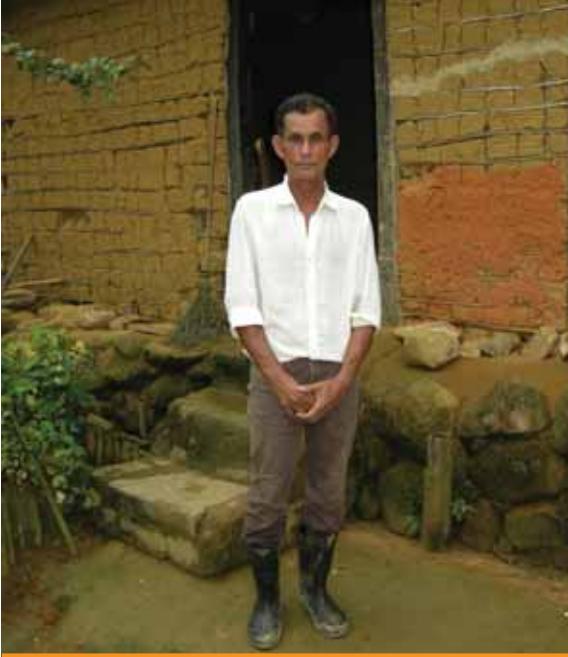


Joziel Soares, mais conhecido como ZICO, tem 32 anos e já participou de muitos feitos de canoas, em especial junto ao tio José Donato. Ele conta: “Antigamente os que mais faziam canoa aqui no Camburi era eu e ele”. Moradores do Camburi, os dois juntos fizeram muitas canoas, mas Zico não lembra o número exato, só se recorda das quatro que confeccionou sozinho.

só que força muito. Agora com a talha não. Depois que eu comprei talha, cê põe lá, amarra a talha na madeira, aí cê vira aqui. Assim é tranquilo, pra gente tê saúde, não se machucá. (Jorge)

As proporções da canoa são normalmente mantidas e não é recomendado forçar na largura da boca para que a canoa não perca sua estabilidade. O ideal é que o fundo seja um pouco mais largo que a sua boca, o que poderá evitar futuros alagamentos⁸⁴ no mar.

Se você fizer a canoa de qualquer jeito, fica um bagre, né. A canoa, tem que ter ciência pra fazer. Porque a boca tem que dar 80 centímetros e o fundo tem que



EUCLIDES Lúcio, 61 anos, é morador do Remanescente de Quilombo do Camburi, além de pescador, conhece a arte do feitiço da canoa há quarenta anos. Construiu duas canoas, a partir da observação e, como ele mesmo diz: “Pela própria idéia”.

dar noventa. Tem gente, às vez, que faz 80 aqui no fundo e faz 90 na boca. Aí fica um coador, né. (Jorge)

Outras medidas da canoa também são muito importantes e o capricho no seu entalhe garantirão maior estabilidade e também maior saída de água, ou seja, melhor condição hidrodinâmica de navegabilidade.

Precisa ter o fundo chato e puxar bem o delgado, senão fica muito caruda, a proa tem que ficar mais fina, pra cortar mais a água. (Ditão)

No entanto, é preciso considerar, no momento do arraso, o ambiente em que a canoa será utilizada ou o uso que será dado a ela. De forma geral, o formato da tora não interfere no tipo de canoa que será fabricado.

Papai tinha encomenda até lá de Santos, tipo de uma canoa esguia, a proporção dela era diferente



Manoel Soares, conhecido como MANÉ GERALDO, 66 anos, morador da Praia Vermelha do Norte, começou fazendo artesanato e canoas miúdas para, enfim, confeccionar as canoas grandes: “Tudo, tudo, acho que fiz umas 200 canoas”. Herdou o conhecimento do avô, do tio, e do primo Horácio. A esposa, Dona Aparecida, também vem de uma família de construtores de canoa, os falecidos Conceição Nunes e Roque Nunes.

destas daqui, era uma canoa mais comprida, tipo regata que era para trabalhar no rio, com pescaria de camarão. Usavam para jogar tarrafa, era diferente desta daqui. (David Alexandrino)

Se a canoa será utilizada na pesca, o peso de peixe que ela deverá aguentar também deverá ser considerado no momento do arraso, para que o formato seja ideal à carga pretendida.

Conforme a boca da canoa, cê calcula o peso que ela pega de peixe. Eu tive uma de 90 centímetros de boca, de angelim. Lá, o rapaz pôs 1.200 quilos de peixe e ainda foi cinco pessoas até o Tenório. (Jorge)

Após o arraso da canoa, a madeira da árvore derrubada muitas vezes é aproveitada para o feitiço de móveis e utensílios, ou mesmo para a confecção de par-



Paulo Zumbi

JORGE Inocêncio Alves, hoje com 58 anos de idade, começou cedo no ofício de construção de canoas, tendo feito muitas ao longo de sua vida: “Acho que eu fiz umas 80 canoas”. Residente no Sertão do Ubatumirim, Seu Jorge não ficou com nenhuma das canoas que fabricou: “Cê sempre tem uma coisa que você faz, que você gosta, mas eu não fiquei com nenhuma”.

tes da canoa e, em alguns casos, a madeira restante é suficiente para o feitiço de outra canoa.

Quando o tronco tá mais ou menos perto, eu aproveito muito. Muitas raiz pra fazê janela, madeira que sai de dentro dá pra fazê porta, depende da madeira. Quando arrasa a boca, faz tampo de mesa. (Baéco)

A puxada

A construção de uma canoa envolve duas fases. A primeira fase se caracteriza pelo trabalho na mata, ou seja, a escolha do tronco ideal, a derrubada da árvore e o arraso. A segunda fase é a chegada da canoa ao local onde receberá o acabamento final, que pode ser a casa do próprio construtor, a marcenaria ou a



Débora Ohiato

Antônio Manuel dos Santos, conhecido como TONINHO, 44 anos, é morador do Perequê-Açú. Tem muita habilidade para trabalhar com madeira. Fez umas seis canoas sozinho e diversas outras colaborando com o seu amigo Daniel e com seu cunhado Dionísio, com que aprendeu a arte do feitiço da canoa. “É um serviçinho gostoso! Você vê uma tora de madeira ali jogada, aí você começa a bater o machado, quando vê, vai dando um jeitinho de canoa.”

casa da pessoa que a encomendou. O elo entre essas duas fases é a “puxada”, ou seja, o transporte da canoa através da mata.

É feita com corda. Cê tem que furá a garra da canoa, aí cê passa um arame. Quando é amarradão, cê tem que colocá uma arreiera, que é duas corda. Aí cê vai puxando ela e pra não descê, cê passa o outro pedaço, que tá lá pra trás num pau, né, aí cê estica, quando estica ela pára, aí cê muda o cabo lá na frente e vai descendo. (Dito Puruba)

Mas a puxada não é apenas a união entre as duas fases da construção da canoa, mas sim um momento de união das pessoas. A puxada, desde antigamente até os dias atuais, é um momento festivo, que cos-

tuma emocionar quem já participou de pelo menos uma, pois não faltam histórias e boas recordações.

Cheguei a puxá canoa no mato. Eu tinha uns 17 anos, agora tô com 59. Foi aqui nesse mato aqui. Puxei duas canoas no matão aí e outra lá na Ponta Aguda. A da Ponta Aguda foi uma canoa muito grande, uma canoa de quase duas toneladas, gigante, um Jequitibá. (João da Mata)

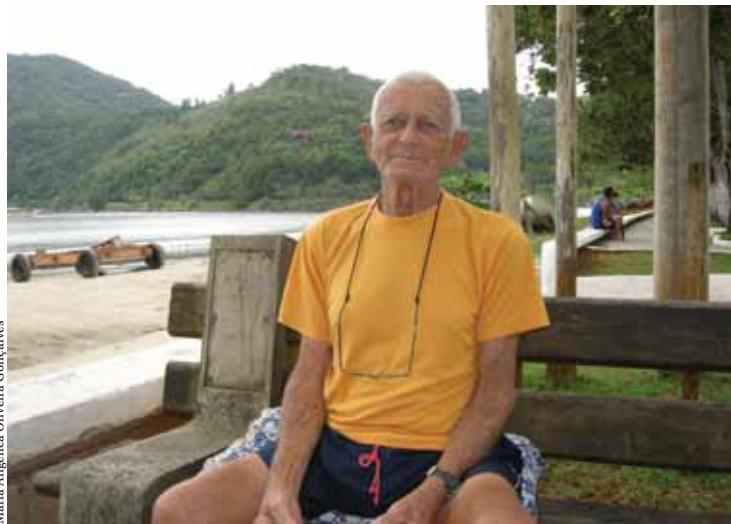
Puxamo lá da serra, um trabalho danado, muito difícil achar uma madeira desta. Fomos puxando, amarrando, 15 dias para trazer ela. Ela tava do outro lado da serra, foi indo, foi indo, muitos dias para chegar até lá, dormimo no meio do mato. (Ivete Maciel)

As puxadas já representaram momentos de integração quando, durante o percurso, as pessoas iam conversando, cantando, lembrando outras puxadas, contando anedotas e rindo. Muita brincadeira acompanha o trabalho, que segue lentamente ao longo do dia⁸⁵.

Antigamente, quando puxava canoa, era uma farra, né. Tinha uns que não aguentava mais, pulava dentro da canoa, a gente arrastava ele dentro da canoa! Armoço, quando fazia pra puxá canoa, era feijão com carne seca. Tinha mais alegria, carne seca, o feijão, antigamente era, quando puxava canoa. (Seu Filhinho)

A participação das mulheres era bastante comum nas puxadas. Elas ficavam responsáveis pelo preparo da comida, e, por fim, essas refeições se transformavam em grandes festas.

Ah, levava tudo pro mato, panelona, fazia um baraco de palha, né, pai? Aí fazia aquela fogueira no chão, assim, botava a panela ali. Às vezes fazia carne de porco com feijão, né, pai? Adiantava já, fazia o mais fácil e o arroz. Ia a minha mãe e nós mesmo [três fi-



Maria Angélica Oliveira Gonçalves

DAVID ALEXADRINO dos Santos, 82 anos, é morador do bairro do Itaguá. De família tradicional do município, aprendeu a fazer canoas com seu pai, o Sr. Albino Alexandrino dos Santos: “Eu fiz, com meu pai, diversas canoas”. O Sr. David colaborou com o Prof. Joaquim Lauro na organização das primeiras corridas de canoa de Ubatuba. Seu irmão Artur Alexandrino comandou a Jornada Marítima Ubatuba-Santos, em 1973.

lhas]. (Irene, filha do Seu Agrício)

Os construtores de canoas acreditam que as puxadas ainda são realizadas como um favor pelos camaradas⁸⁶.

Depende das pessoas, sabe? Por exemplo, eu, se for saí pedindo aí pra mode: “Tô precisando í busca uma canoa aí, preciso de 20 pessoa”. Se eu for pedí pras pessoa í, eu tenho certeza, se eu pedi vinte, vai vinte. (Baéco)

⁸⁵ Wanda Maldonado. Op. cit.

⁸⁶ Nome normalmente dado aos ajudantes da puxada.

Mas é comum o oferecimento, pelo dono da canoa ou pelo seu construtor, de alguma refeição, mesmo que seja um simples café com biscoitos e a tradicional cachaça.

É um favor que eles fazem, né. Aqui, um faz favor pro outro. Na puxada, a gente faz um café, às vez, ou então faz um armaço. Pinga? Ah é, antigamente, né. Agora não, porque muitos não bebe, mas antigamente, se não tivesse uma pinga no meio, não ia não, tinha que trazê o garrafão de cinco litro [risos]. (Seu Filhinho)

A cachaça, pelo menos antigamente, era unanimidade nas puxadas. A presença da cachaça era a principal motivadora dos “causos” engraçados acontecidos durante as puxadas.

Aí aquela “comidade” sabe, de í pro mato, de fazê comida e bebê pinga. Tinha que tê pinga! Outro dia, o Mariano caiu sentado dentro da panela de arroz [risos]. O Mariano era um velhinho que fazia canoa aqui na Praia do Ubatumirim também. Fez muito corte de canoa. Era divertido, sabe, mas era sofrido! (Baéco)

Mas a cachaça, algumas vezes, dificultava o andamento do trabalho, sobrecarregando os poucos homens que permaneciam sóbrios.

Antigamente, quando ia puxá canoa, levava 10, 12, 13, porque naqueles dias um não trabalhava, outro não trabalhava, dormia, né! Por isso que tinha que levá bastante, né. Levava 10, cê ia ficá só com cinco [risos]. Sempre ficava alguém lá no meio do mato, deitado. (Seu Filhinho)

De forma geral, os construtores de canoas acham que, hoje em dia, as puxadas são bem mais tranquilas, pois as canoas são arrasadas ao máximo na mata para ficarem bem leves, ao contrário do que se fazia antigamente, quando o tronco era arrastado numa forma ainda muito bruta.

Antigamente que era pior. Hoje, a gente quase que puxa mesmo com a turma da casa, porque quando eu faço canoa, quando eu trago pra casa, eu já trago ela quase pronta. Agora o pessoal antigo, que tirava o corte de canoa, cê não acredita, rapaz, a madeira bruta que era. Uma canoa de seis metro, sete metro, ocupava vinte, vinte e cinco home pra puxá, era! (Baéco)

O uso de animais e tratores também facilitou o trabalho em relação aos tempos antigos, quando não havia estrada.

Agora o pessoal puxa mais com burro. Aí bota um burro e puxa ou pega um trator. (Dito Puruba)

Mas mesmo não tendo mais a participação de tantas pessoas, as puxadas não deixaram de ser divertidas, um verdadeiro evento social que congrega os familiares e os amigos.

E hoje continua sendo divertido. Só que agora, uma canoa de sete metro, eu vô lá com cinco pessoa eu trago ela. (Baéco)

E ainda rende boas histórias, mesmo sem (será mesmo?) a cachaça.

Ah é, quando a gente vai puxá a gente tem que dormi no mato com o pessoal, pra sai bem cedo. As última canoa que tiremo, só de rio, dentro dela, levemo cinco horas. Esse aqui [ajudante] ainda deu de levá a mulher, se alagá, ô trabalho que deu, rapaz! [risos]. Era um bocado de canoa que encalhô, umas quatro ou cinco canoa. Tinha muita madeira no rio, foi escurecendo, e tinha um monte de cipozinho, sabe. Aí, quando eu fui na proa da canoa pra cortá aquele cipó, ele [ajudante] chegô assim no costão, chegô e bateu: brrrrraaaa. Se alagô! Eu peguei a mulher dele e joguei dentro da minha canoa. O cara ficô se batendo e ele tava de bota. O lugar era fundo, meu! Canoa virô e ficô de bruço. O “mão de figa” ficô ali, agarrado no fundo da canoa. Aí eu falei:

“Que cê pensa, que não larga do fundo da canoa? Num chega daqui alí, pô?” Aí ele tava de botas, se ele larga do fundo da canoa ele afundava [risos]. (Baéco)

Mas nem tudo é divertimento. Durante a puxada, alguns imprevistos podem acontecer, como, por exemplo, a canoa perder o controle em uma descida. As histórias sobre acidentes nas puxadas são comuns.

Uma época arreventô um arame. Nossa Deus! Passô por cima de uma cara lá. Mas olha, aquilo lá foi por Deus mesmo, de não morrerê. Porque passô por cima dele assim, bateu num chorão lá que rachô o chorão no meio, arreventô, né. Agora não, agora o pessoal puxa na corda mesmo. (Jorge)

Mas puxada é sempre puxada! Mesmo com todas as dificuldades encontradas pelo caminho e com todos os riscos que se corre, não deixa de ser divertido.

No Bernardino era muito longe, o que favorecia era o rio. O camarada puxava a canoa pelo rio. O rio que ajudava nós, puxá no braço era muito longe. Só que tinha cada rio! Tinha uns rio cheio de pedras, aí vinha tranco daqui, tranco dali. Não podia deixar quebrar a canoa. E quando caía no rio, o ruim era o arranha gato. E quando o rio era sujo? A gente sofria, mas acostumava e se divertia! (Seu Agrício)

O Acabamento

Finalizada a puxada e com a canoa já no local onde permanecerá definitivamente ou até sua venda, passa-se ao acabamento da canoa. Nessa fase, todos os acertos são feitos na sua forma final. Alguns construtores costumam utilizar-se de furos para garantir a perfeita simetria da canoa em termos de espessura.

Para ser uma boa canoa precisa estar alinhada, apurhada e nivelada. No acabamento, não pode ter mais madeira de um lado do que do outro. Utilizo a mão ou

o furo. O furo é pequeno, mais ou menos 3/8 [9,5 mm]. Faço quatro furos no meio, quatro furos na frente e quatro atrás. Depois, pra tampar, faz um tufo de madeira bem apertado e passa cola, e bate. (Dionísio)

No acabamento, alguns ajustes são necessários de acordo com o uso que será dado à canoa, como, por exemplo, a colocação dos bancos e das bordaduras.

Se for colocar o motor, depois que ela estiver pronta, cê tem que modificá os assento. Aí cê tem que botá a garra nela pra podê botá o hélice. Quando for motor de popa, cê tem que fazer duas cava em cima da popa dela pra podê cravá o motor, né. Agora, cê quiser abrir ela, bordá ela, também dá, né. Vamos supor que ela tem oitenta centímetro de boca, se ocê quisé por cem, cê põe. Puxa dois lado assim de madeira, aí cê puxa vinte centímetro pro lado. (Dito Puruba)

A proteção da canoa também é frequentemente pensada nessa fase do feitio, para garantir maior durabilidade, por exemplo.

Eu cubro a canoa, porque não é bom deixar no sol. Depois que ela tá pronta, eu passo um produto pra não dar bicho. (Cajú)

Apintura normalmente fica por conta do futuro proprietário, que escolherá as cores a serem usadas e também se quer que o nome da canoa seja pintado em seu bordo. O construtor costuma entregar a embarcação somente na madeira.

Eu faço e pintam da cor que quiserem. As minhas pinto com cores alegres. (Seu Gildo)

Canoa Sacrificio

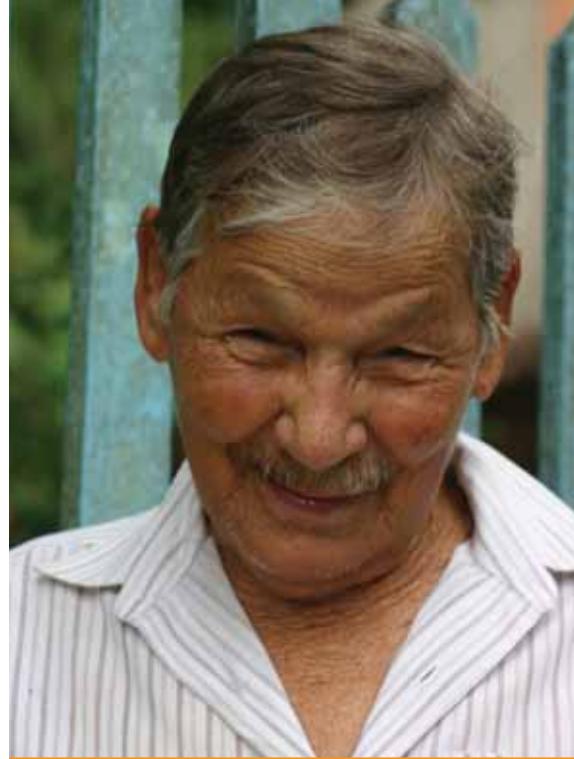
Por fim, uma história bem humorada ocorrida há muitos anos no Puruba com o Seu Dico. Pelo relato, dá para ter idéia do quanto é difícil construir uma canoa. As dificuldades enfrentadas na mata, como a presença



DIONÍSIO Roque Leite, 57 anos, do Perequê-Açú, é construtor de canoas, pescador e participa das corridas de canoa do município. Aprendeu a arte da construção com o falecido João Barbino e já teve a oportunidade de passar o conhecimento ao cunhado, Toninho. As cinco canoas que fabricou, no machado e na enxó, não mais lhe pertencem. Atualmente são utilizadas por colegas pescadores.

de animais selvagens e a necessidade de comer carne de caça, determinaram o nome da canoa, “Sacrifício”. Essa canoa participou do filme *Desmundo*, ambientado no Brasil de 1570.

A *Sacrifício* fui eu quem fiz. Ela estava muito longe, lá embaixo na serra. Lá não tinha água, era num morro, e trabalhar em madeira e com o machado a gente



José Coutinho dos Santos, o CAJÚ, ou José Amador, vive na Praia do Prumirim. Tem 83 anos de idade e fabricou, em sua vida, cerca de 15 canoas. Seu Caju diz que nunca recusou trabalho por medo da lei, mas sim por respeito às leis ambientais. Pescador, dá a devida importância à canoa em sua vida: “Representa meu ganha pão!”

sua muito. Eu trabalhava o dia todo e aí trocava só de roupa, banho não tomava. Para trazer para cá foi um sacrifício, também. Ela estava lá no Sertão dos Vitais, bem lá pra dentro, na fazenda. O encarregado da fazenda que me deu essa madeira. Antes de subir o morro, passava por água na cintura, uma água podre, uma água de brejo. Na subida do morro tinha uma água,



Débora Olivato

Os instrumentos utilizados no feitiço de canoas: a enxó-goiva...

até que uma água boa. E dali subia o morro, ia embora, e lá em cima era onde tinha a canoa, onde derrubei a canoa. Eu fui com o Negão, convidei o Negão para ir comigo. Lá tinha uma caixa de pedra que escorria água, onde o Negão tirava água para fazer comida com canequinha. Trabalhamos oito dias desse jeito, só no machado. Dormia no mato. Fazia uma tarimba... Sabe

o que é? Corta quatro forquilha, estiva de madeira, de madeira de Jussara. Cortei bastante folha, levei um saco, daqueles saco de dormir. O Negão dormia na rede. Se a onça vinha, se a onça vinha, pegava o Negão primeiro [risos]. Fiz um castiçal de Jussara e enfiava uma vela, e quando a vela estava apagando, enfiava outra, não deixava no escuro não. Tinha medo! Tinha



Débora Olivato

... *aenxó-chata*...

medo de onça! Na madrugada, tinha o macuco que piava, piava, era quatro da manhã. Fazia café. Quando o dia vinha clareando, tinha estrela no céu e eu já estava no machado trabalhando. Só parava para almoçar. O Negão fazia o almoço. Conseguia matar tatu ainda. Comemo tatu no mato... Foi um sacrifício mesmo. Para trazer ela arrumei 22 homens. Trouxemos no cipó e arrastamo ela... Um dia todo! Para descer o morro foi

fácil. Botemo no rio. No outro dia fomos buscar. Em quatro pessoas gastamos um dia inteiro andando nesse rio. Tinha muita árvore. Tinha que cortar árvore no machado, na água. Um sacrifício, mesmo!



Débora Olivato

... e a plaina



Corridas de canoas: mais que um esporte, um resgate da tradição caiçara

As corridas... Ah, as corridas! Essas competições geram euforia e satisfação nos caiçaras. Em Ubatuba tiveram início na década de 1950, por iniciativa do Prof. Joaquim Lauro, sendo, a partir da década de 1990, organizadas pelo folclorista Ney Martins. Esses organizadores, cada qual em sua época, percorriam todas as praias de Ubatuba convidando pessoalmente os pescadores a participarem. Ainda hoje, quando perguntados sobre esses eventos, muitos canoeiros tendem a contar não apenas sobre suas participações, mas fazem questão de listá-las, mencionando suas colocações, e de exibirem seus troféus e medalhas. As corridas de canoas ainda acontecem com frequência em Ubatuba e são festas incríveis que reúnem um grande número de pescadores, além dos amantes de canoas e do público em geral, para competir ou simplesmente acompanhar e torcer. Esses eventos configuram-se, hoje em dia, numa grande oportunidade para o encontro dos canoeiros, uma vez que as longas viagens, que eram realizadas no passado em grupos de muitas canoas, hoje já não acontecem mais.

Histórico das corridas de canoas em Ubatuba, por Ney Martins⁸⁷

Em um belo dia do mês de julho de 1957, o Prof. Joaquim Lauro Monte Claro Neto estava presenciando o cerco de cardumes de tainhas na Praia da Pedra Grande, próximo ao Cais do Porto. Ao final daquela tarefa, havia uma “alauza” total (muitas vezes) pela farta pescaria. Foi quando dois pescadores se convidaram: “Vamos ‘porfiá’ (disputar) até o armazém do Jaca e ‘molhar a guêla’ (tomar uma pinga)?” Nesse momento nascia a corrida de canoas em Ubatuba, com os dois pescadores remando suas canoas em direção à Praia de Itaguá. O Prof. Joaquim Lauro, sempre atento a tudo, veio para sua casa e passava para o papel a idéia de organizar uma “Corrida de Canoas”, e isso veio a se concretizar no mês de setembro daquele ano, na festa da capelinha de Nossa Senhora das Dores, padroeira do bairro. Essa corrida foi vencida pela canoa de nome “Maria Comprida”, de propriedade do senhor Jurandir Amabe, comprada no litoral catarinense. A tripulação da canoa “Maria Comprida” era formada pelos pescadores: David Alexandrino (mestre), Paulo Barroso, Carrinho e Oliveira Melquiades, pescador da Praia de Picinguaba.

Eu gostava de apreciar a pesca de tainha, que era uma coisa muito bonita aqui em Ubatuba. Quando foi um dia eu vi dois canoeiros, depois da pesca, a parilhar suas canoas e um deles, o Osorinho, era conhe-

cidíssimo aqui no bairro, era muito alegre, divertido, ele disse ao companheiro: “Vamos porfiá?” E começaram a remar. Eu peguei a minha bicicleta e vim esperá-los aqui na capela, que era onde eles aportavam e deu-me a idéia. Escuta, se faz tanta prova por aí, aqui mesmo em Ubatuba, por que não se faz uma corrida típica do local? E deu uma idéia de fazer a corrida de canoa. Eu era o festeiro profano, então convidei alguns remadores daqui. E a corrida foi feita do Portinho, que hoje é conhecido como portinho do Matarazzo, até a Capela. Aí nasceu a prova. (Prof. Joaquim Lauro)⁸⁸

A segunda corrida só foi realizada cinco anos depois, em 1962, e a canoa vencedora foi a “Rainha do Mar”. Em 1963, foi a vez da canoa “Lutando Vence” ganhar. Com o passar dos anos muitas provas foram realizadas e o evento propagou-se de tal forma que os pescadores da cidade de São Sebastião começaram a realizar também suas corridas de canoa na Praia de São Francisco.

A gente começou a participar de corrida de canoa desde o tempo do Joaquim Lauro, quando era lá no Itaguá. (D. Zita – sua irmã, D. Mercedes dos Santos, 65 anos, é deficiente auditiva e compete junto com ela)

As categorias eram diversas: um, dois, três e cinco remos. Na corrida de cinco remos, São Sebastião sempre vencida, pois tinha uma boa equipe de remadores e sua canoa era mais rápida que as de Ubatuba. Foi quando o Prof. Joaquim Lauro se reuniu com os pescadores do Itaguá e resolveram fazer uma canoa tão rápida quanto a de São Sebastião.

Combinamos de arranjar madeira para que fizéssemos uma canoa para competir com a deles [Hei de

Vencer II, de São Sebastião]. Aí arranjei uma árvore na Fazenda Ressaca com o Sr. Luiz Borim, uma madeira boa, uma árvore grande que dava pra fazer até duas. E fomos buscar essa madeira lá no alto da serra. Conseguimos trazer com grande dificuldade, auxiliado por todos os remadores e algumas pessoas do bairro e fizemos a canoa. (Prof. Joaquim Lauro)⁸⁹

Eis que então, no final da década de 60, surge a nova Maria Comprida, cujo nome presta homenagem à Maria Comprida que venceu a primeira corrida de canoas realizada em 1957. Essa canoa, de propriedade do Prof. Joaquim Lauro, foi feita para participar das corridas na categoria cinco remadores. Sua primeira vitória deu-se em 1970. Depois disso, ela foi a principal vencedora das corridas realizadas em Ubatuba e também em outras cidades, como São Sebastião, por três anos.

A Maria Comprida, depois de alguns anos, foi adquirida, bastante danificada, pelo Tamoios Iate Clube. Alguns anos mais tarde, o Comodoro José de Magalhães Netto encomendou seu restauro ao Baéco, do Sertão do Ubatumirim. A canoa foi então oficialmente doada à Fundart em 15 de agosto de 1997, onde permanece em exposição.

No tempo dos antigos, construímos uma canoa, a Maria Comprida. Eu era solteiro ainda, bons tempos! Aí a Maria Comprida se aposentou, não deixaram mais ela correr. Hoje tá em exposição. (Isaias – Fortaleza)

As corridas de canoas foram organizadas pelo Prof. Joaquim Lauro até a década de 1980. Com o afastamento do Prof. Joaquim da organização desses eventos por motivos de saúde, a canoagem de Ubatuba passou por um período de estagnação. A partir da

⁸⁸ Entrevista dada a Giselda Gottsfritz, em 1986 (Ubatuba: História Oral). Documento cedido pela Fundart - Ubatuba

⁸⁹ Entrevista dada a Giselda Gottsfritz, em 1986 (Ubatuba: História Oral). Documento cedido pela Fundart - Ubatuba

criação da Fundart, Ubatuba volta a ouvir falar em corridas de canoas e, em 1992, na Festa de São Pedro, aconteceu o resgate dessa tradicional competição esportiva, genuinamente caiçara.

Particpei de muitas corridas. Há uns vinte anos, depois teve cinco anos que acabou, e de 92 para cá não parou mais. Aqui em Ubatuba, em São Sebastião, na Ilhabela... Foi na época do Joaquim Lauro e, depois, do falecido Ney. E agora continuo participando e levando os meninos da Barra Seca para participar. (Nelson)

Ney Martins

A partir dessa data, em 1992, o folclorista Ney Martins da Fundart passou a ser o maior incentivador das corridas de canoas em Ubatuba. Ele organizou grande parte das corridas de canoas realizadas desde então até recentemente, em junho de 2007, pouco antes do seu falecimento. Por ocasião das corridas, Ney, a exemplo do Prof. Joaquim Lauro, percorria todas as praias de Ubatuba levando o convite em mãos para os pescadores.

As corridas de canoas atraem toda a comunidade, que participa massivamente desses eventos festivos



Márcia Denadai



Alexander Turra

E as vedetes da festa começam a chegar!

Mas gosto de participar das corridas. A última que participei foi no Puruba. Eu participava porque o Ney Martins convidava... Na verdade ele convocava [risos]. A gente ia na festa e acabava correndo. A gente falava que não tinha canoa e ele arrumava canoa. (D. Zita)

O reconhecimento, por parte dos moradores de Ubaituba, do trabalho realizado tanto pelo Prof. Joaquim Lauro como pelo Ney Martins é notório, devido ao resgate de uma cultura ainda muito forte no município.

Eu vejo outra coisa bacana que sempre acontece aí, que o Ney começou junto com o Professor Joaquim Lauro, que são as corridas de canoa, que sempre acontece nas festas tradicionais. Corrida de canoas é muito bacana. É uma cultura nossa na época de festas.

Isso aí tem que fortalecer, incentivar. Fazer com que haja mais canoeiros, competidores, pra brincar, pra não deixar essa tradição acabar. (Julinho Mendes)

Ney Martins ainda tinha um sonho. De realizar uma grande regata: a travessia entre a Vila de Picinguaba e o centro da cidade. Nessa travessia teriam várias modalidades de competidores. Mas, infelizmente, ele não conseguiu realizar esse sonho.

Um dia ele falou assim: “Olha, Dedeco, eu não vou morrer sem essa corrida de canoa lá da Picinguaba, prova de resistência... Canoa de quatro, canoa grande.... Canoa de dois, de três e de quatro. Cê tem?” Eu falei: “Eu tenho duas canoa boa prá remá de quatro, duas pra remá de três, e canoa de duas também a gen-



Márcia Demadai

Os canoieiros preparam suas canoas...

te consegue arrumá por lá”. [Ney:] “E gente?” [Dedeco:] “Olha, depende da brincadeira que você quer fazê, tem gente pra participá.” Então eu comecei a falá aqui: “Olha, vai tê uma corrida assim, assim, assim...” E tinha muita gente interessada em participá. Então, eu queria vê se fazia, se virava essa regata aí. (Seu Dedeco)

Os canoieiros e as corridas de canoas

Muitos são os canoieiros de Ubatuba que participam das corridas. Eles gostam de contar sobre seus aprendizados e como se preparam para participar desses eventos. A luta diária para conseguir o peixe no mar desde a infância é a responsável pelo preparo físico e pela saúde que exibem. A determinação também é

uma qualidade importante.

Saber remar bem. É o que a gente aprendeu desde pequeno com meu pai que era pescador e sustentou oito filhos na base da pesca. A gente aperfeiçoou e agora vai passando para os outros. Não tem segredo nenhum, tem que ter fôlego e força de vontade, braço! (Nelson)

Como os participantes das corridas mesmos dizem, “o importante não é ganhar, mas sim competir”, pois esses eventos são, acima de tudo, um momento de integração e confraternização.

Como ela não escuta, ela chegava pra fazer o retorno lá. Ela esperava alguém passar na frente dela pra saber por onde ia e pra saber o que ia fazer. Assim, sempre ela chegava em segundo lugar. Mas o importante pra Mer-



Márcia Denadai

... para a emocionante largada...

cedes é competir, participar da corrida, não ganhar. (D. Zita, se referindo à irmã, D. Mercedes, que apesar da deficiência auditiva adora correr com canoa)

Eles também dizem que para vencer uma competição, 50% é mérito da canoa e 50% é mérito do remador.

Nélio: A minha dificuldade era eu não tê uma canoa, como até hoje, uma canoa de competição mesmo eu não tenho.

André: Mas nem precisa, né. Os cara corre com canoa de competição, e ele corre com uma normal, e assim mesmo ele ganha.

Nélio: Mas só que é uma superação, é um esforço, pra superá aquela canoa e o cara que tá remando, com a sua canoa que é, vamos dizer, inferior.

André: Se ele tem uma canoa igual a dos caras, ele ia e voltava e os caras tava no meio do caminho ainda.

Nélio: Menos, menos! (Nélio e André - Itaguá)

Mas o orgulho em exhibir os troféus obtidos nas competições das quais participaram é muito grande.

Eu tenho uma porção de troféu lá em casa só de corrida de canoa. Nossa! Eu tenho 32 ou 36 troféu lá. A minha mulher briga comigo. (Seu Dedeco)

Eu já participei de corrida de canoa desde uns 20 anos atrás. Eu só não tenho mais troféus porque não tem sempre, né. Mas não teve uma competição que eu não pegasse... Não digo que eu vô ganhá em primeiro lugar, mas em segundo, terceiro, quarto. Nunca vim pra casa, que eu dissesse: "Ó, eu não trouxe troféu".



Márcia Demattê

... partindo para uma disputa sempre muito acirrada...

(Seu Domingos – Sete Fontes)

Entre os competidores, existem aqueles que participam de todas as corridas de canoas que são realizadas em Ubatuba.

Olha, desde 93, já perdi as conta hein... Média de quantas por ano? Eu acho que no mínimo três por ano. De 93 até agora... Teve anos que foram cinco provas. Eu acho que já foi umas 55 provas, por aí. (Nélio)

E relatam que competir causa-lhes uma emoção.

É emocionante participar da corrida. Quando você corre, não quer perder. (D. Zita)

Alguns não pensam em parar de competir tão cedo.

Enquanto eu tive ainda um pouco de saúde, eu tô lá. Eu vô! Eu não vô lá porque eu quero ganhá. Hoje em

dia não. Hoje eu já tô de idade. Tem muito garoto bom de remo aí. (Seu Domingos – Sete Fontes)

Outros já não competem mais, mas estimulam os jovens a participar.

Já participei, eu e o Josino, no Itaguá. Peguemo terceiro lugar. Deve fazer uns 12 anos mais ou menos. Acho importante existir essa corrida. Meu menino já participou de duas corridas aqui na Festa do Camarão e, em uma delas, pegou primeiro lugar, com a minha canoa mesmo. (Seu Gilis)

E ainda outros, por princípios, não correm mais, porque acham que devem dar uma oportunidade aos mais jovens.

Não vou mais competir porque hoje tem muitos jo-



Márcia Denada

... para, enfim, os vencedores terem seu mérito reconhecido!

vens correndo e acho chato continuar ganhando deles [risos]. Se eu fosse mais nova e tivesse alguém mais velha ganhando de mim, me sentiria humilhada. Agora a gente tem que incentivar a eles. (D. Zita)

Há também aqueles que não participam, mas colaboram com seus conhecimentos para a melhoria da festa.

Todo ano participo. Eu vô só dá as orientações. Por exemplo, nas corridas aqui, os mais velhos dizem onde vão ser os pontos de chegada. Então, antes dos corredores saírem, os antigos fazem a linha dos pontos, quer dizer, não só os corredores participam. (Isaias - Fortaleza)

Dentre os proprietários de canoas que não participam das corridas de canoas, há aqueles que gostam

muito de poder participar um dia.

Nunca corri, mas é meu sonho. (Joel)

Outros não desejam participar, mas engrossam o coro daqueles que apreciam e acham importante que esses eventos continuem a existir.

Eu não sou muito chegado a corrida de canoa, porque tenho muito trabalho... Fico muito cansado. Mas acho muito bonito e acho que não pode acabar. Porque o pescador pode até parecer desunido, mas quando se fala em corrida de canoa, Deus que me perdoe, aquilo envolve até o capeta. (Seu Neco)

Segundo Mariana Clauzet⁹⁰, os caiçaras jovens vêm as corridas de canoas como uma oportunidade de demonstrar sua tradição. Esses jovens desejam ser



©Meca

As corridas de canoas, mais que competições, representam a união dos canoeiros

vistos como caixaras legítimos, uma vez que, na sua vida atual, as atividades econômicas estão mais diretamente ligadas ao turismo que à pesca. Por esse motivo e também pela festa envolvida com as corridas de canoas, os jovens canoeiros de Ubatuba e mesmo as crianças se entusiasmam e aguardam ansiosas uma oportunidade de participarem dessa “brincadeira”.

Quando tem uma brincadeira [corrida] de canoa aqui, principalmente na Picinguaba, aí as crianças começam pedir: “Ô, Dedeco, cê não tem uma canoa pra eu usá?”, “Ai, Dedeco, cê tem um remo?”, “Dede-

co, eu não tenho remo”, “Dedeco, Dedeco, Dedeco...” Aí, cê olha assim, tá todo mundo na corrida, sabe? Mesmo que tenha só um pouco de gente aqui, mas aí cê olha, tá todo mundo lá. O lugar fica até alegre! É aquela tradição! (Seu Dedeco)

É importante porque anima muito a turma. Tem a das criança, dos pequeno. E tem a dos grande. Anima! Antigamente, a menina que ganhava aqui era a Ana, a minha neta. Ganhô em Ubatuba em segundo e ganhô na Armada, em segundo. (Seu Pu)

O “garra-mar”

Uma outra competição genuinamente caixara é o “garra-mar”. Nessa competição, que na verdade

⁹⁰ Mariana Clauzet. Conhecimento local e atividade pesqueira naenseadadoMarVirado,Ubatuba,LitoralNorte.Dissertação (Mestrado). São Paulo: PROCAM - USP, 2003.



Márcia Denadai

A participação feminina também é frequente nessas festas

é mais uma brincadeira entre amigos, os canoieiros procuram por praias com ondas fortes e suas canoas são levadas pelas ondas, da mesma forma que as pranchas dos surfistas. Por isso, diz-se que o garra-mar é a mistura entre canoagem e surfe. Em Ubatuba, essas competições também ocorrem em algumas festividades, porém com menor frequência que as corridas de canoas.

Isso aí é coisa de quando começô Ubatuba. Todas as praias era assim... Eu fui criado assim. Chegava de domingo, não tinha nada pra fazê: “Vamo garra-mar?” Aí saía 10, 12 canoa. A praia era grande, né... Era só nego de bruço [risos]. Quem chegava direto chegava. Aí chegava lá e marcava: “Olha, eu ganhei três vez no garra-mar” ou “Você perdeu três vez...” É perigoso, se tivê duas canoa, se batê uma com a outra assim, pode até machucá. (Seu Gino)

Os perigos realmente existem nessa competição,

Débora Olivato



D. Zita e D. Mercedes: orgulho pelas muitas vitórias conquistadas

podendo ter consequências muito graves.

Quando vai reto não é perigoso. Tinha vez que os cara doidos pegavam uma onda só e atravessava a canoa. Quem quebrou, parece que o Seu Domingos, da Sete Fontes, que atravessou a canoa dele. E o Nelson foi lá e toma! A canoa veio com tudo. Aí veio outro, na outra onda. E toma! (Mizael – Camburi)

Se pular do lado errado é perigoso matar você. Tem um cara que já morreu. Acho que foi do Itaguá ou Perequê. Porque o cara pulou do lado errado e a canoa bateu na cabeça. Era pra pular do lado de fora e deixar a canoa ir. Pulou do lado de lá e a canoa passou por cima. (Nélio)

As procissões com canoas

Uma outra festividade comum no litoral norte paulista e que não pode ser esquecida aqui são as tradicionais procissões marítimas, das quais as canoas



© Meca

E as procissões marítimas com canoas são uma festa a parte

sempre participam. Essas manifestações religiosas costumam reunir muitas pessoas que lotam os barcos caprichosamente decorados para a festa.

A mais tradicional procissão marítima de Ubatuba acontece no dia de São Pedro, em 29 de junho. A Festa de São Pedro teve início no município em 1923, mas a primeira procissão marítima aconteceu em 1954, com poucos barcos, mas com uma quantidade enorme de canoas. Como era uma novidade, o povo se aglomerou na entrada da Barra do Rio Grande, agitando lenços brancos, enquanto o foguetório anunciava a saída do andor levado a barco⁹¹. É reali-

zada até os dias atuais com participação massiva.

Outras procissões tradicionais no município acontecem na Praia Grande do Bonete, à qual o acesso apenas é possível por trilha ou barco. Na última semana do mês de julho, comemora-se, nesse local, a Festa de Sant'Ana, padroeira das praias do Bonete e Grande do Bonete. Outra festa, a de São Sebastião, é comemorada em janeiro, com o mesmo empenho que a primeira⁹².

⁹¹ Fonte: http://www.ubaweb.com/ubatuba/eventos/index_eve_masc.php?even=festaspedro

⁹² Fonte: <http://www.ubatubasp.com.br/boneteg.htm>



Da fartura à escassez: memórias dos canoeiros sobre mudanças nas capturas e no ecossistema costeiro de Ubatuba

*Maria de los Angeles Gasalla &
Marta Collier Ferreira Leite*⁹³

As memórias dos canoeiros de Ubatuba contêm elementos que ajudam a recontar, também, o passado do ecossistema costeiro e seus recursos pesqueiros. A riqueza dos depoimentos nos remete aos eventos e anedotas do passado da pesca, mas vai além: pode contribuir, de forma significativa, para o estudo das situações e estados antigos do ecossistema marinho. Este tema vem sendo desenvolvido, durante a última década, no ambiente universitário brasileiro, em um contexto diferente⁹⁴. Porém, sem o registro vivo das memórias recontadas pela história oral, os progressos nesta área não seriam possíveis⁹⁵. Após uma década colecionando registros e depoimentos de pescadores comerciais sobre o ecossistema marinho, foi um enorme prazer vivenciar, agora, a tentativa de acessar depoimentos dos tradicionais canoeiros de Ubatuba. Se outrora pela mão de nosso saudoso mestre, Clarimundo de Jesus, nos idos anos 1980, ou pela dos amigos Elvivo Damásio e Roberto Seckendorff, no final dos 1990, foi agora, a partir do convite dos colegas deste projeto, que pudemos registrar diversas novas e velhas memórias. Histórias de capturas passadas e eventos pesqueiros inesquecíveis.

93 Laboratório de Ecossistemas Pesqueiros (LabPesq), Instituto Oceanográfico, Universidade de São Paulo (e-mail: mgasalla@usp.br)

Mudanças na pesca com canoas em Ubatuba

De um modo geral, os canoeiros que habitam na região entre a Picinguaba e a Fortaleza nos relataram eventos passados de maior abundância dos recursos pesqueiros na costa, comparando com os dias atuais, tidos como de notada “escassez”. A grande maioria dos entrevistados (80%) citou que diversos recursos eram abundantes, e que são, agora, mais ou muito raros. Dentre eles, os principais recursos citados foram: o “roncador”, os “carapaus”, as “cavalas”, diversos cações, “sororocas” e as tainhas e garoupas (ver Quadro 2, na página xxx, com nomes populares e científicos das espécies citadas pelos entrevistados). Essas citações coincidem, de modo geral, com os depoimentos de pescadores “embarcados”, registrados anteriormente⁹⁶, o que vem a consolidar os registros de diminuição dessas populações de peixes.

94 Maria de Los Angeles Gasalla. Impactos da pesca industrial no ecossistema da plataforma continental interna do Sudeste de Brasil: a abordagem ecossistêmica e a integração do conhecimento. Tese (Doutorado). São Paulo: Instituto Oceanográfico, Universidade de São Paulo, 2004.

95 Maria de Los Angeles Gasalla. “Ethnoecological models of marine ecosystems: ‘fishing for fishermen’ to address local knowledge in Southeastern Brazil industrial fisheries”. In: Fisheries Centre Research Reports. Vancouver: University of British Columbia, 2003; Impactos da pesca industrial no ecossistema da plataforma continental interna do Sudeste de Brasil: a abordagem ecossistêmica e a integração do conhecimento. Tese (Doutorado). São Paulo: Instituto Oceanográfico, Universidade de São Paulo, 2004..

96 Maria de Los Angeles Gasalla. Impactos da pesca industrial no

Quadro 2

Lista dos recursos pesqueiros citados durante as entrevistas com suas possíveis correspondências científicas⁹⁷

Recursos citados	Outros nomes populares	Nomes científicos
Bagre-urutu	Bagre-branco Bagre-guri Bagre-mandi	<i>Genidens genidens</i>
Baiacu	Baiacu-arara Baiacu-guara	<i>Lagocephalus laevigatus</i>
Betara	Betara-preta Betara-lisa Embetara	<i>Menticirrhus spp</i>
Bicho-canjica	Não identificado	?
Cação cabeça-chata	Cação flamengo	<i>Carcharhinus leucas</i>
Cação-viola	Raia-viola	<i>Rhinobatus horkelli</i>
Caço	Cação-mangona	<i>Carcharias taurus</i>
Camarão-branco	Camarão-legítimo	<i>Litopenaeus schimitti</i>
Camarão sete-barbas		<i>Xiphopenaeus kroyeri</i>
Cambeva-amarelo	Cação-martelo Chapéu-pequeno	<i>Sphyrna spp</i>
Caranguejo-santola		<i>Mithrax hispidus</i>
Corvina	Cascote	<i>Micropogonias furnieri</i>
Cavala	Cavala-branca Cavala-verdadeira	<i>Scomberomorus cavalla</i>
Garoupa		<i>Ephinephelus spp</i>
Guaiá-da-costeira		<i>Menippe nodifrons</i>
Ouriços-pindá		<i>Echinometra lucunter</i>
Pampo		<i>Trachinotus spp</i>
Pescada-cambucu	Pescada-cambuçu Pescada-cururuca	<i>Cynoscion virescens</i>

ecossistema da plataforma continental interna do Sudeste de Brasil: a abordagem ecossistêmica e a integração do conhecimento. Tese (Doutorado). São Paulo: Instituto Oceanográfico, Universidade de São Paulo, 2004..

⁹⁷ Fonte: Froese & Pauly. www.fishbase.org; Instituto Brasileiro do Meio Ambiente. Estatística da pesca 2004 - Grandes regiões e

unidades da federação. Disponível em: www.ibama.gov.br; Maria de Los Angeles Gasalla. Impactos da pesca industrial no ecossistema da plataforma continental interna do Sudeste de Brasil: a abordagem ecossistêmica e a integração do conhecimento. Tese (Doutorado). São Paulo: Instituto Oceanográfico, Universidade de São Paulo, 2004.

Porco	Porquinho Cangulo Peroá	<i>Balistes capriscus</i>
Robalo		<i>Centropomus spp</i>
Roncador		<i>Conodon nobilis</i>
Sardinha-bandeira		<i>Opisthonema oglinum</i>
Sardinha-de-laje		<i>Harengula clupeola</i>
Sardinha-verdadeira		<i>Sardinella brasiliensis</i>
Siri		<i>Callinectes spp</i>
Sororoça		<i>Scomberomorus brasiliensis</i>
Tainha		<i>Mugil platanus</i>
Tubarão-barriga-d'água	não identificado	<i>Carcharhius plumbeus ???</i>
Vôngole	Berbigão	<i>Anomalocardia brasiliiana</i>

Quanto aos cações, 88% dos canoieiros citaram que já os capturaram usando suas canoas, e 99% dos mesmos afirmaram que esses peixes diminuíram drasticamente nas capturas pesqueiras. De fato, 80% dos entrevistados consideraram que a maioria das populações de cações estão atualmente superexploradas ou esgotadas.

Da mesma forma, quando indagados sobre a situação de alguns recursos pesqueiros, mais de 80% dos canoieiros citaram que, também, a “pescada-cambucu”, o “robalo”, a “tainha”, a “ubarana” e a “enchova” estariam entre “esgotados” e “superexplorados”.

As memórias recontam também sobre “pesqueiros” outrora ricos em peixes e que não são mais, na atualidade, áreas de pesca tão abundantes. Dentre os locais citados, os mais populares, relatados pelos canoieiros como pesqueiros que “não dão mais tanto

peixe”, foram: a Ilha do Mar Virado, a Ilha da Rapada, o Parcel do Meio e a Ilha dos Porcos.

E quais seriam as razões para este quadro de escassez atual? O que teria gerado esta diminuição nos recursos pesqueiros? Diversas explicações foram dadas pelos canoieiros, muitas ligadas à pesca de maior escala, como é o caso dos barcos de parelha, espinhel, extensas redes de emalhe e numerosos barcos industrializados que, praticamente, “roubam” o peixe dos pequenos pescadores, reduzindo os estoques. Muitos desses barcos, vindos do sul do país. Mas o turismo também foi citado ao se considerar que lanchas e barcos motorizados “espantam”, principalmente, os recursos de grande porte, como é o caso dos cações. O mergulho, para caça submarina, também não parece poupar os recursos marinhos, segundo os canoieiros.

Foi possível verificar também que existe uma conscientização dos canoieiros com relação aos excessos da pesca e às consequências da falta de controle das frota pesqueiras. Foram citadas, como explicações para a diminuição dos recursos, a prática de retirada de barbatanas de tubarão (“galhas”), por japoneses e barcos vindos do Sul, para sua exportação, e a pesca durante os períodos de desova, incidindo sobre as fêmeas de peixe “ovadas”. Para os canoieiros, essas práticas “não respeitam o peixe” e diminuem a sua fartura.

Sem dúvida, estes depoimentos nos levam a um passado bastante diferente em termos de abundância de recursos pesqueiros, e podemos supor que o ecossistema marinho costeiro sofreu grandes transformações ao longo das décadas em que estas canoas foram construídas.

Muitos relatos são aneddotais e originais e merecem seu registro especial; muitos outros, e não menos importantes, são histórias de aventuras e curiosidades que contêm citações consideráveis nas entrelinhas. Esperamos, assim, que o registro dos depoimentos e “histórias de pescador” a seguir possa ser útil, também, para se reconstruir a memória de um passado marítimo mais abundante.

Seu Julio e as garoupas

Seu Julio, antigo pescador da Praia do Félix, lembra saudoso da época em que voltava do mar com grandes garoupas, que sempre foram as suas prediletas.

Certa vez, Julio madrugou, desceu o morro em direção à praia e remou, em sua canoa, para a costeira, como sempre fazia. Foi em uma manhã de 1990, quando ele pegou, “na linha”, uma garoupa de 32 kg! Para tirá-la da água, a batalha não foi fácil: “é preciso cansar o peixe, dar linha, e puxar na hora certa”. Ele conta que



Paulo Zumbi

Seu Luis: hoje em dia já não pesca mais tantas tainhas como no passado

foi preciso muita paciência e habilidade para, depois de horas, a garoupa vir à tona, imensa! Na mão de Seu Julio ficaram as marcas de seu feito. Cicatrizes não faltam, motivos de orgulho de um canoieiro.

Hoje em dia, com quase 70 anos, ele continua pescando. Amanhece muitos dias em sua canoa “Água Viva” e sai em direção à Ponta da Jamanta, à Praia das Conchas, à Ilha do Prumirim ou à Laje Grande. No entanto, o tamanho das garoupas, segundo ele, mudou muito. Por exemplo, há uns cinco anos que ele não traz para casa uma de 10 kg. No máximo, uma de quatro, se estiver com sorte. Muitos dias, nem sequer encontra garoupas. Mas este velho pescador não desiste. Está sempre no mar, com seu largo e cativante sorriso no rosto.

Tainhas de sobra

Nascido em 1929 e nativo de Ubatuba, Seu Luis, morador da Praia do Lázaro, é pescador desde menino.

Há 50 anos ele pescava tainhas na Ilha Anchieta, e “era tanto peixe que vinha na rede de praia que o pescador que estava puxando-a de um lado não via o companheiro que estava do lado oposto”. Parte das tainhas os pescadores doavam para o presídio da ilha, que hoje está em ruínas e faz parte das atrações turísticas da região. Porém, a maioria era dividida entre os pescadores e suas famílias; não faltava peixe para ninguém!

Segundo Seu Luis, as tainhas “se criam” no Rio Grande do Sul e “vêm para Ubatuba, com vento de sudoeste, nos meses de maio, junho e julho”.

Atualmente, a rede de praia está proibida na região. Porém, quando não são capturadas pelos grandes barcos do sul, algumas tainhas ainda podem ser pescadas de canoa, com rede de malha.

As nove corvinas de Seu Neves

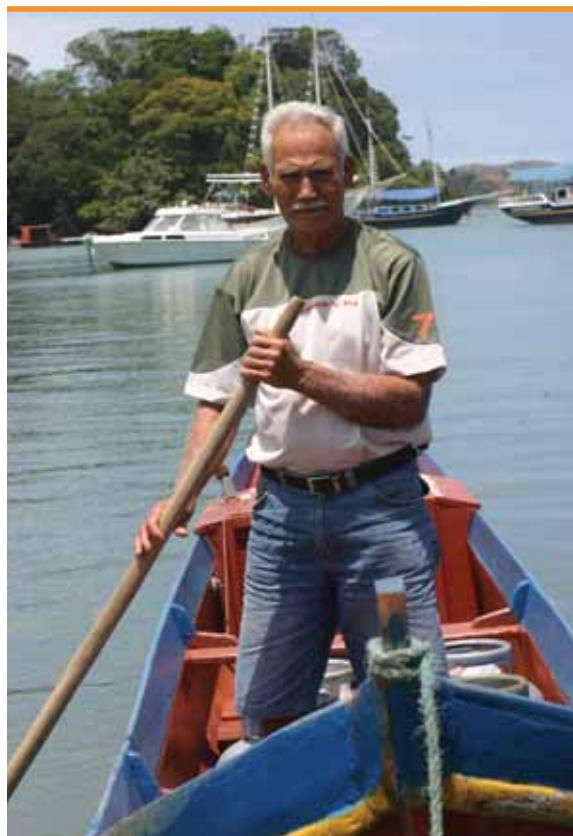
Neves é como o simpático e receptivo Antônio Zacarias de Moura é chamado por seus amigos e familiares. Este canoeiro já demonstrava seu talento para a pesca aos nove anos, idade em que saiu sozinho para o mar pela primeira vez. Ninguém acreditou quando o menino Antônio voltou com nove corvinas grandes para casa.

Mais tarde, em 1947, aos 15 anos, Neves costumava trazer muitas “caças” lá do parcel do Mar Virado. Chegou a pescar, nesse parcel, um “cação cabeça-chata” de 2 m e mais de 120 kg! Naquela época, ele pescava até lotar a canoa e “matava o tanto de peixe que a canoa conseguia carregar”.

Depois apareceram muitos barcos para “caçar” cações na região. Esses “só aproveitavam as barbatanas

e jogavam o resto do animal na água, muitas vezes ainda vivo”. O resultado, lamenta Seu Neves, é que os outros cações “ficavam assustados e fugiam de Ubatuba, para nunca mais voltar”.

Seu Neves, hoje com 76 anos, continua pescando de canoa nos horários de folga de seu trabalho como caseiro na Praia do Flamengo.



Paulo Zumbi

Seu Neves: talento para a pesca desde a infância

“Sumidos” de Ubatuba

Antônio Alves Barreto, o Nhaca-Nhaca da Praia da Fortaleza, conta que guaiá-da-costeira é um tipo de caranguejo que “tinha muito em Ubatuba, até uns 12 anos atrás”. Quando os hotéis e restaurantes começaram a aparecer, e junto com eles muitos turistas, aumentou demais a quantidade de esgoto no mar e os guaiás foram sumindo.

Infelizmente, segundo Seu Antônio, não foram somente os guaiás que desapareceram; os ouriços-pindá, o caranguejo-santola, a lagosta, o bicho-canjica e muitos tipos de siri também já não são mais encontrados. Entre os peixes, a sardinha, o roncador, a ca-

vala, o bagre-urutu, a pescada-cambucu, o cambeva-amarelo, também chamado de “chapéu-pequeno”, tornaram-se peixes raros na região.

Antônio comenta que hoje existem outros peixes valorizados. Por exemplo, quem diria, há dez anos atrás, que o baiacu iria virar peixe “fino”, considerado de boa qualidade? “Antes as pessoas não o comiam, tinham medo de féu, que é venenoso e perigoso para o homem”, conta ele. “Atualmente, já se sabe tirar o féu e limpá-lo.” Sua carne é branca e gostosa e até mesmo alguns dos pescadores mais antigos apreciam ter, no prato, um bom filé de baiacu.

Nhaca-Nhaca: muitos peixes desapareceram da costa de Ubatuba



Maria Angélica Oliveira Gonçalves

Depoimentos de outros canoieiros

Antigamente, na década de 40, todos os pescadores de Ubatuba juntos matavam o que um só barco pega hoje. Não existiam barcos nem redes tão grandes. Os barcos de agora são capazes de matar 40 toneladas de peixe em um só lance. (Seu Pu)

Antigamente, barco grande não tinha. Só tinha barco pequeno. Nem a traineira nem a parelha eram tão grandes. Não tinha muita rede. Era muito difícil um caiçara com muita rede... Hoje qualquer caiçara tem muita rede. Se um caiçara tá aumentando a sua rede, o outro não quer perder. (Isaías - Justa)

O peixe-porco está com bom preço no mercado, mas antes não tinha valor. Isso acontecia porque, no meu tempo, na década de 40 e 50, os peixes eram salgados e o porco não serve para salgar, nem para fazer bacalhau. Fica seco, sem gosto. (Seu Dico - Puruba)

Há 50 anos atrás, matamos com arpão um tubarão “barriga d’água”. Ele tinha dois metros e pesava mais de 150 quilos. Foi na Barra do Rio do Puruba. Muitos tubarões entravam no Rio naquela época. (Seu Dico - Puruba)

No meu tempo de menino, entre 1960 e 1970, as sardinhas encahavam na praia. As mulheres pegavam sardinha com seus vestidos e as crianças, com baldes. Nesta mesma época, também pegava-se muita tainha por aqui. As redes de 17 canoas eram emendadas e tirávamos dez toneladas de tainha do mar por vez. (Oziel)

Na minha infância, entre 1950 e 1965, a fartura de peixes era muita. Arrastávamos o peixe na rede de praia, e vinha tanto que tínhamos que enterrar muitos deles. Tinha até desperdício... (José Ildebrando)

A sardinha é o “comedio” de muitos peixes maiores. Não tem mais sardinha em Ubatuba e por isso os peixes estão mais escassos. (Seu Oliveira)

Os mergulhadores caçam à noite com lanternas e até cilindros. Pegam o peixe de surpresa, é covardia. Por aqui falta é fiscalização. (Seu Júlio)

O cação não produz muito. Eles geram pouco, têm poucos filhos. (Seu Luis)

Em 1940 tinha muito peixe aqui, o que não tinha era para quem vender. (João Inácio)

Oziel: as sardinhas encahavam na praia de Ubatuba



Maria Angélica Oliveira Gonçalves

Antigamente a gente escolhia o peixe para comer. Agora estamos comendo o peixe que o urubu rejeita. Para vender [o pescado] era difícil, não tinha comprador. Hoje tem comprador e não tem peixe. Sabe o que é: no mar ninguém planta, só se colhe. (Seu Élio)

De 10 anos [1998-2008] para cá começou a ter muito sonar e ecossonda, agora não tem mais para onde o peixe correr. (Lindolfo)

Quando eu era novo [entre 1940 e 1950], a gente pegava camarão sete-barbas com um tipo de bodoque, parecido com um coador. (Seu Neves)

O pescador não pensa no dia de amanhã. (Seu Peres)

Teco: cação-viola dava de monte na rede



Marina Angélica Oliveira Gonçalves

Quando criança [por volta de 1970] eu pegava “vôn-gole” na praia durante a maré vazia. Depois, quando a maré enchia, eu usava de isca para pescar corvina e betara com vara. (Teco)

Faz dois ou três anos que proibiram o arrasto no largo do Ubatumirim, talvez seja por isso que deu muito camarão-branco ano passado [2007]. (Chacrinha)

A Itamambuca tinha muito cação. Com 10 anos [1958] eu pegava cações de cinco e seis quilos de monte. (Seu Tião)

Há uns 12 anos atrás [1996] eu pegava quase 100 quilos de corvina na rede de malha; hoje 20 quilos é o máximo que vêm. (Seu Domingos - Sete Fontes)

Há seis anos [2002] peguei 180 tainhas na rede de malha; hoje 40 tainhas é muito. (Iraci)

Há uns 10 anos, pegava 78 sororocas de uma vez; hoje pesco vinte sororocas em dia bom. (Nhaca-Nhaca)

Em 1994 peguei 40 kg de camarão-branco na rede de espera; hoje vêm no máximo uns 15 quilos. (João dos Santos)

Em 1998 arrastamos, na rede de puxar de praia, uma tonelada de robalo. Hoje é proibida essa rede e pegamos o robalo na rede de espera, mas 30 quilos é o máximo que vêm, em uma boa pescaria. (D. Carmem)

Há dez anos atrás [1998] pesquei, na linha, uma garupa de 25 quilos, hoje as maiores têm no máximo cinco quilos. (Seu Barrosinho)

Há 12 anos [1996] larguei o espinhel à tarde no Baguari de Fora, quando fui visitá-lo na manhã seguinte, havia 80 quilos de cação-viola e 15 quilos de corvina. Hoje, se encontrar 25 quilos de cação-viola é muito. (Teco)

Há 40 anos [1968], em 6 horas de pesca, peguei 40 quilos de corvina, betara e pampo. Hoje [2008], pego 10 quilos destes peixes, no máximo. (Urândino)

Há uns 50 anos atrás [por volta de 1958], peguei, na linha, 60 quilos de corvina. Agora [2008] normalmente, pego um quilo. (Ninico)

Em 1932, na rede de malha onze com sete braças de altura, pegava-se seis mil tainhas. Hoje em dia, com a mesma rede, se pega duas mil. (Seu Élio)

Há uns 3 anos [2005] ainda pegava-se uns 40 quilos de sardinha na rede. Hoje em dia, aqui, não tem mais sardinha. (José Ildebrando)

Há vinte anos atrás [1988], no Tenório, em três visitas ao espinhel, vinha 110 quilos de corvina, pescada, betara e cação. Hoje [2008] 20 quilos é muito. (Nelson)

Como é possível constatar, os depoimentos contêm importantes referências para a avaliação do estado do ecossistema. Sugerimos, portanto, que essas

vozes sejam ouvidas nos casos de definição de esquemas e planos de manejo dos recursos naturais da região, e que estes sejam participativos, como já sugerido em outros estudos⁹⁸, em benefício de ambos o oceano e a tradição pesqueira.

Muitos canoieiros citaram, também, que como muitos peixes são pescados “lá fora”, em alto mar, termina havendo uma maior escassez em “pesqueiros” próximos à costa, justamente na área onde os recursos são acessíveis a eles. Além dos danos ao equilíbrio do ecossistema marinho, se esta tendência de constante diminuição dos recursos pesqueiros costeiros continuar, há grandes chances de que, gradualmente, seja perdida esta tradição e herança cultural deixada pelos canoieiros de Ubatuba: a peculiar pesca com canoa de um só pau.



Márcia Demadai

Nelson: antigamente, a pesca com espinhel rendia muito

⁹⁸ Ver: Ruth B. M. Pincinato et al. “Contribuição à caracterização da atividade pesqueira em Ubatuba (SP), a partir de abordagem com pescadores locais” in: Resumos. III Simpósio Brasileiro de Oceanografia, 2006, São Paulo.; Maria de Los Angeles Gasalla. “Primeiros Contatos: vozes da pesca no litoral paulista”. In: Pró-reitoria de cultura e extensão da Universidade de São Paulo. São Paulo: Programa APRENDER, 2008.



O futuro das canoas sob a perspectiva dos canoeiros

O uso tradicional das canoas feitas “de um só pau” no município de Ubatuba está ameaçado. Há algumas décadas, com o progresso dessa região, a cultura caiçara foi se perdendo e o pescador artesanal foi deixando de exercer suas atividades tradicionais. O maior respeito pelo meio ambiente, evidenciado em todos os setores da economia nas últimas décadas, foi um fator gerador de mudanças nos hábitos genuinamente caiçaras. A restrição ao corte da madeira, matéria-prima para a construção das canoas, leva a previsão do prazo para o fim dessas embarcações. Além disso, a escassez de construtores de canoas e a falta de interesse dos jovens em aprender esse ofício são outros aspectos que anunciam um final próximo. Mas os canoeiros de Ubatuba despontam com propostas para garantir que essa tradição não se acabe. É possível a construção de canoas de forma ambientalmente sustentável? Como fazer com que os jovens e as crianças passem a se interessar pela sua cultura? Talvez isso não seja impossível e nem mesmo tão difícil.

As canoas vão desaparecer?

Diante dessa questão, os canoeiros de Ubatuba possuem uma visão pessimista e acreditam que, se nada for feito para preservar a cultura caiçara e o uso das canoas, o final pode estar próximo.

Eu acredito que sim [que as canoas vão acabar], viu, acredito... Porque com o passar do tempo, se continuar da maneira que vai, não vai demorar muito tempo, não tem mais caiçara, não é? Não vai ter mais caiçara. Aí o pessoal vai se envolver, já tá envolvido, com outra atividade mesmo. Com pescaria não tão mais memo. Então acho que vai chegar um certo tempo que isto aqui [canoas] vai acabar. Eu vou guardá como uma relíquia, até o resto da minha vida inteira. Nunca vô me desfazer desta canoa. (Seu Alcides)

E muitos sentem uma certa tristeza pelas mudanças que estão acontecendo no litoral.

Eu acho uma pena. Tem duas coisa que tem que ser levada em conta. Uma pena porque, primeiro, é uma coisa absolutamente histórica, né. Isto vem do passado, que eles tiravam do mato uma tora cortavam um tronco só e faziam uma canoa. Eu acho isto tudo super bonito. Agora, por outro lado, tem o lance do desmatamento, da preservação... Não se deve mais cortar árvore, mas no fundo acho uma pena ver barcos de alumínio. Eu gostaria que tivesse mais canoa e menos barcotes de alumínio. Para vir pra cá [Bonete] a gente só vinha de canoa, durante muitos anos a gente só vinha de canoa ou a pé e hoje o transporte é feito de barcos de alumínio. (Meca Assumpção)

Os mais otimistas, por outro lado, acreditam que o

final das canoas vai chegar sim, mas que isso pode levar mais algumas décadas, pois há comunidades caiçaras ainda muito envolvidas com a pesca de canoas.

Para o caiçara que mora em beira de praia, que é pescador, que depende da canoa ali, não tá sendo diferente. É a mesma coisa. Eles vão lá, usam a canoa pra tirá um peixe da rede, do cerco. Isso aí é tradição que vem de gerações em gerações. Então, aquilo lá não muda. Agora, a gente tem que ver que têm outras embarcações sendo inseridas, né. Então, no meio dessa cultura, desses canoeiros, já têm os barquinhos de alumínio, a motor. Outros também já vejo por aí com canoas também com motor. Então eles vão mudando. Mas aquela canoa, de você pegar pra pescar, que vai no remo, na braçada, isso aí não mudou em nada. O jeito do uso, do manejo... O jeito de pescar dos pescadores tradicionais que tão por aí. Eles não sabem, nem querem manusear um outro barco. (Julinho Mendes)

Restrição ao corte da madeira

Muitos são os motivos apontados como responsáveis pela redução no uso das canoas, contribuindo de certa forma para a perda dessa cultura. Entre esses motivos, os pescadores destacam a existência da atual legislação que restringe o corte das árvores, fato que não existia há até poucos anos.

Quem tem [canoa] tem que cuidar para não perder, porque tá muito difícil cortar uma madeira para fazer uma canoa hoje, tudo está muito difícil, só clandestinamente você consegue cortar uma canoa, então é isto que está se acabando. Agora, se tivesse pelo menos um manejo para poder cortar uma madeira... (Linguado)

Diz a Lei nº 11.428, de 22 de dezembro de 2006, conhecida como “Lei da Mata Atlântica”, no seu artigo 11:

O corte e a supressão de vegetação primária ou nos

estágios avançado e médio de regeneração do Bioma Mata Atlântica ficam vedados quando:

I - a vegetação:

- a) abrigar espécies da flora e da fauna silvestres ameaçadas de extinção, em território nacional ou em âmbito estadual, assim declaradas pela União ou pelos Estados, e a intervenção ou o parcelamento puserem em risco a sobrevivência dessas espécies;*
- b) exercer a função de proteção de mananciais ou de prevenção e controle de erosão;*
- c) formar corredores entre remanescentes de vegetação primária ou secundária em estágio avançado de regeneração;*
- d) proteger o entorno das unidades de conservação; ou*
- e) possuir excepcional valor paisagístico, reconhecido pelos órgãos executivos competentes do Sistema Nacional do Meio Ambiente - SISNAMA;*

II - o proprietário ou posseiro não cumprir os dispositivos da legislação ambiental, em especial as exigências da Lei nº 4.771, de 15 de setembro de 1965, no que respeita às Áreas de Preservação Permanente e à Reserva Legal.

Parágrafo único. Verificada a ocorrência do previsto na alínea a do inciso I deste artigo, os órgãos competentes do Poder Executivo adotarão as medidas necessárias para proteger as espécies da flora e da fauna silvestres ameaçadas de extinção caso existam fatores que o exijam, ou fomentarão e apoiarão as ações e os proprietários de áreas que estejam mantendo ou sustentando a sobrevivência dessas espécies.

Assim, visto que 93% da sua constituição já foi devastada⁹⁹, a Mata Atlântica clama por socorro. Para

⁹⁹ Fonte: <http://www.sosmatatlantica.org.br/index.php?section=info&action=mata>

se compreender melhor a Lei da Mata Atlântica, os casos em que a supressão da vegetação são vedados, conforme o artigo 11-I, representam a Mata Atlântica em sua totalidade. Segundo dados da ONG “SOS Mata Atlântica”, que visa preservar esse bioma, 62% da população brasileira (cerca de 110 milhões de habitantes) vive em áreas ocupadas pela Mata Atlântica. Toda essa enorme população conta com a conservação dos remanescentes de Mata Atlântica para garantir o abastecimento de água, a regulação do clima, a fertilidade do solo e outros serviços ambientais.

Sete das nove maiores bacias hidrográficas do Brasil estão localizadas nesse bioma, garantindo quantidade e qualidade de abastecimento de água potável para cerca de 3.400 municípios e para os mais diversos setores da economia nacional como a agricultura, a pesca, a indústria, o turismo e a geração de energia.

A Mata Atlântica é uma das florestas mais ricas em biodiversidade no planeta, com cerca de 20 mil espécies vegetais, sendo oito mil delas endêmicas, além de recordes de quantidade de espécies e endemismo em vários outros grupos de plantas. Mas a Mata Atlântica encontra-se em um estado de intensa fragmentação e destruição iniciada com a exploração do pau-brasil no século XVI. Até hoje, ao longo do bioma, são exploradas inúmeras espécies florestais madeireiras e não madeireiras, como o caju, o palmito-jussara, a erva-mate, as plantas medicinais e ornamentais, a piaçava, os cipós, entre outras. A fauna da Mata Atlântica comporta 261 espécies conhecidas de mamíferos, 1.020 espécies de pássaros, 197 de répteis, 340 de anfíbios e 350 de peixes que são conhecidos até hoje no bioma. Sem falar de insetos e demais invertebrados e das espécies que ainda não foram descobertas pela ciência. Toda essa fauna de-

pende da proteção e dos alimentos fornecidos pela vegetação da mata para sua sobrevivência.

Esses números nos levam a compreender a importância desse ecossistema para a manutenção da biodiversidade, bem como para a garantia de qualidade de vida para a população humana brasileira. A preservação da Mata Atlântica é crucial, sendo o corte de árvores, mesmo para a fabricação de canoas, evitado por lei.

Pensando nisso, os construtores de canoas de Ubatuba respeitam as leis e reconhecem a importância da preservação das matas. Para que possam construir canoas nos dias atuais, buscam árvores secas na mata ou mesmo aquelas já caídas.

Devido ao problema ambiental, que hoje a gente tem, a gente pega a árvore caída ou a seca. Antigamente, não existia isso, a gente avaliava a qualidade da madeira, se fosse ingá, timbuíba, cedro, angilim, louro pardo, figueira, bucuíba. (Maximiliano)

É respeito, né. A gente não vai se sujá. A gente precisa, né, mas nem tanto. (Dito Puruba)

A restrição ao corte de árvores para o feito de canoas tem, inclusive, levado à busca por materiais alternativos, ecologicamente corretos, para a construção de embarcações com desenho parecido ao da canoa caíçara.

Eu acho que poderia aproveitar o formato dela, que é muito bonito, mas com outro método construtivo. Aí é outra história. Eu já pensei em pegar essa aí de molde e fazer com outro material por cima, né. Fazer como o pessoal faz veleiro, por exemplo, com espuma... Cê cobre ela com placa de espuma. Aí cê faz o “shape” [forma] dela e cobre com resina. Seria um jeito. Mas eu não sei se seria a melhor coisa. Porque o formato dela também é resultado do tecido feito de um tronco, né. Se você for projetar uma, prova-



Débora Olivato

Restrição ao corte da madeira: o uso do ingá caído na mata pelo Maximiliano

velmente vai fazer com a boca maior, mais eficiente, ao invés de fazer ela assim. (José Ricardo)

Uma recente boa notícia é a do lançamento, no dia 22 de outubro de 2008, durante a Semana de Ciência e Tecnologia de Brasília, pelo Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN), do “Projeto Barcos do Brasil”, sendo formalizado um grupo interministerial do governo federal para sua implementação. O projeto visa beneficiar milhares de brasileiros que tiram da pesca o seu sustento e promover o reconhecimento e a valorização dos modos de vida, tradições e conhecimentos acumulados por

gerações, para dar uma nova dimensão à atividade. Dentre as propostas, uma que foi apresentada pelo Instituto Chico Mendes de Conservação da Biodiversidade (ICMBio) celebra o termo de cooperação com o IPHAN e o Ministério da Cultura para que lotes de madeiras apreendidas em todo o Brasil possam ser destinadas à construção e conservação das embarcações tradicionais¹⁰⁰.

¹⁰⁰Fonte: <http://portal.iphan.gov.br/portal/montarDetalheConteudo.do?id=14126&sigla=Noticia&retorno=detalheNoticia>



O rancho caiçara: ilegalidade por ocupar área de Patrimônio Público da União

Cuidados com as canoas existentes

Além da escassez de madeira, os pescadores mencionam, com certa frequência, a falta de cuidado dos proprietários com suas canoas. Eles acreditam que, se os pescadores tivessem mais cuidado e preservassem melhor as canoas já existentes, não haveria tanta necessidade do corte de árvores para o feitiço de novas.

Um ou dois pega a canoa só pra atravessá pra barco. Deixa a canoa no sol, no tempo, pegando chuva. Daí eles sobem no barco, deixa a canoa lá, saem de barco grande, ficam a semana fora, e a canoa fica lá a semana toda. (Nélio)

Talvez não precise fazer canoas novas e nem derubar matas e nem nada, mas as que existem devem ser preservadas em redomas de vidro. (Meca Assumpção)

O descuido com as canoas era considerado inadmissível no passado, quando os proprietários das canoas tinham grande zêlo e exigiam o mesmo dos pescadores que as utilizavam.

Antes chegava assim, ó, os caras tinha uma rede velha... Da proa pra popa, passava pra secá. É verdade! O dono de canoa. Quando cê vê uma canoa, que você

não fazia isso, estragava. Os cara nem emprestava a canoa. O João Glorioso era ruim de emprestá, hein! O João Euzébio. Tinha que enxugá, enxugá ela. Porque a canoa, se tem um pouco de água, apodrece no lugar que fica a água. Eles passavam pano na canoa, secava todinha. Virava ela de bruço, de tarde ia lá e desvirava. Sabe como era? Tinha o varal [estiva]. Trabalhava com ela de manhã, depois, meio-dia, botava ela no varal e a tarde recolhia. Era um ritual. Hoje não. Hoje, chega com a canoa, puxa e cabô-se, com água e tudo. Fazia a canoa sobrevivê 50, 60, 70 anos. A canoa virava história. (Zé Tadeu)

Como uma estratégia para a conservação de canoas, o Laboratório de Ciências da Madeira, da Universidade de São Paulo – USP, em Lorena, sob responsabilidade do Prof. Dr. André Ferraz, vem desenvolvendo pesquisas sobre biodegradação de madeira e algumas aplicações tecnológicas desse processo. Em termos práticos, esse laboratório vem estudando a resistência natural ao apodrecimento de algumas espécies de madeiras brasileiras e especialmente aquelas de uso na construção de embarcações, como as canoas, e possíveis alternativas para prolongar o seu uso.

Assim, o recobrimento das canoas com manta de fibra de vidro impregnada com resinas epóxi é uma técnica bastante simples, de custo moderado e de fácil realização, podendo ser executada por membros da comunidade de pescadores, que são os principais usuários das canoas. A madeira envelopada nesse sistema pode resistir ao apodrecimento e ao ataque de animais perfuradores marinhos por um tempo significativamente maior que a madeira puramente pintada. E o melhor é que essa técnica de recobrimento não afeta os aspectos visuais ou a funcionalidade das canoas, pois as canoas são usualmente

pintadas com cores intensas, o que pode ser perfeitamente compatível com as resinas epóxi.

Em uma etapa futura, o Laboratório de Ciência da Madeira tem o projeto de avaliar a possibilidade de construção das canoas, pelos construtores da região, a partir de madeira de pinho de reflorestamento, e não com o guapuruvu ou o cedro, que possuem restrições para o corte. A princípio, o pinho não se presta para esse tipo de embarcação, pois é muito sujeito ao apodrecimento. No entanto, envelopado no sistema epóxi já mencionado ele poderia resistir por períodos muito longos, iguais ou superiores aos das melhores madeiras. Isso se tornaria uma alternativa para a manutenção da tradição da construção e do uso das canoas no litoral norte paulista e em outros locais.

Os ranchos

A falta de ranchos nas praias, devido à legislação que proíbe qualquer tipo de construção na faixa de areia, é freqüentemente apontada como um problema para a preservação das canoas, que normalmente ficam expostas ao tempo.

O camarada que qué tê canoa tem que tê um ranchinho. Tem que tê um ranchinho pra podê tê canoa. Porque tê canoa no tempo, não tem madeira que escói, sabe como é? Bate o sol, bate a chuva... Tem que tê o ranchinho. Se deixá sempre no tempo, escangaia, em pouco tempo. Tudo objeto tem que tê trato, né. (Seu Agrício)

O Decreto-Lei nº 9760, de 5 de setembro de 1946, que dispõe sobre os bens imóveis da União e dá outras providências, em seu artigo 1º, estabelece na declaração de bens da União¹⁰¹: “a) os terrenos de ma-

¹⁰¹ https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/decreto-lei/Del9760.htm Por iniciativa da Secretaria Municipal de Agricultura, Pesca e Abastecimento de Ubatuba.



Débora Olivato

Rancho comunitário de pesca na Praia do Perequê-Açú, o primeiro legalizado no país

rinha e seus acréscidos”; e em seus artigos 2º e 3º, conceitua:

Art. 2º São terrenos de marinha, em uma profundidade de 33 (trinta e três) metros, medidos horizontalmente, para a parte da terra, da posição da linha do preamar-médio de 1831:

a) os situados no continente, na costa marítima e nas margens dos rios e lagoas, até onde se faça sentir a influência das marés;

b) os que contornam as ilhas situadas em zona onde se faça sentir a influência das marés.

Parágrafo único. Para os efeitos deste artigo a influ-

ência das marés é caracterizada pela oscilação periódica de 5 (cinco) centímetros pelo menos, do nível das águas, que ocorra em qualquer época do ano.

Art. 3º São terrenos acréscidos de marinha os que se tiverem formado, natural ou artificialmente, para o lado do mar ou dos rios e lagoas, em seguimento aos terrenos de marinha.

Portanto, as praias arenosas, bem como sua retaguarda, considerada até 33 m a partir da linha média da maré-alta, são consideradas Patrimônio Público da União, sendo que nenhuma construção pública ou privada pode ser realizada nessa faixa. No en-

tanto, há uma grande polêmica sobre a medida instituída e considerada desde 1946, quando o decreto entrou em vigor. Ninguém sabe ao certo onde se encontra a linha do preamear-médio e, mesmo que se soubesse, como o nível do mar elevou-se consideravelmente nas últimas décadas, a linha média da maré alta, medida, para efeito desse decreto, no ano de 1831, deveria ser revista, pois o número de construções irregulares, inclusive as mais antigas, aumentariam significativamente.

Tem pessoas que até já venderam as suas canoas, porque eles não tem como fazê mais rancho, porque o “meio ambiente” tá proibindo tudo. Então muitas pessoas, muitos já começa a desistir. A gente não é o que a gente qué. A gente qué mantê essa cultura aqui dentro de Ubatuba. Isso aí tem um fundamento muito grande, né. É história, né. E Ubatuba começô com uma história de canoa a remo. Não foi com barco, nem com lancha, nem com iate... Foi com canoa. Ubatuba começô com canoa a remo. (Seu Gino)

A legislação vigente é de grande importância se pensarmos nos grandes empreendimentos imobiliários e nas marinas que dificultam ou até mesmo impedem o acesso e o trânsito de pessoas nas praias. Como esse não é o caso dos ranchos de pesca, uma abertura à construção de ranchos vem ocorrendo através de um Termo de Autorização de Uso elaborado pela Prefeitura Municipal de Ubatuba¹⁰², juntamente com a Secretaria do Patrimônio da União (SPU), que sugere um projeto de rancho coletivo. Esse termo considera a “importância do local para o desenvolvimento da atividade pesqueira; a necessi-

dade de preservação dos meios de subsistência e a manutenção da cultura caiçara entendida como patrimônio cultural brasileiro e ainda com o objetivo de compatibilizar a integridade do meio ambiente com o progresso socio-econômico da região”.

O rancho de pesca construído recentemente na Praia do Perequê-Açú foi a primeira regularização de rancho de pescadores feita em todo o Brasil. Assim, muitos dos canoeiros de Ubatuba estão aguardando a possibilidade de poderem construir seus ranchos para não perderem suas canoas.

Agora eu estou seguro, porque eu sei que vai sair [a construção dos ranchos]. Então, isso foi uma vitória. Dá pra guardar o isopor, as canoas podem ser colocadas uma em cima da outra. (Seu Neco – quando o rancho do Perequê-Açú estava aprovado, mas ainda não construído)

Seu Ford: os construtores de canoas estão se acabando



Maria Angélica Oliveira Gonçalves

¹⁰² Por iniciativa da Secretaria Municipal de Agricultura, Pesca e Abastecimento de Ubatuba.

Esse projeto pretende manter a superfície da areia o mais desobstruída possível, ou seja, o rancho de pesca deverá estar de acordo com o projeto apresentado pela Prefeitura, obedecendo ao padrão dos materiais propostos e sem colocação de piso, mantendo-se o chão de areia. O rancho deverá minimizar o impacto ambiental no que se refere às espécies que transitam e utilizam a faixa de areia para sua alimentação e reprodução.

É importante salientar que a autorização de uso concedida pela Prefeitura de Ubatuba não confere ao autorizado qualquer direito possessório ou dominial sobre a área em questão, porque uma vez concedido o direito de uso, não poderá ser transferido a terceiros e nem serem incluídos outros usuários, sob pena de imediato cancelamento por simples notificação ao autorizado. O Termo de Autorização de Uso será revisto anualmente para que haja uma melhor fiscalização da utilização dos ranchos.

Escassez de construtores de canoas

A escassez de construtores de canoas, esses artistas que conhecem como ninguém a arte de transformar uma tora de árvore em canoa, é uma outra ameaça à continuidade das canoas. Muitos dos mais conhecidos e antigos de Ubatuba já faleceram e os poucos que restam não têm a quem deixar o seu legado de arte.

As pessoas que fazem canoa tão se acabando, tão se acabando tudo... Não tem mais. Aqui mesmo, só quem faz só eu, aqui nesse pedaço, mais ninguém, porque não tem mais ninguém pra fazê. Tinha outro, tinha o meu irmão que fazia, mas ele faleceu também, faz tempo já. Tinha só nós dois só... E agora tem só eu. Tá se acabando. Se acabá quem faz, aí acabô-se. (Seu Filhinho)

É que, por exemplo, os fabricantes de canoas, os fazedores, já não tem mais né. Já são quase tudo morto. Aqui no nosso lugar nem tem mais tradição de fazê de canoa, tem mais pro lado lá do Ubatumirim... Aqui quase não tem mais. Quando a gente qué, tem que comprá do lado de lá. (Seu Ford)

Todos os construtores de canoas entrevistados disseram ter interesse em ensinar o ofício do feitiço das canoas aos jovens.

Eu tenho intenção de fazê um dia, de ensiná. Ensiná alguém que se interessasse... Eu podia tirá um dia da semana. Eu penso em fazê isso, em tirá um dia por semana pra ensiná eles. (Baéco)

Mas sentem que os jovens não se interessam por essa arte e buscam por formas de trabalho mais fáceis e recompensadoras.

Se quisé, se alguém quisé, eu ensinava a fazê. Mas eu vô dizê uma coisa pra você, tem muita gente aí que não qué fazê isso aí, não. Essa rapaziada aí de hoje em dia não qué fazê isso, não. E é tão importante isso! (Seu Filhinho)

Vai acabá! Porque ninguém se interessa. É falta de interesse. Encomenda de canoa até que tem viu, sempre teve. Cê faz, não perde! E não sei por que que ninguém se interessa. (Baéco)

Perda da cultura caiçara

As dificuldades encontradas pelos canoeiros para manterem suas canoas, pela obtenção e preservação das mesmas, pela redução do pescado e também por toda a descaracterização da cultura caiçara, imposta pelo desenvolvimento urbano-turístico (ver capítulo 2), acabaram levando os moradores tradicionais de Ubatuba a desenvolverem atividades não mais relacionadas à pesca e, conseqüentemente, ao uso das canoas.



Debora Olivato

Canoas encostadas: a troca por embarcações motorizadas

Com tanta injustiça, o caiçara daqui vai ficando injuriando e indo embora, vende aí, vende barato, inteira, vai pro centro pagar aluguel, aí vai acabando a tradição porque a canoa não interessa. Cê tá na cidade, pra que vai querer a canoa? Cê vende ela a preço de banana, larga aí, o outro que compra usa uma pescaria ou duas, larga e estraga. Vai se acabando... A tradição uma hora vai parar e não vai demorar. Se continuar do jeito que tá, pelo que eu conheço aqui, não vai demorar mais dois, três anos, não tem mais nada. (Felipe)

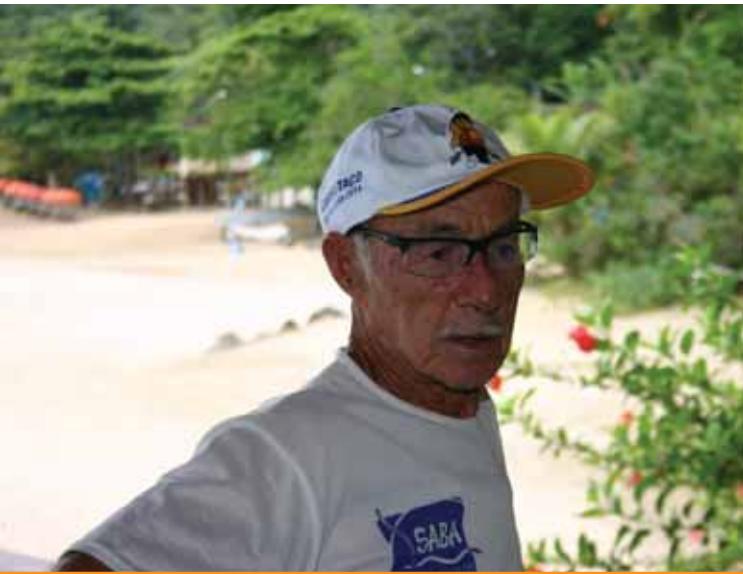
No entanto, muitos ainda não se renderam e continuam exercendo a pesca como forma de sustento, pois não se imaginam fazendo outra coisa. Esses pescadores aguardam alguma mudança na legislação

que os beneficie, para que a tradição da pesca com canoas não termine e a cultura caiçara seja mantida.

A quantidade de canoa não mudou, não. Tem barquinho, mas não deixa de ter canoa. O que diminuiu para nós foi a quantidade de pescado. E hoje tem essa coisa esquisita de proibir pescador, de meio ambiente, parece que a canoa está presa na mão deste povo. Não tem mais liberdade para trabalhar, não tem mais liberdade para pescar, ninguém ajuda o pescador, o caiçara. Muitas vezes tem que trabalhar com medo. O cara vem proibir você, que nasceu aqui, que passou sua vida inteira no mar. Por que agora tem que proibir, tem que mudar? O pescador artesanal depreda? Nós não depredamos nada, não. Seria bom se tivesse alguém que ajudasse o povo caiçara nesse lado, pra ter liberdade, pra poder trabalhar, pescar direitinho. Viver sua vida. Eles prendem a canoa do caiçara, tomam a tua rede. Aí você vai viver de quê? Se você tiver que ir pra cidade, trabalhar no escritório, cê não sabe trabalhar num escritório, num banco. Você sabe pescar. Se tirar a ferramenta da mão do cara, vai morrer de fome. (Seu Dico – Almada)

Mas há, entre aqueles que não abandonaram a pesca, muitos que aderiram ao uso de embarcações motorizadas, como as chatinhas. Essa preferência é justificável, devido à maior velocidade atingida pelas chatas, a maior segurança que proporcionam e a necessidade de busca pelo peixe em pontos de pesca mais distantes que os utilizados antigamente, por causa da escassez de peixes nas proximidades da costa.

É, meu filho, por exemplo, nem quer saber mais de canoa. O negócio dele é este barquinho inflável. Ele é marinheiro, então não usa mais canoa. Ali, quando acabar minha canoa, quando eu parar de pescar, acabô! (Zé Abóbora)



Debora Oliveira

Seu Élio: tradição passada de pai para filho

E o número de canoas encostadas, sem condições de uso, vem aumentando.

Ah, tem, tem muita canoa encostada, porque tem outra canoa que cê tá usando mais, vai incostando. Outros têm que põe pra usá no quintal assim, pra plantá uma planta. Porque, agora, tem muitos que não tá mais comprando as canoa, tão só comprando as lanchinha. Então, tão incostando as canoa, tão deixando, tão vendendo. (Seu Filhinho)

Os jovens e a pesca com canoas

Mas como sempre há esperança, alguns dos descendentes de pescadores carregam a tradição de seus pais, impedindo que as canoas se acabem, pois

entendem a importância dessas embarcações para a tradição e cultura caiçara.

Eu ensinava os filhos a pescar a remar. Onde eu ia levava eles e eles gostavam. Tem alguns que não gostam, outros que gostam. Mas é uma coisa que não pode acabar. Tinha oito canoas, vendi, só fiquei com três. Essas canoas não vendo. Eu morrendo fica pros filhos e, os filhos morrendo, fica para os netos. Canoa, para caiçara pescador, não se acaba. Muito caiçara aqui vive da pesca, pesca garoupa, larga o tresmalho. A canoa só vai acabar se o meio ambiente [órgãos de fiscalização ambientais] e a [polícia] florestal não deixar mais ter. (Seu Élio)

Meus filhos adoram [canoa]! Isso aí é praga de pai pra filho. É doença isso! Cê não ganha nada. Mas que você pesca e vai pescando, porque antes tinha peixe, e hoje não tem. Mas, canoa, eu duvido que um pescador não dê valor. (Zé Tadeu)

Algumas crianças já começam a se interessar pela pesca com canoas. Seguem os ensinamentos de seus pais que vivem da pesca e se orgulham de viver da mesma forma que seus antepassados, pois, como eles mesmos dizem, a tradição “está no sangue”.

Por mais que fala, sempre tem uns dois ou três [meninos] que cê já olha... Olha, por exemplo, aqui agora... Tem uns dez, tudo de sete anos, oito anos... Cê já vê que não vai pra escola... Que o negócio deles é o mar. Porque é assim: o que meu avô viu, meu pai não viu; o que meu pai viu, eu não cheguei a ver; e o que eu vi, e vejo, meu filho não vai ver. Porque o que acontece? Quando você chega num momento, numa pesca industrial, o armador quer o quê? Dinheiro no bolso. E a gente, que trabalha com a pesca artesanal, não, quer o sustento da família. O meu é, sabe? Eu fiz essa casa aqui... Levou um ano e meio pra fazer, mas

é tudo com dinheiro de pesca. Entendeu? Eu tenho curso superior, sou biólogo, fiz, mas não adianta... O negócio tá no sangue! (Lelinho)

E esse interesse por parte das crianças é, muitas vezes, motivo de orgulho para os pais e avós.

Minha filha, a Maiara, gosta de pescar e de sair comigo na canoa, e os meninos também. (Joel)

Hoje meu neto menor já põe tresmalhos e vende o peixe e está na maior alegria. O Leo mergulha, tá encantado, tá apaixonado... Ele não consegue ficar parado com faca, fazendo barco de isopor, e com as latas de sorvete, fazendo as poitas, sabe? (Ivete Maciel)

Meu filho já qué remá! (Noubar Gazarian, se referindo ao filho de 2 anos)

E até mesmo os mais jovens, que já vêm levando a tradição, sentem alegria ao ver que a criançada está seguindo a mesma trilha.

Quando a gente marca pra ir na praia, sempre vão as criançada. Pede a canoa, pede pra andá. Enche, pega e sai. Já tem noção. Mesmo não tendo tamanho, mas tem noção, né... Como se fosse uma pessoa adulta. E isso é legal, né. Porque passa aquela diversão pra todo mundo. (Alexandre)

As tradicionais corridas de canoas despontam como

Crianças e canoas: o futuro está garantido?



Débora Olivato

importantes eventos que estimulam os jovens a querer praticar um esporte e superar limites, se afastando dos perigos que os cercam, além de valorizar e colaborar com a preservação da cultura das canoas.

Também, com esse negócio de competição, isso tá incentivando muito a garotada nova. Eu tive lá na Fortaleza... Tava cheio de gurizinho lá. Essas competições de canoa ajudam muito. É uma parte fora da pesca, né, mas é uma parte que já ajudou muito. Quem não quer fazer um esporte, né? Tira a garotada da rua. Aí não vai pro lado ruim, pro lado da droga. Então, isso ajuda muito. (Seu Domingos - Sete Fontes)

Alternativas para a preservação da cultura das canoas

Os canoeiros veem algumas alternativas para evitar que a cultura do uso e do feitiço das canoas termine. Entre essas alternativas, está o oferecimento de cursos pelos construtores de canoas, para que, no futuro, ainda exista quem domine essa arte.

Quem sabe fazer a canoa devia passar para os outros, porque senão vai chegar uma época, ninguém mais vai saber fazer uma canoa. (Seu Alcides)

Como exposto acima, a adoção de sistemas de gestão ambiental de uso sustentável de recursos, como as re-

Noubar: orgulho em ver seu filhinho gostando do mar e das canoas



Arquivo pessoal | Noubar Gazarian

servas extrativistas, são necessárias. Nesse sentido, há propostas para que os órgãos de meio ambiente criem exceções para beneficiar o pescador artesanal que, por uma eventualidade, venha a perder sua canoa.

Desde que a pessoa comprove que tem embarcação, que é pescador e que precisa da canoa, devia ser dada uma autorização para a gente tirar a canoa, para não se acabar. Não digo, assim, pela beleza,



©Meca

mas por precisão. Como muitos que têm hoje, tinha que ter uma ordem, porque cê vê que é por precisão. Apresentava uma documentação como pescador e tinha que ter uma ordem. (Isaias - Fortaleza)

A liberação do corte de madeiras de árvores já mortas é bastante mencionada pelos pescadores. Segundo eles, essas árvores representam, inclusive, um risco às pessoas e animais, bem como às árvores que vivem ao seu redor, pois, ao cair, elas podem derrubar outras, fato normalmente evitado por ocasião da derrubada.

A preservação é isso. A primeira coisa é a gente podê extrair as árvores que tão morrendo, pra podê fazê a canoa... E nem isso hoje em dia se pode, nem as que tão morrendo. Tem muita árvore aí que tá ariscada de cair, que podem até causar acidentes. Poderiam ser cortadas pra fazer canoas. (Nélio)

A criação de reservas extrativistas de árvores para o feitiço de canoas, onde o correto manejo seja feito, com extração controlada e garantia de uso sustentável, também é uma proposta louvável apresentada pelos canoeiros.

Se tiver a preocupação de hoje tá plantando um guapuruvu, um cedro, com essa finalidade... Não sei nem se existiria essa lei, da pessoa plantar um guapuruvu, pra esperar não sei quantos anos, específico pro corte da canoa. (Julinho Mendes)

Ou mesmo o fato de assegurar que, se uma árvore morta for cortada para o feitiço de uma canoa, uma nova muda seja plantada no seu lugar.

Eles tinham que dá o direito de trocá uma velha por uma nova. Fizesse o pescador, o cara que constrói canoa: “Vô tirá essa árvore aqui, vô plantá dez no lugar dela.” Ia tirá lá um guapuruvu ou um ingá e colocava dois ipê ou uma outra madeira: “Taqui a planta”. Daqui a tanto tempo, isso aqui vai tá dando o pre-

ço que deu. Então, uma madeira velha, que tivesse pra morrê, faz uma canoa, porque não tem utilidade mais pra natureza. Mas ia tê pra alguém e alguém ia colocá uma árvore nova no buraco da raiz dela. Acho que devia ser uma troca de favores... Nós com a natureza e a natureza com nós, pro pescador, pra nunca acabá a canoa e nem a mata. O direito é esse. Mas tinha que tê alguém que acompanhasse esse tipo de troca. Mas com pessoas eficientes, que fosse pra pescá, ou pro pescador verdadeiro. Senão, alguém, que se diz pescador: “Vô lá tirá essa árvore”, e é um atravessador. Leva a canoa lá não sei pra onde e vende. Aí, se enganô! (Zé Tadeu)

Em uma outra vertente, há propostas que visam um maior estímulo aos pescadores artesanais por parte dos organizadores de eventos festivos, como as procissões no mar. Esses eventos costumam premiar os proprietários de barcos maiores, e os pescadores que possuem canoas, normalmente, não são lembrados.

E benefícios... Quando tem a Festa de São Pedro Pescador, que é a nossa tradicional festa, muitas embarcação saem pra procissão, tudo prá leva o santo, e tem uma premiação certa. Todo ano eles ganham bote, eles ganham sonda, entendeu? Peças importantes pra um barco e caras! Isso tem que tê, mas também tem que tê o mesmo apoio pro pescador artesanal, que são de classe mais baixa e precisam desse apoio. O pescador artesanal podia ganhá o quê? Podia ganhá rede, caixa de anzol, capa de chuva, bota... Tudo isso é interessante. (Nélio)

Já que o turismo é um grande impulsionador da economia do município de Ubatuba, uma estratégia bem viável seria uma atividade turística, voltada à divulgação para a sociedade em geral sobre a cultura e a beleza das canoas, além da importância dessas em-



Paulo Zumbi

Mário Gato: planeja uma travessia Ubatuba-Ilha Grande com canoas de voga

barcações para o pescador artesanal, o tradicional habitante de Ubatuba.

Eu sempre pensei nisso. Um dia pegar uma canoa ou duas canoas e ir ali, no canto do Itaguá, por exemplo, pra prestar um serviço assim como “aluga-se caiaque”. Mas não pra alugar, mas pra fazer um passeio turístico em cima de uma canoa. Não está se falando sobre a pesca predatória? Criar recifes artificiais nessa baía, uma plataforma, onde essas pessoas

que estão sendo impedidas de pescar, o pescador artesanal, poderiam ter assim um ganha pão, de estar levando os turistas numa base dessas, um recife artificial pra pescar, em cima de uma canoa, ou mesmo numa plataforma, pra fazer passeios turísticos dentro de uma canoa. Então, é uma idéia que eu sempre tive e que eu acho que dá pra fazer: levar turistas, levar alunos de escola, criançada, que nunca tiveram o prazer de subir numa canoa... Que é maravilhoso! Com o remador contando histórias... Seria um grande atrativo. (Julinho Mendes)

Por fim, uma proposta reúne o restauro de grandes canoas abandonadas, a realização de uma grande travessia como forma de rememorar os tempos antigos e a produção de um vídeo-documentário. As preparações para essa empreitada, que pretende valorizar a cultura do uso das canoas, já tiveram início no Ubatumirim.

Já faz mais de um ano que estou com aquela canoa [Cobrinha] em casa. Eu vou restaurar ela pra fazer uma

viagem. Quando vi aquela canoa na praia, apodrecendo no tempo, achei uma judiação. É difícil ter canoa grande assim, precisa preservar mesmo. Vou reformar ela inteirinha como reformei a outra que está lá em casa. A idéia é fazer um documentário com ela, construir duas réplicas de canoa de voga, comprar mais uma canoa grande de uns 8 metros por 1,20 de boca para fazer uma viagem para a Ilha Grande [RJ], no traquete, ou na mezena, que são dois panos de vela. Pra velejar daqui para lá tem que ir no terralão, vento das cinco da manhã que sai da várzea até às nove horas, mais ou menos, porque dá para navegar pro norte. Fui atrás dos mestres antigos, do Sr. David, para descobrir como eram os acessórios, e tudo, tudo, os amarradinhos, o pano, tudo, tudo. Isso é só para provar que existiam canoas desse tipo aqui. (Mário Gato)

Assim, como pode ser visto, o futuro das canoas pode estar garantido, pois boas propostas não faltam. O que falta talvez seja apenas um pouco de estímulo e ação.

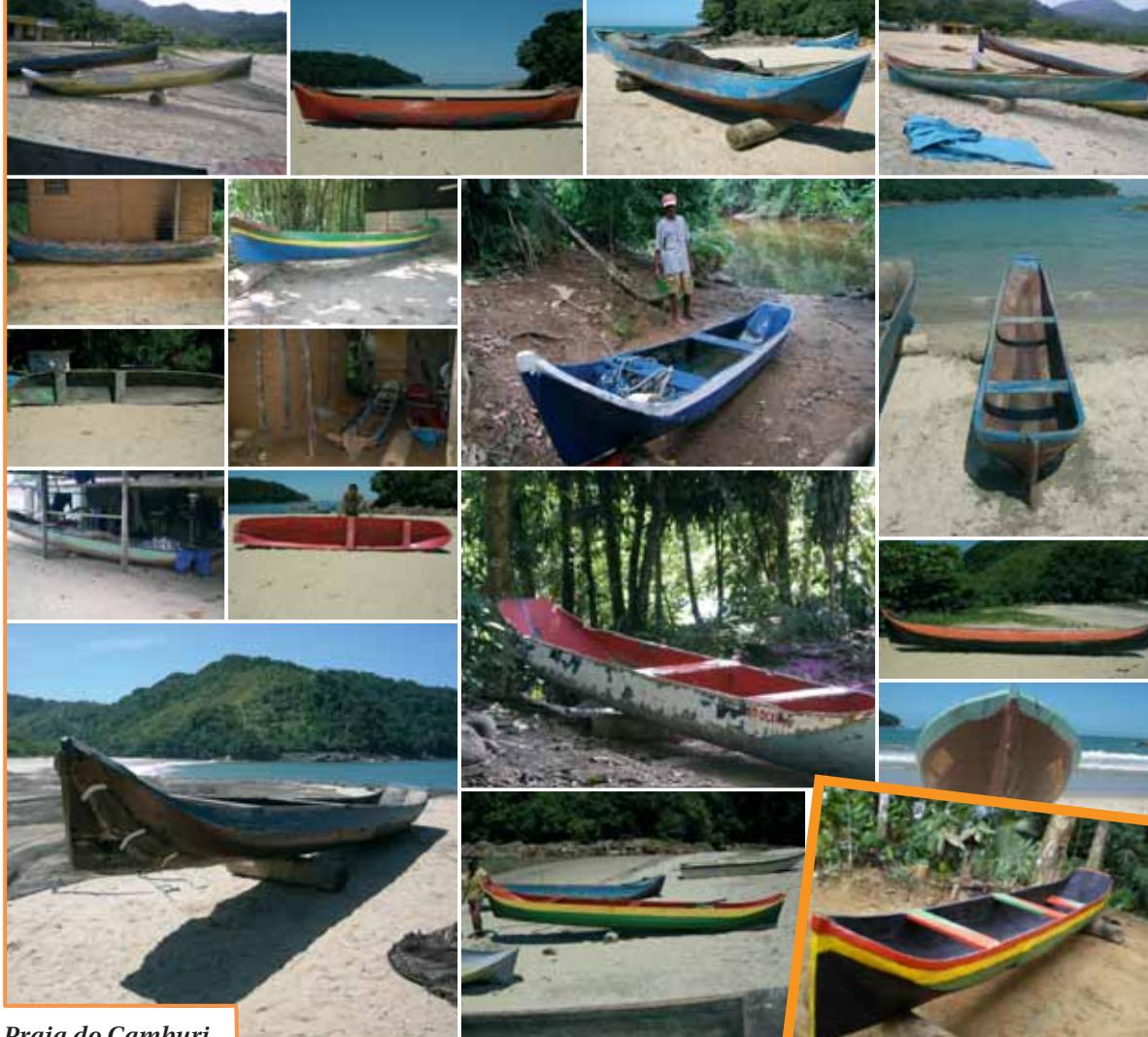


“Com quantas memórias se faz uma canoa”

Muitas são as histórias de pescadores, e os de Ubatuba têm muito para contar. As histórias dos canoeiros de Ubatuba podem ser engraçadas, tristes, nostálgicas, aventureiras, românticas... Mas contadas por quem as viveu, são sempre emocionantes. Também não é novidade que as narrativas de pescadores muitas vezes levam, como um tempero especial dado pelos caiçaras, uma pequena dose de exagero, o que faz com que elas fiquem ainda mais vibrantes e inesquecíveis. Algumas das muitas ouvidas foram transcritas aqui, verdadeiras aventuras vividas pelos pescadores junto a suas canoas. Também foram relatados alguns fatos “tragicômicos” ocorridos com os construtores de canoas durante o trabalho de feitiço na mata. Para que tenham um significado especial, o “jeitinho” de contar foi preservado por meio da transcrição literal dos seus relatos.

Ao final, algumas histórias de canoas, que não foram colhidas por esse projeto, também são apresentadas. O belo relato, escrito de próprio punho por um proprietário de canoa, o compositor Julinho Mendes, é apresentado na forma de trilogia e publicado pela primeira vez. Outros depoimentos, colhidos nos livros *Os Caiçaras Contam*, *Enciclopédia Caiçara - Vol. IV*, compilado por Antonio Carlos Sant’Anna Diegues e *Ubatuba: Lendas e outras estórias*, de Washington de Oliveira, completam a lista de histórias e estórias das canoas de Ubatuba.

Por meio desses relatos, é possível entender o valor dado pelos canoeiros às suas canoas, companheiras sempre presentes nos momentos de prazer e de pavor sobre as águas do mar.



Praia do Camburi

Sal despejado no mar

SEU GENÉSIO, conta uma história do tempo em que era necessário viajar de canoa até Ubatuba para ir buscar mantimentos e mercadorias. Numa dessas viagens, o mar não estava pra peixe...

Eu fiz várias vez [travessia Camburi-Ubatuba]... Quando era pra pegar o sar, pra sargá os peixes, eu

mesmo já peguei uma grande tempestade, vindo de Ubatuba, na canoa. Tinham três pessoas. Eu, um sobrinho e um tio meu. O nome da canoa era Lontra. Fizemos a carga da canoa, vendemos os peixes, trocamos por sar pra sargá os peixe. Era saca com 60 quilos. Era sar refinado mesmo. Era para sargá o peixe

escalado. E quando chegamos por cima da Ponta da Jamanta, no Félix, veio um sudoeste. Isso devia ser umas nove horas da noite... Saímos tarde de Ubatuba. Naquela época, a gente usava pano [vela]. Muita onda de mar, mas muita onda de mar... Eu disse: “Meus amigos nós vamos afundar. A canoa tá muito carregada e tá entrando muita onda de mar na canoa... Que vamo fazer?” Meu tio Mané disse: “Vamo embora. O tempo pode piorar ainda mais”. Ele era mais velho e tomava uma dosezinha. Quando chegamos na ponta, vimo a coisa preta. Me ajuelei no fundo da canoa e comecei a rezá. Joguei dois saco de sar no mar. Fomo saindo pra fora, largô o pano... Chegamo aqui com sete saco de sar, à meia noite e quinze. No outro dia, não tinha embarcação que chegasse aqui no Camburi, com onda de mais de dois, três metros de altura. Mas o que fazia isso era a mociidade... E a confiança em Deus!

A vingança da Moréia

Vinda lá do Remanescente de Quilombo, a história do JOEL alerta sobre os perigos envolvidos na pesca de peixes perigosos, como a moréia.

Na canoa verdinha, que tá na arrumação, tem história pra contar de pescaria boa mesmo. Trouxe vinte quilos de garoupa, emalei e levei pra cidade. Passou umas duas semana. Fui pescar na ponta e peguei uma moréia. Acacetei a moréia e joguei ela lá na proa. Joguei de novo a linha, biliscou, meti a mão... Vi subi aquele neón, um pretão, era uma garoupa... Fiquei animado, aboei, era mesmo uma de oito quilos. Grande mesmo! A canoa era pequena... E agora? A canoa vai virar, não? Mas consegui equilibrar e joguei a garoupa pra dentro da canoa. E a moréia... Vi-veu! A canoa é pequenininha... A moréia saiu da proa

e veio, assim, na minha direção! Aí botei a mão na canoa assim e os pés no bordo... Será que vou cair na água? Na afobação, até a faca caiu na água... Deu maior pavor! A moréia viveu! Mas consegui matar ela. A moréia é embaçada!

Um bom abrigo

SEU SALUSTIANO, certa vez, enfrentou um vento bravo na volta da cidade para o Camburi. Mas isso não foi problema. Ele e seus amigos acamparam num rancho e a coisa ficou boa por lá.



Maria Angélica Oliveira Gonçalves

Seu Genésio



Débora Olivato

Joel

Eu disse: “Olha minha gente, vão bora porque vem vento”. Quando chegamos perto do Prumirim, veio a trovoadá. Eu falei: “Vamos carcar o remo, porque vamos chegá ao Prumirim... É o jeito. Vamos chegá no Prumirim. Se nós pegar esse vento, vamo lascar o fundo da canoa”. Era figueira. Uma canoona bonita! E vai, vai... Quando o vento chegou, nos chegamo na ilha. O cara ajudou nós, e colocamo a canoa lá pra cima, marremo... O tempo caiu. Foi o sudoeste que veio. Tinha um pedaço de carne seca, cortei. Já dei pro homem fazer uma comida pra nós. Tinha feijão... Tinha batata também. Ele disse: “Vai custar tirar o sal da carne seca”. E eu falei: “A hora que saí, tá bom. Nós tamo aqui no rancho mesmo. E o vento tá aí. Não vamo embora”. Fizemo uma jarra de batida de limão, fizemo o fogo, assemo um bucado de carne. Comemo carne e tomamo pinga, pinga com limão. Eu, Mané Inácio, e Japão. Aí o tempo caiu! Se nós pega aquele vento, nós afundava, morria tudo. No outro dia o tempo tava mais calmo. Manda outro pedaço de carne seca pra fazer o almoço. Fiquemo lá uns dois dias. O mar tava ruim, ainda. Aí, comia e deitava e contava história. No outro dia, falei: “Hoje dá pra ir embora. Senão nós come essa comida tudo e não tem comida pra nós vendê. Nós parado aqui, fica só comendo”. A família ficava preocupada. Não sabiam se estava no mar ou em terra. Não tinha como avisar. Hoje em dia tem rádio, dá pra avisar. Aí, quando a gente chegava aqui, contava a história.

Mizael



Débora Olivato

Casal alagado

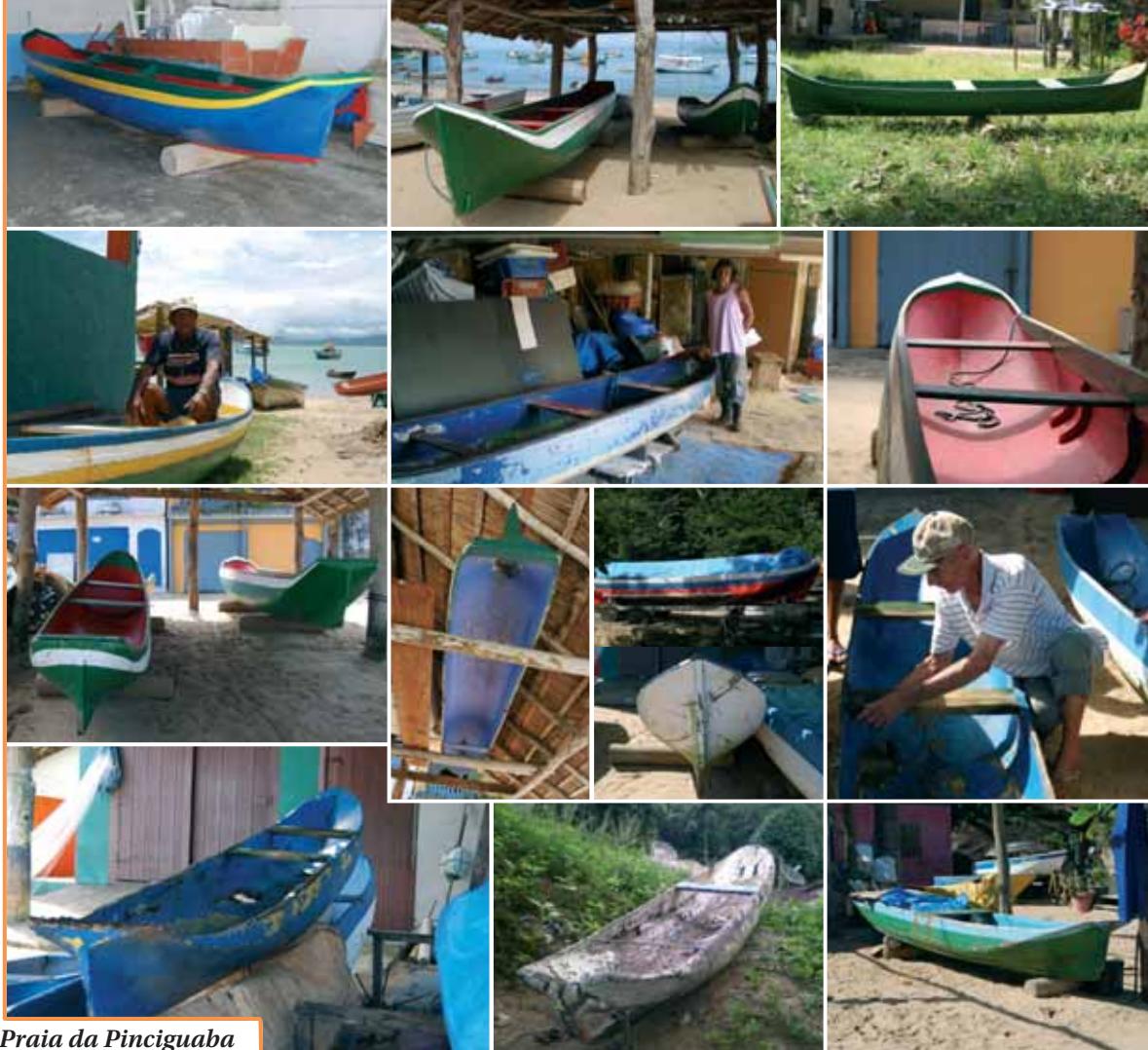
Depois de um convite do MIZAEL para a Ivani ir ajudá-lo a tirar a rede de pesca, ele se arrependeu, pois a Ivani acabou causando alguns problemas.

Me alaguei com ela [Canoa Sereia] ali. A rede tava na costeira. Aí falei pra Ivani: “Vamos visitar a rede comigo?” Estava com blusa de frio, era mês de junho, julho. Temos um caneco de alumínio pra tirar água da canoa. Ela falou que estava vendo tartaruga. Mentira! Não sei como que ela foi [caiu na água] e eu fiquei. Acabou ficando dois, três dedos assim pra canoa ir pro fundo de água. Do jeito que ela caiu, quase se afogou. Não sabia se dava risada ou ajudava... Ela começou a se bater. Falei: “Cê não vai morrer, não! Não segura na canoa, pra não tombar, porque eu não quero ir pra água, não”. Ela se batendo. Eu disse: “Calma aí, segura na canoa de boa!” A canoa balançando... Vup, vup! Comecei a arrancar a água. Aí eu disse: “Calma aí, pra você subir”. Apoiei pra ela subir, a canoa foi junto. Xabau! Fui pra água. Quando fui ver, a canoa tava virada. Minha irmã pegou outra canoa lá e foi ajudar nós. Eu tava p... com ela. Eu não aqueitava de tanto dar risada... Mas tava nervoso!



André Damásio

Seu Salustiano



Praia da Pinguaba

O esforço reconhecido

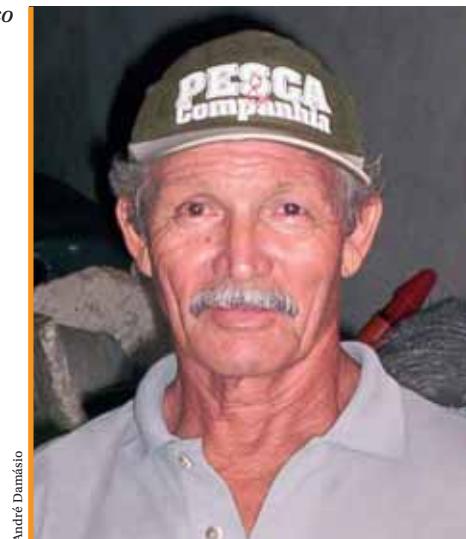
Na primeira corrida de canoas promovida em Ubatuba, o SEU DEDECO fez uma bela corrida e, apesar de não chegar em primeiro lugar, seu esforço foi reconhecido pelos organizadores.

A primeira corrida que o Prof. Joaquim Lauro fez, ele falou pra mim que aqui na Pinguaba não tinha

uma canoa pra participá da corrida. Aí eu falei: “Tem sim!” Então eu fui participá. Então, ele veio aqui trazê o convite: “Tal dia, assim, vai tê a corrida de canoa lá, esse convite aqui é pra você participá”. Aí a gente ar-rumô o barquinho pra ir. E aquele barquinho demorava muito pra chegá lá, e a corrida de canoa parece

que era oito, nove horas, pra zarpá do porto. E nós não chegemo a tempo e eu perdi a canoa, que chamava Velho Barroso, que era pra eu corrê. Aí um homem lá da Fortaleza falou: “Vem aqui que eu tenho uma canoa, cê vai corrê. Cê fez tanto esforço aí, agora não vai corrê?” Puseram essa canoa numa Kombi, e eu falei: “Não, com essa aí eu não vô corrê!” A canoa tava sem remo. Ih, uma história... E assim mesmo eu saí correndo. Era aquela vontade de participá e eu fui corrê na canoa. Saí em último lugar. Quando eu olhei, era tudo aquela canoada na frente. Aí, tinha um rapaz passando aqui perto de mim e falou: “Olha, Dedeco, participa! Igual eu, vou competir pra participá. Se você conseguir chegar em décimo lugar, tá participando, porque você tá contente com você”. E eu falei: “Não, eu vô fazê força”. E fui embora, embora, embora, remando, embora, embora... Era aquela vontade, aquela ansiedade de chegá com aquela canoa junto da turma. Quando eu olhei assim, tava no meio da canoada. Eu fiquei mais contente e animado! Aí fui remando, remando... Aí eu olhei e a Velho Barroso já ia lá fora. Aí eu segui forte, forte, forte... E quando a canoada chegou, eu já tava lá na frente. Eu já tinha passado até a Velho Barroso. Aí eu fui, embora, embora, embora, embora... E quando eu cheguei lá perto da praia, eu tinha perdido onde era a igreja. Aí, o mar me atravessô e eu perdi aquela onda, e a Velho Barroso seguiu na onda. Foi aí que eu perdi a corrida. Porque se ele não pega a onda, eu chegava em primeiro lugar. Então aí eu olhei pra trás... Bom o segundo lugar tá de bom tamanho, né? Aí me deram o prêmio de primeiro lugar, sabe por quê? Porque a canoa não era ideal e eu saí em último lugar. O que foi ganhado em primeiro lugar, eu ganhei também. Eu ganhei, na época, fogão a gás, um lampião a gás,

Seu Dedeco



André Damásio

um par de botas e uma rede, eu acho. Sei que ganhei uma porção de prêmio. Fiquei contente, nossa, fiquei mesmo muito contente! Ninguém tinha ganhado ainda fogão a gás. Naquela época não existia fogão a gás e eu ganhei nessa corrida de canoa. Ganhei um troféu também, de primeiro lugar.

Padre-fantasma da Rapada

Como é bem comum às comunidades tradicionais, histórias do imaginário, principalmente envolvendo almas do outro mundo, sempre existem. É o caso da história do padre-fantasma, que segundo o MIZAEL, ainda hoje é visto pescando na Ilha Rapada.

Vocês sabem a história do padre que morou na Rapada? Do padre que foi mandado embora de um convento em Caraguá. Foi em 1940. Mandaram ele para essa Ilha da Rapada. Até hoje em dia os caras encontram ele [fantasma] pescando, um padre de

batina preta. O padre comprou uma canoa na Almada, comprou bastante semente, botou na canoa e foi pra Rapada. Criou galinha lá, morreu lá. Até hoje ninguém sabe, ninguém viu o corpo. Os caras que vão pescar lá de vez em quando encontram com o padre-fantasma. Os caras iam lá pegar galinha, que esse padre deixou lá há muito tempo atrás, as galinha criadas, mas só que eram selvagens. O côco da Bahia que tem lá foi este padre que plantou. A canoa ninguém mais achou.

“Tara”: a tainha do santo

O LELINHO lembra uma antiga tradição religiosa caiçara. No momento da partilha da pesca da tainha, a maior, chamada “Tara”, era do santo. Essa tainha era doada à igreja e ninguém tinha direito sobre ela, mas o pai do Lelinho não sabia disso

Tem uma história da tainha que o meu pai me contou, que é assim... Ele tinha uns sete anos, né, e aí pegaram acho que umas cinco mil tainha aqui na Praia da Picinguaba. E aí o Alcino, o Seu Alcino, falou: “Ô Toninho, pega essa daí e leva pra você”. A “tara”... Que a gente chamava de “tara do santo”, né. Porque a maior tainha você dava pra igreja, a maior, que é a “tara”, entendeu? E meu pai pega, e pega a maior. Ah, correram atrás... Chegô em casa, apanhô da minha vó. Porque não podia! Naquela época, a maior tainha era a tainha do santo. Pra você vê como era a educação. Hoje se uma criança pega um peixe e sai andando, o pai: “Ah, é criança!” Mas naquela época não!

Chico das Couves

O SEU PU se recorda de uma época em que pescar de canoa era muito perigoso, pois as tintureiras costumavam atacar. A tintureira que, supostamente, ma-

Maria Angélica Oliveira Gonçalves



Mizaél

Maria Angélica Oliveira Gonçalves



Lelinho



Seu Pu

tou o Chico das Couves era das criadas.

Aqui nas Couve [Ilha das Couves] morreu o Chico das Couve. Então, ele tinha uma canoinha que chamava Cedrinho. E ele ia pra lá. Só que ele era um home fortão, sabe? Ele vinha e vortava... Quando foi numa quinta-feira santa ele veio, chegô aqui, tomô umas birita, comprô fumo e foi embora. Naquele tempo o pessoal comprava aquele fumo de corda. Aí, quando foi na sexta-feira da paixão, à tarde, o meu pai com o meu irmão foram lá botá a rede, pra matá uns peixe pra vendê no outro dia. Chegô lá, o genro dele, chamado Mané Justino, perguntô: “Ô Capitulino, ocê não viu o velho Chico?” Meu pai falô: “Não. Ele teve lá. Embarcô na canoa e veio embora”. E ele

disse: “Mas não chegô aqui”. Aí largaram a rede e vortaram pra trás. Vieram aqui, avisaram, aí foram lá procurá. Levaram dois dia procurando. Quando chegô lá, tinha uma pedra, tava lá a roupa dele, o fumo e o dinheirinho. Ele alagô-se, por dentro da ilha, alagô-se, lá dentro, lá na Bananeira. Subiu em cima da pedra, tirô a roupa tudo e foi pegá a canoa. Dizem que o cação pegô ele e cortô a perna dele. A canoa foi achada por fora da Ilha Comprida, passado uma semana, e ele nunca acharam. E foi matado. Tinha uma tintureira que muitas vez deixava a canoa do pessoal rasa d’água. E essa tintureira quem matô foi um cara da Ilha Comprida. E deu 300 quilos... Pintada iguar uma onça, sabe!

Tintureira no cerco

SEU ELIAS pegou, recentemente, duas tintureiras em seu cerco, na Picinguaba. O macho escapou, mas a fêmea ficou presa na rede. Depois de muito trabalho, conseguiram tirar o feroz peixe do cerco e levá-lo para a praia.

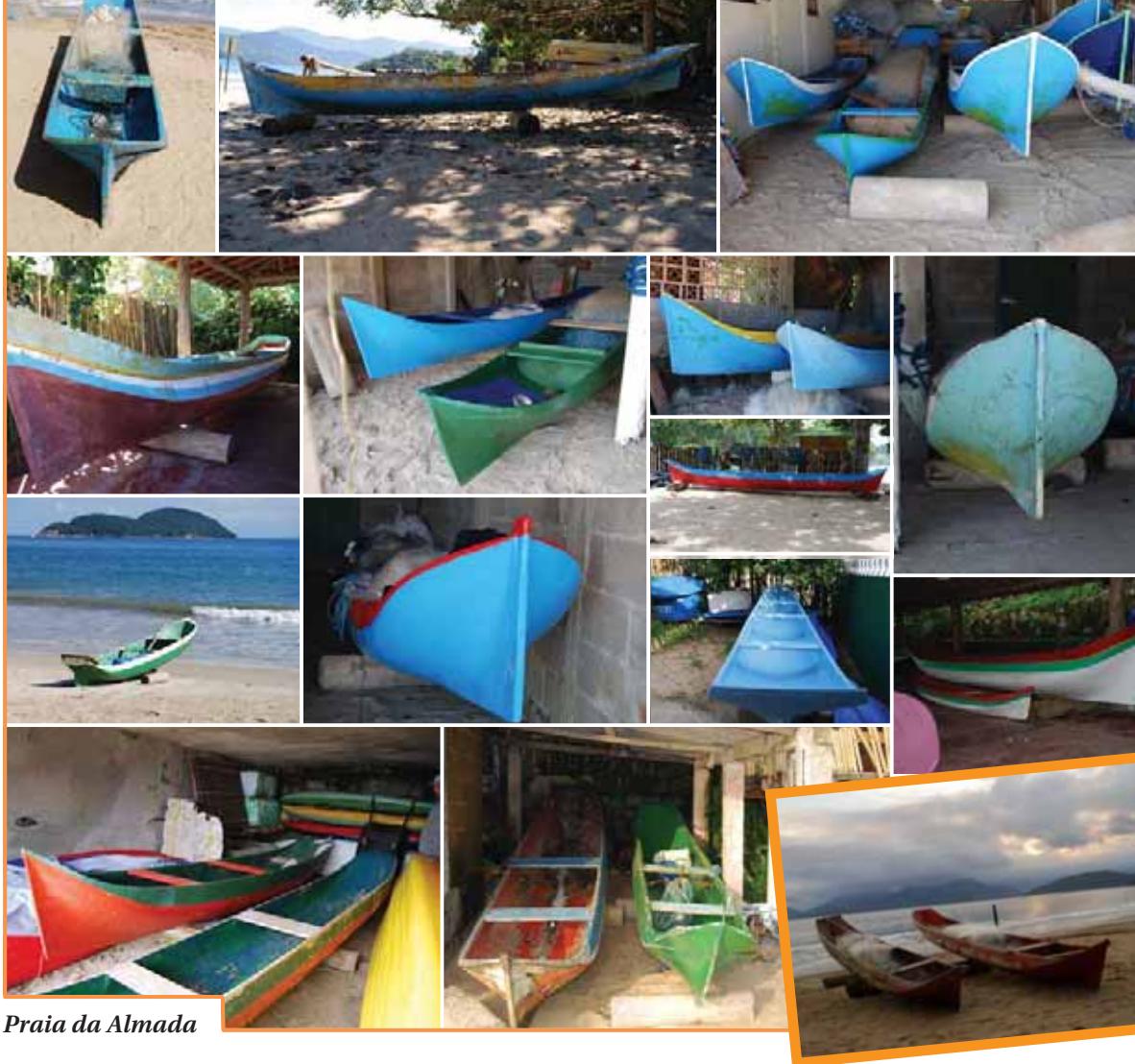
Tá fazendo 30, 40 anos que não dava um peixe desse [tintureira] aqui. Isso foi no tempo do pessoal mais antigo, inclusive da minha gente, que é ali da Ilha Comprida, longe daqui uns 20 minutos a remo. E lá no cerco entrou duas tintureiras dessa vez. Uma delas, o macho, conseguiu furar a rede e saiu, levou cinquenta metros de rede, mas a fêmea a gente pegou, porque a rede era nova e aguentô ela. Ela tava viva, só que tava cansada. O macho, que escapou, ficou quase uma semana na praia por causa da fêmea, que tinha perdido. Era um casal, então esse macho ficou uma semana na beira da praia procurando a fêmea e rasgando rede do pessoal. O pessoal cercava pensando que era tainha e era a tintureira, entendeu? Mas com



Maria Angélica Oliveira Gonçalves

Seu Elias

a fêmea, a rede resistiu. Se a tintureira tivesse dentro do cerco, ninguém pegava não, não tinha como pegar. Aí a gente cortou uma corda que tinha no cerco e amarrô, laçô ela, laçô com corda de três quartos de grossura. Aí desabotamos os botões da bóia e tiramos. Aí, amarraram em duas canoas e vieram rebocando e remando, e rebocando. Vieram em quatro, dois em cada canoa, gastaram uma hora remando. Tinha muita maresia, muita ressaca. Trouxeram, porque se pegasse uma criança aí também matava, né. E aqui na praia uns 15 homens puxaram pra cima. Ainda tava viva, tremia, tava viva. Deram umas pancadas na cabeça dela pra podê ficar mais tonta né, depois o resto acabaram de matar na praia né. Ela tinha três metros e pouco e tinha, por aí, uns 350 quilos, bruta, quase 400 quilos. Tinha uma tartaruga no bucho dela. Isso foi em abril [de 2008], só não lembro o dia.



Praia da Almada

Pescadores de lixo

SEU CLÁUDIO relata sobre o problema atual do lixo no mar e mostra que os pescadores podem e devem colaborar com a preservação ambiental.

A única praia boa pra nós apiá é Itamambuca, que dá robalo na boca da barra. As outras praias aí não presta. A praia Dura, se você não tira o lixo... Uma vez

fui com um amigo lá... Encontramos garrafa de água de dois litros, lata de cerveja, lata de óleo e lata de leite. Tivemo que trazer o lixo... Deu uns oito sacos de lixo. Quando nós vai pra lá levo saco. Não deixo lixo na praia. Deu uns oito saco de lixo, mais saco plástico, sacolim e lata de cerveja. Nunca vi tanta sujeira!



Seu Cláudio

Cê pega a rede assim, vem intopetada, e nós guardamo um monte, assim. Nunca vi! Chegamo tarde lá, umas cinco horas... Tinha uns caras pescando... Largamo o molinete. A cada molinete que nós largava, vinha um, dois saco plástico, sacolim. Falei: “Isso aí deve ser macumba!” Passamo pra rede, que tem 140 braça, e não veio, e não veio... Veio quatro peça de robalo, dois grande e dois mais pequeno. Rapaz, o lixo era tanto, mais tanto, tanto. Aonde nós vai a gente leva saco de lixo e limpa a praia.

Travessuras de infância

SEU GILIS relembra com saudades das travessuras de infância, junto ao amigo Dito Henrique. Um dia eles se deram mal. Só não foi pior porque o pai do Seu Gilis não descobriu nadinha.



Seu Gilis

Quando eu era pequeno, devia ter uns 13 anos, tinha costume de pegar a canoa do meu tio junto com o Dito Henrique. Punha a vela e nós corria daqui para Ilha Redonda. E de lá para cá, nós vinha no remo. Vinha aqui e tocava outras vezes. O Dito uma vez falou assim: “Vamos no Ubatumirim correr uma onda?” [Seu Gilis:] “Será?” [Dito:] “Vamos!” Naquele tempo, tinha a barraca do Betinho, num lugar cheio de onda... Vimo a onda... Eu remava pra fora e ele pra dentro. Eu não queria pegar a onda, mas não teve jeito. A canoa embalada pegou a onda. Nós corremos a onda. E deu um capote! [risos] Não rolou mais porque tinha o mastro. Corremo com o mastro e tudo! O mastro travou na areia. Mas não machucou ninguém, não. Tiramos a roupa e pusemos no jundú da areia para secar. Se meu pai soubesse seria uma surra na certa!



Débora Olivato

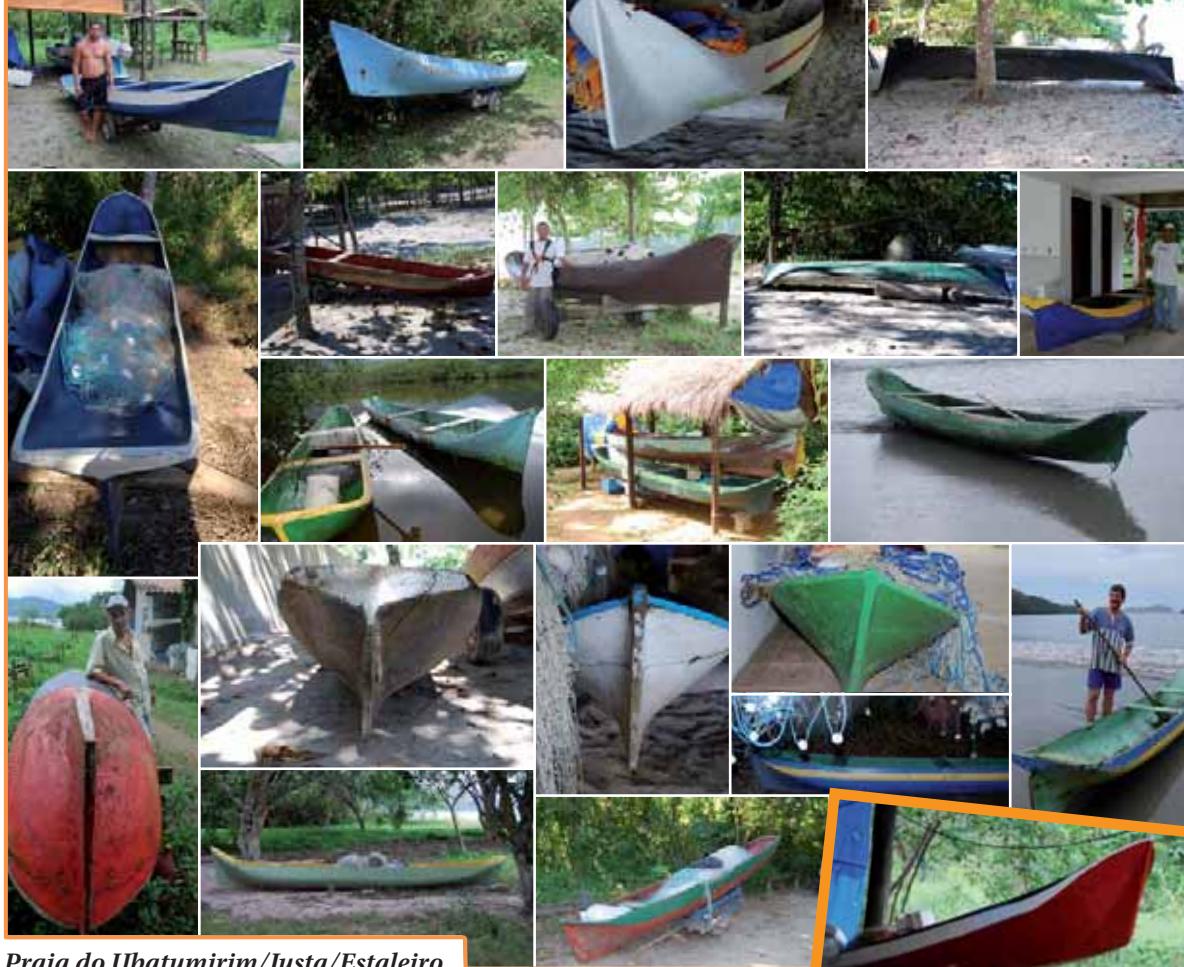
Seu Dico

Sem controle do pano

O SEU DICO viveu uma aventura de mocidade com os amigos Élio e Luis Careca. A falta de experiência no manuseio do pano quase lhes custou muito caro.

Uma vez eu fui com o Élio e com Luis Careca na canoa do pai dele. O Luis comprou telha lá na cidade e nós trouxemos telha de lá pra cá na canoa. Chegamos na baía, peguemos um vento. Quase nós afundamos. Aí largamos o pano, né. Tava na vela, só que tava meio afogada, porque tava pesada. O vento começou a apertar e o Élio não sabia controlar o pano. O Luis falou: “Élio, controla o pano que a canoa está afogando”. Aí o Élio não soube, não soube arriar o pano e entrou água. Eu disse: “Joga o pano na água”. Aí jogou o pano na água e a canoa perdeu a velocidade, que com pano ela corre como uma flecha. Eu disse: “Tira água, tira água”. Fizemos de lá pra cá, com a trovoada forma-

da, feia! Eu disse: “Vamos remar porque a coisa vai vim”. Formou lá pra cima de Ubatuba, lá pros lados da Anchieta. Aí, rema, rema, rema, rema... Quando chegou do Félix pra cá, o vento caiu com nós. Aí ficamos meio maneiro. Do Prumirim pra cá, a canoa não deu conta. Se fosse um controlador de pano, se soubesse correr bem, ia rapidinho. Mas ele não sabia controlar o pano. O corredor de vela tem que saber, conforme a quantidade de vento e conforme a quantidade de vela que se usa, tem que saber. Ele não soube fazer isso e a coisa complicou. Chegamos afundados aqui. Os velhos brigaram com nós: “Seu bando de maluco, com esse temporal e vocês na canoa”. Chegamos arrasados de água. Molhou mercadoria, molhou tudo. As telhas chegaram inteiras. Mas as mercadorias, comida, molhou tudo. Aquele dia vi a morte chegar!



Praia do Ubatumirim/Justa/Estaleiro

Praia do Ubatubamirim

O abismo de caraguatá

O BAÉCO é um dos maiores construtores de canoas de Ubatuba, com centenas de canoas esculpidas por suas mãos. Ele relata, em suas histórias, sobre o risco em se derrubar uma grande árvore na mata para a construção de uma canoa.

O perigo é o seguinte, né. A corda é comprida e nós

demo uma bobera, sabe, porque nós achô que ele [ajudante] ia aguentá a gente cortá e o tronco ia dobrá e caí. Normalmente, cê corta a árvore, não mexe com raiz. Então, a corda era comprida e nós amarramo na cintura dele, amarramo no tronco da árvore, sobró uma ponta de corda, deixamo uns quinze metros

pra cima. E o cedro tinha uma raiz que fez volta, fez volta e embarçô tudo com a corda, cara! E pra baixo ele já tinha assim um degrau de uns três metros. Aí o cupim tinha comido tudo e nós não sabia. Aí a gente meteu a motosserra: “brééééé”. Aí a árvore caiu inteira num abismo, cheio de caraguatá, e arrastô ele, que tava preso pela corda no tronco da árvore. Olha, foi sorte que ele não se machucô. Ficô só uma raiz assim seguro a árvore... O cedro não tinha uma folha, tava mortinho, mortinho. A tora deu uma canoa boa que eu queria. Pra cima não tinha mais nada, cortô. Um cedro desse, com certeza uns 600 anos tá lá.

Carneiros na Itamambuca

SEU AGRÍCIO, famoso construtor de canoas do Serião do Ubatumirim, não gosta muito de se arriscar no mar. Ainda mais porque passou um grande apuro com sua esposa e o filho Nerinho no passado.

(Os carneiros, aos quais o Seu Agrício se refere, são as espumas que se formam na superfície do mar em dia de ventania).

Quase que morri... Eu ca minha mulher e o Nerinho. O Nerinho doente. Era criança, né. Tava doente... Aí pedimo uma canoa. Eles ia viajá pra Ubatuba, o Zé Pedro, que morava aqui, né. Aí, pedimo a passagem pra ele. Ele falou: “Eu vô pra lá agora de tarde”. E eu disse: “Então vamo!” Ói, se nós tá adiantado mais cinco minuto, morria! Se nós chega até lá na Itamambuca, aqueles carnero... Nós não vorta mais! O vento chegô... A sorte é que nós tava indo mesmo e deu tempo de vortá. Vortô ca canoa, chegô aqui na Praia do Arto. Se nós isse até a Praia de Itamambuca, não vortava mais.

Para apagar o fogo: água!

O VANIL até hoje não entende porque o pessoal de uma canoa que viajava para Ubatuba não apagou o fogo com água do mar. O desespero tomou conta da tripulação da canoa.

Existe aqui um caiçara lá na Justa, o Altivo... É um caiçara que sempre morou na beira da praia, sempre pescou. Conheci o Altivo pescando para o alimento dele. Na época tinha umas canoas a motor. O primeiro motor era um catarinete, foi um dos primeiros motores que vieram, vieram de Santa Catarina. Tinha uma canoa a motor daqui, que deu carona para o Altivo. E ele não sabe nadar, não. Chegou numa altura da viagem, o motor incendiou, pegou fogo... Era a gasolina. Não sei como aconteceu, pegou fogo na canoa. Eles não apagaram. De certo ficaram apavorados. O Altivo pulou na água e ficou seguro na ponta da canoa. Deixando a canoa pegar fogo. Com tanta água, deixaram a canoa pegar fogo! O pessoal ficou apavorado dentro d'água.

Enganado pela espuma

É comum a formação, no rastro de embarcações marinhas, à noite, da ardentia. Esse fenômeno se dá pela presença de microorganismos fosforescentes que emitem luz devido ao atrito da embarcação com a superfície da água. Essa ardentia confundiu o amigo do tio do VANIL quando a canoa chegava à Ilha dos Porcos.

Tio Salomão e um pessoal foram pra Ilha dos Porcos. Foram ali naquela ilha matar carapau, matar peixe de rede de lanço. Aí levaram um homem e foram de madrugada, lá pelas três da manhã. E no mar forma aquelas espumas, com as ardentias. Tem vezes que tá dessa altura [um metro ou mais] e lá perto da ilha é fundo. Aí foram na canoa, remando, remando,



Debora Olivato

Isaias

conversando, contando as façanhas deles. Aí chegou perto da ilha, já estavam vendo o vulto da ilha e perto da praia tinha uma mancha grande de espuma. A canoa bateu, abriu aquela espuma na proa. O cara gritou: “Chegou! Pula!” E ele pulou! Era tudo espuma, sumiu na espuma. Aí o negócio ficou bravo. Três, quatro horas da manhã, debaixo daquela friaca.

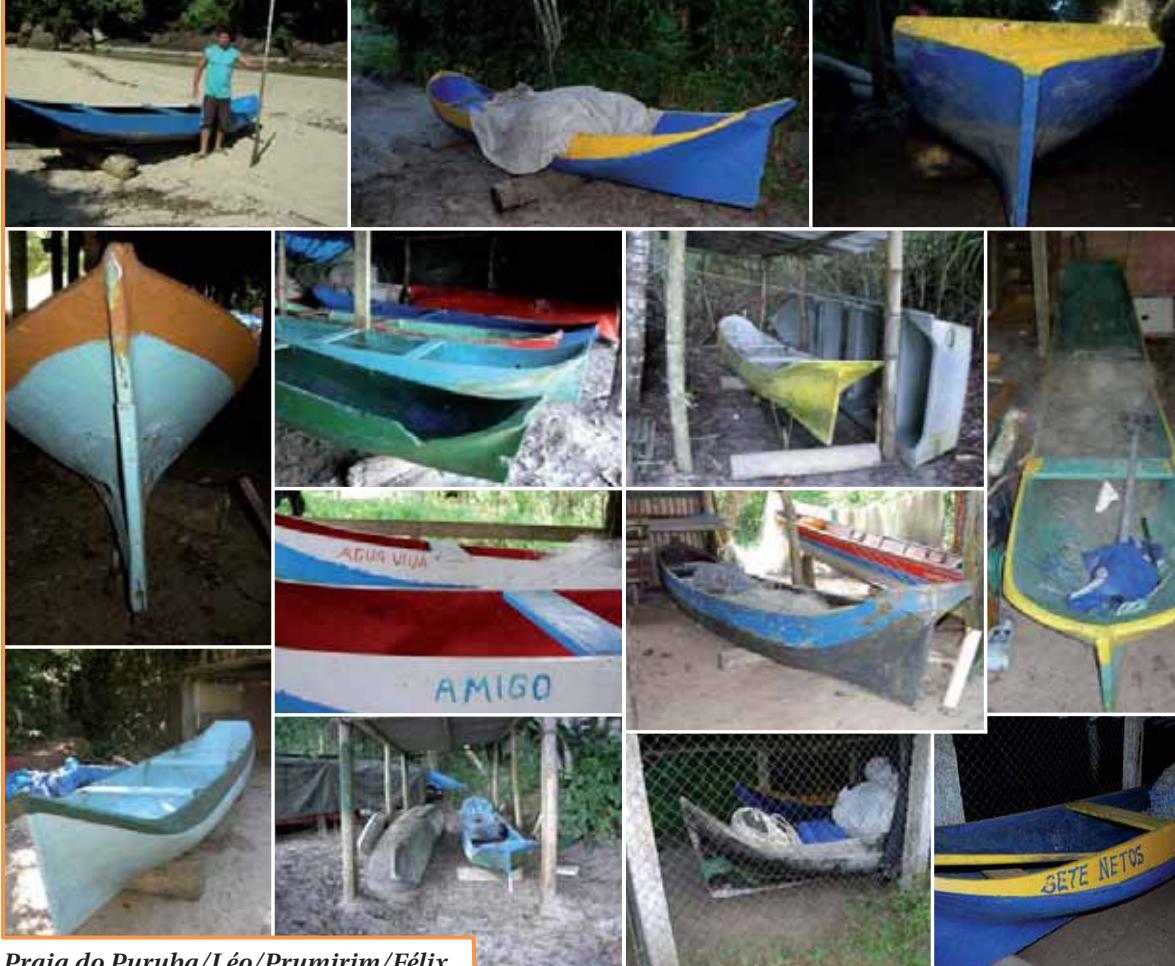
Praia da Justa

Mar: ser vivo!

ISAÍAS diz que é preciso respeitar o mar. Numa travessia, quando tentava levar um casal de turistas embora, a chuva caiu e ele ficou em uma situação bastante difícil. Teve que voltar para a praia, para não colocar vidas em risco.

O mar é um ser vivo que a gente precisa respeitar. E tem hora que se você não respeitar, você passa apertado... Uma vez, tinha um pessoal acampado aqui, um casal. Precisava ir embora. Tava chovendo muito... Começou a descer água, chover, o mar começou a embravecer, ficar ruim. Era só uma canoa que eu ti-

na. Essa canoa veio de Santos quando eu tinha oito anos. É uma canoa baixa de proa. Coloquei um cacho de banana na frente e as coisas dos turistas. Aí eu vi que o mar é um ser vivo e quem manobra ele é só Deus. Eu tava indo pro Ubatimirim e fiquei entre as pedras e a ilha. Eu fiquei numa situação que tinha que entregar para Deus. Eu tava sozinho no remo. Podia me afundar! E quando cheguei no boqueirão, começou a quebrar onda. Fiquei numa situação! Pensei em voltar ou puxar a canoa ali para o canto e levar tudo por terra. E chuva em cima... Dei uma parada. Do boqueirão, precisava remar bastante para chegar até a praia. Dali eu avistava o mar e parecia que as ondas recuavam. Nunca vi assim, daquele jeito. As ondas recuavam! Dali, eu chequei na praia, sem parar a canoa. O mar estava liso. Isso foi uma benção de Deus! Quando eu cheguei na praia, meu tio deu uma força para puxar a canoa para cima. A onda que recuava começou a quebrar de novo. Eu nem trouxe a canoa para casa no mesmo dia, só no dia seguinte. Pro mar não tem bom, mas tem que ter prática e um pouco mais de paciência.



Praia do Puruba/Léo/Prumirim/Félix

Praia do Félix

Ensino pelo pouco caso

O pai do SEU JÚLIO não perdoou o atraso do filho no dia de sair para uma importante viagem para a cidade. Tentando dar uma lição no filho desobediente, os dois passaram maus momentos no mar.

Um dia papai disse: “Amanhã nós vamos pra cidade”. Sempre ia na sexta-feira ou sábado pra cidade.

Neste dia, na quinta-feira, nós cortamos a banana. E tinha uma festa no Prumirim, a festa aqui exalava né, todo lugar tinha festa, principalmente no mês de maio, junho, julho... O pessoal gostava. Tinha o catere-tê, a chiba afundava o chão da casa, ficava até duas horas da madrugada. Naquela época eu já tinha 17 anos.

Tinha os outros três irmãos, dois mais novo e um mais velho. Eu era o mais chegado, e com quem o papai mais gostava de sair de viagem. Aí cortei uma banana, carreguei, voltei na praia, no rancho tava nós três. Falei: “Por que o senhor não leva o João ou o Gervásio?” Ele disse: “Eu não falei os dois, eu falei você. É você!” Fui embora pra casa. Me convidaram pra ir na festa do Prumirim. Falei: “Eu vou, só que papai falô que eu que tenho que ir na viagem amanhã”. E o meu amigo: “Se ele falô, vai lá e vorta”. Fui embora. Que vortá, o quê? Cheguei lá, botei na cabeça que ele levava os dois, e fiquei lá. Voltei pra casa era umas seis horas da manhã. Quando subi no barranco ali do morro, olhei, a canoa no meio da praia, já vi as bananas, a vela da canoa, e o papai lá sentado. As outras canoas já tinha ido pra cidade. E ele lá sentado... Entrei em casa, a mãe falou: “Ah! chegô agora?” Quando ela falô, ele chegou atrás das minhas costas: “O que eu falei pra você?” A orelha chegou junto... Ficou do tamanho de uma orelha de coelho! Meu pai disse: “Aí, eu não falei pra você que ia fazer a viagem comigo? Já tomou café lá? Se não, toma café. Faz favor de tomá café e passá na minha frente”. E eu pensei: “É! Não tá os dois aí? Por que não levou?” Já era umas oito horas. Carreguemo a canoa e saímo. Mas aquele pessoal antigo, eles sabiam quando o tempo tinha ameaçado, quando o tempo ia dar um vento, quando ia arruinar o mar. Eu não sei qual é o mistério, mas eles sabiam. Aí, quando chegô em meio a Praia da Itamambuca, ele falou assim pra mim: “Agora chegou a hora de você puxar pelo motor, aperta pro remo e não olhe”. Quando chegamos ali, escureceu, escureceu tudo! Meu pai: “Aperta mais, pra gente chegar pelo menos no cais, bora, bora...” Queria entregar um saco de farinha primeiro. Quando nós chegamos no cais e encostemos na escadinha, passou a mão no saco de

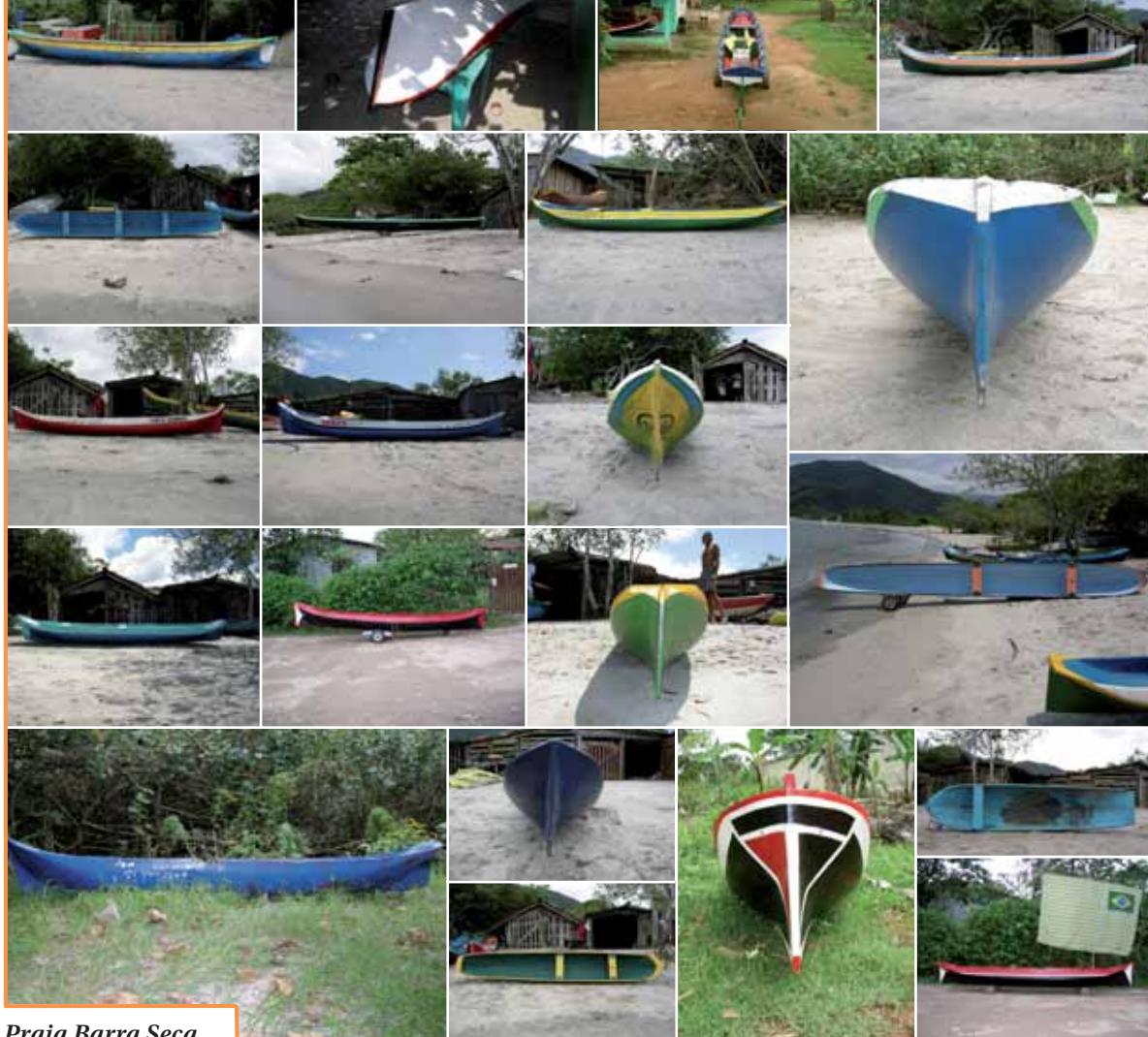
farinha, pulou em cima do cais com o saco de farinha e correu. O vento me pegou no cais com a canoa carregada de banana. Passei por baixo do cais, maré cheia, espremeu por baixo, passou. Aí, o pai pegô uma corda e jogou em cima de mim e eu segurei... E foi tanta areia, foi tanta areia, que meu cabelo ficô em pézinho, assim. Disseram: “Olha, Ozório, dessa você escapou”. Meu pai falou assim: “Eu sabia, não era nem pra vim, eu sabia. É pra ensinar esse camaradinho que zombou de mim. Porque na hora que era pra eu sair, eu já tava na cidade, na tranquilidade. Eu forcei ele pra vir”. Ele me forçou a fazer essa viagem rápida. Se gastamos duas horas foi muito. Numa pauleira só daqui pra lá sem parar. Normalmente gastava três horas. Aí fiquemo ali. O vento tinha manerado, parece que deu uma acalmada. Meu pai disse: “Vamo fazê umas compras”. Aí, peguei a canoa, saímo pela beira da costeira e viemo costeando. Aí, fizemos as compras e viemos embora. Aí ele falô: “Agora você vai no meio, e o que eu mandar fazer você faz, hein. Abre a vela”. Aí eu não perdi tempo. Eram seis panos no traquete. Era pano pra caramba. Quando ele mandô largá a canoa, tava ainda com um palmo de água. Só via aquele risco que tava de espuma que a canoa fazia. Passando o cais, ele falou: “Corta o pano.” Só vi o ronco da água, canoa deitadinha assim. Quando chegou mais ou menos ali perto da Praia Vermelha, ele falou assim: “Não dá pra passar pro Félix”. Pensei: “Morremos”. Quando falou assim: “Larga”. Eu soltei o pano, a canoa bateu na Praia do Alto. Chegou na praia, falaram: “Escuta, você não tem vergonha na cara, Ozório? De você morrer não é problema, que você tá velho, mas cê quer mata seu filho?” E ele falô: “Não, eu tô ensinando, que é pra ele aprender que quando eu falá as coisa pra ele, não fazê pouco caso”.

A canoa pintada com pixe

Numa saída para a pesca, o pai do SEU JÚLIO passou novamente por maus momentos. Além de ser alagado, se sujou todo com o pixe que havia passado em sua canoa e nem seu próprio filho o reconheceu no mar.

Era garoto, meu pai tinha uma canoa que ele ganhou do padrinho, que mandou pra ele antes de ele casar. O padrinho mandou de Santos pra ele. Aquela canoa pra ele era tudo. Meu Deus do céu! Aquilo ali, acho que ele tinha mais amor naquela canoa do que na própria minha mãe. “Santista” era o nome que ele colocou nela. Então, um dia meu pai saiu pra pescar de madrugada. Um ou dois dias antes ele foi lá e pintou a canoa de pixe, de preto. Passado dois dias meu pai saiu e foi pescá. Saiu de madrugada de casa. Eu não fui pescar porque ele não chamou. Aí, eu peguei, de manhãzinha, assim que o dia clariou, eu saí e fui na praia. Olhei lá no meio e vi um vulto virado. Falei: “Tem um perdido lá. Aquela canoa tá virada”. A gente via que tinha um troço que rodiava a canoa. Aí eu olhei no canto. O pessoal lá do canto da praia

fica mais próximo porque tava em frente. Aí, daqui a pouco, saiu a turma, na carreira, uns quatro ou cinco. Aí eu falei assim quando eles passaram por mim: “Oh, quem será esse miserável?” Chegaram lá, era o papai. O papai, só via o dente, tava pretinho [de pixe]. Já era preto, bem moreno. Ele tava desde o zóio preto de pixe. O pessoal pegou, embarcaram ele, trouxeram pra terra. Eu olhava o papai assim e não acreditava: “Meu Deus do céu! Coitado do velho! Saiu de madrugada e aconteceu o que aconteceu com ele”. Você sabe o que ele fez? Ele sempre gostava de usar uma bancada na contra ré da canoa. Ele botô em cima do bordo, pra ficar mais alto. E quando puxava a remada, puxava pra valer. O moreno era uma desgrama de um talento, mas quando puxô a remada, puxô bancada e tudo. Ah, foi um capote seco. Conforme ele caiu, a canoa puxou ele na água e ficou de boca pra cima. Agora, ele não sabia embarcá né! Quando chegou na praia, fizemos uma farra com ele.



Praia Barra Seca

O camarão devolvido ao mar

NÉLIO conta uma história acontecida com sua canoa Mamusca. Ele e sua namorada Patrícia viveram uma aventura na pesca do parati, à noite, mar com marolas e, ainda, um mal entendido quase cria uma confusão em família.

Um dia, meu pai [Seu Gino] e o meu irmão Danilo

foram na frente na pescaria. Eu disse pro meu pai: “Ô pai, se tivé muito parati lá, me chama que eu dô um jeito de ir logo”. Quando eles chegaram lá, mais ou menos uma hora e meia, duas horas depois, tocou o telefone, o pai disse: “Tá grosso, Nélio, tá grosso aqui, tem jeito de vim?” Eu tava com a Patrícia limpando



Márcia Denadai

Nélio

camarão. Ela deu a entendê que queria ir junto comigo. Eu falei: “É melhor cê ficá, porque é muito longe e cê pode enjoar”. Mas ela disse: “Eu vô junto, mesmo assim”. Enquanto tava na Barra Seca, tudo bem, mas depois que começou a sair lá pro calhau, lá pra fora, começou a formar as ondas... A Patrícia falou: “Amor, o mar tá estranho... Mexido! Ó o tamanho da onda! Tô com medo”. Aí eu falei pra ela: “Quer voltar?” E ela: “Não, vamo embora, eu sou carajosa”. Eu falei: “Olha, fica calma, que eu tô pertinho de você”. Ela tava na proa e eu na popa, pra controlá a canoa, que tava cheia de rede, né. Eu disse: ‘Espera um pouquinho que quando chegá perto do cais já começa amansá’. Chegamo lá e não amansou coisa nenhuma. Já tava de noite, ela começou a ficá preocupada. Aí eu fui conversando com ela, pra distraí. Aí quando começou a acalmá o mar, ela foi se soltando: “Ai, amor, eu vô me escondê, eu vou baixar aqui pra dar um susto

neles”. Ela é brincalhona pra caramba, né! Aí eu fui remando e a Patrícia escondida. Quando chegô perto eu comecei a conversá com meu pai e meu irmão, aí ela se levantô: “Surpreeeeesa!” Aí os dois: “Ai, ai, ai! Vai vomitá poco!” Pior foi que ela vomitô mesmo, depois. Pensô? A mulher tem que ter coragem pra fazê isso que ela fez... E mais coragem ainda eu, né, de levá, de sê loco de levá! Aí, chegô lá, a gente ficô correndo os parati... Pegamo ainda uns 15 quilos de parati. Tava grosso os parati mesmo! Na hora que ela viu os parati, ficô louca: “Olha, amor, tá malhando nosso peixe”, mas depois ela começou a enjoar, aí ela vomitou. Aí, se matava na risada, vomitava e dava risada. A gente se matava de dar risada. Ela falou que tava colocando o camarão pra fora, o camarão que a gente tinha comido, frito: “Ai, tô jogando camarão fora”. O Danilo, ele não tinha visto ela vomitando. Ele ouviu ela falando e pensou que ela estava devolvendo o camarão pro mar, o camarão-branco que ele tinha pescado: “Cê tá loca? Cê tá jogando meu camarão fora?” E ela: “Não, não, tô vomitando mesmo”, se matando na risada... Ela vomitava e dava risada, porque o Dan pensô que ela tava jogando o camarão fora, de outra maneira. Mas depois, teve uma hora que ela não dava um pio mais, porque ficou amoadada, né. Aí nós fomos embora. Essa história ela não vai esquecer, não. Foi engraçada demais!

Tartaruga agradecida

Em um de seus mergulhos, LUCAS, que pratica pesca sub aquática com sua canoa Mamute, teve a oportunidade de salvar uma tartaruga marinha que estava se afogando. Como agradecimento, a tartaruga não deixou mais o Lucas em paz nos seus mergulhos.

Teve uma história, uma vez, engraçada. Tinha uma

tartaruga, ela tava com o pescoço enroscado na bóia ali. Aí eu fui lá e tirei ela. Aí toda vez que eu ia mergulhá na bóia, ela vinha do meu lado, assim. Olha só! Eu tinha que pegar ela e puxar ela de lado. Várias vezes, cara! Ela acostumô comigo. Agradeceu, né! Porque a tartaruga, ela precisa sair pra respirar. Aí tinha vez que ela vinha na minha frente, eu empurrava ela pra trás de mim. Pô, maior legal isso aí!

A mensagem de Deus!

SEU GINO conta que só saiu naquele dia pra pescar porque não tinha nada para dar de comer para seus filhos. Ele se arriscou no mar agitado para garantir o sustento de sua família. Mas foi recompensado e viveu um verdadeiro milagre. Uma história verdadeiramente bela e emocionante! O nome da canoa dessa história era Astronauta. Depois do milagre, Seu Gino mudou o nome da canoa para “Esperança em Deus.” Essa canoa se estragou e ele deu o mesmo nome a sua nova canoa, a qual possui até hoje.

Eu sou na verdade um ressuscitado! Um pescador ressuscitado! Canoa virô e eu não tinha socorro... Bateu ali, no lado de quem vai pro Estaleiro, lá em Itambuca. Mas aquilo ali, é difícil quebrá. Eu lembro que passava com o meu pai ali, meu pai falava: “Tem um parcel no fundo aí. Esse parcel só quebra quando tá a maior maresia”. Então, nós passava lá, mas esse dia quebrô o parcel mesmo. E o mar não tava ruim, tava meio balanceoso, mas não tava ruim. De repente aconteceu isso aí. E só quebrô esse mar. Foi um verdadeiro castigo. Foi uma só... Poow! Eu vinha cantando, com 20 quilo de peixe. Não tinha nada em casa. Tava a zero! [risos]. E aí, o mar quebrô em cima de mim. A canoa virô. Aí os peixe saiu tudo e aí quando fui nadá, o anzol do espinhel pegô no meu dedo. Aí,

na hora da aflição, da apavoração... Cê se apavora. Sozinho, tempo ruim, chuva e vento, ventinho de sul, na época de tempo frio ainda. Aí foi indo, foi indo, eu consegui estancá o sangue. Aí eu comecei a nadá. E aí, a canoa saiu e foi pra uma greta de pedra que tem lá no Estaleiro e ela ia rachá ali. Larguei o espinhel, as bóia, tudo, soltei e saí nadando e fui atrás da canoa. Aí cheguei e enfiei o braço por dentro do banco dela e comecei a nadá tirei ela pra fora. Aí fui indo, fui indo, até que eu consegui trazê perto da água, lá onde tava a bóia do espinhel. Fiquei aguentando a canoa ali, amarrei na corda da âncora. Aí fiquei sacudindo ela pra lá e pra cá, assim, pra tirá a água. Quando ia embarcá nela, o mar soltava e virava ela outra vez. Fiz umas oito tentativa, mas não teve jeito. E o mar comêçô a revoltá. Chuva e vento, vento de sul, né. Aí tava passando uns três barco da barra, um atrás do outro, mas longe, né, viajando. Aí eu comecei a gritá, mas eu tava encostado na costeira e o eco não deixava ir até lá fora. Não escuta, de jeito nenhum! Aí eu falei: “Agora não tem jeito”. Aí veio aquela mensagem da bíblia, do salmo 121: “Elevo os meus olhos para o monte, de onde virá o meu socorro? Meu socorro vem do Senhor, que fez o céu, a terra e o mar”. E aí comêçô esse versinho falá na minha mente. Aí foi indo e deu uma câibra no pé. Deu câibra nas duas perna, no pé e aí deu na mão também. Aí travô tudo. Eu virei era umas dez horas do dia, fui até uma duas horas da tarde. Dali eu fiquei desligado de tudo e eu já tinha bebido muita água também. Aí bateu o cansaço e eu desacordei, não vi mais nada, só senti quando eu soltei da canoa. Eu tava morrendo afogado! As bolinhas começaram a saí pelo nariz. Aí, nessa hora, eu vi como se desse um terremoto na água. E veio aquela voz: “Meu filho, meu servo, não temas, porque eu es-



Débora Olivato

Lucas

tou contigo”. Aí a água ferveu, assim, e eu me acordei. Mas quando eu tava ali, morrendo, eu tava vendo o meu espírito saindo do meu corpo. Só que era uma luz muito gloriosa, uma luz muito linda! Uma luz que nunca existiu na Terra. A Terra pra mim tinha apagado, eu não lembrava mais da Terra. Aí eu tava olhando aquela luz gloriosa e o meu corpo tava lá embaixo, na areia, com a mão assim, no peito. Então, eu tenho essa experiência. Quando nós morremos, nós podemos ver o nosso corpo. Eu passei pela morte, passei mesmo! Fiquei muito emocionado e chorei bastante. Deus falou comigo, ali, na água, naquele momento. E me trouxe pra cima, naquele calor... Aquele calafrio, aquela câibra, sumiu tudo! Aí eu falei: “Senhor, se o Senhor está aqui, me tira daqui. Porque, verdadeiramente, o Senhor falou comigo e eu sei que o Senhor está aqui”. E quando eu boiei, assim, peguei na canoa. A canoa tava do lado, o remo também. Aí eu sacudi a

Márcia Denadai



Seu Gino

canoa pra lá e pra cá, naquela alegria. Dali, quando eu desvirei a canoa, tirei um pouco a água dela, embarquei. Saiu tranquilo a canoa, não afundô mais. Eu comecei a remá, falei: “Aqui não vai dá pra eu ficá pra tirá a água dela”. Aí fui dali da Ponta do Estaleiro até a Praia do Alto, remando, e passei aquele costão tudinho, com água na cintura. Fui até a Praia do Alto e aí, lá sim, desvirei a canoa e tirei a água dela todinha. Daí, eu embarquei na canoa e falei: “Senhor, obrigado, porque a minha vida o Senhor me deu de volta”. Aí, quando eu tava vindo, né, tava saindo lá da Praia do Alto, pela ponta, a caminho da Barra Seca, eu ouvi aquela voz, falando comigo outra vez: “Meu servo, volta lá que eu vou te dar tudo de volta pra você”. Aí eu fiquei intencionando com Deus ainda: “Meu Senhor, mas voltá lá onde eu sofri o acidente?” Mas eu voltei, porque o espinhel, a corda e a bóia, todo o material de pesca é caríssimo, né. E se eu não fosse lá

buscá o espinhel, como é que eu ia pescá no outro dia? Então, fiz todo aquele esforço, porque Deus tava mandando eu ir. Quando cheguei lá pertinho, assim, tava lá as bandeiras, o espinhel... Tava aquela calmaria, sabe? Amansô o mar. Cheguei lá, tava o tabuleiro verde, eu lembro tão bem, e tava uma camisa minha, tava um par de chinelo. Aí, peguei tudo aquilo ali, o espinhel, as bóia, tudo, botei na canoa. Falei assim: “Senhor, muito obrigado, que os material tá tudo aqui. Os peixe, amanhã o Senhor me dá”. Aí dali eu vim embora. Quando eu chego assim, mais ou menos uns 50 metros já pra cá, aí ouvi aquela voz outra vez falando comigo: “Meu servo, olha para o lado direito”. Que coisa maravilhosa! Aí as pessoas dizem: “Ah, como é que Deus falou com você?” Aí, eu digo: “Deus falou comigo, senão eu não estaria aqui, né”. Ele queria eu de volta pra esse mundo, pra hoje eu tê uma história pra contá pra vocês, né. E aí, eu peguei e olhei pro lado direito. Uns 50 metros pra cá já do acidente. E os peixe tinha ido tudo pra leste, a maré tocava a leste. Aí tava uma roda de espuma, lá, rente à pedra. Aí eu olhei lá e vi um peixe boiado. Aí eu falei: “Bom, eu vô lá. Quem sabe uma corvina mesmo daquela ali”. Deus já tinha falado comigo e eu tava naquela confiança ainda. Aí cheguei lá, quando eu olhei, tava a roda de espuma aqui assim e tava a corvina. E aqui pra frente, tinha outra roda mais rente à pedra, bem comprida, e as corvina tava tudo aqui, ó. O maior milagre da minha vida! Aí cheguei lá, chorando, perante Deus. Chorando, naquela alegria, fui embarcando as corvina, chorando, que a alegria foi demais! [se emociona] E aí eu tinha um pedaço de malha que eu larguei lá na Praia do Alto, na costeira. De vez em quando a gente largava uma rede de costeira lá pra pegá um peixe de pedra, um pirajica, um

sargo. Aí eu falei: “Vô tirá essa rede daí. Faz um bocadinho de tempo que taí essa rede e não pega nada. Vô levá ela de volta”. Aí, quando tô chegando, assim, uns 50 metros longe, já vi que um negócio mexeu lá na rede, um negócio preto, meio escuro assim, falei: “Ué, tem um negócio mexendo lá na rede. Num tinha nada lá. Eu vô lá. Será que é um toco de pau?” Fui remando, fui remando, quando cheguei mais perto, assim, deu aquele bolhão na rede. Aí, eu falei: “Ah, não, é um peixe que caiu na rede”. Aí quando eu olho, era uma pirajiconá. Aí, multiplicô, né! Por isso que eu digo que: “O nosso Deus é o Deus da multiplicação”. Por isso que é muito importante a gente tê aquela fé viva em Deus, não é isso? Se hoje eu tô aqui vivo é porque eu tive fé. Deus me resgatô, pra eu podê hoje tá aqui com os meus filhos e minha esposa, que Deus já levô. Ela sempre foi uma batalhadora, junto comigo. Meu filho mais velho, Zé Antônio, que foi vendê o peixe. Esse dia tava um dia tão abençoado, que ele chegou no asfalto, veio um homem, que ia lá pro mercado, vindo de Taubaté, pra comprá um peixe. Aí quando ele ia passando, esse homem veio falando: “Ô moço, ô moço, qué vendê esse peixe aí?” Aí ele já encostô assim, já fizeram as conta lá de quantos quilo, somaram lá na mesma hora. Aí nessa hora eu já tinha tomado banho e tava deitado. Aí, quando minha filha veio, onze horas, do serviço: “Ô pai, ô pai, o que que houve com o senhor pai?” Aí o Zé Antonio já tinha comprado o pó de café e o pão, né. E o dinheiro já tava lá guardado. Aí, quando eu fui conferi o dinheiro, o dinheiro tava multiplicado. Eu fui lá, fiz a compra pra uns 15 dia e ainda voltei com dinheiro na mão. Então, é assim que Deus faz, né. Deus reconhece a nossa necessidade.

Vitória merecida!

SEU GINO conta uma outra história, sobre a primeira corrida de canoas que participou. Ele tinha tudo para não ganhar, mas saiu vitorioso.

Eu trouxe pra cá o primeiro troféu da Barra Seca. Foi na época do Prefeito Basílio, lembra dele? Isso foi na época que corria a Maria Comprida ainda, foi em 58. Uma das primeira corrida de canoa. E quando eu saí nessa história foi que a canoa encheu de água. A canoa era bem pequenininha, encheu de água. E aí, o que que aconteceu? Eu peguei e puxei a canoa pra trás correndo e falei: “Não vai dá pra eu saí”. Aí eles já abriram fora e eu comecei a tirá água da canoa. Eles tavam longe já, tirei água da canoa e forcei a puxada: “Vô vê se eu chego no chicote deles”. A distância era longe, mas através do fôlego eu fui conseguindo vencê eles. Na volta aqui, que tinha a bóia, a canoa que tava aqui era mais comprida e era mais difícil fazê a volta. A minha era mais curta e mais leve. Eu fiz a curva rapidinho. Aqui, na volta, eu passei duas canoa que tavam brigando. Aí passei sete canoa de dois remo. E passei os cara que tava na frente, o Dingo. Aí eu passei ele também. Aí eu encostei junto com a canoa lá do Ubatumirim, que é o Benedito Pedro, que tava também remando bem. Era a canoa que tava ganhando em primeiro lugar. Aí, eu coleí com ele e fui remando, porque a canoa dele era própria pra andá e a minha não era, era canoa mais de pesca, né. E a dele era canoa de pescá também, mas era bem feitiha, com feitiço pra andá mesmo, tinha mais saída d’água. Aí, fui me aproximando, me aproximando dele, e ele falô: “Ô rapaz, sua canoa anda, hein”. Eu falei: “Anda nada. É um cocho que eu tô aqui”. Aí eu fui indo, fui indo, fui indo; passamo pela laje do Itapoá, ele conversando comigo e eu fui indo, fui indo...

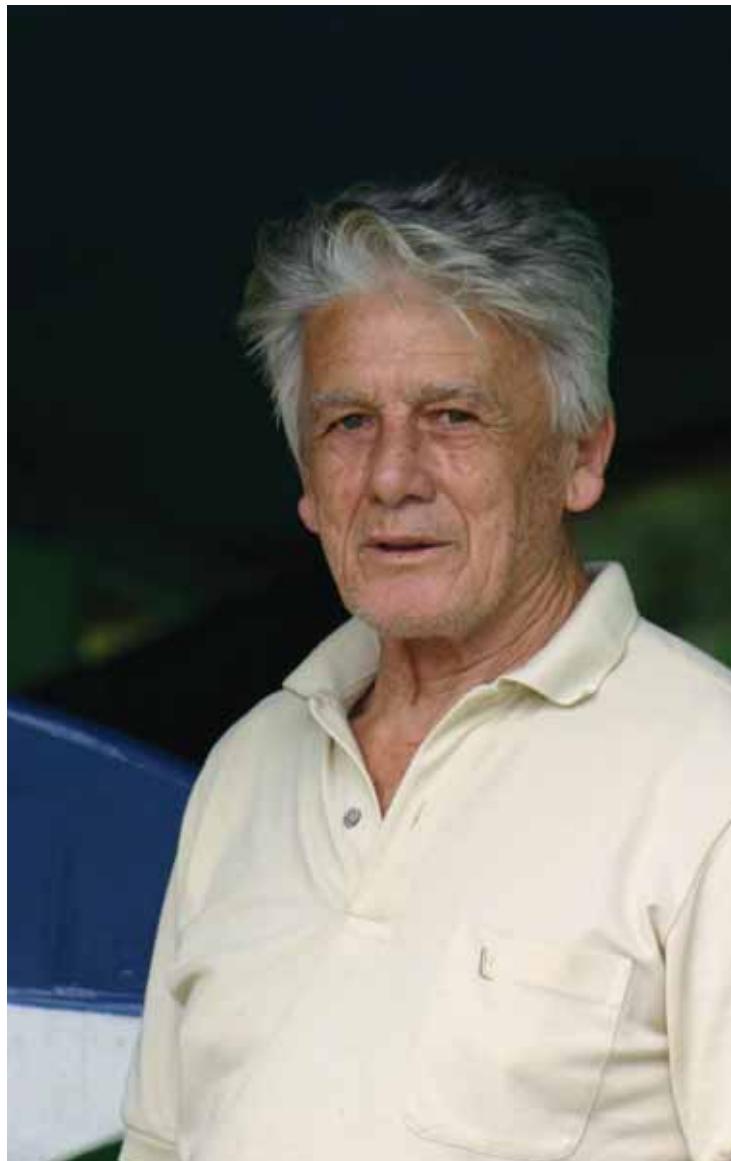
Mas o mar tava ruim, problema era esse, do Itaguá ali, quebrava tudo, ia pra terra. Falei: “Meu Deus do céu!” Quando eu avistei a praia, a distância de uns 500 metros, eu pensei: “Ah, agora eu vô sentá o remo. Agora eu vô apertá”. Mas não falei nada pra ele, não. Aí dei uma arrancada lá, que ele nem notô como é que eu dei aquela arrancada. Ele ficô. E a canoa dele andava bem, né, e ele que tava em primeiro lugar. Aí passei as bóia tudo e quando cheguei na última bóia, quando tava pra chegá assim, o mar veio, capelô e quebro bem no meio. Deixô eu raso de água. Então, aí, cheguei empurrando a canoa [risos]. Canoa no fundo e eu empurrando ela. Passei pela bóia. Conforme eu passei pela bóia, ele chegô e encostô junto comigo. Mas eu já tinha passado a bóia em primeiro né. Aí foi que eu ganhei.

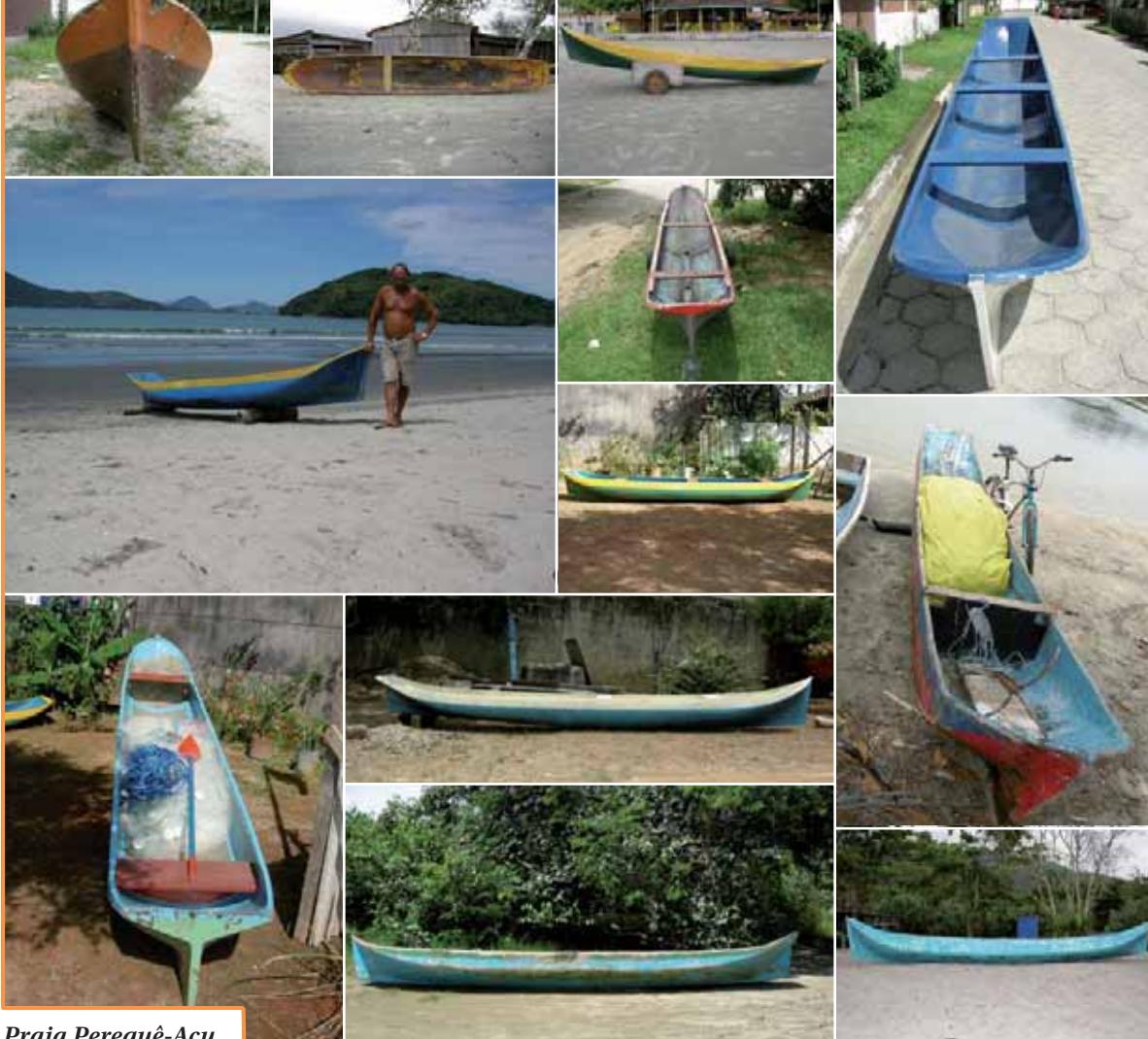
Imagine com uma lancha!

SEU LULA participou com seus amigos de uma competição de pesca subaquática na Ilhabela. Depois de uma noite inteira remando, a equipe se deu muito bem graças às gaivotas, que entregaram um cardume de xaréu. (Essa história foi, inclusive, publicada na *Revista Náutica*).

Nós saímos daqui da Barra Seca para um campeonato de pesca submarina, lá em Ilhabela, de canoa a motor. Saímos daqui era cinco horas da tarde e chegamos às cinco horas da manhã em Ilhabela. Viajamos a noite inteira. No mesmo dia chegamos lá e fomos participá do campeonato de mergulho. Ah, no campeonato de mergulho, nós ficamos até com vergonha, né. Chegamos lá com a canoinha e o pessoal lá tudo com aquelas lancha! Quando nós chegamos no porto de pesca, o pessoal já tava saindo com as lanchas e nós tava chegando com a canoa. Mas de-

mos uma sorte, que nós vimos umas gaivotas pulando, pulando em cima de um cardume de peixe miúdo. Aí, entramos dentro de um saco lá, o nome do lugar eu não sei, um saco que tem lá atrás da ilha. E nós fomos conferir o que era. Era um cardume de xaréu. Aí conseguimos matá oito xaréu. Mais ou menos uma base de seis quilos, sete quilos, cada um. Aí nós escondemo a pescaria, quando chegemo lá no cais, escondemo a pescaria, pros caras não vê. Os caras já tinham tudo pesado, só tavam esperando nós chegá. Nós chegemo com a canoinha, os caras começaram a dar risada, né. Nós só tava com um peixinho à mostra. Aí quando eles viram nós mostrá, tirá todos os peixe da canoa, e grandes, os caras ficaram abismados. Conseguimo pegá em oitavo lugar na competição. Aí, como o cara deu uma gozadinha, nós falamo pra ele: “Já pensô se nós temo uma lancha dessas, o que nós não ia matá então?” E fomos com a cara e a coragem mesmo! Na revista fala: “Foram com a cara e a coragem!”





Praia Perequê-Açu

“De Deus vem a brisa, do inimigo vem a fúria”

SEU NECO viveu uma experiência “muito grande”, como ele mesmo diz. Um milagre o salvou de uma tempestade de areia, num dia em que um vento noroeste já o alertara de que o mar estava perigoso.

Eu tive uma canoazinha vermelha. Tá lá no Flamengo agora. Eu saí daqui uma três horas pra visitá

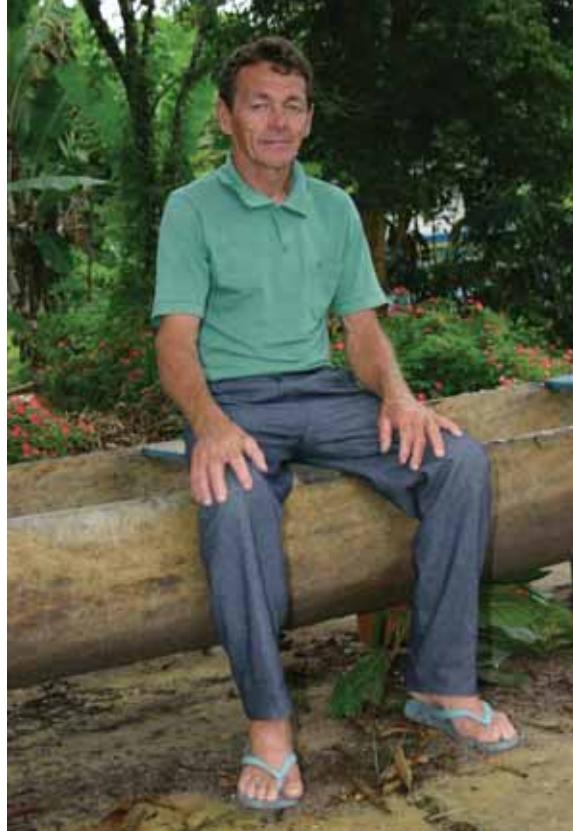
a rede lá no cais. Deu um noroeste, rapaz! Aí eu falei: “Bom, se ventar eu não vô, né”. Aí eu pensei: “Ai Deus, tira tudo o que tem na rede, não deixa cáfi na rede, não, porque senão vai estragar”. Aquela conversa né, de dó, de chegá lá amanhã e tá tudo podre. Se não tivesse tempo nenhum ameaçado e eu não tives-

se vendo, podia sair inocentemente, né. Depois que veio aquele noroeste, que me abraçou, assim, aquele calor... Mas, mesmo assim, fui pro barco. Se caso ele vier, eu agarro aqui no barco e deixo ele passar, né. Aí, o vento não veio, eu peguei e saí pra barra do Perequê pra entrar pro rio, porque a canoinha já tava lá. Umas 150 braças longe da praia, foi só areia que eu comi na minha frente, areia, areia e água! Eu escutava o estalo das telha que saia voando do rancho da colônia, lá no final da praia. Naquilo, eu tive uma experiência muito grande! A canoa já ia de costas já, eu corri no banco da proa e fui enfiando o remo na areia, e já ia parando a canoa. Naquilo eu falei: “Jesus, teu sangue é poder, me ajuda!” Aí o vento cessou e já veio aquela brisa do mar... Eu tive uma experiência muito grande nisso aí, nessa canoa! Hoje, tá fazendo 20 anos que aconteceu! De Deus vem a brisa, do inimigo vem a fúria. Mas quando eu falei “o teu sangue tem poder”, aquilo calçou o vento na hora e só veio aquela brisa-zinha, como se fosse esse ventinho aí agora. É verdadeiro. Deus é tudo!

A espada o derrubou

Um peixe-espada cruzou o caminho do DIONÍSIO. A espada pulou para dentro de sua canoa, fazendo-o cair no mar. Mas o pior foi a gozação por parte do pai.

Essa saída aí foi meio difícil. Eu era moleque ainda, inclusive, foi aqui mesmo no Perequê, quando nós viemos morá aqui. Nós tava pescando com o meu pai numa canoa grande, em dois, e eu numa canoa pequena, bem pequena mesmo. Era bem menor que essa daí do meu irmão. Aí nós fomos pescá. Eu tava pescando com linha e consegui pegar uma espada. Aí eu botei a isca no anzó e joguei na água de novo. A espada veio e pulô dentro da canoa. Nessa hora eu



Paulo Zumbi

Seu Neco

me levantei, fiquei em pé na canoa. Só que o mar tava meio bravo e eu caí na água [risos]. Aí o meu pai falou: “Eh, o que aconteceu com você, que caiu dentro da água?” Aí eu falei: “Ah, foi uma espada que pulô dentro da canoa. Aí, então, não teve jeito!” [risos].

Dedo roxo

ZÉ TADEU, também em uma pescaria de peixe-espada, socorreu um amigo, que por pouco não perde o dedo que ficou enroscado na linha puxada por um peixe muito grande e forte.

Já socorri um pescador, pescando espada, pescan-

do espada no barco. O pai dele era o Seu Vergílio, um pescador velho, pescô a vida inteira de canoa. O Tião pescô a vida inteira, cresceu com o pai dele sustentando a família com o espinhel, pescando de canoa. E tava o Tião, pescando espada num barco meu. Daqui a pouco, o Tião gritando, gritando na canoinha. Ele amarrô a linha de espada no dedo. Ficô pescando com duas aqui e duas no dedo, né. Pegô um peixe grande. Não sei se foi uma jamanta ou que diabo que foi, só que ferrô e correu e prendeu o dedo dele. E ele começô a gritá, né. Achamo que ele tinha inventado. Fomo lá vê. O dedo tava roxinho, roxinho, roxinho! E aí prá tirá? O peixe tava puxando a canoa. Aí, puxamo ele pro barco, cortamo a linha que tava preso o peixe e fomo safá o dedo dele. Mas de canoa, tudo isso de canoa. O ganha pão dele era a canoa.

A onda perdida

Numa bela manhã, ideal para a pescaria, ZÉ TADEU saiu com seu pai. As condições pareciam muito favoráveis, até que uma “onda perdida” os surpreendeu. A canoa virou e o Zé Tadeu teve que deixar a canoa para socorrer o pai, que não sabia nadar.

O mar sempre anoitece de um jeito e amanhece do outro. Não sei se você já percebeu isso. Anoitece, ele tá mansinho; de madrugada esfria, ele acorda agitado. Nós achamo que de manhã tava mansinho. O meu pai não sabe nadá e ainda tem problema de pulmão. Nós saímo e chegamo na ponta ali, eu disse: “Vai pai, tá liso”. E o mar é assim. Todo pescador conhece a praia que mora. Cada praia tem um segredo. Aquela praia tem tantas ondas. Vem cinco ondas, dá uma calmaria, um intervalo, depois vem mais cinco. De vez em quando, quando a maré tá sul a leste, dá uma onda perdida, no meio das outras onda, vem



Débora Olivares

Zé Tadeu

uma louca. Aí ela te afunda e as outras te mata. Então daí, cada um conhece a praia que tem? Conhece nada! Saiu daqui eu não conheço, daqui até a barra eu conheço, mas saiu daqui pra lá eu não conheço mais. Daí, nesse dia, o mar escureceu mansinho, quando chegô de manhã o mar tava encapetado. Mas eu não sabia. Falei pro pai: “Pai, toca pai, que vai dá”. Aí tocô, tocô, nós saímo. Daqui a pouco, passô duas onda perdida, que, na verdade, derrubô nós na areia: Vuuuum! Aí, eu tive que segurá a canoa e segurá o meu pai: “Paaaai!” — eu gritava, mas ele não escutava o barulho. Larguei a canoa, pensei: “Que se lasque a canoa... Meu pai!” Aí eu avistei meu pai assim: “Pai, deu pé pai?” E o pai: “Não, não!” Fui até a terra acompanhando ele. A canoa tava lá no escuro, era quatro horas da manhã. Aí deixei ele com água por aqui e ele veio andando pra frente. Aí eu fui lá buscá a canoa. Montava por cima da canoa, batia pra lá, pra cá [risos], porque ela ia saindo, correnteza ia tirando ela pra fora. E eu consegui tirá ela pra terra.



Praia do Itaguá/Tenório/Cedro

Praia do Itaguá

Assustando os turistas

JERÔNIMO se recorda saudoso das molecagens da infância. Numa época muito boa, ele e seus amigos deixavam os inexperientes turistas assustados com suas traquinagens.

Meu pai sempre teve canoa, aliás, foi o primeiro bem que ele adquiriu quando chegou em Ubatuba,

antes mesmo de trazer minha mãe e meus irmãos para morarem aqui. Pegávamos a canoa dele que ficava na Prainha e saíamos para o mar como bons aventureiros que pretendíamos ser. Foram grandes momentos, todos alegres e graças a Deus nunca ocorreu nenhum incidente grave. Naquela época, ne-

nhum de nós sabia o que era problema, de qualquer tipo. A vida era uma maravilha. Naquela época, não existia aquele farol da barra, ali era uma pedra solitária. De um lado o Morro da Prainha, que é conhecido como Boca da Barra, e do outro a costeira, onde existia uma quadra de futebol. Nós dávamos uma aula de como tirar a água da canoa, porque ali não dava e não dá pé, além do que éramos criança com idade entre 12 e 15 anos. Os turistas, já naquela época, passeavam a beira-mar e nós, sempre que entrávamos ou saímos com a canoa do Rio Grande, virávamos a canoa de modo que ela ficava com o fundo para cima. Os turistas ficam apavorados, pois achavam que poderíamos morrer. Na verdade, nós, eu, meus irmãos e algum primo, mantínhamos a canoa com o fundo para cima e ficávamos no interior já que ali havia oxigênio. Ficávamos assim por longos minutos enquanto os turistas ficavam apavorados com a possibilidade de algum de nós morrer afogado. Graças a Deus tudo sempre terminava bem.

Será que dá choque?

Para descobrir se arraias dão choque ou não, JERÔNIMO e seus amigos procuraram investigar da forma mais simples possível. O irmão do Jerônimo serviu de cobaia para essa experiência, fato que não o agradou muito.

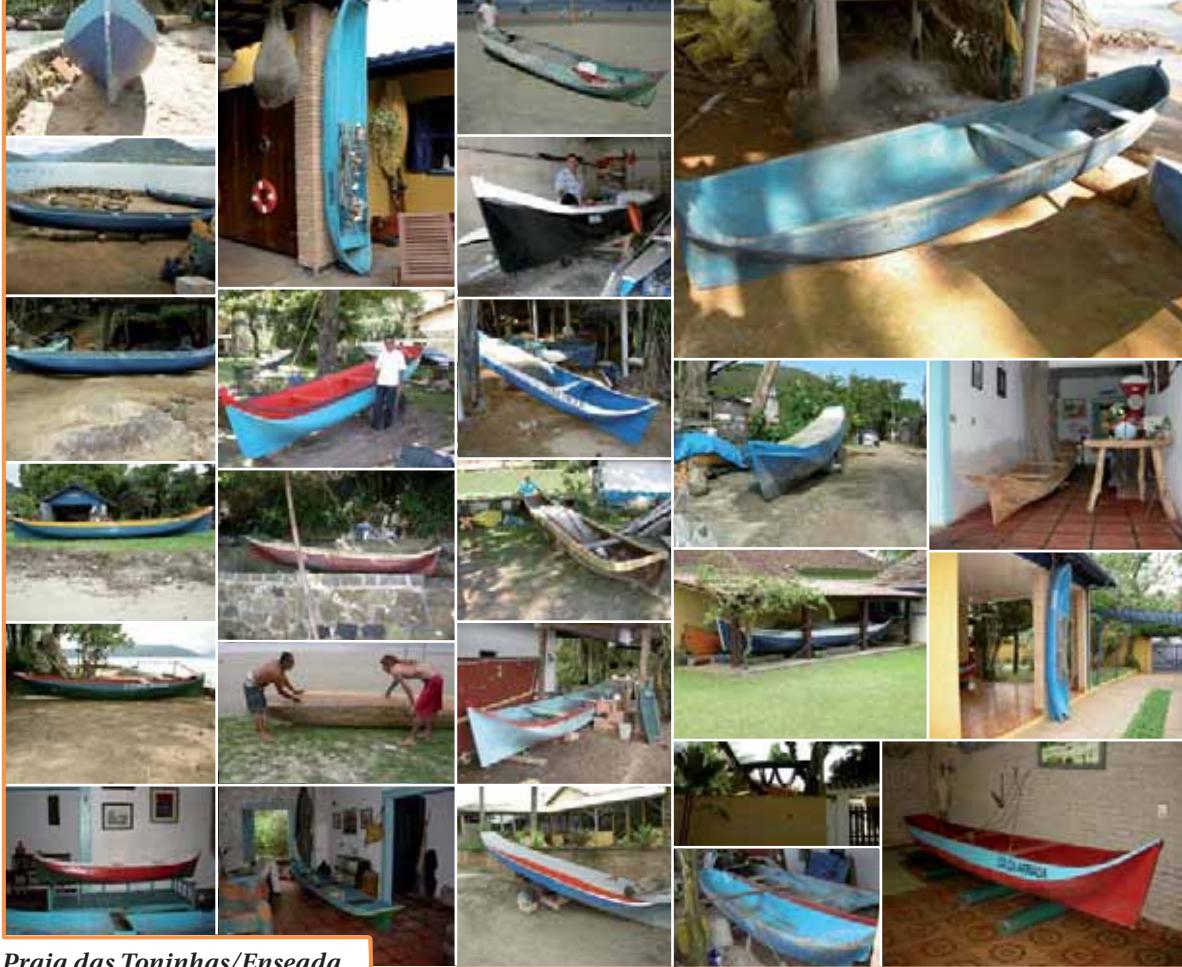
Uma outra história ocorreu comigo, o meu irmão Jorge [Joca] e o Pipico, que já morreu. Entre o cais e a Praia do Cruzeiro estava um grande número arraias. Eu disse que arraia dava choque, não sei se é verdade, mas meu irmão duvidou e o Pipico disse: “Vamos saber se é verdade mesmo”. Então, ele jogou o Jorge na água para saber se era verdade ou não. O Jorge praticamente não se molhou pois rapidamente retornou



Maria Angélica Oliveira Gonçalves

Jerônimo Cursino dos Santos

para a canoa e quis brigar com o Pipico, enquanto nós dávamos muita risada do fato. O Jorge, que chamávamos de negrinho, ficou branco de medo. Enfim, são histórias simples, mas carregadas de muita saudade daquele tempo em que a vida era boa, não havia tanta necessidade material e passear de canoa era o maior dos prazeres que tínhamos. Ainda bem que aproveitamos muito. Talvez até soubéssemos que era por pouco tempo. A canoa de meu pai se foi, mas a memória daqueles momentos estão guardados e seguirão comigo até o fim, como meu pai que não deixou sair de meu coração e comigo também viverá enquanto eu viver.



Praia das Toninhas/Enseada

Praia da Enseada

Galinha morta, galinha assada

IVETE MACIEL se recorda de suas aventuras de infância, quando viajava com o pai para a troca de mercadorias em Santos. Os camaradas de seu pai agiram de má fé, matando as galinhas que seriam trocadas para comer, mas a farsa terminou após alguns goles de cachaça.

Eu era pequena e eu sempre tive um problema de osso, osteomielite, então eu não podia ficar muito em casa. Eu gostava muito de mar, de passarinho... Então meu pai ia para Santos. Aqui, a gente fazia a carne seca, o peixe seco, galinha, tudo minha mãe criava, meu pai botava na canoa de voga e saía daqui para

Santos. A gente levava muito café daqui e trocava com sal, açúcar, manteiga... Aquele tempo era manteiga da Inglaterra, não tinha manteiga daqui. Saía daqui, dormia ali no Rio da Tabatinga, daí saíamos de madrugada e dormíamos em Una; saía de madrugada de novo e já tava em Santos. E a mamãe, então, fazia aquela farofa de galinha, né, e punha numa lata, porque naquele tempo não tinha óleo como hoje, era tudo em lata de 20 litros. Então, colocava ali dentro e a gente só comia aquilo. Tinha aquele engradado que papai fazia para levar 50, 100 galinhas para vender lá. Aí, nós chegamos em Una e o pessoal falou: “Ô Seu Maciel, tem cinco galinhas mortas aqui, vamos fazer assadas?” E aí eu queria comer né, galinha as-

sada, porque estava só comendo aquela farofa. Meu pai falou: “Não, você não vai comer” Aí, brigou comigo e eu não comi, mas eles comeram a galinha. Aí, quando chegou em Santos, descarregamos tudo e o papai deixava um dia para eles tomarem uma cachaça. Eles tomaram um porre e brigaram no boteco. Eu estava com o papai, comendo alguma coisa do lado. Enquanto eles brigavam, falaram que eles apertavam o pescoço da galinha para dizer que estava morta e daí comiam as galinhas vivas [risos]. O papai descobriu então que toda vez que tinha galinha morta era porque eles matavam e comiam. Brincadeira! Isto foi mais ou menos em 1950.



Praia do Perequê-Mirim/Saco da Ribeira/Flamengo

Praia do Perequê-Mirim

Canoa reciclada

RENATO fabricou certa vez uma canoa, mas não tomou o devido cuidado com ela. Resultado: a canoa se estragou, por causa da intensidade de sol a que foi exposta. Renato não se desfez de sua obra. Transformou-a num móvel, que hoje é muito útil e, sem dúvida, inovador.

Tem a história daquela canoa ali, ó, que hoje virou estante. Aquela canoa eu fiz no terreno de casa e coloquei lá. As outras eu guardei e esqueci esta pra fora. Ela foi pegando sol, pegando sol, pegando sol de brinco. Esqueci! Quando um dia fui pegar ela para dar um trato, ela tava toda cochada, com a proa para um lado



Maria Angélica Oliveira Gonçalves

Canoa cochada que virou estante, de Renato Cunha Bueno

e a popa para o outro, empenou. Aí, como ela tava cochada, eu olhei para ela e falei: “Meu Deus, perdi a canoa. Que que eu vou fazer com esta canoa?” Sabe de uma coisa, fiquei nervoso com ela, meti a motosserra nela e cortei no meio. Aí, botei uma de pé do lado da outra e falei: “Vou botar duas prateleiras aqui” . E coloquei e fiz uma estante de canoa. Cabe uma TV de 42 polegadas no meio, cabe garrafa de vinho, uísque, garrafa de bacardi, campari.

Saco da Ribeira

Descuidou, o mar levou!

O SEU ALCIDES se lembra bem de um fato acontecido com seu pai, com a antiga canoa que tinha... Tinha, porque depois de um empréstimo, a canoa não foi mais devolvida, pelo menos não inteira, como um dia a levaram.

Meu pai, ele era pescador, mas artesanal, né, não

era profissional, não. Sempre teve uma canoinha, como todos os caíçarás, ele também era assim. Uma canoinha pra pescar aqui por perto mesmo, não era pescador de sair muito longe. Mas antigamente, também, o pessoal não precisava ir muito longe pra pegá peixe. Por aqui, também tinha peixe, né. Então, quando chegou certo tempo, ele emprestou a canoa para um amigo dele. O amigo falou: “Depois de uma semana, trago sua canoa”. Passou aquela semana, a outra semana, ele não trouxe a canoa. Soube ele de um notícia, que tinham achado uma canoa, uns pedaço de uma canoa, lá pro lado da Santa Rita, que a canoa tinha batido em uma pedra. Aí, passado dois dia, a pessoa que emprestou a canoa veio falar pra ele que tinha ido pescá e que tinha voltado a noite, né, mas voltando à noite com a maré baixa e já meio tarde da noite, ele deixou, puxou o que pôde e deixou para quando a maré subisse, pra ele í lá e trazer de uma vez. Mas ele tava cansado e foi para casa, chegou em casa, jantou, tomou banho, deitou pra descansar um pouquinho e dormiu, dormiu, a maré subiu. Normalmente, à noite, quando não tem vento, um vento assim, tem o terral, né. Aí o terral tirou a canoa. O mar não estava muito manso, jogou nas pedras, quebrou.

O genro desequilibrado

E o SEU ALCIDES tem também uma história de uma pescaria de lulas, que o seu genro quase estraga, mas que, por fim, foi muito proveitosa.

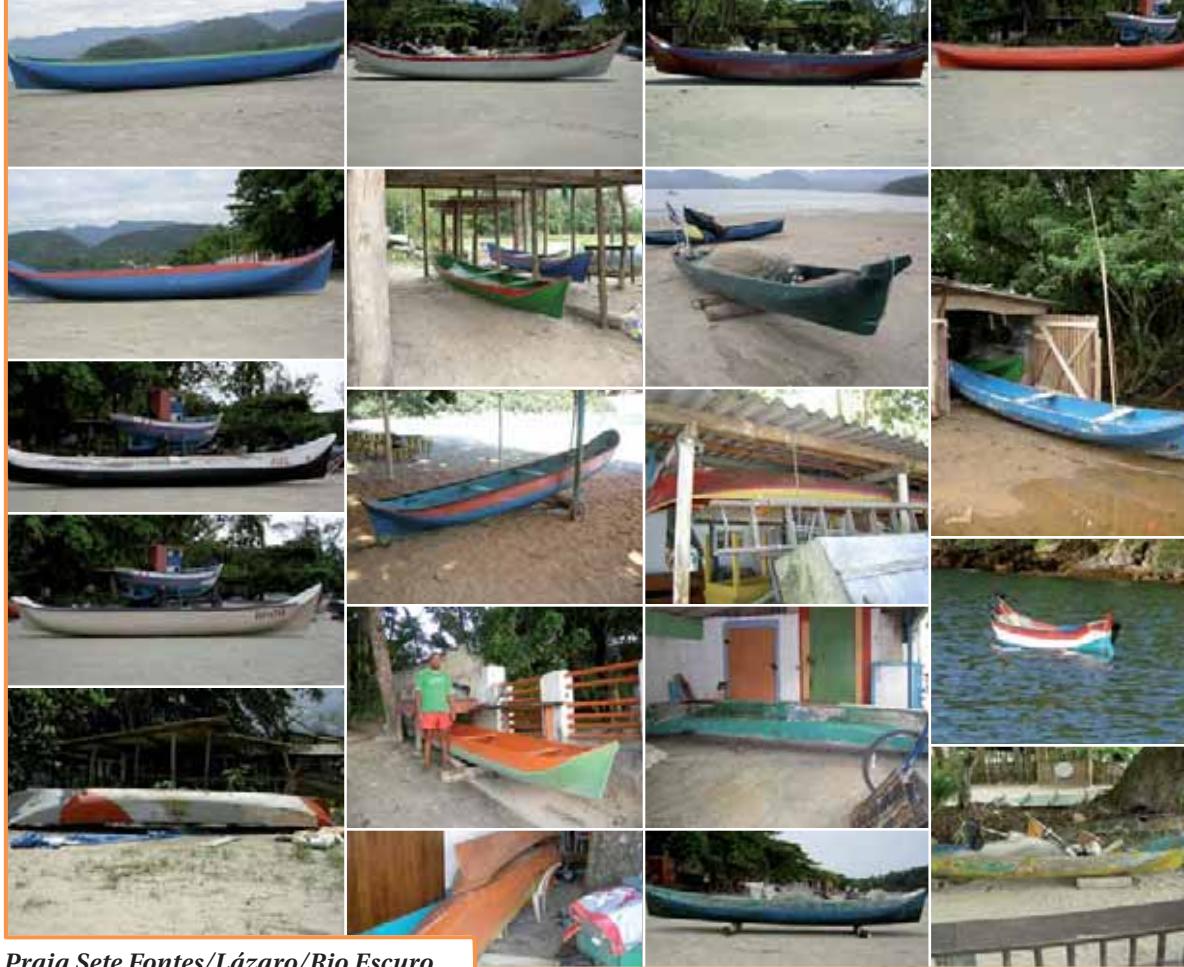
Aconteceu uma coisa engraçada com esta canoa aí, ó. Aqui, depois que passa o Flamengo, tem uma ponta lá, chamada Ponta Grossa, que vira e vai lá pra Sete Fontes. Eu fui pescá uma tarde, pescá lula. Já faz um tempinho, faz uns cinco anos ou mais, eu acho. Fui pescá lula e levei bateria, levei uma luzinha que a

gente coloca na bateria para acender à noite, porque lula à noite pega, mas tem que acender uma luzinha, né, senão pega, não. Levei bateria, fui devagarinho, devagarinho, remando devagarinho. E tinha saído um filho meu, um sobrinho e meu genro, saído com uma chatinha de motor. Saíram, foram pescar também, mas foram lá para o outro lado né. Eu pensava: “Caramba, vou pescar, mas será que este pessoal não vai se encontrar comigo, não?” Porque, se for, meu filho e meu sobrinho, a gente sabe que eles sabem se equilibrar, mais ou menos, mas meu genro não, não tem muito equilíbrio em canoa, né. Aí vi um barquinho vindo, né. Aí eu olhei, era eles, mas lá do outro lado da pedra. Isto era umas cinco e meia da tarde, era época de verão, mês de janeiro. O dia é longo, este horário não é tão tarde, não tá escurecendo ainda e eu torcendo para que eles não me vissem, porque eles saíram e foram pescar, mas depois de pescar foram zoar também, sabe? Aproveitou as praias aí, tomou cerveja, aí pensei: “Este horário que eles estão vindo aí, algum deles já não está muito bem, não”. Aí eu tinha colocado um banquinho lá na popa e outro embaixo, no meio. Aí, me viram, foram lá, aí diziam: “Eu quero pesca aí” e o outro: “Eu também quero”. Eu falei: “Mas aqui só cabe um, como que eu vou colocar três?” Sabe quem ficou? Meu genro que ficou, rapaz! Meu Deus do céu! Aí eu tinha levado uma meia dúzia de zangarelho. Eu não sei como a gente ia se equilibrar aqui nesta canoa. Ele falou assim: “Dá pra í, dá pra í?” Ele saiu da chatinha e passou para a canoa, falei: “Então segura, entra na canoa, segura na chatinha, não larga da chatinha, aí tu senta no banquinho”. Depois que ele sentou no banquinho, mesmo sentado, ficou aquele negócio de ir lá e voltar. Não viramo, não. Aí eu saí do banquinho, sentei no fundo da ca-



Paulo Zumbi

noa porque quanto mais peso, melhor. Eu não tava fundiado ainda. Aí, a âncora tava aqui na proa, né. E agora para fundiar esta canoa? Eu fui remando devagarinho, tava mansinho, me posicionei num lugar mais o menos, aí ele foi afundiar. Não levantou nada, foi se escorregando, se levantasse nós virava, aí ele foi devagarinho, devagarinho, puxando assim, foi lá, jogou. Ai continuamo pescando. Mas teve uma sorte de pescá lula aquele dia, teve muita sorte. Enchemo dois balde deste. Mais de 200 quilos de lula aquele dia! Depois, à noite, quando chegou à tardinha, acendia a luz. Só não pegamos mais porque não aguentamo ficar, já estava sem jeito. Aí viemo-se embora. Quando chegou aqui na Ribeira, chegamo na praia, a canoa bicou na areia, parô, ele desceu primeiro, que eu pus o remo na água, né. A hora que ele desceu, foi de costa, desequilibrado. Aí, eu falei: “Vai acontecer a mesma coisa comigo”. E aconteceu! [risos] Ainda bem que foi ali!



Praia Sete Fontes/Lázaro/Rio Escuro

Praia Sete Fontes

Um dia cansativo...

Frente às dificuldades de acesso à Praia Sete Fontes e ao valor abusivo cobrado para as entregas feitas a barco naquela região, SEU DOMINGOS decidiu construir sua casa transportando parte do material em sua velha e boa canoa Rosana.

Essa canoa que tá ali embaixo, a Rosana, a tal ca-

noa que eu criei meus dois filhos... O material dessa casa aqui a maioria foi tudo ela quem trouxe. A remo, hein! A remo! O dinheiro contado, né. O pedreiro é um rapazinho, o Lauro, lá da Praia do Bonete. O rapazinho vinha aqui e trabalhava de segunda a sexta, ganhava por dia. Aí, só que toda sexta-feira ele tinha



Márcia Demadai

Seu Domingos

que levá o dinheirinho dele, né. Ia passá o sábado e o domingo em casa. Eu tava sem dinheiro, mas o dinheiro tava reservado pro pedreiro. Aí eu me ralava na pesca, mas a pesca tava meio ruim. Aí eu falei: “Ô Lauro, se você tivê precisando de mais material aí, cê dá um alô, hein”. Ele falô: “Olha, eu vô precisá de mais pedra brita, um pouco de cimento... Pra eu trabalhá até sexta-feira”. Aí eu falei: “Ah, tudo bem. Então, eu vô lá pegá”. Porque se fosse pagá uma viagem, tanto fazia um barco vim aqui trazê três saco de cimento ou trazê 15 ou 20, era uma viagem que ele ia cobrá. Então, tá: “Se eu pagá um barco pra trazê o material aqui, vai fazê falta o dinheiro pro rapaz, e

o do rapaz era sagrado”. Era tudo bem bolado, sabe. Teve um dia que eu comecei a carregá material era seis horas da manhã. Não tava tão velho. Canoa de guapuruvu, tem três palmo só de boca, né. Aí eu trouxe sete sacos de cimento, vim carregado, cheguei aí, descarreguei. O mar tava mansinho e eu aproveitava pra saí bem cedo, porque depois, do dia pra tarde, o mar sempre vira. Aí começa a batê uma brisa. Aí não dava pra eu trazê a canoa carregada pra cá. E nesse dia deu, rapaz. Ó, fiz a primeira viagem. Saí daqui cedo, cheguei era oito e meia, descarreguei, tomei um café reforçado, voltei lá de novo, trouxe outra viagem, almocei. Fiz duas viagem na parte da manhã.

Acabei de almoçar, descansei ali uns 15 minutos, saí de novo, fiz mais duas viagens na parte da tarde. Fiz quatro viagem, quatro viagem no dia. Quatro viagem daqui no Saco da Ribeira, trazendo material. Aí cê vê, é longe daqui lá, não foi fácil! Olha, menina, quando eu parei, eu tomei um banho, sentei no sofá e ali eu cochilei. Aí eu senti o cansaço. E eu tava tranquilo, podia remá mais ainda. Enquanto tava com o sangue quente, mas depois que esfriou, bateu o cansaço. O braço parece que tava largado. Falei: “Mulhé, agora eu cansei!” Isso foi há uns 25 anos atrás, o tempo que eu tenho essa casa.

Naufrágio com a “Rosana”

Numa outra aventura com a canoa Rosana, SEU DOMINGOS passou maus momentos no mar. Mas a canoa companheira foi seu salva-vidas e o Seu Domingos voltou pra casa são e salvo.

Eu sô abusado. Já peguei muito tempo ruim. Muito temporal lá fora. Já tive naufragado lá fora na canoa a remo. Fiquei duas horas e meia naufragado lá fora, com temporal. Era um sudeste, vento que vem aqui, da Vitória pra cá. Eu tava aqui na Sete Fontes, na parte sul, como quem atravessa aqui na parte sul, parte sul da Ilha Anchieta. Ah, rapaz, aquela arrebentação só! Saí daqui, o danado tava calmo. Quando cheguei lá fora, foi apertá, e foi apertando. Quando fui arrancá a âncora lá, e faço força, e faço força, com a perna calçada aqui no banco do meio. E tô aí, fazendo força, porque o mar tava tão forte que enterrô demais a âncora. E nada, e nada, e nada. E uma hora eu fiz tanta força, que ela soltou de vez. Aí eu caí no bordo da canoa. Aí eu vi que a canoa já ia saindo, eu me agarrei no bordo da canoa. Aí eu fiquei naquele sufoco lá. Duas horas e meia, até tentá embarcá. O mar quebrando por cima

de mim. Passava por cima de mim de um lado pro outro. A maré tava tão forte que chegava a puxá a perna. Chegava, assim, no bordo da canoa, deixava a perna pra baixo, a maré puxava até a perna. Aí, quando eu procurei a caçambinha pra tirá água, mas na hora que virô, já tava lá embaixo. Uma distância de uns 20 metros da canoa. Eu pensei: “Bom, agora é hora de eu pensá. Se eu for buscá a cuia pra tirá água, eu não pego a canoa. A canoa sai com tudo e eu não pego a canoa”. E a canoa é um guapuruvu e a gente sabe que é uma embarcação leve, no vento, maré, vai embora, né. Mas eu sô tranquilo, o mar não me apavora. Aí eu pensei: “Se eu me apavorá, eu vô morrê. Por que que eu vô me apavorá? Eu tô sozinho. A canoa é meu salva-vida”. Aí, mas eu tava preparado, com um preparo do caramba. Aí o mar vinha, passava por cima da minha cabeça, eu tava segurando no bordo da canoa e o mar passando por cima. Aí fiquei lá, fiquei, peguei a canoa de jeito, puxava pra lá, puxava pra cá... Conforme ia fazendo assim com a canoa, a água ia saindo. Aí, comecei a tirá água com o tabuleiro e, no eu puxá assim, ralava o braço. E eu fiz a primeira tentativa, não consegui, na segunda, não consegui, na terceira eu consegui embarcá. Eu esperei, esperei, o maior jazigo, e a onda tava grande! Aí eu embarquei. Já tava com o braço cansado. Tirei a rede e ainda tinha um cação e uma corvina. Depois vim embora. Saí daqui era oito horas; cheguei aqui era meio dia. Todo mundo pensava: “Bom, morreu!” Tava minha esposa, tava meu sobrinho, meu co-cunhado. E a minha mulher já tava apavorada. Eles só viram a canoa quando eu já tava entrando aqui pra dentro. Aí meu sobrinho: “Ô tia fica tranquila, que o tio já tá vindo ali já”. Aí eu falei: “Ô mulher, quase que essa hora ocê já não ia me vê mais. Quem ia descobrir era o siri” [risos].



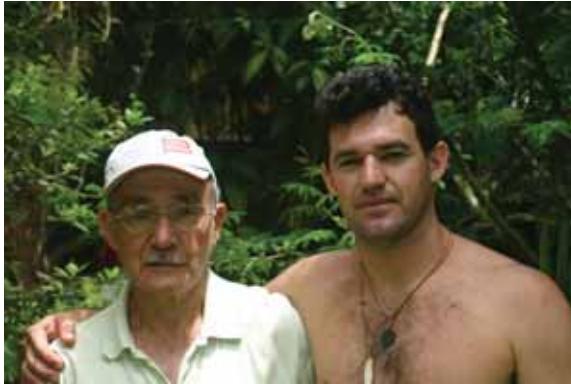
Praia da Fortaleza

A tragédia anunciada

Certa vez aconteceu uma tragédia, envolvendo duas canoas, próximo à Praia das Sete Fontes. O SEU TONICO se lembra dessas canoas que vieram do Flamengo pra pescar tainha na Praia da Fortaleza. A tragédia aconteceu quando voltavam da pescaria.

Naquela época, existia muita tainha, né. Então,

veio duas canoas com rede lá do Flamengo pescar tainha aqui. E cada canoa levava mais ou menos 150 braças de rede. Também, eram canoas grandes, mas a remo. Aí tava um vento sudoeste, vento não tão forte, mas eles cismaram de ir embora assim mesmo. A turma aqui falou: “Não vão, porque tá perigoso, pode



Paulo Zumbi

Nel com o pai, Seu Tônico

acontecer alguma coisa”. Mas eles disseram: “Não, a gente vai, não tem problema, o vento tá mais ou menos, dá pra ir”. Na medida que eles chegaram lá na Sete Fontes, que tem aquela ponta virando lá, o vento aumentou. E aí eles foram no remo. Não tinha como, porque correndo a vela, o mestre, ele consegue desviá das ondas, né. Pum lado, po outro, de acordo com a onda, ele vai sempre desviando, a onda não pega a canoa. Agora, o remo não, o remo é lento. Então, e a água foi entrando dentro da canoa e eles não conseguiram tirar porque a rede tomava todo o espaço do fundo da canoa. Aí não tinha como tirá. A água foi entrando, entrando, e eles afundaram. Morreram duas pessoas. Isto faz uns 15 anos ou mais.

A esposa teimosa

O NEL, filho do Seu Tônico, conta que a teimosia da mãe salvou o pai, a mãe e a criança que estava por chegar ao mundo. Isso aconteceu no mesmo dia da tragédia que matou duas pessoas na ponta das Sete Fontes.

No dia que deu este vento aí que matou todos eles,



Maria Angélica Oliveira Gonçalves

Isaías

ele [Seu Tônico] queria ir de canoa lá para a Praia Dura. Aí, minha mãe: “Não, vai ventar”. O pai disse: “Que vai ventar o quê, você lá entende de tempo?” Aí minha mãe teimou que iria a pé: “De canoa não quero ir”. Ela tava grávida, né, ia levar ela no hospital. A minha mãe teve tudo meus irmãos mais velhos de canoa, não tinha estrada pra Praia Dura. Aí, tem meu irmão mais velho, que quando foi chegar de canoa, a canoa encheu de água. Tinha acabado de nascer, estava chegando do hospital. E aí meu pai queria ir de canoa e minha mãe queria ir a pé. Só que minha mãe é muito teimosa e meu pai se convenceu: “Então tá bom, então vamo de a pé”. Tava chegando na Praia Dura a pé, o vento cai. Minha mãe: “Tá vendo!”

Salvamento do pai

Um descuido e o pai do ISAÍAS foi pro mar. Chegaram à Ilha Anchieta apenas com a canoa, a reboque, que o pai ocupava. Por sorte os dois irmãos conseguiram localizar o pai, que sabia nadar bem.

Fui pescar na Ilha Anchieta com o barco e canoa,

eu, meu pai e meu irmão. Chegou lá, meu pai ficou na canoa pescando garopa, e nós ficamos no barco pescando. Quando chegou à tarde, deu a noite, peguei a canoa, marrei no barco e viemos embora. Quando chegamos na Ilha Anchieta, onde nós ia pernoitar, já era noite, eu olho, a canoa chegou mas meu pai não chegou. A canoa deu um balanço por fora da ilha e nós, com o barulho da embarcação, não escutemo e nem vimos ele cair. Aí quando chegou, tava só a canoa. Aí, marquemos o rumo que nós tinha vindo e, depois de uma meia hora de barco, cortando pelo mesmo caminho, enxerguemo aquela ardentia de noite, e conseguimos pegar ele. Ele tinha uns 75 anos e, graças a Deus, sabia nadar bem.

Cação com farinha?

Não, essa não é uma receita culinária. O Seu Argemiro, amigo do ISAÍAS, encontrou um cação quando viajava para Ilhabela, junto com sua esposa. Para se livrar do feroz peixe, tiveram que jogar a farinha de mandioca que levavam para entrega. Apesar de não terem conseguido negociar a farinha, puderam apreciar uma bela caldeirada naquele dia.

Essa história foi ocorrida na Ilha dos Buzios. Parece piada, mas foi verdade. Aconteceu com o Seu Argemiro, nascido e criado na ilha dos Buzios. Ele me contou que eles faziam farinha de mandioca pra vender na Ilhabela. Quando chegou um dia, eles fizeram dois sacos de farinha e foram vender na Ilhabela. Então, ficou de cara, remando, e botou a mulher de cara pra proa e os dois sacos de farinha junto com a mulher, e foram remando. Quando chegou na altura do canal, ela gritou pra ele: “Ai, Argemiro, tem um cação bem grande atrás da gente, querendo comê a gente”. Então ele falou pra ela ir jogando a farinha, porque a hora que ele

ia dar a bocada, pegava a farinha. E ela veio jogando a farinha desde a Ilha de Buzios e quando chegaram na Ilhabela, toda a farinha tinha ido. Jogaram fora os dois sacos de farinha. Daí, sem farinha pra fazer nenhuma compra, deram uma volta na casa dos amigos, tomaram uma água e foram embora. Na volta, encontraram com o cação morto, de tanto comer farinha. Daí ele falou pra mulher: “A caldeirada tá feita!”

O peixe cantou!

Um pouco do folclore de Ubatuba... ISAÍAS conta uma história muito interessante, do dia em que uma comunidade muito isolada se assustou ao ver que o peixe, ao ser cozido na panela, cantava alegremente.

Há muitos anos atrás, na Ilha Vitória, tinha um povo simples, que não tinha conhecimento de nada. Por lá, afundou uma canoa de mercadoria, por fora da ilha, e encalhou muitas mercadorias que eles não tinha conhecimento. Encalhou lata de leite em pó... Eles não sabiam o que era, então davam pros porcos. Encalhou muito saco de farinha de trigo também... Eles num sabiam o que era, então achavam branquinho, bonito, botavam num balde e caiavam as paredes. E também encalhou uma vitrola antiga, com uns discos, e eles não sabiam o que era... Então usavam o disco para tampar caldeirão. E uma vez tavam cozinhando um peixe, um tal de marimba, que tem muita espinha. As espinha soltaram e passaram na tampa do caldeirão, e o peixe começou a cantar: “Mamãe eu quero, mamãe eu quero, mamãe eu quero mamar!!!” E a turma num sabia o que era aquilo e começaram a gritar que o peixe tá cantando. E avoôu caldo de peixe pra todo lado. Achavam que o peixe tava endiabrado!

Longa busca pelo pai

SEU ADÃO conta sobre o falecimento inexplicável de seu pai em uma canoa no mar. O corpo levou seis dias para ser encontrado.

Meu Pai morreu no mar, pescando. É difícil explicar, porque ele foi largar um espinhel numa canoa minha, e o mar engrossou. Ele não apareceu durante a tarde. Minha mãe ficou preocupada. No outro dia eu peguei a escuna e saí procurando. Procurei por cinco dias e não achei. No sexto dia teve um turista que achou ele lá no boqueirão da Ilha Anchieta. A canoa eu peguei. Tava nas pedras as coisas, umas frutas que ele havia levado... Tava tudo ali. Então acho que foi vertigem. Depois de cinco dias que a gente achou.

Salvamento do patrão

SEU ADÃO, certa vez, saiu para pescar junto com seu patrão, o escritor Maurício de Lasar Segall, filho do famoso pintor e escultor lituano Lasar Segall. O vento forte e o despreparo de seu patrão, de idade avançada, colocou sua vida em risco. Mas tudo terminou bem naquele dia.

Eu fui pescar com o meu patrão. Eu não queria que ele fosse, mas ele insistiu. Tava chovendo e ventando, no inverno. Fomos de canoa. O vento tava contra nós e, na hora que tinha acabado de largar a rede, tinha uma poita e uma bandeira do lado da popa e uma bandeira e uma poita do lado da proa. Como eu fui largar a rede, eu pedi pra ele pegar a bandeira e ele se virou. A canoa deu um balanço, e eu, pra não cair, pulei na água, senão ia virar a canoa. Não aconteceu um acidente porque a gente tava na água já. Aí, tava pra fora da ponta e o vento levando mais pra fora e ele não conseguia trepar na canoa de jeito nenhum. Ele, com oitenta e poucos anos já, um frio,

uma chuva, e eu preocupado. Eu pulava na água, segurava de um lado da canoa, pegava a perna dele pra cruzar a canoa, ele não conseguia se mover de jeito nenhum. Foi aonde que eu fiquei preocupado! Peguei uma corda, piei nas costas dele e ele se grudou assim. Eu vim remando, contra o vento, mas era muito ruim, porque o peso era muito grande e o vento contra nós. Ao invés da gente vim para cá, o vento ganhava da gente e eu vendo ele roxinho, roxinho, tremendo já, com aquela idade! Isso era umas cinco e meia da tarde. Quando chegou umas nove horas, eu consegui chegar no barco. Chegando no barco eu peguei uma escada, botei no barco, ele largou da canoa, pegou na escada, trepou no barco para depois botar ele na canoa de novo e trazer ele embora. Ele nunca esqueceu disto, até hoje!

Os dentes do anequim

SEU OLIVEIRA ouviu uma pancada no mar, mas não acreditou que pudesse ser um tubarão, como seu pai já o havia advertido. Qual não foi a surpresa ao ver tamanhos dentes de um tubarão-anequim brilhando em sua direção...

Eu fui pescar lá por fora do Mar Virado, nessa canoa que ta aí, pequinininha. Cheguei lá, larguei a minha rede lá fora no parcel. Sozinho, não tinha ninguém, o mar muito manso, muito peixe pulando. Ouvi um estouro muito grande: “bruummm”. Eu olhei pro lado, não vi a água espanar, nem nada. Meu pai dizia sempre, quando eu era garoto, que: “No mar, se der pancada, cuidado que é cação”. A pancada do cação é que nem uma tauba que bate em cima d’água, que faz: “taaaaa”. E aquela pancada, não. Foi uma pancada oca, que nem um caixão que você joga de boca pra baixo que prende ar. Foi uma pancada abafada, como



Maria Angélica Oliveira Gonçalves

Seu Adão com o filho Gabriel

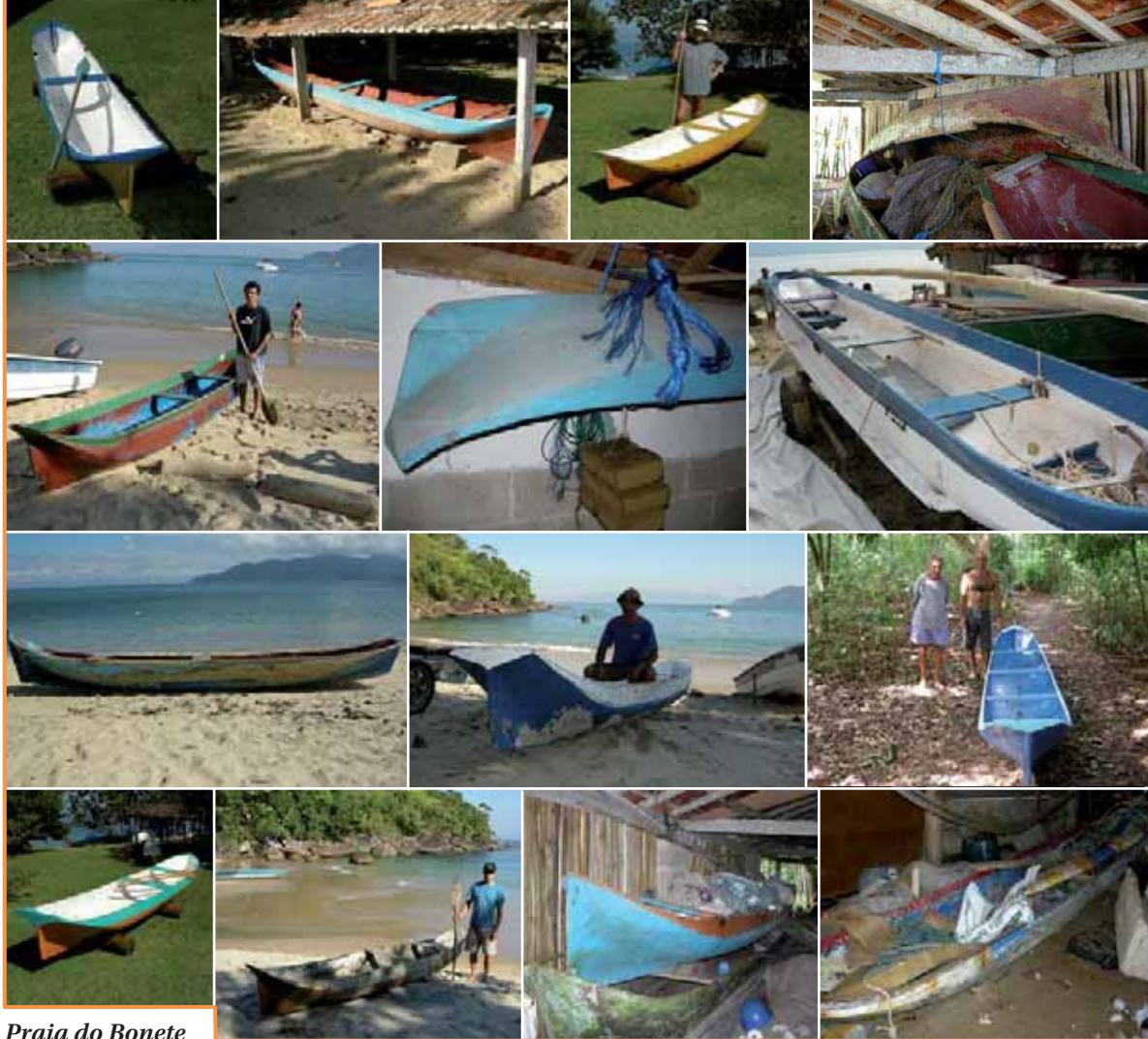
diz o outro, choca. Então, eu olhei, não vi nada. Fiquei meio assustado. Larguei o espinhão e fiquei pescando pra fora do espinhão, lá fora. Quando foi ali pras nove e meia da manhã, quase dez horas, eu pensei comigo: “Vou visitar a rede e se não tiver isca nos anzóis, eu vou pôr mais isca. E se tiver algum peixe eu tiro e vou ficando por aqui até ir chegando lá pelo meio-dia, pra mim ir embora”. Aí, levantei a pedra que é a âncora, pus na canoa e vim remando para a terra, devagar... Aí, eu vinha de frente pro lado da popa da canoa e a proa da canoa pra trás. Eu escutei aquele rangido, feito um rugido de cachorro, quando esse cachorro bravo que vai avançar na gente. Aí, eu olhei pra trás e, no que eu olhei pra trás, eu vi que era um aniquim... Era um cação muito grande! Pesava talvez, pelo tamanho dele, uns 120 quilos ou mais. O cação, quando avança na gente, ele puxa toda a gengiva para trás e fica só na dentadura. E ele tava com uma boca deste tamanho assim, ó! A boca tão branca, mais branca que esta



Maria Angélica Oliveira Gonçalves

Seu Oliveira

parede aqui, ó. E a gengiva toda puxada e os dentes tudo pra frente assim. Ele deu um avanço, mas não chegou pegar na canoa porque eu vinha remando. Ele deu avanço em mim, mas conforme eu vinha ele dava o avanço, aí foi afundando de ré, foi afundando, um cação, um azul claro. A barriga dele era um azul claro e as costas um azul escuro. Um cação desta grossura assim, muito comprido, do comprimento da canoa, mas mais grosso. Aí andei contando pro pessoal aí e eles falaram que era o tal cação-anequim. Eu nunca vi cação-anequim, tinha ouvido falá, mas nunca vi. Porque o anequim é o cação mais bravo que nós temos nas águas brasileira. Aí, ele afundou, fui embora, pro mar rumo sul a sueste e foi embora. Eu disse: “Vai que eu vou salvar minha vida”, e vim na canoa. Naquela hora, eu não senti medo, e o medo chegou depois viu, quando as ondas vinha no vento, quebrava, eu assustava. Achava que ele estava vindo atrás de mim. Passei um apuro danado!



Praia do Bonete

Afundamento com âncora

O pai do DANIEL também viveu um momento dramático numa pescaria. Afundou junto com a âncora. Conseguiu se livrar do afogamento, mas não dos pin-dás (ouriços-do-mar).

Meu pai quase morreu mesmo. Uma vez ele foi largar rede lá na ilha onde ele morava. Aí ele foi jogar

a âncora e não sei o que aconteceu. A corda laçou o pé dele e ele foi junto. Mais de 25 metros, pra fora do saco sul, ali, foi lá no fundo. Vinte e cinco metros. Aí, quando voltou, bateu a âncora lá e deu uma afrouxada. Ele conseguiu tirar a corda do pé e subiu a milhão. Pulou que nem uma tainha pra fora d'água, tão

cansado que ele já tava. Aí, quando ele viu a canoa, a canoa já estava virada em cima das pedras, o vento já tinha jogado. Encheu de espinho de pindá o pé. Minha mãe ficou uma semana só tirando espinho do pé dele. Ele inflamadão.

O vento levou...

Certa vez, uma ventania pegou vários pescadores. O pai do MANOEL não teve sorte. O vento levou a canoa de seu pai para longe e a água gelada o congelou. Por sorte, seus filhos o encontraram a tempo de salvá-lo.

Aconteceu aqui uma época. Foram pescar no cerco. O vento pegou eles no meio da baía. Daqui foram três. Meu pai virou a canoa dele, na travessia do Mar Virado. Ele pegô e virô a canoa de bruço, montou em cima, com o peito em cima da canoa e segurou no bordo. Noventa, noventa e poucos anos, ele foi embora, foi indo, foi pedindo socorro. Aí meu irmão foi andar pelo caminho do Cedro da Fortaleza e ele viu aquela canoa lá embaixo, a canoa andava com o vento, foi embora. Ele foi lá embaixo, na Ponta da Fortaleza, depois as águas tiraram lá pro lado da Sununga. Aí, nessa hora, o vento tava até mais calmo... Nós não sabia se ali tinha uma pessoa, sabia que era uma canoa. Tinha muita gente desaparecida, mas não sabia quem era. Aí nos chegamo lá, no Saco da Cachoeira da Fortaleza. Tinha três pescador lá nas pedras, fomos lá e pedimos ajuda. Eles estavam com uma canoa grande e nós fomo até lá e era meu pai. Ele já tava batendo quase lá naquele costão da Sete Fontes. Tiramos ele da água, tava que nem um cação morto, duro, congelou. Até a mão dele, do jeito que tava no bordo da canoa, ficou assim, congelada. Pegamos, tiramos ele da água, tava duro. Colocamo ele dentro da canoa e fomos pra Fortaleza. Ficou o quê? Quase três

horas enrolado nuns três cobertores até descongelá e ficar bom de novo.

Conselhos: às vezes são bons!

MANOEL, num dia desses de ventania, não deu ouvidos aos conselhos dos amigos. Resolveu remar do Lázaro até o Bonete e, por pouco, não se alagou e perdeu toda a compra, tão necessária para sua família.

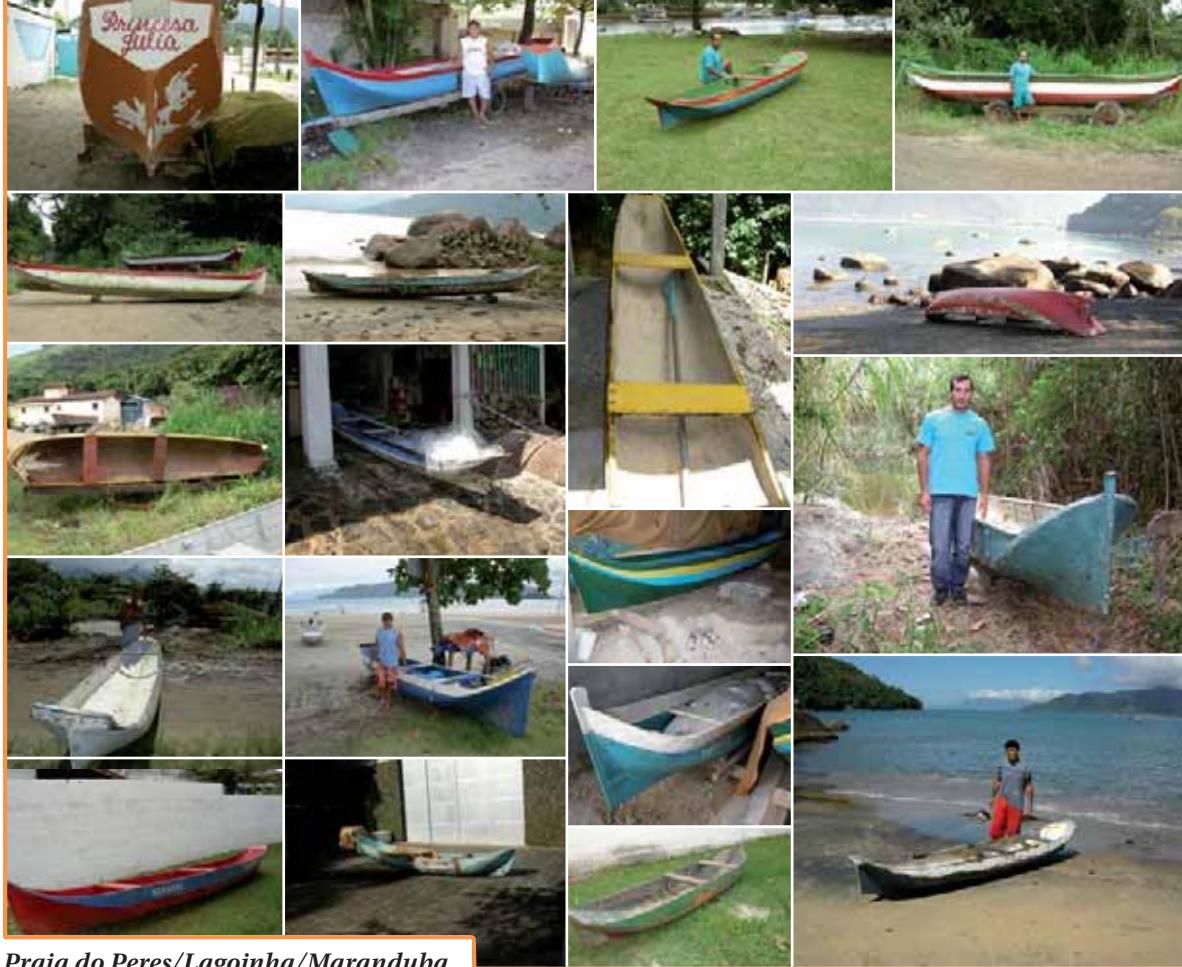
Uma época, eu trabalhava no Lázaro, na Ponta do Lázaro. Aí, chegou um dia de sábado de tarde, eu precisava vim embora de canoa. Aí o pessoal falava: “Não vai, olha pro tempo”. Eu disse: “Não, vou embora, porque preciso levar compra pra casa”. Aí comprei um saco de compra assim, coloquei na canoa. A maré lá não parecia que tava ruim, porque ali no Lázaro a maré é de asa leste, ruim ela dá de enchente, não tem onda. Aí eles: “Não vai que o mar tá bravo. Não vai”. Mas eu falei: “Vô, vô. Tenho que levar compra pra casa”. Aí saí, me despedi deles e saí. Isso era umas quatro horas da tarde. Quando cheguei na Ponta do Lázaro, me arrependi, aí eu já vi a coisa feia. Não via nada. Pensei: “Agora eu morro! Seja o que Deus quiser”. E fui embora. Vim da ponta do Mar Virado pra fora, fui embora. Tava quase chegando na altura da Laje Grande, pois é, na Laje Grande o mar tava grande, mas eu fui. Entrei de uma vez, passei o saquinho lá da ponta, fui embora. Quando cheguei na direita da Laje Grande, diante da costeira tem outra laje perdida e ali o mar vinha e fazia estrago. Aí, rapaz, vim embora, vim embora. Já tinha passado da laje perdida, bom, vim embora. Quando cheguei nesta bóia de marisco aqui ó, ali no canto, o bicho tava feio! Aí falei: “Minha nossa! E as compras? Vou olhar primeiro como tá o andamento das ondas. Se não der pra chegar, pulo na água”. Parei ali fora, veio quatro, cinco



Maria Angélica Oliveira Gonçalves

Manoel

ondas de uma vez. Eu esperei mais um pouco, aí veio outra carruagem de ondas e deu um espaço, passou outra carruagem. Olhei na ponta, veio uma onda bem pequenininha. Corri em cima da onda e vim embora. Rapaz, a onda me fez chegar aqui. Quando cheguei, que encalhei a canoa aqui, aí veio a carruagem. Aí virou canoa, jogou a compra.



Praia do Peres/Lagoinha/Maranduba

Praia da Lagoinha

Turistas em perigo

SAMUEL conseguiu salvar os turistas que estavam à deriva em um catamarã. Essa aventura foi vivida com sua canoa Lua.

Já salvamos gente com canoa também, várias vezes, quando dá noroeste aí. A turma sai, turista, né, sai com estes velerinho, e vão embora. Chegô uma

vez, o veleiro do cara quebrô e o vento tava levando ele embora. Aí, eu com a canoa e um monte de corda saí. Uma pessoa ficou em terra com a ponta do cabo e eu fui remando, remando. Na canoa, eu e meu cunhado levamos a corda lá pro meio do mar e amarramos. Era um catamarã, amarramos no cabo do catamarã e



Maria Angélica Oliveira Gonçalves

Samuel

salvamos. Era duas meninas e o cara. Mas nós salvamos, porque quebrô o mastro da vela e o vento tava levando eles embora. Uma das menina já tava bebendo água, bem ruim mesmo, tava pra fora da Ponta do Bonete. Nós salvamos! Chegamo no Bonetinho, levamos os três lá, chamamos os bombeiros, eles vieram e levaram elas, se salvaram.

Praia da Maranduba

Doce coração de tainha?

Durante a romaria, o Mané Armiro se empolgou com a visão de tantas tainhas, que o levaram a se confundir com a letra da música. Essa história hilária foi lembrada por ZACARIAS, que a testemunhou em sua infância.

Aconteceu um negócio interessante na Fortaleza, que foi uma graça. Foi fazer um negócio de romaria de canoa e tinha um barquinho, tinha umas canoas remando, no tempo da gente, que eu era criança, né. E tava todo mundo firme, tinha muita tainha, todo mundo na Ave Maria. A música que cantava, o hino que cantava era: “Doce, doce coração de Mariaaaa...” Então tava a romaria e tal, remando e tal, o barquinho devagarinho. Meu pai tinha uma canoa de motor de centro naquela época, quando eu era criança, eu devia ter uns dez ou doze anos. Eu tava no barquinho, e



Paulo Zumbi

Emerson

a canoa de tainha, vinham remando e cantando, né. Aí cantava: “Doce, doce coração de Mariaaaa...” Ele conta até hoje, isto é velho pra caramba. Aí, o Mané Armiro cantou: “Doce, doce coração de Tainhaaaa...” Dizem que a tainha pulou. Ele tava empolgado com a tainha. Aí, ao invés de dizer “coração de Maria”, disse que era “doce coração de tainha”. [risos]

Tubarão-martelo rebocado

O EMERSON gostava muito de pescar com seu avô, o Sr. Francisco Lopes de Araújo, um experiente pescador. Certo dia, na Ilha do Mar Virado, uma pesca inusitada: pegaram um tubarão-martelo de mais de 100 kg, tão grande que não coube na canoa.

Basicamente comecei a minha vida no mar junto com meu avô. Ele era pescador já, e pela idade dele ele precisava de alguém para acompanhar, ajudar ele. Aí foi na época que comecei ir para o mar junto com ele. E ele, com a canoa, ele conseguiu criar a família toda. A gente já foi fazer umas pescas aí, inclusive uma foi feita no Mar Virado, que na época eu era

bem pequeno. Eu tava passando mal, aí ele mandou eu deitar um pouco na proa da canoa para ver se ele terminava de puxar a rede. Mas a rede tava ficando pesada, pesada, e ele, achando até que era uma raia, falou: “Ou é raia ou é algum polvo ou coisa parecida”. Aí começou puxar: “Tá ficando pesado”. Daí a pouco, eu lá deitado, o olho fechado, passando mal, não via a hora de chegar em casa. Aí, veio uma cambeba, que é o tubarão-martelo. Achei que fosse um pequeno, de um quilo, mas quando eu abri o olho, tinha um olho deste tamanho do meu lado. Era um tubarão-martelo! Quando a gente trouxe ele prá cá, veio rebocando, não conseguiu colocar ele dentro da canoa. Já tava morto na rede. Chegou aqui, foi pesar, tinha dado 120 quilos. Teve que vim rebocando porque não cabia dentro da canoa. A gente tentou fazer força para colocar dentro da canoa, mas a canoa começou emborcar água. Ele falou: “Ah, não, vamo amarrar e vamo deixar”. Aí a gente puxou no reboque e veio trazendo.

Um pulo despreparado

Numa outra farta pescaria do EMERSON com seu avô Francisco, a falta de camaradagem dos outros pescadores obrigou o seu avô a pular na água. Um erro de cálculos do pescador em relação à profundidade acabou sendo motivo de muita gozação.

Uma vez a gente tinha uma rede, que era uma rede de cabo. É uma rede que a gente usa pra cercá o cardume de peixe e puxá na praia. Eu me lembro que eu era bem pivete, meu avô começou a soltar a rede e aí tinha sempre um cardume mais para fora né. Aí ele abria a rede e ia cercando. Tinha aquela ganância de pegar muito peixe, né. Foi cercando, cercando e quando começou acabar a rede, terminou, aí soltou o cabo, para o pessoal puxar na praia, só que, por ele



Maria Angélica Oliveira Gonçalves

Zacarias

ter aberto muito a rede para pegar os outros cardumes que estavam mais pra fora, faltou cabo, faltava assim coisa de dez metros. Aí tava o pessoal esperando na praia e a gente na canoa e acabô. Aí ele começou chamar o pessoal da praia pra vim buscar o cabo, e era na época de frio. O pessoal não queria entrar na água, ele falou pra mim: “Você pega e você leva a canoa que eu vou pular na água”. Meu avô, ele fumava cachimbo, cara, fumava cachimbo e o chapéuzo dele. Eu: “Tá bom vô, eu levo a canoa”, e ele: “Então vou pular na água que acho que dá pé aqui e eu vou puxar o cabo até a praia”. Só que foi engraçado. Que eu tava na proa da canoa, de costas pra ele, quando ele falou que ia pular na água. Quando eu fui virar, só escutei aquele barulhinho: chiiii. Eu, caramba, quando eu olhei, meu avô pulou na água e não tava dando pé, ele afundou. O chapéu dele ficou boiando e apagou o cachimbo. Ele pulou com cachimbo e tudo. Ele achou que dava pé, não deu pé e ainda veio um marola e ele afundou. Chingou muito os caras que estavam na praia. Aí o pessoal chegou e ele: “Agora que eu me molhei tudo, me alaguei, vocês vem me ajudar?” Puxamo a rede lá, pegamo bastante peixe, mas foi um fato engraçado. [risos]



Praia do Pulso/Caçandoca

Praia do Pulso

Salvo pela sorte!

BERNADINO saiu para uma pescaria, mas por ter esquecido algo em sua casa, voltou para buscar. Sorte sua! Naquele momento, um vento de noroeste fez estragos e levou a vida de muita gente.

Teve um vendaval aqui, uma vez, que matou muita gente. Matou muita gente! Inclusive, eu escapei por

um fio. Eu saí de madrugada, pra puxar rede para pegar isca e ir pescar de espinhel. Puxei bem três metros de rede e não peguei um nada, só pulava água. Um colega tava com cerco no condomínio, falei: “Vou pegar isca lá no cerco”. Tava indo na beira da praia, não sei o que faltou para mim, que eu fui bus-



Paulo Zumbi

Bernadino

car em casa... Foi quando caiu o vento. Eu tinha esquecido minha canoa na praia, a corrente levou para o mar. Depois ouvi falar que morreu gente aqui na Praia Grande, morreu não sei quantos em Caraguatatuba, morreu o Saturnino e não sei quantos mais e, em São Sebastião, morreu muita gente também. Foi um vento noroeste!

Praia da Caçandoca

Embora pra Toninha...

O JOÃO DA MATA lembra-se de um palpite infeliz do seu camarada. Por causa disso, perderam todos os peixes conseguidos em uma farta pescaria de espadas.

Alagá, nunca me alaguei. Mas passei um sufoco lá na Ilha Anchieta, lá no Boqueirão, quando deu um sudeste. Fomos na Praia do Sul e peguemos umas duas canoadas de peixe espada, tudo espada. Tinha mais ou menos uns 500 quilos na canoa a motor e na outra canoa, a remo, que vinha a reboque, trouxemo também na base de 400 ou 500 quilos. Já faz tempo! Aí chegou no Boqueirão, eu falei: “Vamo entrá nesse desembarque aqui”. Chegamos lá, eu amarrei a canoa, peguei uma pedra grande assim, fiz uma poita pra segurá. Aí o camarada cismô: “Vamo pra Toni-



Paulo Zumbi

João da Mata

nha. Vamo pra Toninha”. Ah, mas foi a pior coisa da vida fazê isso aí. Quando chegamo na entrada, quando dava pé pra entrá lá pra Toninha, a canoa que ia a reboque só fez assim ó: shiiuuu... Ah, foi espada de monte pra cabeça nossa... Eu falei: “Ah, joga essa pescaria tudo fora aí”. Tocamo tudo fora os peixe da canoa a motor, pra gente se safá lá, pra não morrê. Perdemo tudo! Quase mil quilo, perdemo tudo o peixe, perdemo dez caixas, o vento levou tudinho. Aí nós tivemos que tirá logo a água da outra canoa pra podê vim embora. Depois que tiramo a água todinha, nós começamo a olhá um pra cara do outro: “Tá bom... Embora pra Toninha, né!” [risos]



© Mecca

Outras Histórias

O escritor e compositor JULINHO MENDES conta a história da “quase” tragédia que aconteceu com o guapuruvú que deu origem à sua canoa “Bruna” e a tragédia anunciada... A morte do seu construtor, Antonio Julião. Essas histórias foram escritas de próprio punho pelo Julinho, como uma trilogia, e foram gentilmente cedidas pelo autor para compor esse livro.

Primeira história

O meu guapuruvu

Realmente era uma árvore muito grande. O que fazer, cortar ou não cortar ?

Cortar! Haveria de cortar, mas como? Procurei um especialista, Tião Banana, aliás, o maior especialista em derrubada e poda de árvores de todo o litoral norte, pra não falar de São Paulo e até do Brasil.

Mirou a gigantesca com ondulações na testa e ar de grande interrogação por um longo tempo, deu uma volta ao seu redor, procurando o mais acentuado ângulo de inclinação e concluiu: “Vai rachar o pé de limão ao meio!!!”

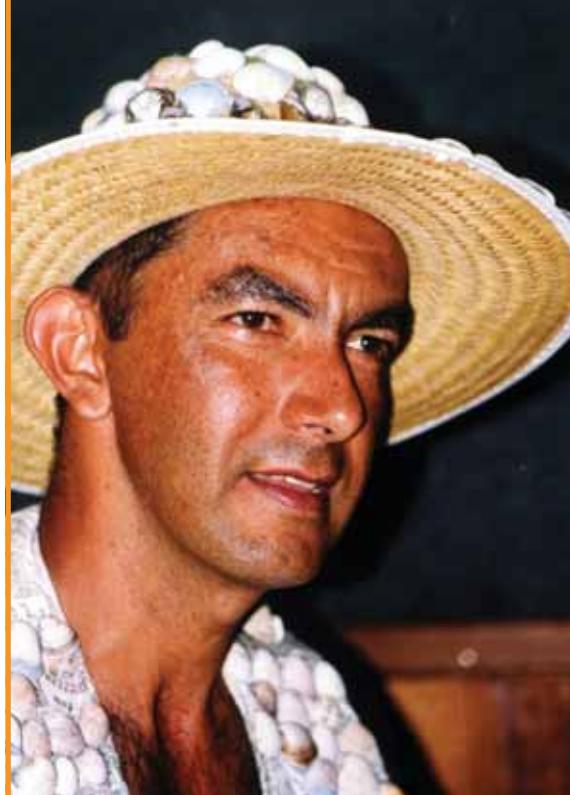
Era a primeira florada do limoeiro, fiquei com dó e não deixei fazer o trabalho. Arrumei outra solução. “E se ‘a gente’ viesse cortando de cima para baixo,

Seo Tião?”, surgiu-me a infeliz idéia. “Só se eu tivesse asas!”, retorquiu Tião, num ar irônico de reprovação à minha idéia. “Não tem como subir numa bicha dessa, é muito alta e, além do mais, nunca que o Ibama vai autorizar!” Desanimou-me, outra vez, Seu Tião.

Passaram-se cinco anos e a bichona ainda estava lá, firme e imponente, e nesse período, construí minha casa, ainda sem acabamento, mas já coberta. Novamente, a preocupação veio a me atormentar, agora com mais razão, pois minha casa estava em seu sombrear... Corri, novamente atrás do Tião Banana, o qual me deu um conselho... Com dor no coração, confesso que obedeci ao conselho, que segundo ditado diz: “Se conselho fosse bom, não se dava, vendia”. Mas não tinha outro jeito.

Mês de outubro, quase um ano depois do conselho, já me preparava, outra vez, para procurar o seo Tião, quando o castigo me aconteceu... Canalizado pelo valado do Monte Valério, veio com toda força quebrando galhos, levantando telhas de amianto e fazendo estragos, um bravo sudoeste; aliás, um vento que nunca tinha visto... Estava morta, mas ainda em pé, quando, numa rajada mais forte, aconteceu o desastre. Deu o seu último suspiro, num rangido que deu medo, e veio ao chão num estrondo que aluiu até a vidraça. “Minha nossa Senhora!” gritei correndo em socorro ao Jango e ao Jarbinha, que pintavam o quarto dos fundos. Estava eu no trato do jardim da rua, cheguei lá com o coração na boca e graças a Deus os dois estavam bem. O Jango perdera a voz e tremia mais que vara verde e o Jarbinha, mais branco do que a parede que pintava, com os olhos saltados para fora, parecia um guaroçá.

Caíra o guapuruvu no lugar profetizado, partindo o limoeiro ao meio. Um de seus galhos me que-



Arquivo pessoal Júlio César Mendes

Julinho Mendes

brou metade do telhado da varanda dos fundos e outro galho me quebrou, também ao meio, o pé de serra-d'água.

Foi um castigo, e não tardou a vir, só estava esperando a hora. Mas graças a Deus, as vidas de meus amigos foram preservadas.

Falara-me mais tarde, ANTONIO CRUZ: “Guapuruvu vivo não cai à toa e, quando morre, morre de cima para baixo, derrubando seus galhos em pedaço...” E a experiência de vida e a sabedoria do velho me fizeram pensar: “Obra da natureza nas mãos de Deus!!!” Foi eu ouvir o conselho de Tião, só podia dar no que deu. (Júlio César Mendes - Julinho Mendes - Ubatuba - 24/07/99)

Segunda história

Bruna... Canoa, menina

Madrugada de um dia de minguate, estava eu lá debaixo do guapuruvu esperando o sol. Quando o primeiro raio de sol atingiu a árvore, em jejum, dei três mijada no pé da gigantesca... Três meses depois, o efeito das mijadas já era notório: o guapuruvú morrera... Era uma simpatia, conselho de Tião Banana.

Depois do vento e do estrago, estava lá a gigantesca estendida. “Vou fazer uma canoa!”, pensei. Tinha vontade de ter uma canoa. “Vá procurar o Antonio Cruz!”, falou mamãe ao saber da minha vontade. “Seo Toninho é o pai da Gisela, minha colega de infância, lá do Perequê-Mirim!”

Franzino, manco de uma perna, mas com todo vigor de um caçara, chegara Antonio Cruz ao local e na hora marcada para analisar o tamanho das canoas que o guapuruvu daria... Estranhei, pois não trazia fita métrica, metro de pedreiro, trena, nem sequer uma reguinha. Fiquei por dentro a me perguntar: “Como era que o velho ia medir a gigantesca?” Fiquei na minha, pois sabia que não se deve questionar um velho caçara, ainda mais sendo canoeiro e pescador... Fiquei a observar.

Deu uma olhada ao redor e foi logo mostrando sua sabedoria. Passou a mão numa timbopeva (cipó) que se pendurava de uma árvore e começou a dimensionar a tora do guapuruvu. “Olha, meu filho?”, revelou Seu Antonio, “A sua vai ter três palmos de boca por três braços de comprimento; a minha vai ter dois palmos e meio por duas braços e meia, e ainda uma outra para criança brincar, de dois palmos de boca por duas braços de comprimento e o retalho farei três gamelas!” Fiquei espantado com tal precisão.

No outro dia, o “póque-póque” do machado já re-

talhava e a enxó concavava, dando forma à madeira, numa habilidade que só mesmo Antonio Cruz sabia... Dava gosto de ver!!!

Decidimos dar-lhe o nome de Bruna. Sabíamos que era menina, pois o ultra-som acusara. Minha mulher, Maria Helena, estava grávida de sete meses e o enxoval da menina estava todo arrumado. Pensei comigo: “O guapuruvu teria vida de novo, se transformando numa bela canoa. Irei homenagear minha filha que estava pra nascer, terá a canoa o nome de Bruna também”. Em 15 dias, o guapuruvu renasceu, era uma bela canoa. Batizei, entalhando nos dois lados de sua proa o nome Bruna.

Em mais 15 dias, nasceu outra bela canoa, essa era de Seu Antonio que a levou para o Perequê-Mirim — Nunca soube o nome.

Bruna, minha filha, veio ao mundo no dia 3 de dezembro de 1993. Uma bela menina com olhos de jabuticaba. Um dia, hei de ensiná-la a remar, a pescar e a mostrar os segredos dos rios e do mar!!!

(Júlio César Mendes – Julinho Mendes – Ubatuba – 24/07/99)

Terceira história

Antonio da Silva Cruz

Restava ainda o terço da tora do guapuruvu. Fui atrás de Seu Antonio que, conforme combinado, faria a terceira canoa. Bruna já estava com dois meses, era uma linda menina, com as faces rosadas de tanto mamar nos seios da mãe.

Fui lá ao velho ranchinho do canoeiro e, coincidentemente, Seu Antonio acabava de chegar da pescaria. Achei estranha a sua chegada: todo molhado

(calça e camisa), faltando-lhe o bonezinho e os apetrechos de pesca, e nem sequer uma embetarinha ou uma carapevinha no fundo da canoa.

— O que aconteceu, Seu Antonio? — Perguntei curioso.

— Ah meu filho, você não sabe da maior! — E passou a comentar. — Nunca em minha vida gostei daquele bicho. Quando a sinto na linha, vou logo cortando a linha com a faca deixando ir embora. Dessa vez, não sei por que carga d'água, resolvi trazer a filha da mãe. Era um grandona, já havia me puxado com poita e tudo pro lado do boqueirão. Não deixei ela pranchar e segurei firme. Passeou por todo o largo do flamengo até que cansou. Aí vim puxando devagarzinho até que chegou na borda da canoa. Pensava que a bicha estava entregue, mas deu uma abanada na borda da canoa que virou com tudo. Fui eu, remo, a sacola de linhada... Tinha matado um vermelho de uns cinco quilos e umas corvinas, foi tudo pra água.

— E daí, Seu Antonio, o senhor me disse que não sabia nadar? — Interrompi, admirado.

— Realmente, meu filho, nunca aprendi a nadar por causa da minha perna manca!

— E como o senhor fez?

— Ah, meu filho, me agarrei na canoa que estava de casco para cima e me aguentei, até que passou uma voadeira com dois moços que me ajudaram, senão, ainda estava lá!!!

— Nossa, Seu Antonio, realmente teve sorte!? Mas se nunca tinha trazido um bicho desse para casa, por que ia trazer agora?

— Foi uma encomenda que me fizeram aí na praia, então resolvi trazê-la e tive azar. Com 70 anos vivendo no mar, nunca me aconteceu um troço desse! Já estou velho demais, meu filho!? — Continuou Anto-

nio Cruz, com uma feição de quem não apreciou a trágica experiência.

A baía da Enseada era como a palma de sua mão. Da Enseada ao Saco da Ribeira, da Praia do Perequê-Mirim até a Ilha Anchieta, conhecia todos os pontos de pesca, parceiros, lajes, pesqueiro de garoupa e de vermelhos; sabia a época de pescar peixe porco, espada, corvina; enfim, era sua casa. Sabia também do respeito que tinha que ter com o mar e seus seres, pois, na verdade, nunca se sabe dos seus perigos e mistérios. O pouco que conheci de Antonio Cruz deu para perceber estes seus aspectos e de sua vivência com o mar.

“Tão logo acabe a canoa que estou fazendo lá no Corcovado, irei retalhar o pedaço de guapuruvu que restou em sua casa. Mais uns oito a dez dias, se o tempo deixar!”, comentava Seu Antonio, na carona que lhe dera de volta, pois morava na casa de sua filha Gisela, na rua Minas Gerais.

Realmente, um belo dia de verão, daqueles que não se vê uma nuvem no céu. Coincidentemente, no meu caminho para o trabalho, reconheci Seu Antonio, já em frente à Praia de Santa Rita, remando em cima de sua bailarina em direção ao boqueirão da Ilha fazer a sua habitual pescaria. Ainda comentei: “Hoje ele arregaça com o peixe pois o dia está muito bom!!!”

Inexplicável e surpreendentemente, entre onze horas e meio dia, do tipo daquele que derrubou o guapuruvu lá de casa, um forte sudoeste veio arregaçando com tudo... “Minha Nossa Senhora!”, exclamei, pensando no Seu Antonio que estava no mar naquele momento...

Uma semana antes, uma arraia o derrubou, dando-lhe uma advertência sobre o mar... O *mar* era seu pão, seu lar, sua vida; queria morrer no mar... — *O mar o levou!* (Júlio César Mendes - Julinho Mendes - Ubatuba 25/07/99)

Os caiçaras contam

No livro *Os Caiçaras Contam*¹⁰³, há trechos de depoimentos dos caiçaras de Ubatuba. São depoimentos fascinantes, que mostram a beleza, a simplicidade e o carisma dos ilustres caiçaras de Ubatuba. Seleccionamos aqui dois trechos, histórias narradas por dois desses pescadores com suas canoas.

Arraias voadoras

Como bom pescador, o SILVARO CONCEIÇÃO relatou uma história emocionante, de uma pescaria, sem dúvida, muito divertida...

Olha, quando eu pescava tinha umas arraias tão grandes, mas tão grandes, que uma vez a gente enroscou uma corda naqueles dois chifres que elas têm na cabeça e seguramos firme; só que ela era tão forte que arrastou a nossa canoa por quilômetros, e precisava ver com que velocidade. O vento cortava nossos rostos.

Rede pesada, rede vazia!

Com relação às crendices envolvendo a Semana Santa, o ZACARIAS JULIÃO DE SOUZA recorda-se que não adianta insistir. Pescar na Sexta-feira da Paixão é perda de tempo.

Então, nesse dia, Sexta-feira da Paixão, uma gente de São Paulo foi falar com o dono da rede em Lagoinha, o Mané Souza, porque queriam pescar com ela na canoa. Foi quando o Mané Souza disse: “Olha, em dia santo eu não ponho rede e não caço, não faço nada. Nem a barba eu corto...” E realmente era assim nos tempos de meus pais: Sexta-feira da Paixão não rachava lenha, não fazia fogo, não fazia nada. Mas o

¹⁰³ Renato Rovai e Marco Frenette (eds.). *Os caiçaras contam*. São Paulo: Publisher do Brasil, 2000. 68 pp.

pessoal insistiu em desrespeitar e jogaram a rede, dizendo que essa coisa de dia santo era bobagem. Sabem o que aconteceu? Naquela mar de fartura de peixe não pegaram nada, só uns peixes elétricos, mas a rede pesava como se tivesse transbordando de peixe. Mas aí os homens puxavam com esforço e quando iam ver a rede estava vazia. Mudaram para outro lugar e era a mesma coisa, a rede pesava pra puxar e quando chegava era só uns peixinhos. Isso é castigo. Não é bom ir pro mar em dia santo.

Enciclopédia caiçara

No livro *Enciclopédia Caiçara*¹⁰⁴, volume IV, também há uma interessante história de canoa. Em entrevista concedida a Júlio Cesar Mendes e José Ronaldo dos Santos, em maio de 2002, MANÉ HILÁRIO, hoje com cem anos, conta que seus parentes se desesperaram com o seu sumiço no mar enquanto ele se divertia em uma festa de casamento.

Na festa de casamento

Eu peguei uma tormenta de vento aqui fora, no mar, pescando, eu e o filho do finado João Ferreira, o Nersinho, fomos parar lá no Félix, numa canoa; um tempo em que não se enxergava nada, tava preto, só se avistava vento e mar. Foi uma laúza naquele Perequê-Açú que não teve tamanho. A minha irmã Catarina correu no Hoter Felipe para falar com o delegado regionar de São Paulo, que estava aqui pra ir nos procurá; ele mandou um barco, mas nós já tava tomando vinho num casamento que tinha lá no Félix e

¹⁰⁴ Júlio César Mendes & José Ronaldo dos Santos. “Memórias de Ubatuba”. In: Diegues, Antonio Carlos (org.). *Enciclopédia Caiçara*, vol. IV, 2005, pp. 443-448. São Paulo: Editora Hucitec – Nupaub – CEC/USP.

depois viemos por terra, de lá pra cá. Essa tormenta não me fez nada porque eu não fiquei apavorado, e eu ainda remava com um remo de cabo quebrado.

Ubatuba: Lendas e outras histórias

Pedimos aqui, muito respeitosamente, licença ao saudoso SR. WASHINGTON DE OLIVEIRA, o “Seu Filhinho” da farmácia, para a publicação da história da última viagem de uma das mais famosas canoas de voga de Ubatuba, a Cavallo Grande.

A história contada com tamanho detalhamento e beleza pelo ilustre narrador não poderia faltar nessa obra que visa resgatar a cultura do uso das canoas em Ubatuba, principalmente daquelas que um dia foram tão importantes para a economia do município, as canoas de voga.

A presente história consta do livro *Ubatuba: Lendas e Outras Estórias*¹⁰⁵, uma linda obra sobre Ubatuba, transcrita pelas mãos de Washington de Oliveira no ano de 1986. A transcrição é aqui apresentada na íntegra, tal qual na obra original.

A Cavallo Grande

José Vieira Serpa foi o mais famoso mestre-canoeiro [no sentido de condutor de canoa] no início deste século [século XX]. Era mestre da CAVALLO GRANDE. Quando em viagem, intrépido, acororado no castelo da popa, com a cana do leme firma na destra e a lançada da bolina segura na sinistra, sabia tentear mar e vento, o mar bolouçando sobre enormes vagalhões, aos solavancos, mas, avançando sempre, safando-se das serpenteantes línguas de água que teimosamente

lambiam o costado, da proa a ré, incapazes porém de despejar-se no côncavo do barco! Borrifos apenas...

Se era incomparável a sua maestria como navegante, surpreendente era seu conhecimento em relação às intempéries. Um sexto sentido o premonia de toda e qualquer surpresa, razão pela qual ninguém duvidava de suas previsões, ninguém acreditava no seu insucesso.

Certas ocasiões, quando alguns outros mestres procuravam abrigar-se em portos seguros, temerosos de temporal que lhes parecia iminente, Serpa fazia-se ao mar, convicto de que toda aquela carranca não passava de simples ameaça. E estava certo!

Mas quando ele surpreendentemente se acomodava, em dia claro ou em noite de céu estrelado — cuidado! — era porque a tempestade não tardaria a desencadear-se! E tal acontecia!

A cor do céu, o vôo dos passaros marinhos, o tamanho, o formato e o correr das nuvens, a temperatura da aragem — fria ou quente — roçando-lhe o rosto, o cintilar das estrelas, a conjugação desses e outros fatores assegurava-lhe absoluta certeza, por antecedência e longo espaço de tempo, as condições meteorológicas.

Certa vez, bafejadas por fresca aragem de sul, a CAVALLO GRANDE, vinda de Santos, alcançou a Ilha de São Sebastião. Passou rente aos Parcéis dos Moleques, avançou pelo canal a dentro, deixou longe Ilhabela e foi embicar na pequena praia do Pinto, quase no extremo norte do canal.

Caía a tarde e por cima da serra, ao lado do continente, o sol recolhia seus últimos raios para mergulhar nas sombras do poente.

Nem bem chegaram, Serpa, o mestre, denunciando estranhas cautelas, ordenou que se lançassem ao

¹⁰⁶ Washington de Oliveira. *Ubatuba: Lendas e outras histórias*. Ubatuba: Washington de Oliveira, 1983. 107 pp.

mar duas poitas e com proiz reforçado se ligasse com firmeza a canoa ao cepo de nogueira que oferecia eficiente resistência junto a linha do “jundu”. Mais algumas recomendações complementares e a passos lerdos encaminhou-se ao armazém do Laurindo Costa, que ficava bem perto, no canto da praia.

Bastante conhecido, pois ali aportava em quase todas as viagens, foi recebido com vivas demonstrações de apreço, não faltando logo de entrada a gentileza de um velho amigo que lhe ofereceu um trago de caninha.

— Aceito — disse ele —, mas só meia dose. Vocês sabem que eu não sou de beber. Quando aceito é só pra fazer companhia, só para não fazer desfeita...

Assim falando, arrastou para junto dele um caixote vazio, sentando-se nele e, sem rodeio, entrou na prosa animada de seus amigos.

Algum tempo depois, já noite fechada, ali aparece o Chico Mendes, um de seus camaradas, que interrompendo a conversação, perguntou:

— Como é, Seu Zé, vamos ou não vamos sair? O tempo tá bom e a viração tá pra nós... Os camaradas tão tudo lá, ceando e esperando o senhor pra ir s’embora... Amanhã é vespera de São João, o senhor sabe... Se nós chegar cedo, ao meio dia já tá tudo desocupado e aí, já sabe! Amanhã vai ter dois xibas, um na casa do João Ferreira, na Barra Seca, e outro na casa do Mané Bráis, no Mato-Dentro. Pra nós qualquer um serve, mas esse qualquer um nós não quer perder. Vamos s’embora, Seu Zé!

José Vieira Serpa, o mais denotado mestre canoeiro daquele tempo, ouviu quase indiferente a arenga de seu camarada, olhando pela porta escancarada a escuridão da noite. Esteve algum tempo assim, parado, como que meditando e piçiosamente levantou-se.

Foi até o terreiro e olhou o céu. Com a mão direita em pala sobre os olhos, lentamente volteou o olhar na linha do horizonte. Depois, com muita calma, retornou ao armazém, sentou-se no caixão que deixara há pouco e dirigiu-se ao Chico Mendes.

— É Chico, tá resolvido. Avisa pro pessoal que vamos sair amanhã, de manhãzinha, depois do tempo, ouviu? Só depois do tempo...

— Mais que tempo, Seu Zé? Que tempo? A noite tá boa...

— Vai falar, já disse! Retrucou rispidamente. E não me amole. Eu sei o que estou dizendo.

Chico Mendes não redarguiu. Saiu resmungando e o dono do armazém, demonstrando curiosidade, debruçou-se no balcão para ficar mais perto do Serpa e perguntou:

— Seu Serpa, o senhor acha que o tempo não tá bom? Com essa noite calma... O céu tá estrelado... O senhor tá me confundindo!

— Até você hein, Laurindo? Até você...

Os presentes, conhecendo a obstinação do Serpa, mudaram de assunto e a prosa continuou animada, agora sobre a carestia reinante, os exorbitantes preços das mercadorias...

— Uma rapadura, seis vinténs, foi quanto eu paguei — dizia um.

— E o feijão? Um quilo de feijão por trezentos réis, não é um roubo?

— Pois olhem, por um quilo de sabão-virgem, paguei ontem na vila um cruzado! Absurdo!

E continuava esse bate-papo — encabulando o Laurindo, dono do armazém — quando o Chico Mendes voltou com mais dois camaradas, e, de pronto:

— Oi, Seu Zé, o pessoal não tá creditando no que eu disse, tão dizendo que é mentira minha — e arras-

tando bem as palavras para ficar bem explícito — tão dizendo que o senhor nunca teve medo e que não vai sê hoje... Não será numa noite “boba” como esta que vai ficar aqui encolhido que nem saci na laje...

Ouvindo as palavras do Chico Mendes, os circunstantes riram disfarçadamente, mastigando monossílabos ininteligíveis, mas, certamente, anuindo aos conceitos emitidos pelo afoito remador.

Serpa, que até então ouvia tudo com a maior naturalidade desse mundo, pôs-se de pé, segurou nervosamente o copo de aguardente da qual não havia tomado nenhum trago e, num gesto rápido, violento, bateu-o sobre o balcão, partindo-o em mil pedaços, espargindo a bebida em derredor!

Em imediata reflexão percebeu a brutalidade do seu gesto. Tirou do bolso uma nota de vinte mil réis, lançou-a sobre o balcão e com voz calma, cadenciada, falou:

— Me desculpe, Laurindo, me desculpe... E apondo o dinheiro: cobre aí o seu prejuízo, que eu vou s’embora. Esses canalhas...

— Que é isso, Seu Zé? Que é isso? Não tenho troco... É pouca coisa... o senhor paga noutra viagem...

— É melhor cobrar. Você sabe se eu volto para pagar?

— Se volta? O senhor não é homem de trapaça. Conheço o senhor a muito tempo... Fossem todos como o senhor...

Serpa não ouviu as últimas palavras do elogio barato do vendeiro. Agora, a passos rápidos dirigiu-se à canoa, de onde seus amigos, no armazém, ouviam as ríspidas palavras de ordem que ele emitia em preparativo da partida.

Meia hora depois a CAVALO GRANDE, de vela enfunadas, deixava o remanso da Praia do Pinto em di-

reção à Ponta das Canas. logo mais estariam atingindo o mar aberto, rumando ao boqueirão da Ilha dos Porcos a caminhos de Ubatuba.

Lá por volta de meia-noite, as primeiras lufadas de um sudoeste bravo varreram o canal de ponta a ponta. Logo depois, inopinada tempestade — vento, chuva, raios, trovões e mar grosso — desencadeou-se furiosamente, como se quisesse destroçar, submergir tudo quanto se deparasse a sua frente! A chuva caía pesadamente, aglutinada, em massa; o mar rugia convulsionando enormes vagalhões, e o vento, silvando, rodopiava assustadoramente num banido sinistro, atingindo velocidades jamais constatadas naquelas cercanias!

Ao amanhecer, porém, como que cansados de tanta energia despendida, de tanto furor desencadeado, os elementos se acalmaram e o dia surgiu tranquilo, radioso, com o sol avançando por seu azul, onde sequer uma pequenina réstia de nuvem maculasse a puríssima limpidez do firmamento!

Os caiçaras que na véspera haviam presenciado todos os acontecimentos que precederam a partida da CAVALO GRANDE, logo cedo foram se reunindo no armazém do Laurindo e, como não podia ser de outro modo, passaram a tecer os mais descontraídos comentários em torno daqueles fatos e da violenta tempestade que os sucedeu.

— Que é que você diz, Laurindo? — perguntou um — Será que correu tudo bem?

— É isso mesmo! Será que... Não! ... Eu acho que.... Não sei!

— Olhe, eu também... Quando vi aquele tempo!

— Qual! Seu Serpa é Seu Serpa! Ele nunca falhou...

Esse comentário tímido, indefinido, foi longe, varrou o dia inteiro, todos preocupados com a sorte do

velho mestre-canoeiro José Vieira Serpa, mas, ao mesmo tempo, confiantes na sua acuidade e, conseqüentemente, no êxito da viagem.

Quatro dias depois surgiu lá longe, nas bandas do norte, uma vela branca, que seria uma canoa de Ubatuba. Era a GAIVOTA, do mestre Gaspar Moreira, que também, como de costume, embicou no remanso da Praia do Pinto.

Mal concluídas as providências para o pouso, Gaspar dirigiu-se ao armazém do Laurindo, onde logo se viu alvo de indiscriminadas e tumultuadas indagações:

— Como é Seu Gaspar, quais as novidades?

— Que mundo corre por lá? Seu Serpa chegou bem?

— Ele saiu daqui na véspera de São João, pouco antes daquele tempo! Como chegou lá?

— O senhor tem notícias dele? Ele está lá?

Gaspar, meio atordoado com aquela saraivada de indagações, ergueu o braço como quem pede silêncio e, pálido, com a voz embargada, falou:

— Mestre Serpa? Mestre Serpa não chegou lá... Ainda não chegou!

Pálidos, estáticos, olhos cravados no chão ao peso do silêncio que se fez, um só pensamento dominava a todos: “Ainda não chegou.... Jamais chegará!”

Vinte dias depois, viajantes chegados a Ubatuba, procedentes de Angra dos Reis, trouxeram a notícia de que, num recanto da Ilha Grande, havia encalhado um pedaço de canoa com algumas letras pelas quais ainda se podia ler: ...ALO GRAND...

Só aquele pedaço...



Nada seria possível sem vocês

Durante as atividades de campo do projeto “Com quantas memórias se faz uma canoa”, tivemos o imenso prazer de conhecer e conversar com muitas pessoas. Pessoas com origens e estilos de vida variados. A grande maioria constituída por pescadores, caiçaras natos, outros nem tanto, mas todos compartilhando de um mesmo ideal: valorizar a cultura caiçara através das canoas feitas de um só pau de Ubatuba e garantir que essa tradição não se acabe.

Infelizmente, o espaço destinado a esse livro não foi suficiente para que todos os depoimentos e “causos” pudessem ser incluídos. Assim, colocamos aqui o nome de todos os entrevistados, como forma de reconhecimento e gratidão por nos receber tão amigavelmente e por colaborar imensamente com o projeto através de seus testemunhos.

Praia de Camburi

Altino Lucio de Oliveira
 André Luiz da Conceição*
 Antônio da Conceição - Seu Inglês
 Castilho Antônio dos Santos
 Euclides Lúcio*
 Fabiana dos Santos
 Felipe Barone Sobreira
 Genésio dos Santos
 Joel dos Santos
 José Roberto
 Josiel Soares - Zico*
 Maximiliano Firmino Soares*
 Mízael Soares dos Santos
 Odair Soares - Daico
 Salustiano dos Santos
 Simão Cruz

Praia Picinguaba (Vila de Picinguaba)

Alexandre Saturnino da Silva
 André Pereira da Silva
 Benedito Carlos da Silva - Seu Dedeco
 Benedito Correia da Silva - Seu Pu
 Benedito Evaristo Gonçalves - Seu Filhinho*
 Benedito Roque - Seu Fifiti
 Carlos dos Santos - Seu Carlinhos
 Daniel Evaristo Gonçalves
 Elias Lopes Oliveira
 Erimar Gonçalves dos Santos
 Eulles Costa Feijó - Lelinho
 Everson Cardoso
 Ezequias Castro de Paula - Pipoca
 Hosana Maria de Oliveira Santos

Josué José da Apresentação - Folha
Lindolfo Correia Leite
Mizael dos Santos
Orivaldo Carlos da Silva - Cachaba
Oziel do Carmo dos Santos
Pedro Carmo dos Santos
Sergio Castro dos Santos

Praia Almada

Antônio Marcelino de Souza
Benedito Conceição Filho - Seu Dico
Claudinei Floriano de Oliveira Souza
Claudionor Floriano de Souza - Seu Cláudio
Elis Leopoldo dos Santos - Seu Elio
Enoque Marcelino de Souza
Gilis Marcelino de Souza
Itamar Marcelino de Souza
Jaime Florindo de Souza - Russo
Manuel Teixeira Leite - Maneco
Otávio Marcelino de Souza
Roberto de Oliveira

Praia do Estaleiro

Altino Paulo dos Santos
Bertulino Benedito dos Santos*
Bruno Rolim dos Santos
Jardel Alexandre
João Mateus
Manuel Santino dos Santos - Manequinho
Osias de Oliveira Salomão - Dudu
Pedro Fernando Silva
Rodrigo Alexandre Ferreira - Jerry

Praia/Sertão Ubatumirim

Agrício Neri Barbosa*
Agrício Neri Barbosa Júnior*
Aguinaldo César do Nascimento - Chacrinha
Benedito Apolinário de Souza - Bene

Carmem Maria de Jesus Souza
Cláudio dos Santos - Cacá
Damásio Assunção
Felipe Alves Pereira
Francisco Assunção*
Iraci Apolinário de Souza Filho
João dos Santos
Jorge Inocêncio Alves*
José de Jesus Santos
José de Souza - Seu Apolinário
Leonard Bianche Claret Ferraz
Manoel Apolinário - Seo Poquinha
Mário Ricardo de Oliveira
Manoel Neri Barbosa - Baéco*
Mercedes dos Santos
Oswaldo dos Santos
Vanil Antônio Teixeira
Vanildo Neri Barbosa*
Zita dos Santos

Praia da Justa

Isaias Antônio Teixeira

Praia do Puruba

Antônio Alexandre de Oliveira
Benedito Alexandre de Oliveira - Seu Dico*
Benedito Alexandre de Oliveira Filho - Seu Zico
Maria Aparecida de Oliveira - Dona Baia

Praia do Léó

João Domingues Leite

Praia do Prumirim

Antônio do Rosário - Toninho
Benedito Coutinho dos Santos - Rico
Benedito Fernandes - Dito Puruba*
Horácio Domingos dos Santos
José Coutinho dos Santos - Caju*
José Henrique Serra Russo

José Moisés
Manoel Gerônimo dos Santos - Neco
Mário Gerônimo dos Santos
Nilton Gerônimo dos Santos - Negão
Pedro Feliciano de Moreira
Sebastião Lúcio - Tião
Urandino Gerônimo dos Santos
Praia do Félix
Julio Osório Barbosa
Nilton Julio Barbosa

Praia Vermelha do Norte

Manoel Soares - Mané Geraldo*
Manoel Moisés - Néco*

Praia da Barra Seca

Adair Roberto Santana - Daio
Anderson Fernandes de Cristo - Nando
Antonio Fernandes de Cristo - Toninho
Benedito Conceição Batista - Benê
Carlos Alberto Duarte dos Santos - Carlinhos
Euzébio Higino de Oliveira - Seu Gino
Joair Fileto dos Santos Rocha - Seu Lula
José Carlos Ferreira de Sousa
José Ildebrando Charleaux
Lucas de Oliveira Borsatto
Manoel José Barbosa - Nieca
Mário Cláudio Silva de Lima
Nélio Higino de Oliveira
Nelson Domingos Batista
Nelson Ishida - Tirú
Rosa Natalina dos Santos Prado
Sebastião Batista - Seu Tião

Praia do Perequê-Açú

Adriano Moreira Alves da Silva - Tatu
Antônio Manuel dos Santos - Toninho*
Dionísio Roque Leite*

Domingos Roque da Silva
Domingos Simão Peres*
Eraldo Carlos Tenório Todão - Xibiu
Joaquim da Silva
José Tadeu de Jesus
Leopoldo de Jesus*
Manoel dos Santos - Neco
Manuel Nunes - Deco
Olavio Francisco do Carmo - Lavico
Sebastiana Virgínia Feliciano de Moura
Sebastião Clemente Lopes - Tião

Sumidouro (Vila Ubatuba)

Domingos Simão Peres*

Centro de Ubatuba

Julio Cesar Mendes - Julinho Mendes

Praia do Itaguá

Angelo Carpinetti Neto - Teco
Antônio Barroso Filho - Barroso
Antônio Sérgio Santos de Oliveira - Titinho
Bertholino de Oliveira
Clauzer Alexandrino
David Alexandrino dos Santos*
Diogo dos Santos Costa
Elias Cipriano dos Santos
Jerônimo Cursino dos Santos
João Alves Martins
Mário Luiz de Oliveira
Mário Sérgio Bueno
Otávio Manoel dos Santos - Tavinho
Ovideo dos Santos
Paulo Walderez - Pijuca
Rafael Peres Tonglet
Santana Moreira da Silva

Praia do Cedro

José Custódio Vieira - Zeca

José Donizete de Oliveira – Gato

Manoel Bibiano de Souza

Vanildo Alves

Praia do Tenório

José Ricardo Ligabue de Oliveira

Praia das Toninhas

Flávio Henrique Fagundes

José Aparecido Zacarias de Oliveira – Zé Abóbora

Oswaldo Raimundo dos Santos

Ilha Anchieta

Joel Teixeira

Mauro de Freitas

Praia de Enseada

Antenor dos Santos

Eduardo Gabriel da Graça Filho

Eduardo Graça Neto

Ivete Maciel Leite

Leo Pereira do Nascimento

Nelson Goes

Olimpo Salomé de Jesus - Xico

Orlando de Souza Pereira Neto – Tuca

Paulo de Jesus – Paulinho

Peter Santos Németh – Alemão

Sebastião Lourenço

Praia do Perequê-Mirim

Benedito Moises dos Santos – Ditão*

Marcos Paula Santos Tonisi

Marcos Pedro dos Santos

Renato Virginio da Cunha Bueno*

Praia do Saco da Ribeira

Alcides do Prado Guimarães

Armênio Peralta

Praia do Flamengo

Antônio Zacarias de Moura – Seu Neves

Aquinaldo Peralta – Mario Bros

Praia de Sete Fontes

Domingos da Cunha Bueno

Praia do Lázaro

Abelardo Prado

Antônio Peres – Seu Peres

Carlos Alberto Peres – Carlinhos

Celso Iray do Prado

David de Jesus

Evelin Fernandes dos Santos

Fábio Antônio Ferreira de Oliveira – Corintiano

Fábio Igor

João Inácio Elias

José Lécio do Prado – Ninico

Lincoln dos Santos

Luis dos Santos – Sr. Ica

Manoel Basílio Santos Filho – Seu Ford

Marcelo Ferreira de Oliveira

Noubar Gazarian

Rogério Basílio dos Santos

Rio Escuro

Benedito Carlo do Bonsucesso

Manoel Alves Barreto – Seu Barreto

Praia da Fortaleza

Adão Elidio do Prado Moraes

Antônio Alves Barreto - Nhaca Nhaca

Antônio José dos Santos – Seu Tônico*

Artur Ferreira

Donizete Zacarias de Oliveira

Ezequiel Angelo das Neves

Gabriel Alexandre Moraes

Georgina de Jesus

Helder Jorge Gomes Marques

Isaías de Oliveira Barreto

João Barreto de Mesquita

João Lopes – João de Grilo

Jorge Alves Barreto Filho
José dos Santos Barreto - Zezinho
José Nelson Leite
Mirian Teresa Pascon
Nelson Antônio dos Santos - Nel
Oliveira Antero de Oliveira - Seu Oliveira
Patrick Costa Barreto
Roberto Lopes da Silva - Betão
Wagner Alexandre de Jesus Melo (Representando Jorge
Alves Barreto)

Praia Brava do Bonete

Benedito Ramos dos Santos - Dito
Edson Wander - Edinho
Hilário dos Santos
João Batista dos Santos
José Augusto dos Santos - Zé do Bonete
Luiz Guilherme Assumpção - Meca
Manoel João Inocêncio da Silva - Manequinho
Manoel Rosendo dos Santos
Rogério Stojanov Bueno
Sansão dos Santos
Valdomiro dos Santos - Miro

Prainha do Peres

Amarildo dos Santos
Climária Dutra de Oliveira

Daniel Jerônimo de Oliveira
João Lopes - Joãzinho da Prainha
Marcos Roberto de Oliveira

Praia da Lagoinha

Samuel Alves de Oliviera

Praia da Maranduba

Edson Aparecido Silvério - Camarão
Gerson de Oliveira Prado
José do Prado - Titico ou Zé Balio
Marcos Geraldo Costa - Linguado
Zacarias de Oliveira

Barra da Maranduba

Emerson Lopes de Macedo
Gilson Renato de Oliveira Prado
Venício de Lourdes Lopes

Praia do Pulso

Benedito Antunes de Sá
Bernadino Cesário do Prado
Celso Eduardo Schuwarbak

Praia da Caçandoca

João da Mata
Leovegildo Felix dos Santos - Seu Gildo*
Nicandrio Quintino dos Santos - Seu Candinho

Praia da Raposa

João de Araújo*

(*) construtores de canoas

A todos vocês, nosso muito obrigado!

Referências bibliográficas

- ALMEIDA, Paulino de. "Usos e costumes praianos". In: Revista do Arquivo Municipal, ano XII, vol. CLV, 1945, pp. 67-80.
- CHASTAN, Lita. Na trilha dos Tamoios. São Paulo: ME Artes Gráficas, 1983. 160 pp.
- CLAUZET, Mariana. Conhecimento local e atividade pesqueira na enseada do Mar Virado, Ubatuba, Litoral Norte. Dissertação (Mestrado). São Paulo: PROCAM - USP, 2003. 130 pp.
- CLAUZET, Mariana & BARELLA, Walter, 2004. "Pesca artesanal na Praia grande do Bonete". In: Diegues, Antonio Carlos (org.). Enciclopédia Caiçara, vol. I, pp. 147-161. São Paulo: Editora Hucitec - Nupaub - CEC/USP.
- D'ALESSIO, Vito & PASCALICCHIO, Daniel. Dias de Caiçara, vol. I - Paraty, Ubatuba, São Sebastião. São Paulo: Dialetto, 2006. 59 pp. (com fotos).
- DA MATTA, Roberto. Relativizando: Uma introdução à antropologia social. Petrópolis: Vozes, 1981.
- DIEGUES, Antonio Carlos. Pescadores, camponeses e trabalhadores do mar. São Paulo: Editora Ática, 1983. 287 pp.
- _____. "A mudança como modelo cultural: o caso da cultura caiçara e a urbanização" In: Diegues, Antonio Carlos (org.). Enciclopédia Caiçara, vol. I, 2004, pp. 21-48. São Paulo: Editora Hucitec - Nupaub - CEC/USP.
- _____. (org.). Enciclopédia Caiçara, vol. IV, 2005. São Paulo: Editora Hucitec - Nupaub - CEC/USP. 465 pp.
- FROESE, R. & PAULY, D. 2008. www.fishbase.org
- GASALLA, Maria de Los Angeles "Ethnoecological models of marine ecosystems: 'fishing for fishermen' to address local knowledge in Southeastern Brazil industrial fisheries". In: Fisheries Centre Research Reports. Vancouver: University of British Columbia, 2003, 11(1): errata.
- _____. Impactos da pesca industrial no ecossistema da plataforma continental interna do Sudeste de Brasil: a abordagem ecossistêmica e a integração do conhecimento. Tese (Doutorado). São Paulo: Instituto Oceanográfico, Universidade de São Paulo, 2004. 276 pp.
- _____. "Primeiros Contatos: vozes da pesca no litoral paulista". In: Pró-reitoria de Cultura e Extensão da Universidade de São Paulo. São Paulo: Programa Aprender com Cultura e Extensão, 2008.
- HOUAISS, Antonio & VILAR, Mauro de Salles. Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa. Rio de Janeiro: Ed. Objetiva, 2007. 2922 pp.
- INSTITUTO Brasileiro do Meio Ambiente. Estatística da pesca 2004 - Grandes regiões e unidades da federação. Disponível em: www.ibama.gov.br
- LAPLANTINE, Francois. Aprender antropologia. São Paulo: Brasiliense, 1994. 205 pp.
- LIMA, Kilza Setti de Castro. Ubatuba nos cantos das praias: estudo do caicara paulista e de sua produção musical. Tese (Doutorado). Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas - Universidade de São Paulo, 1982. 401 pp.
- LIMA, Pedro. "A canoa de casca de jatobá entre os índios do Xingu". In: Revista do Museu Paulista, nova série, vol. IV, 1950, pp: 369-380.
- MALDONADO, Wanda, 2001. Da mata para o mar: a construção da canoa caiçara em Ilhabela, SP. Dissertação (Mestrado). São Paulo: PROCAM - USP. 152 pp.
- MENDES, Júlio César & SANTOS, José Ronaldo dos. "Memórias de Ubatuba". In: Diegues, Antonio Carlos (org.). Enciclopédia Caiçara, vol. IV, 2005, pp. 443-448. São Paulo: Editora Hucitec - Nupaub - CEC/USP.
- MUSSOLINI, Gioconda. "O cerco da Tainha na Ilha de São Sebastião". In: Revista de Sociologia, vol. 2, nº 3, 1945, pp. 135-147.

- OLIVEIRA, Washington de. Ubatuba: documentário. São Paulo: Editora do Escritor Ltda, 1977. 216 pp.
- _____. Ubatuba: Lendas e outras histórias. Ubatuba: Washington de Oliveira, 1983. 107 pp.
- PINCINATO, Ruth Beatriz M.; CORÁ, Mariana J.; OLIVEIRA, G. Q. D.; SALAROLI, Alexandre B.; KUNIYOSHI, L. S.; GASALLA, Maria de Los Angeles. "Contribuição à caracterização da atividade pesqueira em Ubatuba (SP), a partir de abordagem com pescadores locais". In: Resumos. III Simpósio Brasileiro de Oceanografia, 2006, São Paulo.
- ROVAL, Renato e FRENETTE, Marco (eds.). Os caiçaras contam. São Paulo: Publisher do Brasil, 2000. 68 pp.
- RIBAS, Marcos Caetano e RIBAS, Rachel Joffily. O modo de fazer: estudo sobre alguns processos de confecção artesanal na cidade de Paraty. São Paulo: Nupaub - CEC/USP, 1984.
- RIBEIRO, Berta G. 1995. Os índios das águas pretas: modo de produção e equipamento produtivo. São Paulo: Edusp: Companhia das Letras. 270 pp.
- RIBEIRO, Fábio Roberto. A cultura caiçara e sua organização social: um estudo de caso observacional da comunidade pesqueira de Vila de Picinguaba - Ubatuba. Dissertação (Mestrado). São Paulo: PROCAM - USP, 2005. 105 pp.
- SCHMIDT, Carlos Borges. "Alguns aspectos da pesca no litoral paulista" in: Revista do Museu Paulista, nova série, vol. I, 1947, pp. 181-212 (com fotos).
- SECKENDORFF, Roberto W. V. & AZEVEDO, Venancio G. "Abordagem histórica da pesca da tainha Mugil platanus e do parati Mugil curema (Perciformes: Mugilidae) no litoral norte do Estado de São Paulo". In: Sér. Relat. Téc. nº 28. Secretaria de Agricultura e Abastecimento, Agência Paulista de Tecnologia dos Agronegócios, Instituto de Pesca, 2007.
- SIQUEIRA, Priscila, "Pesca artesanal: tradição e modernidade". In: Diegues, Antônio Carlos Sant'Ana (org.). 3º Encontro de Ciências Sociais e o Mar. Coletânea de trabalhos apresentados, 1989, pp. 263-271. São Paulo: Programa de Pesquisa e Conservação em Áreas Úmidas no Brasil/IOUSP/FORD/UICN.
- VELLOSO, Viviane Fushimi. Ubatuba: o resgate da memória pela fotografia. Dissertação (Mestrado). Escola de Comunicações e Artes - Universidade de São Paulo, 2001. 147 pp.

Sites da Internet consultados

- <http://portal.iphan.gov.br/portal/montarDetalheConteudo.do?id=14126&sigla=Noticia&retorno=detalheNoticia>
- http://www.cultura.gov.br/programas_e_acoes/cultura_viva/noticias/index.php?p=22388&more=1&c=1&pb=1
- <http://www.muscai.tk> (site do Museu Caiçara de Ubatuba)
- <http://www.sosmatatlantica.org.br/index.php?section=info&action=mata>
- <http://www.ubatuba.sp.gov.br>
- <http://www.ubatubasp.com.br/boneteg.htm>
- <http://www.ubatubasp.com.br/historia.htm>
- <http://www.ubatubatur.com/brasoes.asp>
- http://www.ubaweb.com/ubatuba/esportes/index_esp_masc.php?espo=canoamc
- http://www.ubaweb.com/ubatuba/eventos/index_eve_masc.php?even=festaspedro
- https://www.dpc.mar.mil.br/normam/N_03/N03_CAP02_Mod_7.pdf
- https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/decreto-lei/Del9760.htm

Lista de depoentes

NOME/APELIDO, Nome completo, Idade ou nascimento-
morte, Praia/Bairro, página do livro em que se encontra

ALEXANDRE, Alexandre Saturnino da Silva, 20 anos,
Picinguaba, p. 40

AMARILDO, Amarildo dos Santos, 45 anos, Peres.

ANDRÉ – CAMBURI, André Luis da Conceição,
44 anos, Camburi, p. 86

ANDRÉ – ITAGUÁ, André de Abreu Damásio, 30 anos,
Itaguá, p. 104

ANTONIO, Antonio Marcelino de Souza, 55 anos, Almada, p. 33

BAÉCO, Manoel Neri Barbosa, 48 anos, Ubatumirim, p. 79

BERNADINO, Bernadino Cesário do Prado, 67 anos,
Pulso, p. 190

CAJÚ, José Coutinho dos Santos, 83 anos, Prumirim, p. 94

CAMARÃO, Edson Aparecido Silvério, 50 anos,
Maranduba, p. 34

CHACRINHA, Aguinaldo Cesar do Nascimento,
41 anos, Ubatumirim, p. 118

CLIMÁRIA, Climária Dutra de Oliveira, 37 anos, Peres, p. 35

D. ANGELA, Angela Peralta Cunha Bueno, 60 anos, Sete
Fontes, p. 35

D. CARMEM, Carmem Maria de Jesus Souza,
66 anos, Ubatumirim, p. 118

D. ZITA, Zita Pedra dos Santos, 58 anos, Ubatumirim, p. 108

DANIEL, Daniel Jerônimo de Oliveira, 34 anos, Peres, p. 69

DAVID ALEXANDRINO, David Alexandrino dos
Santos, 82 anos, Itaguá, p. 91

DIONÍSIO, Dionísio Roque Leite, 57 anos, Perequê-Açú, p. 94

DITÃO, Benedito Moisés dos Santos, 80 anos,
Perequê-Mirim, p. 84

DITO PURUBA, Benedito Fernandes, 67 anos, Prumirim, p. 82

EDSON SILVA, 72 anos, Centro, p. 66

EDUARDO GRAÇA, Eduardo Gabriel da Graça Filho, 77 anos,
Enseada, p. 64

EMERSON, Emerson Lopes de Macedo, 31 anos,
Maranduba, p. 187

EUCLIDES, Euclides Lúcio, 61 anos, Camburi, p. 89

FELIPE, Felipe Alves Pereira, 21 anos, Ubatumirim, p. 41

FRANCISCO, Francisco Assunção, 66 anos, Sertão do
Cambucá, p. 81

HOSANA, Hosana Maria de Oliveira dos Santos, 65 anos,
Picinguaba, p. 44

IRACI, Iraci Apolinário de Souza, 63 anos, Ubatumirim, p. 118

IRENE, Irene Neri Barbosa, 52 anos, Ubatumirim, p. 91

ISAÍAS – FORTALEZA, Isaías de Oliveira Barreto,
57 anos, Fortaleza, p. 179

ISAÍAS – JUSTA, Isaías Antônio Teixeira, 40 anos, Justa, p. 153

IVETE MACIEL, Ivete Maciel Leite, 66 anos, Enseada, p. 40

JERÔNIMO, Jerônimo Cursino dos Santos, 50 anos,
Itaguá, p. 168

JOÃO DA MATA, 59 anos, Caçandoca, p. 190

JOÃO DE ARAÚJO, 71 anos, Raposa, p. 87

JOÃO DOS SANTOS, 43 anos, Ubatumirim, p. 118

JOÃO GLORIOSO, João Glorioso da Cruz, 1888-?, Saco da
Ribeira, p. 58

JOÃO INÁSIO, João Inásio Elias, 86 anos, Lázaro, p. 117

JOÃO MESQUITA, João Barreto de Mesquita, 60 anos,
Fortaleza, p. 63

QUINZINHO, Joaquim da Silva, 46 anos, Perequê-Açú, p. 34

JOEL, Joel dos Santos, 40 anos, Camburi, p. 141

JORGE, Jorge Inocêncio Alves, 58 anos, Ubatumirim, p. 90

JOSÉ ILDEBRANDO, José Ildebrando Charleaux, 59 anos,
Barra Seca, p. 117

- JOSÉ RICARDO, José Ricardo Ligabue de Oliveira, 37 anos,
Tenório, p. 58
- JULINHO MENDES, Júlio Cesar Mendes, 46 anos, Centro, p. 192
- LELINHO, Eulles Costa Feijó, 30 anos, Picinguaba, p. 145
- LINDOLFO, Lindolfo Correia Leite, 58 anos, Picinguaba, p. 116
- LINGUADO, Marcos Geraldo Costa, 44 anos, Maranduba, p. 70
- LUCAS, Lucas de Oliveira Borsatto, 20 anos, Barra Seca, p. 160
- MANÉ GERALDO, Manoel Soares, 66 anos, Vermelha
do Norte, p. 89
- MANÉ HILÁRIO, Manuel Hilário do Prado Filho, 100 anos,
Centro, p. 195
- MANOEL, Manoel Rosendo dos Santos, 66 anos, Bonete, p. 185
- MÁRIO GATO, Mário Ricardo de Oliveira, 32 anos,
Ubatumirim, p. 136
- MAXIMILIANO, Maximiliano Firmino Soares, 50 anos,
Camburi, p. 78
- MECA ASSUMPÇÃO, Luis Guilherme Assumpção, 66 anos,
Bonete (São Paulo), p. 70
- MIRIAN, Mirian Teresa Pascon, 43 anos, Fortaleza
(São Paulo), p. 43
- MIZAEAL - CAMBURI, Mizael Soares dos Santos, 24 anos,
Camburi, p. 142
- MIZAEAL - PICINGUABA, Mizael dos Santos, 40 anos
Picinguaba, p. 145
- NEL, Nelson Antonio dos Santos, 32 anos, Fortaleza, p. 179
- NÉLIO, Nélio Higino de Oliveira, 32 anos, Barra Seca, p. 158
- NELSON, Nelson Domingos Batista, 57 anos, Barra Seca, p. 119
- NHACA - NHACA, Antônio Alves Barreto, 56 anos,
Fortaleza, p. 116
- NOUBAR GAZARIAN, 61 anos, Lázaro, p. 133
- NINICO, José Lécio do Prado, 75 anos, Lázaro, p. 119
- OZIEL, Oziel do Carmo dos Santos, 47 anos, Picinguaba, p. 117
- PROF. JOAQUIM LAURO, Joaquim Lauro Monte Claro Neto,
1917-1997, Cidade, p. 100
- RENATO, Renato Virgínio da Cunha Bueno, 32 anos, Perequê-
Mirim, p. 84
- ROBERTO, Roberto Oliveira, 60 anos, Almada, p. 71
- ROSA, Rosa Natalina dos Santos Prado, 47 anos,
Barra Seca, p. 45
- SAMUEL, Samuel Alves de Oliveira, 46 anos, Lagoinha, p. 187
- SEU ADÃO, Adão Elidio do Prado Moraes, 61 anos,
Fortaleza, p. 182
- SEU AGRÍCIO, Agrício Neri Barbosa, 86 anos, Ubatumirim, p. 77
- SEU ALCIDES, Alcides do Prado Guimarães, 66 anos, Saco da
Ribeira, p. 134
- SEU BARRETO, Manoel Alves Barreto, 83 anos, Rio Escuro, p. 39
- SEU BARROSINHO, Antonio Barroso Filho, 71 anos, Itaguá, p. 52
- SEU CLÁUDIO, Claudionor Floriano de Souza, 52 anos,
Almada, p. 149
- SEU DEDECO, Benedito Carlos da Silva, 63 anos,
Picinguaba, p. 144
- SEU DICO - ALMADA, Benedito Conceição Filho, 67 anos,
Almada, p. 150
- SEU DICO - PURUBA, Benedito Alexandre de Oliveira, 74 anos,
Puruba, p. 88
- SEU DOMINGOS - SETE FONTES, Domingos Cunha Bueno, 60
anos, Sete Fontes, p. 176
- SEU DOMINGOS-SUMIDOURO, Domingos Simão Peres, 51 anos,
Sumidouro (Vila Ubatuba), p. 78
- SEU ELIAS, Elias Lopes de Oliveira, 67 anos, Picinguaba, p. 147
- SEU ÉLIO, Elis Leopoldo dos Santos, 80 anos, Almada, p. 131
- SEU FILHINHO-PICINGUABA, Benedito Evaristo de Gonçalves,
68 anos, Picinguaba, p. 80
- SEU FILHINHO DA FARMÁCIA, Washington de Oliveira, 1906-

- 2001, Centro, p. 196
- SEU FORD, Manoel Bazílio Santos Filho, 64 anos, Lázaro, p. 128
- SEU GENÉSIO, Genésio dos Santos, 81 anos, Camburi, p. 141
- SEU GILDO, Leovegildo Felix dos Santos, 71 anos, Centro, p. 80
- SEU GILIS, Gilis Marcelino de Souza, 59 anos, Almada, p. 149
- SEU GINO, Euzébio Higino de Oliveira, 65 anos,
Barra Seca, p. 160
- SEU JÚLIO, Julio Ozório Barbosa, 69 anos, Félix, p. 154
- SEU LEOPOLDO, Leopoldo de Jesus, 73 anos,
Perequê-Açú, p. 87
- SEU LUIS, Luis dos Santos, 79 anos, Lázaro, p. 114
- SEU LULA, Joair Fileto dos Santos Rocha, 69 anos,
Barra Seca, p. 163
- SEU NECO, Manoel dos Santos, 52 anos, Perequê-Açú, p. 165
- SEU NEVES, Antônio Zacarias de Moura, 76 anos,
Flamengo, p. 115
- SEU OLIVEIRA, Oliveira Antero de Oliveira, 83 anos,
Fortaleza, p. 182
- SEU OSVALDO, Osvaldo dos Santos, 68 anos, Ubatumirim, p. 55
- SEU OTÁVIO, Otávio Marcelino de Souza, 73 anos, Almada, p. 65
- SEU PERES, Antônio Peres, 96 anos, Lázaro, p. 51
- SEU PU, Benedito Correa da Silva, 75 anos, Picinguaba, p. 146
- SEU SALUSTIANO, Salustiano dos Santos, 56 anos,
Camburi, p. 142
- SEU TIÃO, Sebastião Batista, 60 anos, Barra Seca, p. 118
- SEU TONICO, Antonio José dos Santos, 74 anos, Fortaleza, p. 83
- SILVARO CONCEIÇÃO, 1922-?, ?, p. 195
- TECO, Angelo Carpineti Neto, 46 anos, Itaguá, p. 118
- TONINHO - PRUMIRIM, Antonio do Rosário, 59 anos,
Prumirim, p. 55
- TONINHO - PEREQUÊ-AÇÚ, Antônio Manuel dos Santos,
44 anos, Perequê-Açú, p. 90
- URANDINO, Urandino Gerônimo dos Santos, 58 anos,
Prumirim, p. 118
- VANIL, Vanil Antônio Teixeira, 43 anos, Ubatumirim, p. 57
- ZACARIAS, Zacarias de Oliveira, 41 anos, Maranduba, p. 188
- ZACARIAS JULIÃO DE SOUZA, 1922-?, ?, p. 195
- ZÉ ABÓBORA, José Aparecido Zacarias de Oliveira, 54 anos,
Toninhas, p. 52
- ZÉ TADEU, José Tadeu Romeu Euzébio dos Santos, 52 anos,
Perequê-Açú, p. 166
- ZICO, Joziel Soares, 32 anos, Camburi, p. 88

Este livro foi produzido pela Com-Arte Júnior, empresa júnior dos alunos de Editoração da Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo (ECA-USP).

PROJETO GRÁFICO E DIAGRAMAÇÃO:

Monique Sena

CAPA:

Bruno Tenan

Monique Sena

(foto de Débora Olivato)

PREPARAÇÃO E REVISÃO:

Juliane Kaori

COLABORAÇÃO:

Bruno Tenan

Igor Daurício

Luiza Candido

Marina Constantino



Av. Prof. Lúcio Martins Rodrigues, 443, Prédio 2, sala 10

CEP: 05508-900

Cidade Universitária, São Paulo, SP

Tel. (11) 3091-4016 — Fax: (11) 3814-1324

comartejr@gmail.com — www.comartejr.com.br

As canoas feitas de “um só pau” fazem parte da cultura caiçara e até bem pouco tempo representavam o principal tipo de embarcação utilizada na pesca artesanal e também no transporte de pessoas e mercadorias das comunidades mais isoladas até o centro da cidade de Ubatuba. A cultura do uso e do feitiço das canoas vem se acabando, em vista da crescente utilização de barcos a motor e a pouca disponibilidade de madeira. Nesse contexto, o resgate histórico do uso e do feitiço de canoas no município de Ubatuba visa valorizar a cultura caiçara, além de identificar e propor ações para sua sustentabilidade.

“Cresci vendo meus avós e tios construírem suas vidas ao redor da busca de alimento e a canoa sendo suas pernas sobre as águas do Ubatumirim. Além de ser uma bela lembrança, é um orgulho saber e ter presenciado o longo trabalho de esculpir simetricamente e transformar uma árvore em um transporte que quebra as ondas na areia; uma obra de arte!” (Rogério Barbosa - Ubatumirim)

Realização:



Apoio:



Patrocínio:



ISBN 978-85-62211-00-3



9 788562 211003